

Itaytera

“Senhores, uma das minhas glórias é ser filho do Crato, berço da liberdade desta província e pátria dos primeiros soldados da Independência, que conquistaram a liberdade para si e para as províncias do Piauí e Maranhão, a peso de seu sangue e patriotismo: do Crato, donde surgiu o primeiro brado pela liberdade à Confederação do Equador, sendo isso chamados os seus filhos de ESPARTANOS DO NORTE” - Pe. Verdeixa

N.º 13

ANO 1969

THOMAZ OSTERNE DE ALENCAR S. A.

COMÉRCIO - INDÚSTRIA - AGRICULTURA

RÁDIOS

RADIOFONES

LIQUIDIFICADORES

CONJUNTOS PARA SALA E COPA

MÁQUINAS DE COSTURA

ESCREVER

E

LAVAR ROUPA

E

UMA INFINIDADE DE BONS ARTIGOS

PARA O CONFORTO DO SEU LAR !!!

TELEVISORES DAS MELHORES MARCAS

MOTORES E MOTO-BOMBAS - MÁQUINAS FORRAGEIRAS

E DE DESCASCAR ARROZ — UM MUNDO DE ARTIGOS

PARA USO NA AGRICULTURA E NA INDÚSTRIA !!!

MATERIAL ELÉTRICO EM GERAL

M A T R I Z :

RUA DR. JOÃO PESSOA Ns. 113 / 19 — FONE: 583

F I L I A L :

RUA BÁRBARA DE ALENCAR, 154 / 56 — FONE: 505

TELEGRAMA: OSTERNE — CAIXA POSTAL, 16

O MAIS BEM ORGANIZADO SISTEMA

CREDIÁRIO NO INTERIOR NORDESTINO

N. 13 — ANO 1969

**I
T
A
Y
T
E
R
A**

CRATO — CEARÁ

DIRETORIA

DO

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Eleita para o ano social entre
Outubro de 1968 e 1969

Presidente :

JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO FILHO

Vice-Presidente :

Pe. ANTÔNIO GOMES DE ARAÚJO

Secretário Geral :

JOÃO LINDEMBERG DE AQUINO

2.º Secretário :

ZULEIKA PEQUENO DE FIGUEIREDO

Tesoureiro :

ANTÔNIO CORREIA COELHO

Comissão da Revista "Itaytera" :

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Pe. ANTÔNIO GOMES DE ARAÚJO

J. LINDEMBERG DE AQUINO

Comissão de Sindicância :

Profa. EDMÉIA ARRAES DE ALENCAR

Profa. MARIA DE LOURDES ESMERALDO

JOSÉ DE PAULA BANTIM

Comissão de Letras e Artes :

Dr. RAIMUNDO DE OLIVEIRA BORGES

Prof. JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUSA

Dr. LUIS DE BORBA MARANHÃO

Sócios que tomaram posse em cadeiras com
patrono :

N.º 1 — João Lindemberg de Aquino

PATRONO — Padre Ibiapina

N.º 2 — Dr. Raimundo de Oliveira Borges

PATRONO — Bruno de Menezes

N.º 3 — J. de Figueiredo Filho

PATRONO — José Alves de Figueiredo

N.º 4 — Profa. Edméia Arraes de Alencar

PATRONO — Alexandre Arraes de Alencar

N.º 5 — Profa. Maria de Lourdes Esmeraldo

PATRONO — Monsenhor Pedro Esmeraldo

N.º 6 — Pe. Antônio Gomes de Araújo

PATRONO — Irineu Nogueira Pinheiro

N.º 7 — Cap. Otacílio Anselmo e Silva

PATRONO — Barbosa de Freitas

N.º 8 — Prof. José Newton Alves de Sousa

PATRONO — Álvaro Bomilcar

Í N D I C E

EXPLICANDO	pág. 3
TOMA POSSE O HISTORIADOR Pe. ANTÔNIO GOMES DE ARAÚJO	pág. 5
SOLENIIDADES NAS POSSES DOS ESCRITORES	pág. 17
SAUDAÇÃO DO SÓCIO ANTÔNIO CORREIA COELHO	pág. 18
BARBOSA DE FREITAS, O CASTRO ALVES CEARENSE	pág. 20
DISCURSO DO PROFESSOR JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUSA ..	pág. 29
ÁLVARO BOMILCAR DA CUNHA	pág. 32
A DEZEMBREADA	pág. 43
235 HORAS DE ÔNIBUS	pág. 57
S A U D A Ç Ã O	pág. 65
REPERCUTE EM S. PAULO ARTIGO DE J. DE FIGUEIREDO FILHO	pág. 69
O BAIÃO NÃO TEM CRIADOR	pág. 70
PADRE CÍCERO — MITO E REALIDADE	pág. 71
JOSÉ BERNARDINO LEITE — UM QUASE CENTENÁRIO	pág. 72
GOMES DE MATOS: TRAÇOS E EPISÓDIOS DE SUA VIDA ...	pág. 79
APOTEOSE DO BANDITISMO	pág. 89
INFORMAÇÕES BÁSICAS SÓBRE O MUNICÍPIO DE CRATO ...	pág. 105
TIO MUNDICO	pág. 117
O QUE DIZEM DO PADRE CÍCERO	pág. 125
PALAVRAS FINAIS AS PROFESSORANDAS	pág. 133
CHEGADA DO AMOR PARA ISABEL	pág. 141
MENINO COM BICICLETA	pág. 145
A ESPONTÂNEA CONFRATERNIZAÇÃO LATINO-AMERICANA ...	pág. 149
PADRE CÍCERO: MISTICA E REALIDADE DO NORDESTE	pág. 153
EXPANSÃO DE ROTARY	pág. 157
"TUDO" UM JORNAL DE TUDO DIFERENTE	pág. 159
MONSENHOR FERNANDES TÁVORA	pág. 161
OS 19 ERAM 17 OU 34... ..	pág. 164
E N T R E V I S T A.....	pág. 166
LIGAÇÃO ENTRE O CARIRI E INHAMUNS	pág. 173
RACIOCÍNIO E COMPRENSÃO DOS ANIMAIS	pág. 174
O PADRE JOAQUIM SÓTHER DE ALENCAR	pág. 177
O ENGENHO E A CANA EM OUTRAS TERRAS	pág. 180
CONTO DE UMA CARTA A UM EU TRIDIMENSIONAL	pág. 186
JOVITA ALVES FEITOSA, A HEROINA FRUSTRADA	pág. 188
SAUDAÇÃO AO MINISTRO TARSO DUTRA	pág. 190
O CAPITÃO-MOR FRANCISCO XAVIER ÂNGELO	pág. 193
MEU ÚLTIMO PASSEIO PELA CIDADE DE CRATO	pág. 201
NO TEMPO DOS CORONÉIS	pág. 203
REMINISCÊNCIA DE UM MESTRE	pág. 213
O GRUPO FEITOSA NO POVOAMENTO CARIRI	pág. 216
SÓBRE APOTEOSE DO BANDITISMO	pág. 219
PEDRO JAIME DE ALENCAR ARARIPE	pág. 221
R E L E M B R A N D O	pág. 223
NO CENTENÁRIO DA CAPELA DE ARARIPE	pág. 226
GUSTAVO BARROSO E O COMBATE DO GENIPIAPO-PIAUI ...	pág. 231
QUEIXUMES E ALEGRIAS DA VIDA	pág. 237
CELSO GOMES DE MATOS	pág. 241

EXPLICANDO

Para melhor demonstração do trabalho desenvolvido, no ano passado pelo I. C. C., trabalho êsse que muito contribui para o enaltecimento do nome do Crato, publicamos o relatório enviado ao Ministro da Educação e Cultura pelo presidente do I. C. C. — J. DE FIGUEIREDO FILHO

Crato, Ceará. 12 de Fevereiro de 1969

Exmo. Sr. Ministro da Educação e Cultura

O ano de 1968 foi repleto de realizações proveitosas proporcionadas pelo INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, a toda cultura intelectual, dessa zona. Sua Revista "Itaytera", 12.º número, com duzentas e cinquenta páginas, repleta de ótimas colaborações, circulou em quase todo o Brasil e no exterior, editada em Junho do ano passado. É o principal veículo de intercâmbio de nossa entidade com os centros cultos do país e mesmo de outros países. Por solicitação, algumas bibliotecas americanas, a recebem, regularmente, entre as quais a Célebre BIBLIOTECA DO CONGRESSO, de Washington. Seus trabalhos são citados, de quando em quando, em livros e publicações de fora, a exemplo do "BOLETIM DA COMISSÃO DE FOLCLORE", do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultural, com sede no Palácio Itamaraty, e na revista "BRASIL AÇUCAREIRO", publicação do I.A.A. ambos do Rio de Janeiro. Sua Biblioteca Social é cotidianamente visitada por leitores isolados ou, em grupos, quando se trata de excursionistas ou estudantes locais. São todos atendidos pelo próprio Presidente do I.C.C., que lhes presta a devida orientação sobre as consultas, ministrando-lhes verdadeiras aulas, em torno desta importante zona.

Ocupa êle a Cadeira de História Regional, na Faculdade de Filoso-

fia do Crato. A Biblioteca é sempre enriquecida com doações do Instituto Nacional do Livro, da Imprensa Universitária do Ceará, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais do Recife, do Conselho Estadual de Cultura, de São Paulo, dádivas particulares ou compra direta nas livrarias locais. Seu MUSEU, com várias peças de valor, ora funcionando na Biblioteca Municipal do Crato, aguarda remodelação de prédio bem adequado da Municipalidade, a fim de instalar ali o seu acervo, relativamente crescido.

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI tem promovido das reuniões culturais mais em evidência na cidade, com a finalidade de dar posse aos candidatos às Cadeiras com Patronos, em sua Secção de Letras. Assim, a biografia dos principais intelectuais do Cariri cearense, ou a êle vinculados, está sendo levantada, em trabalho perfeito de pesquisa do passado. Em breve funcionará do mesmo modo a Secção de Ciências, com trabalhos sobre assuntos médicos, jurídicos, geológicos, etc. Todos os trabalhos são publicados na Revista ITAYTERA. Oito consócios já ocupam cadeiras com patronos.

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI editou o 4.º volume da HISTÓRIA DO CARIRI, de autoria de J. de Figueiredo Filho, para uso dos alunos do curso superior

COMUNICAÇÃO — RECEBEMOS :

INSTITUTO DO MUSEU JAGUARIBANO

FUNDADO EM 15 DE NOVEMBRO DE 1968

RUA CEL. ALEXANZITO N.º 743

N.º 302/68

Aracati, 16 de Novembro de 1968

Do : Presidente do Instituto do Museu Jaguaribano
Ao : Senhor Presidente do Instituto Cultural do Cariri
Assunto : Comunicação de eleição e posse da Diretoria Provisória

Senhor Presidente :

Temos o honra de comunicar a V. Excia. que, em sessão realizada no dia 15 de Novembro último, foi eleito e empossado a Diretoria Provisória desta Entidade, assim constituída :

D I R E T O R I A

Presidente	—	HÉLIO IDEBURQUE CARNEIRO LEAL
Vice-Presidente	—	Pe. JOÃO CORNÉLIO HENNEKAN
Secretário	—	Prof. ANTÔNIO LÚCIO CAMINHA
Tesoureiro	—	ELIZABETH PITOMBEIRA DE FREITAS
Diretor do Museu	—	P.cfa. ALBA BARBOSA GURGEL

Aproveitamos a oportunidade para apresentar a V. Excia. nossos protestos de estima e consideração.

INSTITUTO DO MUSEU JAGUARIBANO

HÉLIO IDEBURQUE CARNEIRO LEAL — Presidente

desta Região. Cocperou também para a edição do livro ROTEIRO BIOGRÁFICO DAS RUAS DO CRATO, de João Lindemberg de Aquino, a circular em Março próximo. A sede do Instituto é constantemente visitada por intelectuais de fora, incluindo estrangeiros, os quais recebem orientação a respeito dos fatos ligados à zona, e são presenteados com publicações locais. Muitos deles dão palestras ou conferências na Cidade, com franca cooperação do I. C. C. Por sua vez, o Presidente da entidade leva para outros recantos a representação cultural do Crato e do Cariri. A 24 de Julho último compareceu à sessão do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO, onde teve a oportunidade de falar sobre a aproxima-

ção cultural entre o interior e os grandes centros urbanos. A 21 de Agosto último visitou a CASA DE EUCLIDES DA CUNHA, em S. José do Rio Pardo, São Paulo, sendo então convidado a pronunciar palestra na SEMANA DE EUCLIDES DA CUNHA, em Agosto de 1969. As suas expensas, estendeu a excursão até Buenos Aires, Argentina, aproximando-se de eminentes folcloristas daquele país, tendo o escritor Félix Colúccio o indicado em sua ENCICLOPÉDIA FOLCLÓRICA.

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI cumpriu eficientemente os seus Estatutos no ano que findou e merece as subvenções a êle destinadas no Orçamento da República.

Saudações

José Alves de Figueiredo Filho
Diretor

TOMA POSSE NA CADEIRA NÚMERO 6, NO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, O HISTORIADOR Pe. ANTÔNIO GOMES DE ARAÚJO

No dia 30 de Janeiro, às 19 horas, em soleridade na residência do Snr. Presidente do Instituto Cultural do Cariri, à rua Lima Verde, o Padre Antônio Gomes de Araújo seu vice-presidente e dos mais destacados historiadores do Ceará, tomou posse da Cadeira n.º 6, que tem como patrono o escritor cratense — IRINEU NOGUEIRA PINHEIRO. Foi reunião brilhante, seleta, primando, igualmente, pelo tom inteiramente de família. Presidiu-a J. de Figueiredo Filho.

O Pe. Gomes, ausente por motivo de saúde alterada, esteve representado pelo secretário — J. Lindenberg de Aquino. José de Paula Bantim também leu diversos dos principais documentos, anexos ao trabalho do recipiendário.

Aquela reunião constituiu autêntica mesa redonda, em que vários sócios e pessoas presentes, após os discursos, emitiram opiniões sobre o homenageado, primeiro presidente do Instituto Cultural do Cariri.

J. de Figueiredo Filho foi quem saudou o Pe. Gomes, pronunciando as palavras que se seguem :

O dia 6 de Janeiro é marcado, entre nós, pelo signo da História. Naquela data, em anos diferentes, nasceram os eminentes historiadores do Cariri — Irineu Nogueira Pinheiro, o homenageado e o Pe. Antônio Gomes de Araújo, seu patrono e hoje.

O trabalho que iremos ouvir, desse intelectual que, pelos seus méritos, tem ocupado, em vészes sucessivas, o lugar de vice-presidente de nossa entidade cultural, apresenta sintese da vida do patrono da cadeira número 6. Não é discurso propriamente dito. Aqui não costumamos seguir velhas práticas acadêmicas. O sócio tem a liberdade de proceder como quer e entende. Pe. Gomes, como acontece sempre, mostrou-se original no trabalho que nos vai apresentar. Filho de suas acuradas pesquisas, em livros e documentos, diz tudo em torno dessa figura original e pouco conhecida — o escritor e historiador Irineu Nogueira e de sua eficiente atuação, no meio, em vários setores da atividade humana. Seguem-lhe bem feitas páginas elaboradas pelo homenageado, comprovando seu belo estilo e seu espirito arguto de pesquisador. Pe. Gomes traçou-lhe o perfil, com segurança, para o presente e para o futuro. Era estudo que faltava para se conhecer, com todo o realismo, o vulto de Irineu Pinheiro, dos maiores filhos de Crato e do Ceará. Ninguém poderá conhecê-lo, dagora em diante sem consultar esse feliz trabalho de nosso ilustre vice-presidente, companheiro de todas as horas e sacerdote dos mais, em destaque, do clero diocesano.

I R I N E U P I N H E I R O

- 6.1.1881 — Nascimento: filho legítimo do bacharel Manuel Rodrigues Nogueira e Irinéa Pinto Nogueira Pinheiro. (1)
- 1890.898 — Curso Primário, em Crato.
- 1898.904 — Curso Secundário, em Recife e Fortaleza.
- 1904.910 — Curso médico, na Faculdade de Medicina do Rio. Tese: grau 9.
- 1910 — Inspetor Federal, junto ao Colégio São José, do Crato.
- 1918 — Membro da Comissão de médicos nomeada pelo governo de Estado para combater no Cariri a famosa peste de gripe, então chamada vulgarmente "Bailarina" e "A espanhola" e "Influenza".
- 1919 — Professor de História Geral e História do Brasil do Curso Secundário fundado no Crato pelo governo do Estado, 25.5.1919.
- 1.9.1921 — Eleito presidente do Banco do Cariri, por indicação da diocese do Crato, cargo em que foi mantido até 1.9.33 ininterruptamente, exercendo-o sob a mais escrupulosa probidade, espontaneamente renunciado aos honorários nos doze primeiros meses de funcionamento da entidade. Em companhia de Mons. Juviano Barreto, percorreu municípios do Cariri na aquisição de ações. Fizeram-no à pata de cavalo.
- 1922 — Professor de Física e Química do Seminário São José, do Crato. Vencimentos mensais 100\$000. Transporte: cavalo.
- 1925 — Dá início a trabalho lento, paciente, obstinado e escrupuloso, de pesquisas para a elaboração de livros que tem em mente: um relato da chamada "Sedição do Juazeiro"; uma ecologia social do Cariri e uma história do Cariri no gênero efemérides.
- 9.3.1931 — Publica, no mensário cratense, "O Minarete", importante artigo — "O Cangaco", — único, pela objetividade, ainda saído no interior do Ceará sobre o assunto, tornado, então, agudo, face ao recrudescimento da atividade do bandido "Lampião".
- 1.9.1935 — Discurso oficial na inauguração do busto de D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, em Crato, homenagem de iniciativa do próprio orador com a cooperação de amigos e admiradores do extinto artista.
- 1936 — Diretor do Hospital de bubônicos recolhidos ao prédio do Seminário São José, do Crato.
- 1938 — Membro do quadro de médicos que prestam serviços no Hospital São Francisco do Crato, inaugurado em 23.12.1937.
- 1938 — Publica "O Juazeiro do Padre Cícero e a revolução de 1914". Irmãos Pongetti. Rio. 1938.
- 1938 — Escolhido sócio correspondente do Instituto do Ceará.
- 2.1938 — Eleito presidente (o primeiro na ordem do tempo) do Rotary Clube do Crato.
- 1939 — Escolhido sócio correspondente da Academia Cearense de Letras.
- 1948 — Tenta, sem resultado, pelos editores Briguet, e Irmãos Pongetti, publicar "Efemérides do Cariri", continuadas em face desta frustração.
- 2.1948 — Conseguido, na capital baiana, e trazido pelo Pe. Antônio Gomes

(1) Ver "Deputados Provinciais e Estaduais do Ceará" pgs. 434 e seqs.

de Araújo, recebe, da Secretaria Geral do Primeiro Congresso de História da Bahia a realizar-se de março a junho do ano seguinte, convite para concorrer com uma tese ao mesmo conclave. Ele e dito sacerdote — igualmente convidado para o mesmo fim — distribuíram-se os temas: o 2.º capitão-mor do Crato, José Pereira Filgueiras, e o concurso da Bahia na formação da gente do Cariri, respectivamente.

- 1949 — Sua tese, "Um baiano a serviço do Ceará e do Brasil" (2.º capitão-mor do Crato, baiano, chegado ao Cariri aos quatro anos de idade), enviado pelo citado sacerdote, aliás com a própria, ao referido Congresso, é por este aprovada sem restrição e publicada no III volume dos respectivos anais, à igual do do mesmo sacerdote — "Concurso da Bahia na Formação da Gens Coririense".
- 1950 — Publica, em Crato, uma separata da predita tese sob o título "José Pereira Filgueiras". Crato. 1950.
- 1951 — Publica "O Cariri" (incluído por Pedro Calmon na bibliografia de sua história geral do Brasil, juntamente com "O Juazeiro do Padre Cícero e a revolução de 1914", cit.) Paulinos. Fortaleza. 1951.
- 15.5.952 — Escreve no livro de impressões do Semanário cratense "Fôlha da Semana", de Oswaldo Alves de Sousa: "Fôlha da Semana" é digna da simpatia e estímulo de todo cratense amigo de sua terra e ufano de suas tradições patrióticas — Irineu Pinheiro (Fôlha da Semana, a. IV, n.º 54, 18.5.1954).
- 1952 — (Julho). No Capital cearense, em encontro pessoal com o então presidente perpétuo do Instituto do Ceará, de quem pleiteou naquela ocasião, aliás, sem resultado, a publicação de "Efemérides do Cariri", recebeu, do mesmo presidente, a sugestão para fundar em Crato um instituto para promover o estudo do contexto histórico e cultural do Cariri em função da História Geral do Ceará
- 4.10.953 — Escolhido Presidente do Instituto Cultural do Cariri, fundado nesta data.
- 17.10.53 — Pronuncia magistral discurso de glorificação histórica do Crato no Salão Social do Colégio Diocesano, do Crato, na sessão extraordinária, presidida pelo vice-presidente da República, comemorativa da passagem do primeiro centenário da elevação da vila do Crato à categoria de cidade.
- 18.10.53 — Empossa-se no cargo de presidente do Instituto Cultural do Cariri, quando pronuncia discurso qualitativo, de trechos antológicos pela objetividade, seu canto de cisne no gênero.
- 21.5.954 — Falece repentinamente de colapso cardíaco às 9 hs. da manhã na casa de sua residência, à rua João Pessoa, n.º 66. Sepultou-se no cemitério público da cidade do Crato.
- 28.5.954 — Exéquias na Matriz de São Vicente, rezadas pelo Padre Antônio Gomes de Araújo.
- 11.6.954 — Homenagem à sua memória, com uma sessão magna realizada no prédio do antigo cinema Paraíso pelo Instituto Cultural do Cariri, aberta pelo vice-presidente, nas funções de presidente Pe. Antônio Gomes de Araújo, que passou a presidência ao prefeito municipal do Crato, médico Décio Cartaxo, depois de se dirigir à audiência em breve alocução alusiva à memória do homenageado.

PARTICIPAÇÃO NA VIDA DA COMUNIDADE

ÁGUA NA SERRA DO ARARIPE :

"...hoje, desejo tratar apenas da notícia sensacional que você me mandou — retirada de água do interior da chapada do Araripe por meio de um poço com 185m de profundidade. Ou antes, desejo abordar teoricamente a questão por você formulada : "

"...a retirada contínua de milhões e milhões de litros d'água não prejudicará as fontes de ao sopé do chapadão, diminuindo-lhes o volume, cu secando-as ?". (Trecho duma carta, 25.6.1952, dirigida a Irineu Pinheiro, escrita de Ouro Preto, pelo engenheiro, cratense, Antônio Pinheiro Monteiro).

* * *

" JOSÉ PEREIRA FILGUEIRAS "

Natal, 25 . 11 . 1952

Toda o seu livro revela o pesquisador seguro e consciente do seu mistério. Mas, para mim contém êle uma virtude que os demais autores da revolução de 1817 não possuem: é quando o senhor prova que Filgueiras não estava com a revolução.

Felicite-o pela coragem das idéias ali expeditas e pela segurança com que sabe dosar todos os trabalhos de sua fértil inteligência.

"M. Rodrigues de Melo" (Trecho de uma carta a Irineu Pinheiro).

* * *

"Bem merecedores de atenção dos estudiosos são as pesquisas de caráter estritamente regionais. É pela falta de monografias que ainda não possuímos um verdadeiro estudo do conjunto da nossa evolução histórica. Ora, pelo estudo pormenorizado de um fato histórico, de uma personalidade ou de uma região, é que passamos a dispôr dos elementos necessários à elaboração do panorama geral. Sem êstes trabalhos de pesquisa não poderemos precisar com segurança as características primordiais de determinados fatos históricos, pois só os estudos particularizados é que podem fornecer êstes detalhes.

Nêste particular, a obra que vem realizando o sr. Irineu Pinheiro, com referência à região do Cariri, no Estado do Ceará, é de importância ainda não devidamente apreciada. Dedicando-se ao estudo da história daquela região cearense..., vem o pesquisador cearense trazer uma contribuição diversa interessante para a nossa bibliografia histórica. Ao lado da pesquisa histórica, em que revolve a pceira dos arquivos dantes não compulsados, o senhor Irineu Pinheiro publicou um cpusculo (1) sôbre José Pereira Filgueiras, Capitão-mor do Crato, herói da

(1) Irineu Pinheiro — José Pereira Filgueiras — Tip. da Livraria "Ramiro" — Crato — 1952 — 30 págs.. "In BABEL, n.º 6, a. I. Arcoverde Pernambuco, 29 de agosto de 1953 — ESTUDOS HISTÓRICOS — Sousa Leão Neto".

Independência e da revolução de 1817 e 1824. Neste pequeno trabalho, de apenas trinta páginas, o historiador cratense procura reabilitar a figura do caudilho sertanejo, demonstrando que bem pouco fundamento possuíam Oliveira Lima e Rio Branco para firmarem o conceito um tanto rispido, de nosso conhecimento, sobre o herói da Independência do Maranhão. O trabalho agora apresentado é a ampliação da tese apresentada pelo historiador, em 1949 ao "Primeiro Congresso de História da Bahia", sob o título de "Um baiano a serviço do Ceará e do Brasil" em que nos demonstra que Pereira Filgueiras não foi um homem mau, só capaz de misérias e violências, mas possuidor de rasgos de bondade e demonstração de grande senso humanitário. E quanto a rudeza de sua inteligência, mostra-nos a maneira equilibrada com que se portou durante a revolução de 1817.

Dentre as contribuições valiosas que nos traz este ensaio, duas devem ser especialmente registradas — a naturalidade de José Pereira Filgueiras e a importância da participação das forças nativas no combate aos portugueses, no Maranhão, na guerra da Independência.

* * *

"O CARIRI"

"Meu prezado confrade Irineu Pinheiro :

afetuoso abraço

Por intermédio de nosso comum amigo José Cavalcante, recebi o belo exemplar de seu livro — "O Cariri" — que constituiu, para mim, um presente régio.

Através das páginas dessa sua nova obra, de tão elevada significação histórica, passa num cortejo de importantes acontecimentos, descobrimento, povoamento e costumes, essa prodigiosa região nordestina que honra não somente a terra cearense como a todo o Brasil, nos seus feitos meritórios, nas suas tradições gloriosas.

É digno de francos aplausos esse seu trabalho, afanoso, paciente, honesto e inestimável que nos traz o Cariri desde os seus indígenas, passando por múltiplas etapas evolutivas até o momento atual, numa visão de conjunto que espalha a grandeza do seu passado unindo-se à grandeza maior dos dias que hão de vir, animado sempre pelo sopro de uma vida nova, mercê de sucessivas conquistas e reivindicações políticas e sociais.

Tenho em mão um excelente repositório de informações que confortam e desvanecem.

Só tenho palavras de gratidão pela dádiva preciosa.

Aceite um abraço cordial do velho confrade e amigo adr.

MÁRIO LINHARES"

(Da Academia Cearense de Letras)

VEEMENTE ARTIGO DE IRINEU NOGUEIRA PINHEIRO

R E S P O S T A . . .

"Crato, Ce., 9 de Fevereiro de 1954

Ilmo. Sr. Director de "A Imprensa"

Número de 23 de Agosto d'êste ano, publicou o semanário "A Imprensa" de que V. S. é Director, um artigo do padre Joaquim Marques Peixoto (de certo ano para cá vem aê assinando Joaquim de Alencar Peixoto), em que a mentir e a caluniar, como lhe é habitual, investiu contra mim, contra o dr. Raul de Scusa Carvalho, juiz de direito do Icó, intellectual de nota, e contra o coronel Antônio Luiz Aives Pequeno, de imaculada memória.

Certamente, ao acabar o trabalho de ler o arenzal d'êste Padre, cheio de frases inglesas (para simular erudição) e de vocábulos arrevesados, até de descabidos lusitanismos, concluiu que trétego e mendaz sacerdote tem o cérebro completamente desarranjado. Ao ler-lhe o artigo saído em "A Imprensa", disse certo amigo meu, homem inteligente, com chiste e verdade: "Aqui só é claro o que êle tirou de autores ingleses e latinos. Quanto ao português, ninguém o entende".

Ê mentira tenha êle lido manuscritos, ou cousa que o valha, de autoria de José Marrocos, falecido há mais de quarenta anos, com o título de "Apointamentos para a História do Cariri". Quem escreveu, há quase um século, "Apointamentos para a História do Cariri" foi João Brigido, historiógrafo e jornalista.

Outra mentira: nunca disse eu iria editar livro intitulado "A Questão Religiosa do Juazeiro". Fura invencionice do lamentável sacerdote.

Oportunamente, publicarei "Efemérides do Cariri" em que sairão a lume numerosos documentos dos chamados milagres do Juazeiro. Quem m'os deu foi a beata Joana Tertuliza de Jesus, conhecida por beata Mocinha, pessoa de confiança do padre Cicero Romão Batista.

Foi Peixoto, êle só, quem viu os manuscritos e os manuseou, mas tão desacreditado é êle por aqui, que, logo, o taxaram de maluco. Ê inadmissível que, numa cidade pequena como o Crato, especialmente a meio século atrás, ninguém dêles tivesse ciência.

O que é verdade é que jamais escreveu Marrocos os manuscritos de que fala Peixoto, o único que os viu, repito. E nós bem conhecemos o adágio jurídico de que *testis unus, testis nullus*.

Marrocos não foi historiador, nem escreveu costumes em época alguma de sua vida. Foi professor e jornalista, nunca editou um só opúsculo, sequer, sobre qualquer assunto. Homem inteligente, escreveu muito na Imprensa em prol da abolição e dos fatos miraculosos de Juazeiro, ocorridos naquela localidade caririense, nos fins do século XIX.

Se "O Cariri" trata de cousas

antigas, refere-se com frequência ao presente. Inpossível alguém há mais de quatro décadas o tenha escrito por ser êle livro atual.

Só agora é que o padre Joaquim Marques saiu-se com essa petta que não lhe abona a imaginação, que é paupérrima. É êle capaz de plagiar, não de criar cousa apreciável, plagiador contumaz, quer Peixoto companheiros que com êle ombreiem. Mas está enganado. É possível que o Dr. Raul de Sousa Carvalho, intelectual de renome, diga pelos jornais de Fortaleza quem é Joaquim Marques Peixoto como homem, como padre e como *literato*.

Bastará que reproduza o que êle publicou em 1911 nas colunas do

“Correio do Cariri”, do Crato.

Mando-lhe, aqui, um dos furtos literários do divertido reverendo. Nisso é êle mestre. Não se contenta em plagiar a idéia, plagia, também, textualmente, com a maior desfaçatez periclos inteiros de suas vítimas. Pantagruel, de nova espécie, devora sem digerir tôdas as iguarias de banquetes que outros preparam com o seu talento e com o seu esforço. Depois se mostra às turbas muito archo, a palitar os dentes, a julgar que o admiram como escritor de primeira água.

Para que não pensem que exagero vai, abaixo um dos furtos a que me referi há pouco, extraído do “Correio do Cariri”, do Crato, n.º 320, de 15 de janeiro de 1911 :

“PADRE JOAQUIM PEIXOTO”,

“ E M I L E Z O L A ”

“A MORTE DE NANHÃ” (Conto)

“AS MINHAS DUAS GATAS”

(Conto)

Tinha (a onça Nanhã) as orelhas pequenas de uma alagoana, a cabeça redonda e gaia de uma filha careense.

*Seus olhos enchiam-lhe tôda a cara
Seus lábios esboçavam um sorriso
contínuo, um sorriso eterno de antiga esfinge.*

Essa cauda tão bem arrematada de um negro froco, tem lentas ondulações.

Tinha cousas de criança travessa como rebolar-se de barriga ou deitar-se de pernas para o ar.

Nem se feria; nem se irritava, sentia-se feliz com o meu contacto.

Ela não deixava de tôdas as vêzes que eu a acariciava arredondar o dorso.

Tem (a gata Francisca) a cabeça redonda e risonha de uma filha da Europa.

Seus grandes olhos enchiam-lhe tôda a cara.

Ao canto de seus lábios delgados ria eterna ironia silenciosa das esfinges.

O seu peito treme, sua cauda tem lentas ondulações.

Francisca rebola-se de barriga para o ar.

Tem pudores de deusa que todo o contacto fere e irrita.

Quando afago Francisca com a mão ela arredonda o dorso.

EM ATENÇÃO A UM PEDIDO DO Exmo. Sr. D. FRANCISCO DE ASSIS PIRES, NOSSO PRECLARO BISPO, É QUE AQUI ESTOU PARA DIZER-VOS ALGUMAS PALAVRAS BREVES E SIMPLES EM HOMENAGEM COMEMORATIVA AO Sr. DOM QUINTINO RODRIGUES DE OLIVEIRA E SILVA, O FUNDADOR DA NOSSA DIOCESE

Julgo interpretar os sentimentos da população do Crato, cu melhor, das populações de todo o sul do Ceará, afirmando que o nosso primeiro bispo diocesano, foi um sábio e um santo.

Nós o amamos e o veneramos enquanto viveu, e com a mesma veneração e o mesmo amor rendemos, hoje, o nosso culto à sua memória sagrada. „

Quem estudar a vida de D. Quintino desde a sua ordenação sacerdotal, concluirá evidentemente ter ele sido sobretudo um dos maiores educadores da mocidade sertaneja.

Há cerca de quatro décadas reitorizou durante anos o Seminário Menor do Crato, que era o único estabelecimento de ensino secundário na região sulina do Estado.

Benéfica e profunda a ação do nosso Seminário, a qual excedeu os limites do Ceará, dilatando-se, em um raio de centenas de quilômetros, por todas as unidades federativas que nos são limítrofes, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Paraíba.

Tanto mais benemérita a atuação de D. Quintino, naqueles dias recuados, quanto, havia uns quinze anos, os legisladores republicanos buscavam descrislianizar as novas gerações brasileiras pela laicização compulsória da escola nacional.

No nosso Seminário cultivava-se a inteligência e aprimoravam-se as almas segundo os eternos moldes da religião católica.

Eu de mim, confesso que néle aprendi e que sei de melhor.

Parece-me, meus srs., por um fenômeno subjetivo, estar a ver agora, entre os muros singelos do nosso velho educandário, que sobranceia à cidade ali no Alto do Grangeiro, parece-me, repito, estar a ver a figura serena e grave do padre Quintino e as dos padres que lhe foram dignos colaboradores: o padre Miguel Coelho, uma cintilante inteligência, os irmãos Joaquim e Vicente Soter, almas doces e modestas, o padre Joaquim Severiano, um apóstolo que preferiu a companhia dos lázaros, em Canafistula, ao convívio do mundo.

Sinto-me feliz em prestar-lhes a minha homenagem gratíssima nesta hora solene em que declaramos com firmeza a nossa fé de católicos e brasileiros.

Fechado o Seminário por motivos de ordem econômica, não se alongou o padre Quintino do magistério sempre querido ao seu coração e ao seu espírito.

Abriu cursos particulares em que lecionou os moços pobres da terra incapazes de frequentar ginásios ou liceus litorâneos.

Movia-o a caridade e não a ância de proventos materiais que eram nulos.

Como pároco do Crato, foi um perfeito cura d'almas, um pastor vigilante, continuamente atento às necessidades espirituais do rebanho entregue à sua guarda, propagan-

do no púlpito ou no recesso dos lares as verdades evangélicas, conduzindo os que se tresmalhavam por veredas escusas ao caminho claro e amplo do dever.

Escolhido bispo do Crato pela Santa Sé, há um quarto de século, coube-lhe construir a sua Diocese, desde os fundamentos. Tudo estava por fazer e tudo êle fez.

Obedecendo mais uma vez aos pendores do seu espírito, reabriu o Seminário, que é o viveiro dos cooperadores dos bispos em seu apostolado civilizador, e fundou o Colégio Diocesano de S. José, uma crisálida que depois se transformaria, sob a direção do padre Francisco Pita, no Ginásio do Crato, equiparado ao Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro.

Um estabelecimento que tem honrado o nosso Estado.

Cuidou o grande bispo carinhosamente da educação feminina.

Todos conhecemos os óbices que o privaram da colaboração de Ordens religiosas dedicadas à instrução de meninas e moças.

Não esmoreceu o seu forte espírito. Criou uma Ordem Diocesana, a das Filhas de Santa Teresa de Jesus e a elas confiou a administração de um colégio que atualmente é um instituto rival dos melhores do Ceará.

Em sabia D. Quintino que a mulher é a coluna fundamental da família, a primeira sociedade organizada no Mundo.

Não será exagero dizer-se que as mãos fragilimas da mulher é que forjam os destinos da humanidade.

São elas as plasmadoras das gerações na esfera física, intelectual e moral.

Nutrem os filhos com a sua su-

bstância, são as suas educadoras desde o momento em que lhes desperta a razão, incutem-lhes hábitos de higiene e de amor ao trabalho, ensinam-lhes as primeiras preces a Deus, afeiçoam-lhes em fim o espírito, os pequeninos corações e a consciência conforme a diretriz que a elas aprouver.

Curou D. Quintino do progresso espiritual e também, do adiantamento material da sua terra, do conforto físico que nos deve sempre envolver, propicio à boa disposição da alma que nos anima o corpo, impelindo-a à prática de atos nobres e úteis à coletividade.

Somos matéria e espírito intimamente ligados entre si. É mister que de ambos tratemos.

"O homem aponta com a cabeça para o céu — a região simbólica do espírito, na frase lapidar de Latino Coelho, mas firma os pés na terra como se nas suas mais etéreas cogitações haja, sempre, de sentir perpetuamente, por eterno momento da sua limitação, o contacto do mundo material.

Foi por atender a essas considerações relativas à alma e ao corpo, que D. Quintino fundou o cooperativismo de crédito no sul do Estado em meio à indiferença de uns e à hostilidade de outros.

Ele quis, pelo combate à usura, ampliar-nos o comércio, as pequenas indústrias, a agricultura, esta a base primordial da vida econômica do Cariri.

Uma grande obra de religião e de patriotismo a de D. Quintino, obra admirável não interrompida felizmente por sua morte.

Proseguiu-a o exmo. snr. Dom Francisco de Assis Pires, cuja modestia atinge as raias da humildade.

Aí está, para a demonstração do que acabo de dizer, a reforma da nossa Catedral, a construção do Palácio Episcopal, um belo patrimônio da Diocese, a fundação do Hospital S. Francisco, destinado a salvar vidas e a aliviar dores, — uma altíssima empresa.

Fecunda a ação espiritual de D. Francisco através particularmente das suas visitas pastorais por todo o território da Diocese.

De vez em quando ressoa nas naveas das nossas igrejas cu no âmbito das nossas praças a voz dos missionários catequistas a predicar os preceitos do catolicismo, a avivar nos corações a chama vacilante da Fé.

Sob o episcopado dos nossos dois primeiros bispos, não cessou um momento, repito, o apostolado da Igreja Cratense.

Meus srs. ! Nestas imponentes manifestações de Fé, a que nos associamos todos os do sul do Ceará, ergamos como o nosso lábaro o nome de D. Quintino, uma garantia de triunfo no bom combate que travarmos em prol da Religião Católica, cuja "fecundidade social" tem sido proclamada por homens notáveis e insuspeitos, nas ciências, nas letras e nas artes.

Referindo-se ao catolicismo, em seu opúsculo "Ciência e Religião", disse Brunetière, um dos mais conspicuos membros da Academia Francesa :

"Os méritos de uns aplicam-se à salvação dos outros. A carmelita de pés descalços que chora no seu claustro os pecados do mundano, apaga-os. O monge, que vai por aí afora, mendigando, pelas estradas, resgata a mulher adúltera pelo preço das humilhações que sofre. Estabelece-se assim, na so-

cidade católica ideal, uma circulação de perpétua caridade. Os vivos rogam aí pelos mortos, os mortos intercedem pelos vivos.

E do centro à circunferência deste círculo infinito, em que toda a humanidade se encontra envolvida, não há pessoa alguma em quem não se repercutam, para a enristecer, os pecados, e para a consolar, também os méritos dos outros".

A vitória dos nossos ideais de brasilidade e de catolicidade depende de nos organizarmos solidamente.

A História, que é uma grande mestra, nos demonstra que as minorias ativas e audazes dominam sempre as maiorias desorganizadas, por grandes que estas sejam.

Em nossa Pátria, em tempos pretéritos não mui remotos, vimos o tristíssimo paradoxo de um parlamento eleito pelo povo decretar leis contrárias à consciência religiosa da quase unanimidade dos brasileiros.

Um exemplo que se não deve esquecer.

Sirvam-nos de lições os erros do passado.

Cerremos fileiras, enquanto é tempo, contra o ateísmo que certos imperialismos dos nossos dias nos põem a querer impor. Contra esses imperialismos ou contra quaisquer doutrinas que tentem demolir as nossas seculares tradições religiosas vindas do berço da nacionalidade através dos Nobregas, dos Anchietas, dos Vieiras, etc.

Organizemos cientificamente a humanidade, disse Renan.

Uma "audaciosa" mas "não legítima pretensão", como êle queria.

"A ciência, na expressão de um dos nossos maiores humanistas, progride muito, o que quer dizer que ela erra e vive a reformar-se dia a dia".

Organizemos não cientificamente a nossa sociedade, mas religiosamente, em harmonia com a moral católica que se fundamenta em Deus, a fonte de toda a verdade.

Esta a única organização salvadora.

Longe de nós essa moral da força que, na época atual, assoberba o mundo ameaçado de sossôbro.

Preconizou-a Frederico Nietzsche, um dos seus mais célebres corifeus.

Nada de bondade, de humildade, de obediência, virtudes que se consideram defeitos.

De acôrdo com o filósofo alemão, "a bondade pregada pelo cristianismo é uma fraqueza, a humildade uma baixeza, a obediência uma covardia".

Sejam destruídas, na opinião dos adeptos da força, tôdas essas nobilíssimas virtudes cristãs, e sobre as suas ruínas se construa o edifício dos superhomens, umas espécies de semideuses na face da Terra.

Convençamo-nos, meus srs., de que só a moral esclarecida e guiada pela fé, isto é, a moral católica, origina bons cidadãos cumpridores integrais dos seus direitos e deveres de pais, de filhos e de esposos.

Em um livro de um jovem escritor que possui a madureza característica dos que atravessaram o cabo tormentoso dos quarenta anos, lemos as seguintes palavras plenas de bom senso: "É da reforma do homem que é preciso

cuidar, antes ou concomitantemente com a reforma do "homem brasileiro". É o homem que é preciso atacar e cercar, dominar e corrigir, orientar, vigiar, para que depois o homem no Brasil possa ser honesto diante do Estado, útil à sociedade, capaz na sua vida de família, forte diante de si mesmo. Uma coisa não pode vir sem as outras. O edifício não se erguerá se não tiver bons fundamentos".

Reformemos o homem segundo o exemplo legado por D. Quintino, instruindo-o e educando-o nos lares e nas escolas primárias, secundárias e superiores, consoante as normas da nossa religião.

Mostremos à juventude que a sua visão não deve restringir a estreitos horizontes materiais e que além há algo de divino capaz de sublimá-la, no ânimo a renúncia aos prazeres na hora trágica que vivemos, de proporcionar-lhe o espirito de todos os sacrifícios, inclusive o da vida.

Nestes dias memoráveis em que celebramos a nossa Fé imortal, elevemos, meus srs., os corações — *sur: um corda* — e confiemos que a obra começada por D. Quintino se aperfeiçoe sempre e que as futuras gerações sejam mais sábias, mais justas, mais felizes que a nossa.

Nota da Redação — Apresentamos apenas dois trabalhos de Irineu Pinheiro. No artigo demonstra violência de linguagem ao contrário de suas normas de escrever. E que foi ferido em seus brios, êle criterioso, que escrevia só após acuradas pesquisas e sobre assuntos históricos e regionais. O outro é discurso que pronunciou em memória de seu grande amigo e benfeitor de Crato, D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva.

NOTAS FINAIS

REGISTRO DE BATISMO

Certifico que revendo os livros de termos de Batizados realizados nesta Paróquia, foi encontrado o do teor seguinte:

(Livro 1881, Fls. 110 - v).

Irineu, branco, filho legítimo de Dr. Manoel Rodrigues Nogueira Pinheiro e de sua mulher Dona Irineia Pinto Nogueira Pequeno, Juiz Municipal desta Comarca, nascido em seis de janeiro de mil oitocentos e oitenta e um; e foi batizado com santos oleos nesta Matriz de Crato por mim Pároco abaixo assinado em vinte e três do mesmo mês; e foram seus podrinhos João Rodrigues Barreto, por procuração, que apresentou o Coronel Antônio Luís Alves Pequeno e Dona Maria Pinto Nogueira Pequeno, avó materna do batizado; Do que para constar fiz este assento que assino.

Manoel Joaquim Aires do Nascimento; Pároco.

Nada mais se continha no dito termo a que me reporto, o qual foi fielmente copiado do original.

ITA IN FIDE PAROCHI
Sé Catedral, 23 de outubro de 1967

Pe. José Hunaíd Luz, S. J.
Vigário Substituto

Observações : Ext. a 23 - 10 - 67
para documento.

ATESTADO DE ÓBITO

Maria Julia Limaverde Vilar, Oficial do Registro Civil do distrito sede do município do Crato, Estado do Ceará, etc.

ÓBITO

Certifico que no livro N.º C-44, de Registro de Óbitos à fls. 76v sob número de ordem 3.096, arquivado em meu Cartório, nesta cidade de Crato, Estado do Ceará, consta que no dia vinte e um (21) do mês de maio, do ano de mil novecentos e cinquenta e quatro (1954) nesta cidade de Crato, Estado do Ceará, às 9,00 horas na rua Dr. João Pessoa, 66, faleceu de colapso cardíaco — Irineu Nogueira Pinheiro — de côr branca, com setenta e três anos de idade, de profissão médico natural desta cidade. Filiação: Dr. Manoel Rodrigues Pinheiro e Irineá Pinto Nogueira Pinheiro, tendo atestado o Óbito o Dr. Raimundo Quixadá Felício. Sepultou-se no cemitério público desta cidade.

Observações : — Foi declarante Alexandre José Gonçalves e serviram de testemunhas José Raimundo Teles e Antônio Barbosa da Silva.

O referido é verdade. Dou fé.
Crato, 06 de Dezembro de 1967

A Oficial do Registro Civil.

Maria Julia Lima Verde Vilar

SOLENIIDADE NAS POSSES DOS ESCRITORES

PROFESSOR JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUSA

E

CAPITÃO OTACILIO ANSELMO E SILVA

Para melhor impressão da sole-
ne posse dos escritores Otacilio
Anselmo e Silva e José Newton Al-
ves de Sousa, transcreveremos, na
íntegra, a ata de 22 de Janeiro,
no Palácio do Comércio, cedido
pelo seu presidente Tomás Osterne
de Alencar. Seguem-se os discurs-
sos pronunciados na magna ses-
são:

“Aos 22 de Janeiro de 1969, 109º
aniversário do nascimento do poeta
jardinense Barbosa de Freitas,
realizou-se a magna sessão, às 19
horas, no salão de honra da Asso-
ciação Comercial, com o fim de
dar posse aos consócios Otacilio
Anselmo e Silva e José Newton Al-
ves de Sousa, respectivamente, na
cadeira n.º 7, patrocinada pelo
poeta jardinense — Barbosa de
Freitas e cadeira n.º 8, sob o pa-
trrocínio do escritor cratense —
Alvaro Bomilcar. A presidência
foi ocupada por J. de Figueiredo
Filho que, após explicar a finalida-
de da reunião, mandou que o secre-
tário João Lindemberg de Aquino
lêsse a ata da sessão extraordiná-
ria anterior, que deu posse ao con-
socio - vice - presidente Pe. Antônio
Gomes de Araújo, na cadeira n.º
6. 38 pessoas presentes assinaram
aquela ata.

A palavra foi concedida ao sócio
Antônio Correia Coêlho que fez
incisiva saudação a Otacilio Ansel-
mo e Silva, representado por João
Lindemberg de Aquino. Este por
solicitação do Presidente, leu o
substancioso discurso do candidato

à cadeira n.º 7, que tem como pa-
trono o poeta abolicionista — Bar-
bosa de Freitas.

Logo em seguida, o Presidente
cedeu a palavra ao consócio Rai-
nundo de Oliveira Borges que pro-
nunciou bela oração, em homena-
gem ao recependiário — José New-
ton Alves de Sousa. O candidato
à cadeira n.º 8 pronunciou discurs-
so dos mais seguros sobre Alvaro
Eomilcar, cratense de renome na-
cional, pouco conhecido nesta ci-
dade.

Todos os discursos serão publi-
cados na revista “ITAYTERA” e
comprovaram, mais uma vez, o
grau de elevada cultura intelectual
de nossa terra.

J. de Figueiredo Filho agradeceu
aos presentes a cooperação para
o êxito daquela solenidade que po-
deria, realizar-se sem desdouro, em
qualquer meio culto do país. em
seguida pediu Mons. Pedro Rocha
de Oliveira para encerrar aquela
solene reunião. Este teve palavras
de exaltação para aquela sessão,
destacando o discurso pronunciado
de improviso, pelo sócio Antônio
Correia Coelho que, sendo homem
de negócios nunca fizera curso
médio ou superior. Nada havendo
mais a tratar foi encerrada a ses-
são. Para constar, eu 2º secretário,
lavei a presente, que sendo apro-
vada, receberá assinatura de quem
de direito. José Alves de Figuei-
redo Filho, Maria Zuleika Pequeno
de Figueiredo.

**SAUDAÇÃO DO SÓCIO
ANTONIO CORREIA COELHO
AO ESCRITOR OTACÍLIO
ANSELMO E SILVA AO
ENSEJO DE SUA POSSE NA
CADEIRA NÚMERO 7:**

Ao lado de um prazer todo especial, coube-me a honra e até a felicidade de vos dizer, na oportunidade desta saudação, algo do perfil moral e intelectual do homem que ora vai ocupar a Cadeira do Instituto Cultural do Cariri, que tem como patrono o nome insigne de Antônio Barbosa de Freitas, poeta primoroso e abolicionista que muito contribuiu para a valorização das letras do Cariri e do Ceará.

Mas, se tivesse de falar, em pessoa, ao candidato da cadeira número 7, haveria de fazê-lo com o máximo cuidado para não ferir a sua modéstia e a sua simplicidade. É que, por razões supervenientes, fomos privados do seu convívio e presença pessoal, estando ele, todavia, muito bem representado aqui, nesta magnífica reunião de cultura e inteligência, na pessoa deste intelectual vibrante e jornalista irrequieto que é o nosso consócio João Lindemberg de Aquino, já guindado à galeria dos imortais de nossa casa de letras, desde que ocupa, com muito acerto e merecimento, a Cadeira que tem como patrono o nome que guardamos com imenso carinho e devotamento, do padre José Antônio Pereira de Maria Ibiapina.

O escritor e nosso estimado consócio Otacilio Anselmo e Silva é um cearense do Cariri, nascido no município de Jati e pertencente a importantes e tradicionais famílias do rincão fértil e próspero de Brejo Santo. Andou estudando em escola primária na cidade de Jardim,

para depois, por si só, tornar-se detentor de invejáveis conhecimentos gerais. Profissionalizou-se na carreira militar, atingindo a faixa de capitão, em cujo posto é hoje reformado. E, na ativa do glorioso exército nacional, revelou-se, permanentemente, soldado brioso e cumpridor dos seus deveres e responsabilidades, desde a vida normal da caserna até as lutas e os combates nos campos de Sousa, na Paraíba.

A serviço de sua profissão, percorreu longínquas paragens do imenso território pátrio — Blumenau e outras, — fazendo sempre jus a registros indelévels, do seu marcante contributo de trabalhos e operosidade.

Numa eventualidade muito especial para todos nós, veio ele aportar a esta querida e culta terra do Crato, com a missão de Delegado Regional do Recrutamento Militar, cujas funções desempenhou com alta dignidade, eficiência e equilíbrio aferidos à sua própria personalidade.

Sua inata e acendrada vocação para as letras e para a cultura, foi motivo para que este Instituto o atraísse logo para o seu quadro social, e a sua colaboração conosco passou imediatamente a yigorar em termos de boa vontade e labor eficiente em prol dos interesses e prosperidade da vida de nossa querida Instituição.

Otacilio recebeu aqui positivo estímulo e experiência desta valorosa equipe que se constituiu na experiência máxima das letras e intelectualidade de nossa terra, formada pelos consócios escritor Figueiredo Filho, padre Antônio Gomes de Araújo, professor José Newton Alves de Sousa, dr. Raimundo de Oliveira Borges e outros mais. É ele, pois, um produto intelectual

de nosso Instituto, se é que assim me permitam dizer. Isto motiva orgulho e satisfação para nós e condiz, realmente, com o seu próprio pensamento e suas afirmações.

Espírito ativo e de vontade própria, temperamento lano e cavalheiresco e alma sensível e prestativa são qualidades que, entre outras, crnam a sua personalidade e lhe favorecem o dom de formar, por onde passa, largo círculo de boa amizade, constituído daqueles que têm a cportunidade de consigo privar.

Sua pena forte, vontadosa e brilhante jamais deixou de estar a serviço do progresso e da história da região sul-cearense, quer no campo de jornalismo ou de outros veículos onde se possa manifestar o pensamento e a cultura.

Quando da publicação da monumental obra "Enciclopédia dos Municípios Brasileiros", editada pelo I. B. G. E., Otacílio Anselmo foi o autor da parte histórica referente ao Crato, Barbalha e outras comunas do Cariri, tendo sido a sua colaboração altamente qualificada pela cúpula administrativa daquele importante órgão do Govêrno Federal.

Lembramo-nos bem daquele memorável programa de cultura "O Ceu é o Limite", promovido pela Rádio Club de Pernambuco, quando Otacílio viajava pela Varig, tãdas as semanas, para desenvolver, em Recife, o importante tema sôbre a vida da lendária, célebre e respeitável figura do Padre Cícero Romão Batista, revelando-se aí como intelectual e pesquisador e mérito, ao lado de uma consagração e êxito totais.

Podemos até dizer que Otacílio Anselmo, ao encerrar a sua carreira militar, fêz carreira nas letras. F., com sua inteligência luminosa,

vibrante e corajosa tornou-se em verdadeiro artista da história, com a autoria da já famosa obra "Padre Cícero — Mito e Realidade", na qual gastou oito longos anos em estudos e pesquisas de grande profundidade. Jamais pensou êle em melindrar, denegrir ou subestimar o valor de quem quer que seja, se é que alguém, por acaso, queira condená-lo neste sentido. O importante é constatar-se que o seu livro teve o mérito de fazer emergir da sub-literatura, — ao plasmar-se na verdade e na imparcialidade — muitas lendas, fatos e acntecimentos deturpados, para integrá-los, perfeitos, na história do Ceará e do próprio Brasil. Isto se evidencia quando a obra vem de ser recomendada para a biblioteca da Décima Região Militar, em Fortaleza, e outras entidades de cultura do Nordeste e de outros pontos do País.

Agora vem o já consagrado escritor com o trabalho — tema sôbre a vida do festejado vate de "Lenda do Sol", nascido na histórica, maravilhosa e ajardinada terra de Jardim. E até já podemos pre-julgar a sua tese, tanto na essência como na forma, porquanto conhecemos bem o talento e o poder de pesquisa do autor.

O Instituto Cultural do Cariri abre prazentemente as suas portas para receber Otacílio Anselmo e Silva, na sua Cadeira de número 7. E o faz com o abraço imenso de amizade, admiração e estima de todos aqueles que compõem e trabalham pela prosperidade de nossa casa de letras. E, qualificado como seu porta-voz oficial nesta memorável solenidade, peço ao prezado amigo e consócio escritor Otacílio Anselmo que receba a nossa vibrante, entusiástica e sincera SAUDAÇÃO.

BARBOSA DE FREITAS, O CASTRO ALVES CEARENSE

DISCURSO DE OTACILIO ANSELMO NO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, POR OCASIÃO DE SUA POSSE NA CADEIRA DE BARBOSA DE FREITAS, EM 22.1.1969

Este, sem dúvida, é um dos grandes momentos de minha vida, caminho relativamente longo, árduo e peroso, mas, de certo modo, pontilhado de fatos inegavelmente marcantes, os quais em conjunto, me dão um saldo compensador.

Contudo, em que pese a significação altamente honrosa desta solenidade, o instante que agora vivo não é senão uma consequência ou desdobramento de um fato de maior importância, que foi o meu ingresso nesta Casa solidamente erguida no cenário da cultura racional, pelo idealismo e pelo esforço conjugado de Irineu Pinheiro, José Alves de Figueiredo Filho e Padre Antônio Gomes de Araújo.

Evidentemente, ser membro do Instituto Cultural do Cariri, onde se congregam as maiores expressões da intelectualidade desta região, conviver ao lado de escritores cujos nomes já se projetam até fora do País, eis o que mais me importa, dada a sua relevância.

Dêsse modo, este ato de posse na Cadeira de Barbosa de Freitas, cuja criação encerra uma justa homenagem a um dos mais ilustres filhos do Cariri, é o coroamento de minha admissão neste sodalício, para a qual, mais do que algum mérito que porventura eu possuía, prevaleceu a generosidade dos seus dirigentes, bem como a afetividade de seus ilustres companheiros, grangeada ao longo de permanente e agradável convívio, do qual sempre me recordo com profunda saudade.

* * *

Conforme já afirmei alhures, devo a este Instituto a prossecução do meu modesto roteiro intelectual, através das páginas do seu órgão oficial — a revista "Itaytera" — que "nasceu com a opulência dos verdes canaviais e arrojô das águas que brotam da entranha da serra e se espalham pelos baixios num lençol de bonança, perene e forte", na feliz expressão do Dr. José Leite Maranhão.

Para isso, tive a ditosa oportunidade de iniciar minha singela caminhada aqui mesmo, por sinal, no decurso do 1.º centenário desta nobre cidade, colaborando na revista "A Província", fundada, naquela data memorável, por Florival Matos, Francisco Sousa Nascimento e Humberto Cordeiro.

Por tudo isso, antes de abordar o tema fundamental a que me arrasta o dever de primeiro ocupante desta Cadeira, apresso-me em apresentar a minha profunda gratidão, não só ao criador da indicação do meu humilde nome para ocupar a cadeira que tem como patrono Barbosa de Freitas, no caso o eminente historiador Padre Antônio Gomes de Araújo, mas também a todos os confrades que endossaram sua iniciativa, que, sem falsa modéstia, reputo genuína indulgência, gesto este que me sensibilizou tão logo do mesmo fôra notificado. Isto porque, além da deferência de que hoje me orgulho, há entre mim e o Patrono acentuada afinidade, resultante de um fator telúrico, a qual

ainda permanece apesar de mutações de ordem separatista impostas pelo tempo e pelo progresso. Com efeito, nasci e dei meus primeiros passos no antigo povoado de Macapá, hoje cidade de Jati, quando aquela pequena povoação, banhada pelo riacho dos Porcos e vizinha de Pernambuco, era parte integrante do Município de Jardim — berço de Antônio Barbosa de Freitas. Ademais, nasci ouvindo o eco de alguns dos seus versos (“...É cedo ainda, ó pálidos couveiros!...”), vindo mais tarde a lê-los na sua cidade natal, ao tempo em que lá estive no colégio do saudoso educador Francisco de Lima Btelho, imerso na paisagem encantadora que tanto inspira o poeta e que, depois, tanta nostalgia lhe causaria, conforme está refletido num de seus poemas :

“MANDA O DESTINO QUE ME APARTE, E CEDO,
DÊSTES PRIMORES QUE TE DERA DEUS
É TARDE, É TARDE! MEUS AMIGOS, PARTO.
ADEUS, MORENAS, AZULADOS CÉUS!
ADEUS, Ó FONTES, MEUS FLORIDOS PRADOS,
AI, BORBOLETAS DO MEU CARIRI!
AI, MÃE QUERIDA, A MINHA DOCE ESTRÉLA!
MODESTA TENDA, BERÇO ONDE EU NASCI!...”

* * *

Sem dúvida pelo fato de haver nascido de uma união ilegítima, Barbosa de Freitas ainda hoje é objeto de controvérsias, não só com relação à sua paternidade como também à data e lugar do seu nascimento. Há, por exemplo, a versão de que seria filho do Desembargador Américo Militão de Freitas Guimarães, antigo Juiz de Direito de Jardim, versão esta sustentada, entre outros, pelo Barão de Studart.

Tal equívoco, porém, está definitivamente desfeito ante o depoimento da própria mãe do poeta — Maria Barbosa da Silva — ao Dr. Sabino da Silva Thé, natural de Jardim, a quem ela confessou que o pai de seu filho era o rábula Antônio Nogueira de Carvalho, falecido na farmácia de Vicente Pereira Machado, após receber profunda punhalada desfechada por Liberato José de Maria e Silva, no mercado público da referida cidade.

Grande admirador da obra poética de Barbosa de Freitas, José Waldo Ribeiro Ramos realizou a louvável tarefa de trazer à tona não apenas esse importante detalhe, mas também, embora sumariamente, outros esclarecimentos sobre os fatos principais da breve e atormentada existência do desventurado poeta, à base de informes do citado Dr. Sabino, por sinal, testemunha ocular do crime que vitimou Antônio Nogueira de Carvalho.

Tais informes estão contidos num fascículo sob o título “Ignorante Sublime”, editado em 1944 pela Imprensa Oficial, no qual o autor — J. W. Ribeiro Ramos — reproduziu o texto integral de uma conferência que proferira sobre Barbosa de Freitas, após meio século de completo olvido do genial poeta.

Quanto à outra parte do mistério que envolve a figura do poeta jardinense, está evidenciado que nasceu no dia 22 de janeiro de 1860, porquanto, conforme é sobejamente sabido, ao falecer a 24 de janeiro de 1883, contava ele vinte e três anos e dois dias de idade.

Resta ainda esclarecer que a versão de que Barbosa de Freitas

era filho do Desembargador Américo Militão, teria nascido do fato de o magistrado, ao voltar para Fortaleza, a fim de assumir suas funções na Relação da Província do Ceará, haver conduzido-o, com o objetivo de educá-lo, tendo para isso o pleno consentimento de sua genitora.

Por fim, há acrescentar o seguinte detalhe. Em suas declarações ao autor de "Ignorante Sublime", o Dr. Sabino da Silva Thé adiantou ter ouvido de Da. Maria Barbosa que "quando o Desembargador Américo chegou ali como Juiz de Direito, já o seu filho era nascido". Ora, como é notório, o magistrado fôra nomeado para Jardim a 25 de setembro de 1859, quando só faltavam cerca de quatro meses para o nascimento do poeta. Donde se conclui que Maria Barbosa, ao fazer aquela afirmação, queria apenas deixar claro que à chegada do Juiz, conquanto em estado embrionário, o seu filho já contava alguns meses de vida.

Em face do exposto acima e de acôrdo com a tradição oral, pode-se afirmar com absoluta certeza que Antônio Barbosa de Freitas era filho do advogado rábula Antônio Nogueira de Carvalho e Maria Barbosa da Silva, tendo nascido a 22 de janeiro de 1860, no sítio Octovelo, do Município de Jardim.



Tal como a maioria dos filhos de amôres clandestinos de sua época, Barbosa de Freitas tinha as principais características do mestiço. Essa marca e sua origem obscura foram por certo os fatores decisivos que o levaram desde cedo à vida airada, em consequência da qual veio à falecer de modo lastimável e prematuro.

Convém acentuar, porém, que o trágico destino do genial poeta teria sido atenuado e o seu nome obtido maior projeção no âmbito da literatura nacional, se porventura sôbre êle, ao invés de recair o pêso de restrições impostas por preconceitos sectários da chamada classe privilegiada, houvesse pairado o clarão salutar dos direitos do homem, hoje especificados e universalmente proclamados pela Assembléia Geral das Nações Unidas, que os estabeleceu "sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, côr, sexo, lingua, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição".

A certa altura de sua citada conferência, afirma J. Ribeiro Ramos:

"Se perguntardes a alguém quem foi Barbosa de Freitas, de certo nenhuma resposta obtereis e haveis de notar a estupefação daquele a quem vos dirigistes. É que ninguém da geração atual o conhece e a maior parte nem ao menos ouviu falar da existência atormentada dêsse homem extraordinário, verdadeiro gênio, que morreu aos 23 anos de idade, rum leito de hospital, vítima dos seus excessos, que à sociedade cabia reparar e evitar, e, porque não o fizera, incorreu num crime imperdoável. Segundo o que tenho ouvido dizer aos contemporâneos do poeta e a outros da geração que se lhe seguiu, velhos encanecidos numa longa trajetória, cheios de experiências e carregados de desilusões, Barbosa de Freitas foi antes uma vítima da sociedade em que viveu, cheia de prerrogativas e de mentiras, que de si próprio, isto é, de sua fraqueza individual. São casos frequentes observados na vida de todos os povos e em tôdas as sociedades. Casos que seriam facilmente removidos se assim o quisessem estadistas e sociólogos, agindo de mãos dadas, sem egocismo, mas tão só preocupados com os interesses da civilização. Quanta vez não sinto uma revolta tremenda agitar-se dentro de mim, ao se me deparar uma criança viva, inteli-

gente e aproveitável, que seria, quem sabe? um artista, um pintor, um musicista, um grande homem, abandonada a seu próprio destino, filho sem pais, órfão de carinhos, sem arrimo e sem conforto, sem a assistência que lhe poderia e deveria dar a sociedade, sem prejuízos absolutamente de suas festas e banquetes opulentos, das suas bacanais de luxo". E acrescenta o autor, concluindo suas justas observações: "Nada obstante, a história está cheia de exemplos de grandes vultos que surgiram do nada e viveram pobres e infelizes, mas se projetaram pela força de seu próprio valor no cenário da vida pública, e por isso merecem a nossa admiração e o nosso respeito".



Em "Eu e Minhas poesias", livro a que nos referimos mais adiante, há uma nota biográfica segundo a qual Barbosa de Freitas tivera na pessoa do Dr. Antônio de Araújo Lima, Juiz Municipal de Jardim, uma espécie de tutor e mestre-escola. Adianta ainda a mencionada nota que fôra êsse magistrado quem descobrira o talento poético do discípulo, no curso de sua aprendizagem. É oportuno lembrar que êsses detalhes são atestados pela tradição.

Conforme já foi dito, Barbosa de Freitas foi levado para Fortaleza pelo Desembargador Américo Militão. E tão logo atingiu a idade exigida, foi, a contra-gosto seu, matriculado no Seminário da Prainha. De passagem, note-se que êle fôra sacristão em sua terra natal.

Sobre sua passagem pelo famoso estabelecimento de ensino religioso, pouco ou nada se sabe. Eis, por exemplo, o que disse a respeito o jornal "A Província do Pará", edição de 22 de agosto de 1888, em longo editorial sobre a vida do infortunado poeta:

"Filho do interior da Província, teve por berço a cidade de Jardim, pequena e humilde comarca, onde o nosso chorado vate recebeu as primeiras noções da instrução primária, porém mediocremente. Daí foi para Fortaleza, onde educou-se completamente em matérias do primeiro curso de humanidades, abandonando por fim a vida eclesiástica por não ter a predisposta vocação".

Feito aquêlê curso, Barbosa de Freitas jamais voltou a estudar. Nem mesmo os clássicos êle chegara a conhecer, como acentua Ribeiro Ramos. Daí por que, conforme observa o mesmo autor, "não podem exprimir suas composições literárias uma feição estilística aprimorada, uma forma trabalhada e límpida, nem também a correção de linguagem que se deveria exigir de um poeta do seu porte".

Tais imperfeições, porém, em nada deslustram a grandeza de sua inspiração e o brilhantismo de seus poemas, exuberantes de música, ritmo e sonoridade, o bastante — sobretudo nos nossos dias — para consagrar um poeta, como foi o caso de Cruz e Sousa, cuja poesia sofreu "as maiores restrições da parte de críticos impiedosos", como afirma o escritor Abelardo Montenegro.

Na verdade, Barbosa de Freitas, a exemplo de Cruz e Sousa, por sinal, filho de escravo e contemporâneo seu, teve o privilégio de nascer poeta. Eis por que tudo nêlê é espontâneo e autêntico. Disso a maior prova são os seguintes versos que, mesmo em estado de embriaguez, êle improvisou à hora da inauguração da Colônia Orfanológica, a 13 de junho de 1880, em Canafistula, hoje Antônio Diogo, empolgando até o Presidente da Província, Dr. José Júlio de Albuquerque Barros, presente ao ato:

"AMIGOS, ERGAMOS TODOS
UM "BRAVO!" QUE VOE AO CÉU!
POIS QUE NAS ARAS DA PÁTRIA
A CARIDADE SE ERGUEU.
SIM, QUE AOS POBRES DESVALIDOS
FILHOS DOS HOMENS CAÍDOS
DA ERUPÇÃO NO FUROR,
— ROSAS FECUNDAS, PERDIDAS,
SÃO NESTE INSTANTE COLHIDAS
PELA MÃO DE UM PROTETOR.

FILHO DO SÉCULO, É SUBLIME,
MAIS QUE NOERE A VOSSA AÇÃO!
RESUME TRÊS SENTIMENTOS:
— JUSTIÇA, AMOR, COMPAIXÃO.
SALVANDO AS POBRES CRIANÇAS
LEGASTES PARA O PORVIR.
AS ÁGUAS NASCEM PEQUENAS,
MAS, QUANDO CRESCEM-LHE AS PENAS,
SABEM ALTO SUBIR.

QUEM SAPE SE NESTES CRÂNEOS
— LANTERNAS QUE PEDEM LUZ,
NÃO REINA A ALMA DE DANTE,
DE GUTTEMBERG OU JESUS?...
MAS JÁ OS LANÇASTES A TENDA
DO TRABALHO E DA RAZÃO...
ABRINDO AS PORTAS DA ESCOLA,
TENDES DIREITO A AURÉOLA
QUE VOS PREPARA A NAÇÃO!"

Evidentemente, não seria possível, nesta hora, sequer enumerar as produções de Barbosa de Freitas, das quais as principais foram enfeixadas num livro intitulado "Eu e Minhas Poesias", editado em 1892 por iniciativa de um grupo de amigos seus. Obra póstuma e raríssima, esse livro contém ainda várias transcrições de artigos alusivos ao triste falecimento do poeta, encerrando-se com os seguintes pós-escritos:

"AGRADECIMENTO — Os encarregados da publicação do presente livro, devidamente autorizados por escritura de 10 de julho de 1888, firmada por D. Maria Barbosa da Silva, mãe do indito poeta Antônio Barbosa de Freitas, sinceramente se confessam agradecidos a todos quantos se dignaram acolher esse humilde trabalho, cujo produto tem de ser aplicado ao levantamento de um singelo mausoléu, dedicado à memória desse infeliz corterrâneo. Outrossim, esperam que lhes sejam desculpadas as faltas que de sua parte encontrarem nessa obra, justificadas pela ausência de recursos e conhecimentos preciosos, para torná-la, senão proveitosa, ao menos agradável a alguns. Fortaleza, junho - 1892. — A COMISSÃO".

"POST SCRIPTUM — Era nosso intento dar litografado na primeira página deste opúsculo, o retrato do indito poeta, autor desses versos, e assim tínhamos prometido aos seus assinantes; dá-se, porém, que atualmente é tal a afluência de encomendas à "Litografia" que a empresa não pôde encarregar-se do trabalho. Podíamos ter demorado a publicação, mas receamos assim prejudicar de alguma sorte o nosso

geneoso intuito. Em vista disso, esperamos que nos seja revelada essa falta involuntária. — OS EDITORES”.

* * *

Modesto e retraído, Barbosa de Freitas só se tornou conhecido do público leitor muito depois de já haver produzido e acumulado vários sonetos e poemas. O seu aparecimento na imprensa foi obra do jornalista Antônio Olímpio da Rocha, amigo seu, que o surpreendeu, certa vez, revendo uma poesia de alto valor literário. A partir daí, por sugestão do citado jornalista, começou a colaborar na imprensa de Fortaleza. Já no ano seguinte, 1880, tornou-se colaborador assíduo do jornal “O Cearense”, quando então veio a lume grande parte de suas poesias.

Entretanto, a mais notável de suas criações não foi publicada, em virtude dos seus originaes, por motivos desconhecidos, permanecerem retidos “em mãos de alguém”, como acentua o jornal “Pedro II”, em editorial de 27 de janeiro de 1883. Trata-se de “Lenda do Sol”, poema com o qual, na opinião de Ribeiro Ramos, “Barbosa de Freitas cresce quase à mesma altura de Castro Alves naquela página vibrante de “O Livro e a América”.

Integrado perfeitamente no condreirismo, eis como o inspirado poeta jardinense inicia o que se pode chamar de sua obra-prima :

“SOU EU QUEM ESPANCA AS TREVAS
DESDE O GLOBO AOS PÉS DE DEUS,
EMPRESTO LUZ ÀS ESTRÊLAS,
ÀS LÂMPADAS DO MAR, DOS CÉUS !
ILUMINO FOSSOS, GRUTAS,
JÁ PRESID CRUÉIS LUTAS,
DA REVOLTA CRIAÇÃO;
JÁ OUVI BLASFÊMIAS, UIVOS,
DOS VIVENTES QUE O DILÓVIO
VARREU NAS FAUCES DO CHÃO”.

* * *

Como já procuramos demonstrar, Barbosa de Freitas, cujos versos “são dignos de figurar ao lado das melhores poesias de Castro Alves e Casimiro de Abreu”, conforme frisa o jornal “O Libertador”, deu farta e valorosa contribuição ao trabalho da poesia brasileira. E não o fez apenas com o intuito de difundir a mais bela forma literária entre o povo, nem tampouco para obter favores com a exaltação de eventuais donos do Poder, com a criação de falsos heróis ou idólos artificiais, sofisticando e merendo. Na verdade, ao contrário de conhecidos artesãos de versos do seu tempo e dos dias atuais, êle empregou o seu talento para exaltar o amor, a beleza e a vida, louvar o trabalho, criticar os tiranos e condenar a injustiça social, tornando-se desse modo, intérprete do povo e arauto de suas reivindicações. Eis por que, para agravar-lhe a situação de infortunado — tão pobre que não tinha um riquel para “comprar o papel em que lançava suas inspirações” — uma vaga de ódios e intrigas avolumou-se em tórno dêle. Apesar disso, o poeta jamais se deixou intimidar pelos gratuitos inimigos, enfrentando-os corajosamente, cruzando “com êles nas mesmas ruas, passando indiferente seu caminho, como se os não visse”, como observa Ribeiro Ramos.

Mas não ficou nisso a atitude máscula de Barbosa de Freitas. Como revide aos que lhe cobriam o nome de baldões, negando-lhe valor e insultando-o sem trégua, êle lançou "D. João Cacique", poema publicado em Cabo-Frio, no Estado do Rio-de-Janeiro, em 1881.

Para que se tenha uma idéia da campanha de odiosidade que se formou em volta do destemido caboço do Cariri, contra quem se uniram políticos e grande número de invejosos do seu talento, ouçamos a palavra do autor de "Ignorante Sublime".

"Nem a morte do poeta fez com que cessasse o ódio que lhe votavam os inimigos, e, enquanto o poema ia ganhando na admiração dos contemporâneos e provocava ceulema nos conciliábulos da época, mãos criminosas, para satisfação de paixões recalcadas de áulicos políticos, pretenderam ofuscar-lhe o nome e a obra. E a tal ponto se excederam nessa miserável campanha, que a procuraram nas livrarias, por tôda parte, onde tinham notícia de sua existência, mesmo nas bibliotecas particulares, comprando-a para destruí-la, a fim de que o gênio do grande poeta condoreiro do Ceará não atravessasse os tempos e pudesse sagrar-se imortal".

* * *

Como não podia deixar de acontecer, Barbosa de Freitas figurou na vanguarda da campanha pela libertação dos escravos no Ceará. Remonta ao dia 26 de maio de 1881, na cidade de Maranguape, a seguinte poesia com que êle saudou o Congresso Abolicionista Cearense, o primeiro celebrado no Brasil :

"A V E L I B E R T A S"

SALVE ! DA GLÓRIA OS ROMEIROS !...
OS COMBATEDORES BRAVOS
QUE NA LUTA DOS ESCRAVOS
SE LEVANTARAM DO CHÃO !...
SALVE ! Ó PLÉIADE BENDITA
QUE AMPARA A CAUSA DOS FRACOS,
SALVE, NOVOS ESPARTACOS
DA ARENA DA ESCRAVIDÃO !...

SALVE ! Ó VÓS, QUE SUSPENDEIS
O MARTELO DO PROGRESSO,
A CUJO SOM O UNIVERSO
ERGUE OS BRAÇOS P'R'AMPLIDÃO !
SALVE ! Ó VÓS — DEMOLIDORES
DAS PAREDES TENEBROSAS,
DAS ESPIRAIS ASSOMBROSAS
DO TEMPLO DA ESCRAVIDÃO !

SALVE ! Ó VÓS — OS MANDATÁRIOS
DA BENDITA LIBERDADE !
QUE DIFUNDIS A IGUALDADE
DO BRASIL NO CORAÇÃO !...
SALVE ! Ó VÓS — OS LUTADORES
DA MAIS SUBLIME CONTENDA,
QUE CARREGAIS POR LEGENDA
— "O FUTURO DA NAÇÃO !

Ainda naquele mesmo ano, a 28 de setembro, em solenidade na Sociedade Cearense Libertadora, sua voz vibrou em favor do negro cativo :

“ MALDITO O QUE SUSTENTA E O QUE PROTEGE
A CAUSA INFAME E VIL DOS TAIS “SENHORES”
QUE DARDEJAM SEU LÁTEGO INFAMANTE
FAZENDO AO POBRE IRMÃO SOFRER MIL DORES !...
A VOSSA CAUSA É SANTA, Ó LIDADORES !
FILHOS DO SÉCULO, ATLETAS DA IGUALDADE.
NÃO TREPIDEIS UM PASSO ! QUE A CONQUISTA
É P’RA HONRA SALVAR DA HUMANIDADE !
P’RA SEMPRE É DETESTADO E ASSAZ MALDITO
QUEM PROCLAMA AS VITÓRIAS DA OPRESSÃO !
|DA CONSCIÊNCIA AFOGANDO O ENORME GRITO
QUE A VOZ DE DEUS LEVANTA... Ó MALDIÇÃO!...

Mas vinha de longe a definição das convicções e tendências políticas do genial poeta, que resultariam na campanha de ódio a que nos referimos acima. Quando, por exemplo, foi comemorada com uma passeata em Maranguape, a 13 de fevereiro de 1878, a mudança do panorama político brasileiro, ele saudou o evento com famoso ode ao Partido Liberal:]

“ É A HORA DA LIBERDADE !
EM QUE DOS CÉUS DESCE LUZ;
EM QUE RASGAM-SE AS CORTINAS
DOS HORIZONTES AZUIS !
E OS PENSAMENTOS EM TROPA
COMO NUVEM QUE GALOPA,
VÊM ROLAR SÓBRE O BRASIL !
E NOS CERROS ESPANTADOS
NOS COLOSSOS DESLOCADOS
O CONDOR MOSTRA O PERFIL ”.

Positivamente, Barbosa de Freitas, tanto quanto Castro Alves, lutou decidida e corajosamente pela emancipação dos escravos, fato que ajusta de modo definitivo sua identidade com o consagrado autor de “Espumas Flutuantes”. Por isso, perfeitamente coerente com a realidade, somos compelido a chamá-lo de “Castro Alves Cearense”.

O seu nome, porém, bem assim suas composições literárias, permanece inteiramente esquecido, o que, de um modo geral, não constitui novidade neste País. Di-lo Adolfo Caminha, citado por Abelardo Montenegro :

“ Ser talentoso é quanto basta para que um rapaz veja-se antipaticizado, odiado, cercado de inimigos que nunca o conheceram positivamente, e que lhe desejam todo o mal, simplesmente porque faz lindos versos ou escreve prosa artística; e então procuram descobrir, no verso ou na prosa, erros de gramática ou de metrificacão. DEFEITOS DE ESTILO, coisas insignificantes que o bom critico, o verdadeiro artista não enxergaria, para admirar o conjunto, a harmonia do trabalho, a elegância da forma, o colchido, a rima extraordinária, e, sobretudo, a originalidade, o caráter independente da obra”.

* * *

Contemporâneos de Barbosa de Freitas afirmam que ele era alto

e magro, vestia roupas simples, usava sapatos de trança e andava sem chapéu. No citado opúsculo de Ribeiro Ramos há um clichê do malogrado poeta, pelo qual se pode ter uma idéia aproximada do seu físico atlético e da serenidade que o caracterizava. Afora essa lembrança hoje só encontrada entre alfarrábios de algum arquivo particular, nada mais existe que o recorde às gerações atuais, a não ser um pequeno marco funerário semidestruído, no Cemitério S. João Batista, em Fortaleza, escondido entre mausoléus suntuosos, e a denominação de uma rua situada num dos Bairros de nossa Capital.

Em editorial sob o título "O Último Dia", acentua o "O Libertador" de 24 de janeiro de 1883: "Em nome dos que prezam as letras pátrias, e dos que se condem dos proscritos da fortuna, elevemos a Barbosa de Freitas um monumento que perpetue o seu nome. Colecionem-se as suas produções e salvemos neste livro a glória que nos pertence".

Inegavelmente, seria um acontecimento digno de aplausos a criação duma herma ou estátua ao grande poeta da Abolição no Ceará. Entendemos, porém, que a melhor maneira de homenagear e perpetuar a memória de Barbosa de Freitas é fazer-lhe uma biografia ou reeditar o já citado livro "Eu e Minhas Poesias", meio pelo qual sua vida e sua obra ficariam definitivamente conhecidas e incorporadas à Cultura Nacional. Ao contrário disso, exceto sua provável expressão artística, um monumento nada exprimiria além do imobilismo próprio das estátuas.



Esta solenidade assinala a segunda vez que o nome de Barbosa de Freitas é ligado a uma agremiação cultural. É oportuno lembrar que a primeira ocorreu quando Adonias Lima, Júlio Maciel, Alencar Matos, Areal Souto e Diógenes de Vasconcelos, numa justa homenagem à sua memória, fundaram em Fortaleza uma instituição literária com o nome do autor de "Lenda do Sol". Entretanto, a exemplo da vida do indolente poeta, aquela agremiação teve existência efêmera.

O fato é aqui lembrado apenas para ressaltar que Barbosa de Freitas, tal como viveu, permanece confinado no esquecimento, o que nos leva a admitir estar ele pagando ainda pelo estigma de filho bastardo e paupérrimo e pelas suas atitudes de intelectual independente.

É o momento de indagar:

E Jardim — berço do poeta — que fez até hoje em memória do seu glorioso filho? Por que, não repara uma injustiça que já se eterniza como o murmúrio de suas fontes, o sussurro de seus canaviais e a beleza de sua paisagem, promovendo, pelo menos, a reedição da obra "Eu e Minhas Poesias", cujo único exemplar, diga-se de passagem, se encontra em mãos de um dos seus filhos ilustres e de marcante influência nos meios políticos e culturais do Estado?

Claro que não temos a pretensão de ser o primeiro a formular tal sugestão, a qual vem dos fins do século passado. O que desejamos é apenas renová-la, num gesto de reação formal contra uma injustiça, exatamente numa época em que se verifica verdadeira inflação de títulos honorários para pessoas vivas, bastando que elas ocupem cargos de relêvo político-administrativo.

Diante de tudo isso é que maiores aplausos merece este Instituto, ao perpetuar o nome de Barbosa de Freitas nesta Cadeira que tenho a honra de ser o primeiro ocupante, embora sentindo os reflexos do desequilíbrio intelectual entre mim e a figura do seu ilustre patrono.

DISCURSO

PROFERIDO POR OCASIÃO
DA POSSE DO PROF. JOSÉ
NEWTON ALVES DE SOUSA
NA CADEIRA ALVARO
BOMILCAR DA CUNHA,
DO INSTITUTO CULTURAL
DO CARIRI

Cabe-me, nesta solenidade, a missão difícil, posto que honrosa e grata aos meus sentimentos, de fazer a apresentação do ilustrado consócio Professor José Newton Alves de Sousa, ao ensejo em que toma êle posse no Instituto Cultural do Cariri da Cadeira que tem como patrono o imortal cratense Alvaro Bomilcar da Cunha.

Missão difícil, dizia eu, por afi-gurar-se-me tarefa ingente e superior aos meus apoucados méritos intelectuais, o estudo, nos seus adequados conceitos e esmerilhada forma literária, da personalidade do consagrado homem de letras, sob qualquer aspecto em que se vem afirmando, quer como escritor, quer como educador e quer enfim como homem de fino trato social.

Interessado que sempre fui pela vida cultural de Crato, desde os meus verdes anos, quando frequentava o Colégio Diocesano na sua primeira fase, comprazia-me em acompanhar, da minha penumbra, com sincera admiração, o triunfo dos valores que aqui então pontificavam na oratória, na literatura, na imprensa e no fóro, e depois, já integrado na vida ativa local, como Promotor Público, Advogado e Professor, sempre tenho dado de mim o que posso em admiração,

aplausos, estímulos e encorajamento àquêles que se vão revelando capazes e dignos continuadores dos que plantaram nesta gleba a semente fecunda da cultura e da sabedoria.

Assumindo a Promotoria Pública de Crato no dia 1.º de Setembro de 1942, uma das minhas preocupações era, em companhia do então juiz de direito da Comarca, dr. Hermes Paraíba, de saudosa memória, assistir a tôdas as solenidades realizadas nos educandários da cidade e indagar dos Directores e Mestres quais os alunos que se distinguiram nos seus currículos.

Quem vem acompanhando, de alguns anos a esta parte, com o merecido interesse, a formação da nossa mocidade das Escolas, sabe que José Newton Alves de Sousa foi, ao seu tempo, um dos estudantes de maior projecção de quantos têm honrado o nome e a tradição do velho e conceituado Ginásio do Crato.

Aparecia ali, já, em tão pouca idade, com o amor ao estudo, com a inteligência e com o apurmo que manteria como vem mantendo pela vida em fóra, surgindo no cenário das letras como poeta de rara inspiração, cujo estro aperfeiçoaria, daí em diante, até atingir a fase actual, de exímio cultor da poesia moderna.

Bacharelado em Ciências e Letras no Ginásio do Crato, em 1941, deixou a terra natal e foi completar a sua formação intelectual na velha cidade de Salvador, onde se formou em Ciências Sociais em 1945.

Deixou nos meios universitários da Eca Terra e na sociedade bahiana, de um modo geral, um vas-

to e distinto círculo de amizades que bem atesta a sua marcante passagem por aquelas doces plagas.

Relações de ordem familiar atraem-me, anualmente, à querida terra de Castro Alves, "verde ninho murmuroso de eterna poesia em que cantou o poeta", na frase lapidar de Rui, e nos convívios que ali tenho mantido, com Mestres e contemporâneos de José Newton, do que dele me dizem o conceito justo é este que acabo incisivamente de proclamar.

Mas a terra natal teve clumes do filho distante, que iria dar os frutos do seu saber a outras gentes e o chamou e o trouxe, imperativamente, para o seio, amigo e maternal.

Ele é aqui está, à frente da Faculdade de Filosofia do Crato, desde 1960.

Seria desnecessário descrever a soma inestimável de benefícios que tem prestado à cultura de nossa terra, quer como homem de letras, quer como educador.

Os nossos periódicos, as nossas revistas enriquecem-se com as suas preciosas colaborações e os trabalhos, em separata, a que tem dado publicidade, são bem o testemunho do seu talento, da sua cultura e da sua invulgar capacidade de trabalho em prol do desenvolvimento intelectual da nossa terra.

Tenaz nos movimentos em que se integra, pode ter momentos de desalento, mas não esmorece na perseguição dos seus objetivos. A construção do prédio em que funcionará, definitivamente, a Faculdade de Filosofia, a campanha pró-criação da Universidade Regional do Cariri (URCA), são frisan-

tes atestados da indômita bravura e vicia dêste homem, que exigiria cenário maior para a plena expansão de suas energias criadoras.

Ele é o que ele pensa, ou o que ele traduz em pensamento.

Leia-se a magistral Aula de Sapiência, subordinada ao título "A Função Cultural das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras", primeira publicação em folheto, da Faculdade de Filosofia, em 1961, e em que ele dá de cultura a definição completa, definitiva, e concluir-se-á que as idéias, que ali expõe, são a sua imagem e semelhança.

Outro trabalho notável de sua lavra, digno de maior divulgação, sobretudo nos meios universitários,

é o que subordina ao título "Por uma Cultura organicamente Universitária", enfeitado também em folheto, conferência proferida nas comemorações do 5.º aniversário de instalação da Faculdade de Filosofia, e do qual não resisto ao desejo de transcrever o seguinte tópico:

"Uma cultura organicamente universitária é um processo cumulativo e renovador, que assimila a experiência de cada geração e, não demorando, exclusivamente, no Especulativo, se conforma no Prático, se deleita no Belo e se insere na ordem da Perfeição".

Aí está o seu próprio retrato, o homem que ele é, integral. O homem especulativo, o estudioso, o cientista; o homem prático, o realizador; o homem sentimento, emoção, contemplativo, o poeta; e o homem espiritual, religioso, criatura de Deus, ansiando pela Perfeição.

Daí, o meu conceito de que êle é o que êle pensa, o que diz e o que transmite aos outros em páginas deliciosas, de poesia e de prosa, em que à pureza da língua casasse, admiravelmente, um estilo próprio, autêntico, inimitável.

O seu *curriculum vitae* é uma página edificante: Nasceu em 5 de Junho de 1922, nesta cidade do Crato, e é filho de Jorge Lucas de Souza e de dona Izabel Alves de Souza. Fêz os cursos primário e secundário na terra natal e o superior, em Ciências Sociais, na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia. Professor de História do Brasil no Colégio São José e D. Macêdo Costa, em Salvador; Geografia no Colégio Diocesano do Crato; História Administrativa do Brasil na Escola Técnica de Comércio do Crato; Filosofia no Colégio Antônio Vieira e Sofia Costa Pinto, em Salvador; Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira nos Colégios Sofia Costa Pinto, N. S. das Mercês, em Salvador, e Santa Terêsa de Jesus, em Crato; História e Filosofia da Educação na Escola Normal S. João Bosco, em Crato; Metodologia Geral na Escola Normal Santa Teresa em Crato. No magistério superior dirigiu e dirige ainda entre outras as seguintes Cadeiras: Técnica de Pesquisa Social em Salvador, na Escola de Serviço Social da Universidade Católica; Sociologia e Antropologia Cultural na Universidade Católica de Salvador; Fundamentos Sociais da Economia na Faculdade de Ciências Econômicas do Crato; Sociologia Geral e Educacional na Faculdade de Filosofia do Crato. Títulos que o enobrecem: Bacharel em Ciências e Letras, Bacharel em Ciências Sociais,

Diretor do Centro Pedagógico Mediâneira em Crato, Diretor desde 1960 da Faculdade de Filosofia do Crato, Comendador da Santa Sé (Ordem de São Silvestre), Sócio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Sócio do Instituto Cultural do Cariri, Membro do Conselho Universitário da Universidade Federal do Ceará. Tem mais de quinze publicações em prosa e em verso, havendo já comparecido, elevando o nome da cultura cratense, a inúmeros Congressos, Simpósios, Encontros e Seminários em diversas Capitais do País, defendendo teses de palpitante atualidade na problemática do ensino, em cuja matéria é sem favor consagrado Mestre.

Não seria possível, no curto espaço de tempo de uma sessão, como esta, em que vários oradores se farão ouvir, esgotar em mais alentado estudo a obra do Professor José Newton Alves de Sousa e traçar o perfil completo de sua inconfundível personalidade.

A homenagem do Instituto Cultural do Cariri é justa, e já tardava. Mas, há de convir-se, veio em tempo, porque escolheu o homem próprio para a Cadeira dêsse outro vulto eminente filho da terra que foi Álvaro Bomilcar da Cunha.

Nobre essa missão do Grêmio que obedece à segura e clarividente orientação do imortal Figueiredo Filho; e que, através de seus homens de letras, cujo número cresce com os talentosos jovens da nova geração, há de elevar cada vez mais alto o nome, a tradição de cultura da Princesa do Cariri.

Raimundo de Oliveira Borges

ÁLVARO BOMÍLCAR DA CUNHA

DISCURSO DE POSSE NA CADEIRA N.º 8 — SECÇÃO DE LETRAS, DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

O bairrismo, como sentimento, mostra-se comum a tôdas as pessoas. Feiço-a-se de múltiplas formas e escalona-se por vários graus que podem ir do razoável ao ridículo.

Deriva do fato de cada pessoa nascer situada no tempo e no espaço. A continuidade vertical dos dias insere-a na experiência histórica, enquanto a vinculação ao território dá-lhe segurança física e fá-la criar raízes espirituais de amor ao chão do berço. Pode ser este singelo e anônimo, será sempre o torrão natal, que se ama com enternecimento, num processo de apêgo inevitável, em que se misturam reminiscências e perfis indelêvelmente gravados no afeto e na lembrança.

Esse fato envolve sempre um núcleo de individualidade, que delinea e configura o modo de existir e de ser de cada um, e, ao mesmo tempo, revela a alma coletiva do lugar ou da região, tecida e entretecida de pequeninos nadas, minúsculos elementos definidores de uma fisionomia particular, realmente inconfundível, sêlo e honra dessa geografia do espírito.

Cada pessoa sente-se crescer pelo sítio de seu nascimento, ao tempo em que êste se projeta, moralmente, na dimensão de cada uma, e é nisso que assenta o mistério do amor à gleba natal.

Mas há cidades, regiões e países, cujos nomes pronunciamos com entonação particular, como se, por um motivo ou por outro, superassem os demais, independentemente de nossa condição de nascimento.

As cidades, pelo imediatismo da convivência, pelo comércio das relações cotidianas, pelo círculo envolvente dos contactos de toda natureza, estão como que mais dentro de nós mesmos, ou nós estamos mais entranhadamente dentro delas, de modo que lhes pertencemos e elas nos pertencem em grau de intimidade maior.

Os grandes homens nascem em qualquer parte e o próprio Cristo, Senhor nosso, veio à luz numa gruta anônima.

As regiões e os países sensibilizam-nos a alma de maneira mais subjetiva, embora não menos real.

O conceito de Pátria comove-nos e empolga-nos o coração superiormente, e debruçamo-nos sôbre sua amplitude, com apoio na pátria menor, que é nosso rincão, nossa vila, cidade ou município.

Ser filho desta ou daquela urbe pode ser motivo de maior ou menor ufania, mas sempre nos é grato recordar o pedaço de chão que ouviu nossos vagidos.

Digo, porém, que é uma glória, é uma felicidade, é uma insigne honra ter nascido no Crato.

Tem esta terra um passado, uma paisagem, um parecer inconfundíveis, que fogem ao vulgar, dando-lhe feição de nobreza, dignidade e valer não despidiendos.

Dela pode dizer-se: "É uma cidade que tem história".

Isso mesmo, Senhores: é uma cidade que tem história. Itinerários da Fé e da Civilização cruzaram-se sob êstes céus. Aqui, o grupamento humano fixou-se, enriqueceu, prosperou, pela Catequese, pelo Trabalho, pela constituição da Família, pela Cultura, pelo Civismo. Aqui, as paredes abrigaram a progênie fecunda, as mãos laboriosas, os joelhos contritos, e, scretudo, as almas, simples, mas fiéis; modestas, mas altivas; humildes, mas bravas; matutas, mas capazes.

Suas instituições não maturaram pela força dos artificios, antes medraram na estação própria.

Povo assim é povo adulto.

Povo adulto não precipita nem violenta, porque sabe que tudo chega a seu tempo, o que não quer dizer passivismo nem indolência. Pois, se é preciso fazer, faz; se é preciso lutar, luta.

O Instituto Cultural do Cariri, que hoje me dá a honra de uma cadeira em sua Secção de Letras, é o nobre ceráculo em que se ilumina e requinta a inteligência adulta de nossa gente.

Sua fôlha de serviços é das que ficam pela densidade dos méritos e pela altitude dos cometimentos.

O que me cabe, de glória, nesta noite, agradeço-o ao Sr. Dr. Raimundo de Oliveira Borges, que me recebeu, com o encanto de sua palavra, luminosa e candente.

Luminosa, porque acesa nas luzes vivas de sua inteligência e de sua cultura.

Candente, porque oriunda do coração do amigo, a que se dobra o meu, no mais sincero reconhecimento.

Mas cresce, agora e aqui, o Instituto, pela exaltação de um dos maiores cratenses, ALVARO BOMILCAR DA CUNHA, que passa a integrar-lhe a galeria dos Patronos.

Devo fazer-lhe o elogio, que será breve, pois, considerando a proximidade de seu centenário, a 14 de abril de 1974, deixo para depois estudo mais alentado e completo, o que também constitui uma forma de louvor e consagração.

Filho de Fenelon Bomilcar da Cunha e D. Anna de Alencar Bomilcar, estudou nas Escolas Militares do Ceará e do Rio de Janeiro, tendo-se formado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de nosso Estado.

Não foi homem que ficasse na tranqüilidade de uma vida incolor e mansa.

Idealista e realizador, mente aberta aos magnos problemas da Pátria, escritor ardoroso e intrépido, professor e poeta, espalhou pela imensidão do Brasil uma presença de luz, uma presença de luta e uma presença de fé.

Mede-se um homem pelo que ele faz, pelo que realiza em decorrência do que é.

Quem apenas tem, contenta-se com o amearhar. As almas ontologicamente transitivas, isto é: as que não se satisfazem com o só capitalizar, com o simples sentido quantitativo da vida, essas se projetam e se multiplicam no agir transformador, no operar perfectivo, no renovar de si e dos outros, para melhor viver e para mais autenticamente ser.

Álvaro Bomilcar foi uma dessas almas. Foi um homem em plenitude. Um homem que pensou e realizou pelo estalão do mais alto.

Predispô-lo a êsse modo de vida um caráter forte; a essa audácia, um ideal superior; a êsse combate, uma crença magnânima.

Nêle, o homem de ação não prejudicou o de pensamento, nem êste o de sensibilidade.

Nêle, a disciplina militar forjou o patriota; o Direito o cientista social; o estudo o escritor e o mestre, tendo sido exemplar como funcionário público.

Homem de visão, antecipou-se, no Brasil, no trato de mais de um problema de natureza sociológica e política, de que deixou sobejas provas em alguns de seu livros.

Andanças e fixações por muitos pontos do território brasileiro deram-lhe a medida concreta de nossa realidade e de nosso destino.

Seu convívio com vultos exponenciais de nossa cultura explica-se não somente pela natural tendência das almas alevantadas, de buscarem as culminâncias, como também pelo fascínio polarizador de sua personalidade invulgar.

As causas que abraçou, nem sempre fáceis, abraçou-as como exigência de uma intrépida combatividade nativista e impulsionado pelos mais sagrados intentos.

Homem de pensamento, estudou as idéias sociais, em que não se mediocrizou, mas, nos limites da hora e do meio, tudo fez por aprofundá-las entre nós, com objetivo bem claro: a redenção econômica e a grandeza moral do Brasil.

A idéia de Pátria foi nêle uma idéia constante. Constante e dinâmica. Uma idéia-fôrça.

Desejou um Brasil de fato independente, livre para existir com legítima soberania, senhor de seus atos, de sua política e de sua vontade.

Naquele tempo, era abusiva, entre nós, em diversos setores, a presença lusíada, que o remordia e alvoroçava o ânimo, lhe movia o civismo, lhe exarcerbava o sentimento. Não sofria a prepotência alienígena, o desrespeito a nossa autonomia e a nossas leis. Não era um lusóforo por mera ojeriza a Portugal. Sabia distinguir a boa gente de além-mar dos gananciosos exploradores de Brasil. Possivelmente, exagerou em mais de um ponto, na brava pugna que, pela palavra oral e escrita, travou e sustentou, na difusão e defesa de suas idéias e ideais.

De quanto publicou, merece destaque A POLÍTICA NO BRAZIL OU O NACIONALISMO RADICAL — “ensaio de crítica social e histórica”, com uma apreciação do Conde de Affonso Celso. Saiu a lume em 1920, editado por Leite & Maurillo. O volume contém duzentas páginas e o exemplar que compulsei foi oferecido pelo Autor ao Cel. Nelson da Franca Alencar, com a seguinte dedicatória: — “Ao illustre e digno Cel. Nelson da Franca Alencar com mt^a estima e consideração offe. o ponte. ador. e amo. Alvaro Bomilcar. Fort. 17-2-23”.

A letra é regular e firme, de quem está imune das tórcusidades e indecisões interiores.

Dedicou a obra, conforme vem escrito,

“À memória do Consolidador da República, Marechal Floriano Peixoto, herói modesto, mentalidade culta, patriota inexcedível, que se esforçou para dar-nos a consciência da força, o orgulho da nacionalidade, e, como govêrno, agiu com energia e desassombro em prol da emancipação do Brasil;

e

aos dignos correligionários da “Propaganda Nativista” e da “Ação Nacionalista”.

O livro contém duas partes. Inicia a primeira um juízo crítico do Conde de Affonso Celso, publicado no “Jornal do Brasil” de 17.11.1920, seguindo-se uma introdução, onde o Autor expõe as linhas gerais de sua filosofia e de sua sociologia política.

Consoante Alvaro Bomilcar, A POLÍTICA NO BRAZIL OU O NACIONALISMO RADICAL é continuação de O PRECONCEITO DE RAÇA NO BRAZIL, escrito em 1911.

A linguagem de A POLÍTICA NO BRAZIL é brava, direta e veemente, como o demonstram os trechos que passo a ler :

“O nacionalismo bifronte, ora francelho, ora garmanófilo, ora lusitanófilo, não solucionará jamais as nossas questões; mas o nacionalismo brasileiro, fundado em honrosas tradições, na capacidade da nossa raça, na consciência das nossas responsabilidades e de nossa força, eis o que tenho aconselhado e praticado”.

"Queiramos o estrangeiro; aceitemos de bom grado a sua colaboração, mas o estrangeiro que venha trabalhar nas zonas rurais, aumentando a produção, ou trazer seus capitais a empresas dêles necessitadas; não o que venha entupir as cidades marítimas, e explorar indústrias parasitárias, açougues e tavernas, constituindo-se em curto espaço de tempo, proprietários de bens imóveis e agravando, por todos os modos, a já insuportável carestia dos víveres e das habitações; não o que venha assenhorear-se do comércio e da imprensa política, desdenhando naquele a colaboração dos nacionais e nesta as justas aspirações de um povo que pleiteia a sua autonomia". (págs. 15/16).

"Foram estas observações, estas convicções e esta certeza, que me impuzeram o dever imperativo de procurar nas brumas do passado o perdido caminho da nossa grandeza, encetado por Diogo Feijó e palmilhado por Floriano Peixoto; foram estas idéias que me levaram a escrever, em 1911, "O PRECONCEITO DE RAÇA NO BRAZIL", livro de verdades, quase abafado pelo silêncio da imprensa, quando apareceu; foi norteador por estes sentimentos que fundei, em 1917, com Arnaldo Damasceno Vieira, a revista BRASÍLEA, pioneira desta cruzada cívica, a que com senso filosófico do dr. Jackson de Figueiredo emprestou todo o brilho do seu talento; foi por estes valorosos estímulos e com estes elementos que trabalhei para fundar em 21 de Abril de 1911, a "Propaganda Nativista", cuja ATA DA INSTALAÇÃO e cujos MANDAMENTOS resumem as concepções sociológicas dos seus fundadores, criando entre nós o verdadeiro nacionalismo, que é e só pode ser — o nacionalismo radical; foi a pureza do nosso programa e a intransigência de seus princípios que atraíu para o nosso grêmio o valoroso publicista dr. Alcebiades Delamare Nogueira da Gama, franco atirador, consciencioso e sincero, diretor do intemerato panfleto GIL-BLAS, colocando o glorioso semanário a serviço de uma causa, que, se não fôr vencedora, será a morte, a pior de todas as mortes, a morte moral de uma nação!

"E foi, finalmente, da troca de idéias entre mim e o jovem escritor das APANÁFORAS SOCIAIS, que surgiu a "AÇÃO SOCIAL NACIONALISTA", instituição patriótica de análise calma e desinteressada, sob a chefia do impoluto escritor Conde de Affonso Celso, grande patriota, autor do célebre livro "PORQUE ME UFANO DO MEU PAIZ", e criador da palavra BRASILIDADE que define os traços diferenciais da nossa raça e o grandioso anelo, sempre burlado, da nossa emancipação". (págs. 16/17).

Os capítulos seguintes, integrantes ainda da primeira parte, são, à exceção do primeiro, apreciações em torno de livros, autores e questões de marcante atualidade na época.

A segunda parte é constituída por discursos que o autor proferiu, respectivamente, ao fundar-se a "Ação Social Nacionalista", por ensejo da primeira sessão pública desse organismo e ao saudar, a bordo do cruzador-auxiliar "José Bonifácio", o Capitão de Fragata FREDERICO VILLAR.

A êses discursos, seguem-se um resumo das principais medidas em defesa no livro, conforme os programas da "Propaganda Nacionalista", da "Ação Social Nacionalista" e do panfleto "Gil-Bias" medidas que assim vêm ordenadas: *A mudança da capital da República, Nacionalização do Comércio, A nacionalização da Imprensa, Organização do Teatro Nacional Brasileiro, Regulamentação dos alugueis de casa, O crédito agrícola, Política de solidariedade americana, A reforma da Constituição.*

Continuam o livro dezessete "Proposições", de que vão aqui alguns exemplos :

"As nacionalidades não se constituíram, não poderão jamais constituir-se, por meras fórmulas de fraternidade, devotamento e sentimentalismo para com os troncos de que procedem, mas por atos viris de patriotismo, coragem e firmeza, individualizantes de seu povo, de sua história e do novo ambiente político". (Prop. I).

"Intercâmbio comercial e intelectual, entre dois povos, pressupõe equivalência de interesses. Quando um pode dar e outro nada pode dar, não há sentimentalismo que justifique um pacto desonesto". (Prop. III).

"O Brasil é uma grande retorta de raças. Nenhum povo europeu ainda o que mais tenha influído na formação nacional, pela posse formal da terra e pela transmissão do idioma, pode falar mais alto do que os brasileiros em sua terra. Se aos avós coubesse um direito, o de antiguidade, esse pertenceria ao fator primordial da nacionalidade, o espoliado aborígene das nossas selvas". (Prop. IV).

"A maioria dos Brasileiros, mesmo a dos intelectuais, não conhece o seu país. Os políticos estudam as criações estrangeiras e fazem-nas adotar sem restrições. Os cidadãos do litoral, por vaidade, copiam dos estrangeiros as exterioridades, vícios e defeitos.

A nossa cultura é artificial e exótica. O nosso grande mal — a indiferença". (Prop. VIII).

"A política no Brasil assemelha-se a um piano velho com as cordas bastante estragadas. Esse instrumento, trazido da Europa na época do terror napoleônico, não pode afinar pelo diapasão americano. Faltam-lhe precisamente as teclas mais sonoras e expressivas.

Ainda não houve pianista de gênio que nêles pudesse executar, até o fim, o hino nacional..." (Prop. XVII).

Aí está o patriota! Aí está o nacionalista indefesso, altivo e insatisfeito, cuja presença no cenário das letras foi um marco de dignidade, pelo vulto dos serviços prestados ao Brasil.

Atualmente, é bem outro o conceito que fazemos da participação lusitana em nossa evolução histórica.

Álvaro Bomilcar estudou o fenômeno sob um prisma e num tempo que lhe davam razão e deixou-se impregnar de um nativismo que êle próprio chamou "radical".

Vultos dos mais eminentes se lhe juntaram na trincheira, heróica trincheira da Brasilidade: Afonso Celso, Arnaldo Damasceno Vieira, Jackson de Figueiredo, Domingos de Castro Lopes, Almeida Magalhães, Tasso da Silveira, Andrade Muricy, Alcebades Delamare Nogueira da Gama, Felício dos Santos.

Escritor, não fez arte pela arte, sendo mais um homem de cultura do que um literato puro.

Peña de fogo, pô-la a serviço de uma causa, cujos marcos assim se enumeram, conforme o livro já citado: 1.º — *Mudança da Capital da República para o planalto central do Brasil, nos termos da Constituição*; 2.º — *Nacionalização do Comércio*; 3.º — *Nacionalização da imprensa política*; 4.º — *Nacionalização da costeira e da pesca*; 5.º — *Obrigatoriedade do ensino e do voto e regulamentação do trabalho*; 6.º — *Emancipação da mulher brasileira, integrando-a no seu verdadeiro papel de fator primordial de nossa grandeza moral*; 7.º *Aproximação do Brasil às repúblicas americanas, em especial sul-americanas, por uma só política de concórdia, de respeito e de reciprocidade de interesses*; 8.º — *Emancipação da língua brasileira e nacionalização do nosso teatro*; 9.º — *Combate ao analfabetismo*; 10 — *Saneamento dos sertões, e desenvolvimento da viação interna*; 11.º — *Culto cívico dos grandes homens da Pátria*; 12.º — *Ensino da nossa verdadeira história*". (Pág. 184).

Além dos livros já mencionados, deixou, entre outras, as seguintes publicações: GRACIOSA (novela, seguida de uma parte poética "Afinidades", Manaus, 1901); POEMAS SENTIDOS (Fort., 1902); ELEGIA (à memória de Álvaro Martins, poeta cearense. 1906); A ORDEM MILITAR E A ORDEM JUDAICA ("Almanaque do Ceará", para 1925); A CONQUISTA NO DIREITO MODERNO (conferência, "Revista do Funcionalismo Público", R. de Janeiro. 1926); FLORIANO - O TACITURNO (notas

para sua biografia, "Revista do Ceará", 1929/1930); O PROBLEMA DA ORTOGRAFIA EM FACE DA CONSTITUIÇÃO — Defesa do sistema usual (tese que, como representante da Academia de Letras do Ceará, ofereceu ao Congresso das Academias e Centros de Cultura, realizado em 1936, no Rio de Janeiro); JACSON DE FIGUEIREDO (estudo crítico), "Revista do Ceará" n.º 20); FARIAS BRITO ("Brasileira", n.º 1); UBIRATAN (biografia de um anjo, em memória de seu filhinho desaparecido aos três anos incompletos).

Em Corumbá, fundou o periódico "Pátria" (1889); no Rio de Janeiro, "O Palladium" (1899), e "Brasileira" 1917); em Fortaleza, "O Gemina" (1904) e a "Revista do Ceará" (1905).

Na Capital federal de então, fundou várias associações cívicas e a Academia de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais.

Pertenceu à Sociedade de Geografia e à Sociedade de Filosofia do Rio de Janeiro, ao Instituto do Ceará (Cadeira n.º 5), ao Centro Literário e à Plêiade (cofundador).

De seu casamento com D. Maria Luiza de Castro Bomilcar, nasceram Juracy, Moema, Fenelon e Ubiratan.

Dir-se-ia não haver, nessa vida marcada de tanta combatividade, de tantas funções, de tantos serviços, um lugar para o sentimento puro, o sonho e a poesia.

Engano, o de quem assim pensasse.

Álvaro Bomilcar da Cunha foi poeta de delicada inspiração.

Ele próprio asseverou que à razão se sobrepõe o sentimento.

Sendo um lutador, no pleno sentido do termo, foi profundamente humano.

A ação que desenvolveu em favor da Pátria, foi uma ação enraizada na parte mais afetiva de sua personalidade, e por isto foi uma ação vivida, uma ação cheia, uma ação transbordante.

O homem, o verdadeiro homem, não pode abafar as vozes do coração, cujo vibrar mais alto, mais harmonioso e mais belo chama-se poesia.

A poesia, Senhores, não é a ingenuidade dos gestos, a candura dos temas, a disciplina do verbo, o requinte da imagem, o formalismo que ressoa, o preceito que limita. Assiste dentro e fora do homem. Reside no céu, da terra e no mar. Está no germe intangível e nas massas incommensuráveis. Canta na voz dos pássaros e lucila no palor das estrelas. Sofre na saudade, chora nos velórios, sorri na esperança. Habita a choupana e o palácio, o campo e a cidade. Acompanha o homem do berço ao túmulo. Prostra-se na laje dos templos e vibra no bronze dos sinos. Ruge na tempestade e amanhece nas auroras. Vem na suavidade das tardes e repousa no santuário dos lares. Brilha no vértice dos montes e murmura nos embates da praia. Oculta-se na modéstia das violetas e ostenta-se na glória das epopéias.

Mas sua verdadeira Pátria é o coração do homem, sensível à Verdade e à Beleza, feito para a Felicidade e o Bem.

Aí ela germina, cresce, expande-se, para a luz, para o ideal e para Deus.

Álvaro Bomilcar da Cunha não podia deixar de ser um aquinhoado das Musas.

E de tal modo nêle se fundiram o patriota e o poeta, que escreveu este soneto publicado no "Almanaque do Ceará", edição comemorativa do primeiro centenário da Independência Política do Brasil (1922):

P Á T R I A

Pátria não é somente essa abstrata grandeza,
O céu, a terra e o mar — cenário da existência!
Pátria é a sociedade, a raça, a quintessência
De um esforço genial plasmando a natureza!

Pátria é uma expressão de força e de beleza;
O labor da colmeia: a arte, a indústria, a ciência...
Vale a pena ser livre? Eia, pois, reverência
Ao pátria que morreu pela nossa defesa!

Brasil! Se os teus heróis, teus gênios redivivos
Quiserem retratar teu destino altaneiro
(Se os mortos podem vir aconselhar os vivos...)

Dirão que amar a Pátria é amar o brasileiro!
É dar honra e justiça aos teus filhos nativos,
E a tudo o que nasceu sob a luz do Cruzeiro!

Senhores:

Fiz uma simples apresentação de Álvaro Bomilcar da Cunha, para ocupar, neste ilustre Instituto, a cadeira que o tem como Patrono.

A alta honra que me foi cometida obriga-me a um estudo da vida e da obra desse inolvidável cratense, estudo de que hoje li a introdução.

A melhor maneira de homenagear tão subido valor é freqüentá-lo no que deixou escrito, como lição da mais genuína Brasilidade.

Desejo, pois, trazer a esta Casa, em sucessivas ocasiões, o resultado de minhas pesquisas e estudos sobre Álvaro Bomilcar, cuja morte ocorreu a 12 de setembro de 1957, no Rio de Janeiro.

Sua memória merece esse esforço.

Conceda-me a Providência talento e vida para fazê-lo.

Tenho dito.

Crato, 22 de janeiro de 1969.

Fábrica Fortaleza

M. DIAS BRANCO S. A. - Comércio e Indústria

**A MAIOR FÁBRICA DE BISCOITOS E MACARRÕES
DO NORDESTE DO BRASIL**

SÓ FABRICA PRODUTOS DE SUPERIOR QUALIDADE

DEPÓSITO DO CARIRI:

RUA SENADOR POMPEU N.º 11 — CRATO — CEARÁ

Cia. Sul Cearense de Papéis

S U L C E P A

Papéis de Várias Qualidades

FÁBRICA :

BAIRRO INDUSTRIAL DE MURITY

CRATO — CEARÁ

UMA INDÚSTRIA QUE HONRA O CARIRI

GENERAL RAIMUNDO TELES PINHEIRO

A

Dezembrada

(Palestra proferida para os oficiais da GU de Fortaleza, no salão de Conferências do CPOR/10 aos 19 de Dezembro de 1968)



I — INTRODUÇÃO

Embora contrariando nossos propósitos e previsões, novamente, e atendendo a gentil convite do velho amigo e companheiro Gen. Oscar Jansen Barroso, de quem fomos “bicho” nos saudosos Colégio Militar do Ceará e gloriosa Escola Militar do Brasil, em Realengo, deixamos sensibilizados, e por igual desvanecidos, o sarcófago em que, natural e placidamente jazem e para onde convergem inexoravelmente e inapelavelmente, os que emigram da atividade das Forças Armadas, para recordar com os queridos companheiros da guarnição Militar de Fortaleza, um feito glorioso dos nossos Exércitos e Marinha de Guerra, cujo primeiro centenário estamos comemorando.

Afastados há mais de dois anos da problemática do Exército querido, a quem procuramos bem servir durante mais de 36 anos, e atribulados com outros problemas enquadrados em setor fundamentalmente diferente, e contando com o míngua tempo disponível, é muito provável que não consigamos alcançar a procurada concisão, clareza e precisão desejáveis, na humilde palestra em que procuraremos relatar, sumariamente, os lances épicos da DEZEMBRADA, esculpidos no bronze imperecível das brilhantes páginas da História Militar do Brasil, no decorrer do mês de dezembro de 1868.

Perdoem-nos a audácia e, forçados com generosa tolerância, estabeleçam um crédito de confiança no cenário do tablado em que apenas prevalece a nossa boa vontade de servir, procurando, judiciosamente enaltecer aqueles que, brava e honestamente, conquistaram a glória e se alcançaram no panteão da imortalidade.

II — ANTECEDENTES

Sabem todos que, ao assumir CAXIAS o comando do nosso Exército, aos 18 de novembro de 1866, estavam as Forças Armadas da Triplite Aliança na situação abaixo especificada :

- o 2.º C. Ex. em CURUZU, face às supostas inexpugnáveis trincheiras de CURUPAITY;
 - o 1.º C. Ex., bem assim os argentinos e orientais, face às linhas do SAUCE;
 - a ESQUADRA, fechando o rio Paraguai-Paraná, assegurando os nossos transportes e bombardeando, espcrãdicamente e sem resultados apreciáveis, a região fortificada de CURUPAITY;
 - o Exército brasileiro, desorganizado, indisciplinado e deprimido.
- E o insigne CAXIAS, insuperável organizador e administrador, reorganiza-o, remonta-o, supre-o de material, de rações regulares e de forrageamento e o instrue conveniente e apropriadamente.

Concomitantemente, sob a vigorosa impulsão de OSÓRIO, na provincia do Rio Grande do Sul, é organizado e instruído o 3.º C. Ex.; retira-se Flôres para o Uruguai, deixando 800 orientais sob o comando do Gen. Castro, e, em 9 de fevereiro de 67, afastando-se o Gen. Mitre para Buenos Aires com 4.000 homens, a fim de atender a melindrosa situação política, assume CAXIAS o comando dos Exs. Aliados e da Esquadra, esta sob o comando do Alm. José Joaquim Inácio, substituto de TAMANDARÉ, que regressara à Côte.

Agir do com prudência, tendo em vista o surto do cólera morbus, a distância entre as Forças em posição e as suas bases de operações, e mais, a incerta situação política das Repúblicas Aliadas, contemporiçou o chefe CAXIAS, e continuou, firme, seguro e afanosamente, o seu ingente trabalho de reorganização, melhorando as instalações do campo fortificado de TUIUTY e preparando, para a futura mar obra, novos elementos, em particular a observação aérea com balões cativos e linhas telegráficas.

Com a incorporação do 3.º C. Ex., do comando de OSÓRIO, já aludido, desembarcado no PASSO DA PÁTRIA aos 16/18 de julho de 1867, concebe magistralmente e emprende CAXIAS, com a eficiente cooperação da Esquadra, a sua prudente, metódica e brilhante manobra para a conquista de HUMAITÁ, — em que merece real destaque, na primeira fase, a famosa marcha de flanco para TUIU-CUÊ, que estava concluída em 31 de julho, com os argentinos em frente ao PASSO ANGULO, o 3.º C. Ex. em frente ao PASSO ESPINILLO e o 1.º em TUIU-CUÊ — que foi retardada, com incomparáveis prejuizos no tempo, para a conclusão da guerra já interminável, com o regresso de MITRE em 1.º de agosto, para, felizmente, ser impulsionada com vigor e firmeza a partir de 12 de janeiro de 1868, quando MITRE se retira

definitivamente — por ter falecido o vice-Presidente da República Argentina — e CAXIAS reassume novamente o comando unificado das Forças Armadas Aliadas, até à queda total da famosa posição fortificada de HUMAITÁ, em 25 de julho/5 de agosto e, depois, até ASSUNÇÃO aos 1.º/5 de janeiro de 1869.

(Durante este último período de comando de MITRE ocorreram os seguintes 3 fatos da maior importância: a 15 de agosto a Esquadra força a passagem de CURUPAITY; a 2 de novembro, forças do 1.º C. Ex., por determinação de CAXIAS, tomam e ocupam a posição de TAIY, ao N de HUMAITÁ, impedindo o tráfego fluvial entre esta fortaleza e ASSUNÇÃO; a 3 de novembro, o Gen. BARRIOS ataca o 2.º C. Ex. em TUIUTY, o qual é repellido pelo Conde de Porto Alegre, que causou ao inimigo baixas de mais de 1 têrço do seu efetivo).

III — MARCHA PARA O NORTE

Concluída a conquista de HUMAITÁ a 5 de agosto citado, ter-se-ia que prosseguir para o Norte, de vez que o bravo e indomável inimigo, embora vencido, não estava derrotado ou aniquilado.

Pelos reconhecimentos sucessivos, realizados por terra e pelo rio, bem como pelo depoimento de prisioneiros, sabia CAXIAS que :

- o Ex. inimigo, sob o comando de López, com um efetivo de 15.000 a 20.000 homens, estava ao Norte do rio TEBIQUARY;
- neste e ao lado do rio PARAGUAY havia fortificações com baterias contra a Esquadra e defendendo a passagem contra o Exército;
- o terreno entre TUIU-CUÊ e o TEBIQUARY era uma planície baixa, alagada e cortada por arroios, lagunas e rios, com a extensão aproximada de 60 km.

Em face disso, decide o chefe CAXIAS :

- transportar para HUMAITÁ todos os depósitos de PASSO da PÁTRIA, bem como os depósitos, hospitais, repartições e tribunais, até então estacionados em CORRIENTES;
- montar em HUMAITÁ sua nova base de operações;
- deixá-la guarnecida com o 2.º C. Ex., sob o comando do Gen. Argólo e os argentinos comandados pelo Gen. Gelly e Obes (cerca de 12.000 homens).
- marcha para o norte com os 1.º e 3.º C. Ex., com o efetivo aproximado de 25.000 homens, à procura do inimigo, em combinação com a Esquadra (Repartição de Força judiciosa, absolutamente enquadrada no princípio de economia de força).

A 19 de agosto, ao N. da Vila do Pilar, ao ser transposto o Arroio NEMBUCU, os 1.º e 3.º C. Ex. organizam-se em longa coluna, tendo o 3.º (OSÓRIO) como vanguarda, o 1.º (BITTENCOURT) como grosso e a Brigada de Cavalaria de Vasco Alves como retaguarda.

Nessa marcha entre TUIU-CUHÉ e o TEBIQUARY o inimigo ofereceu resistência :

- a 26 de agosto no arroio YACARÉ, afluente da margem esquerda do TEBIQUARY; e
- a 28 do dito mês, em um reduto estabelecido na margem esquerda do próprio TEBIQUARY.

Em ambos, a vanguarda comandada pelo bravo Andrade Neves o derrotou facilmente.

O TEBIQUARY, afluente da margem esquerda do rio PARAGUAY, apesar de ter uma largura de 300 a 400 metros, apresentava, na sua margem N., ponderáveis inconvenientes à defesa: era baixa, podia ser facilmente batida pelos fogos dos navios da Esquadra que navegassem rio acima e não apresentava apoio no seu flanco esquerdo.

Por isso decidiu López mandar estudar e fortificar o corte do rio PIQUICIRY, também afluente da margem esquerda do rio PARAGUAY, e, no dia 26 de agosto, iniciou a retirada para a linha desse rio.

Enquanto isso, Andrade Neves transpôs o TEBIQUARY a 1.º de setembro e encontrou o acampamento de SÃO FERNANDO abandonado, porém juncado com macabras pilhas de cadáveres das inocentes vítimas do tirano; e o grosso, por meio de monitores da Esquadra e de uma ponte sobre canos, debaixo de chuvas torrenciais e inundações das margens, fez a transposição de 2 a 8 de setembro, quando a vanguarda iniciou a perseguição, seguida por esse, na direção N., através de terrenos baixos, cortados por numerosos arroios, afluentes da margem esquerda do rio PARAGUAY.

A 23 de setembro a nossa vanguarda chocou-se com um destacamento inimigo na ponte do arroio SURUBY-HY, e depois da sua transposição pelo Grosso, encontra-se CAXIAS face às linhas do PIQUICIRY, contra cuja posição concebe o executante o nobre Patrono do nosso Exército a mais bela manobra de toda a sua longa e brilhante vida de chefe militar sempre vitorioso, alcandorado à condição de grande capitão, da estirpe invulgar de ANIBAL, NAPOLEÃO, FOCH, MOLTKE e LUDENDORF.

IV — AS LINHAS DO PIQUICIRY

Após o combate do SURUBY-HY, acampou o Ex. na região de PALMAS, barranca elevada, situada na margem esquerda do rio PARAGUAY, e de onde partia o caminho que, depois de transposto o PIQUICIRY, se dirigia para a cidade de ASSUNÇÃO.

Pouco depois de sair de PALMAS, transformava-se esse caminho em picada que penetrava na mata, densa e intransponível, pontilhada de atleiros e pequenos banhados para transpôr, após o percurso aproximado de 10 km, o arroio PIQUICIRY.

É esse arroio o desaguadouro, situado mais ao N., da lagoa YPOÁ, formada pelas cheias do rio PARAGUAY e por numerosos riachos, com nascentes em colinas próximas e mais afastadas.

A margem N. do arroio é o início dos terrenos altos da margem do rio PARAGUAY, formando natural escarpa ou barreira, e correndo ao seu pé aquêle arroio constituía um fosso natural, só permeável pelo caminho PALMAS — ASSUNÇÃO.

Ao sair da lagoa YPOÁ, o PIQUICIRY é um banhado que se vai estreitando á medida que se aproxima da sua foz no PARAGUAY, no qual deságua com cerca de 20 metros de largura e grande profundidade. Para torná-lo intransponível pelo único ponto de passagem possível, que era a picada através da mata, foi o PIQUICIRY reprezado em dois pontos, de forma que, na estrada, a sua largura atingia algumas centenas de metros e a sua profundidade cerca de três metros.

Atrás desse obstáculo, na margem direita, a posição inimiga foi organizada de ANGUSTURA, no flanco direito, até à citada lagoa YPOÁ, com um desenvolvimento da ordem de 11 km de extensão.

A partir de fins de setembro mandou CAXIAS proceder a reconhecimentos, por terra e pelo rio, dirigindo êle próprio um deles à frente de forças das três armas, a 1.º de outubro, quando foi tomado um reducto que o adversário havia deixado com guarnição na margem esquerda.

Tal como se apresentava a linha fortificada ANGUSTURA—YPOÁ, guarnecida por um Ex. de 20.000 homens, equipada com mais de 100 canhões e apoiada nos dois flancos em obstáculos intransponíveis, constituía problema tático de difficilima solução.

Sucessivos reconhecimentos revelaram que o ataque frontal não deveria ser tentado, pois a única via de aproximação era a picada, através da mata intransponível, com a extensão de 8 km, no fim do qual corria para Oeste o PIQUICIRY, com algumas centenas de metros de largura e grande profundidade, formando o grande obstáculo do fosso, seguido por densa linha de abatizes e pelo parapeito de escarpas à pique, defendido por numerosos canhões, como já visto anteriormente.

Era, assim, ação sobrehumana um ataque frontal, em face da fortíssima posição inimiga.

Havia, pois, apenas duas formas operativas: o envolvimento pelos flancos esquerdo e direito do inimigo, comprovadamente combativo e fanático.

Pelo flanco esquerdo, com vários quilômetros inundados pelas águas da lagoa YPOÁ nas direções E e S, tornava-se humanamente impossível a operação, pelas insuperáveis dificuldades do terreno e dos abastecimentos. Restava o envolvimento pelo flanco direito do inimigo, que se apoiava nas barrancas do rio PARAGUAY.

Como realizá-lo?

CAXIAS manda reconhecer a margem do GRÃO CHACO, e apesar

das inumeráveis dificuldades apresentadas, decide por êle mandar construir uma estrada, para materializar o seu magistral PLANO.

V — O PLANO DE MANOBRAS

“Pela estrada a ser aberta no CHACO, o grosso do Ex., depois da travessia do rio PARAGUAY, entre PALMAS e SANTA TERESA, marchará pela margem direita até à foz do arroio VILETA, atravessará o rio novamente para SANTO ANTÔNIO, contornando, assim, o flanco direito fora do alcance dos canhões de ANGUSTURA, para o ataque pela retaguarda do Ex. inimigo e das linhas do PIQUICIRY”.

Era o envolvimento integral, por Oeste, para desembarcar em SANTO ANTÔNIO e atuar pela retaguarda dos defensores, fixando frontalmente a posição.

Consequentemente, consistiria a manobra em conduzir a massa dos aliados para o N. do PIQUICIRY, com a finalidade de atacá-lo pela retaguarda, tornando-se necessário transpor o rio PARAGUAY entre PALMAS e S. TERESA e, daí, seguir pelo CHACO até à foz do arroio VILETA; donde novamente embarcado, seguir para SANTO ANTÔNIO, a fim de marchar em seguida para o S., com o flanco apoiado no rio PARAGUAY, ocupando a região de VILETA; isto porque os 30 navios de que dispunha a esquadra não tinham capacidade suficiente para transportar o grosso de uma só vez, ou mesmo um terço, de PALMAS a SANTO ANTÔNIO, sob os fogos das baterias de ANGUSTURA.

Quais as possibilidades do inimigo, para opôr-se à operação dos aliados ?

- atacá-los durante a travessia do CHACO; operação difícil, por não dispor do domínio do rio e pela natureza do terreno à margem direita da estrada do CHACO, que não permitia o desenvolvimento de grandes efetivos, visto ser de pantanais;
- atacar na direção de PALMAS enquanto o Ex. se deslocasse pelo CHACO; operação que apresentava as mesmas dificuldades da operação contrária, cu seja do S. para o N., como já foi estudado, para nossa operação;
- abandonar a linha do PIQUICIRY e retirar-se para o interior do país, e, finalmente
- manter a posição e esperar o ataque, que foi a decisão de SOLANO LÓPEZ.

VI — EXECUÇÃO DA MANOBRA

1. — MARCHA DE FLANCO

Por começarem as cheias em meados de dezembro, a estrada do

CHACO, com 11 km de extensão, deveria ser concluída no menor tempo possível.

Para conseguir esse objetivo, decide CAXIAS :

- transformar PALMAS em base avançada do Ex., para onde transportou as forças argentinas que estavam em HUMAITÁ, empregando para isso parte da Esquadra, enquanto a outra, após o forçamento das baterias de ANGUSTURA, corta as comunicações do inimigo com ASSUNÇÃO.
- escolher a barranca de SANTA TERESA para início da estrada do CHACO, aos 10 de outubro, após vários reconhecimentos, inclusive mais de um realizado por ele próprio;
- passar o rio para essa região, na mesma data, um destacamento composto de 2 Batalhões de Infantaria, uma ala do Btl. de Eng., 1 Esquadrão de Cav. e 2 bocas de fogo, comandado pelo bravo Ten. Cel. Tibúrcio (que aqui brincou perdulâriamente com o perigo e espargiu bravura sem contenção, como vinha ocorrendo desde PAISSANDU, CORRIENTES, RIACHUELO, CUEVAS, MERCEDES, ESTERO BELLACO, TUIUTY, BOCAINA, POTREIRO PIRES, ROJAS, HUMAITÁ, LAURELES, numa constante impressionante, e que ocorreria, sistematicamente, em PERIBEBUI, CAMPO GRANDE e CARAGUATAY, na Campanha das Cordilheiras, ponto final desse interminável sangrento episódio); e
- transportar de HUMAITÁ, a 15 de outubro, o 2.º C. Ex. e confiar ao Gen. Argôlo a direção da construção da estrada (que, no fim de 23 dias de ingentes sacrifícios estava concluída, com a extensão de 11 km, nos quais se empregaram 30.000 troncos de palmeira carandá, demonstram-se grandes e longos espaços cobertos de mata virgem, construíram-se 8 pontes com profundidade superior a 5 metros, estabeleceu-se ao seu longo uma linha telegráfica, bem como limpou-se 10 km de vegetação aquática que cobria o arroio VILETA, possibilitando a sua navegação por chalanas).

Estava construído um caminho sólido, capaz de suportar o péso da artilharia, e, no qual, para proteger as tropas construtoras contra destruições e surpresas do inimigo, foram levantados e equipados 4 redutos em pontos convenientes.

Concluída a estrada, decide CAXIAS, aplicando judiciosamente o princípio de economia de forças :

- guardar a sua base, em PALMAS, com um destacamento forte de 10.600 homens das 3 armas e 1 seção de pontoneiros, composto pela Div. brasileira comandada pelo Gen. Paranhos, com o efetivo de 3.200 homens; pelas tropas argentinas com 6.000 e as uruguaias com 860, tudo sob o comando do Gen. Gelly y Obes;

— transportar sua massa de manobra composta pelos 1.º, 2.º e 3.º C. Ex. e 4 DC, com o efetivo da ordem de 25.000 homens das três armas, a partir de 27 de outubro e até 27 de novembro, para a região de SANTA TERESA, e daí pela estrada de CHACO marchar para a confluência do arroio VILETA, região que foi atingida a 4 de dezembro, e de onde, a partir da noite desse dia, com exceção da Cav. que seguiria por terra até SANTA TERESA, foi transportada por navios da Esquadra para SANTO ANTÔNIO (o 1.º escalão, constituído pelo 2.º C. Ex., com 7.755 infantes, 227 artilheiros e 325 pontoneiros, estabeleceu a cabeça de ponte naquela barranca, surpreendendo o inimigo, e proporcionando o espaço necessário para o chefe concluir a operação sem ser hostilizado), onde, no fim da jornada de 5 dias, a divisão CAXIAS do 1.º C. Ex., do Gen. Bittencourt, com 4.554 infantes e 190 artilheiros, do 2.º C. Ex., do Marechal Argôlo, com o efetivo já observado no primeiro escalão, e o 3.º C. Ex. de OSÓRIO, com 4.690 infantes e 926 cavalerianos; as 4 DC teriam transportados seus 4.000 homens nos dias seguintes.

Que fez o inimigo, nessa conjuntura?

Tendo conhecimento da construção da estrada, embora julgando impossível o desbordamento pelo CHACO e não sabendo onde desembarcaria CAXIAS, modificou López sua estrutura defensiva, lançando uma cobertura para VILETA e constituindo uma reserva móvel de 5.000 homens em ITA-IVATÉ, onde preparou uma última linha de defesa. O efetivo do seu Ex. devia ser da ordem de 18.000 homens, com artilharia muito superior à dos aliados, além de 4.000 combatentes em ASSUNÇÃO, CERRO-LEON e outros pontos.

Estabelecida a cabeça de ponte em SANTO ANTÔNIO, poderiam os C. Ex. de CAXIAS lançarem-se para o S., sobre as defesas do PIQUICIRY, e estrategicamente estava o ditador López envolvido.

2 — A D E Z E M B R A D A

a) — ITORORÓ — 6 de dezembro

Ao 2.º C. Ex. determinara CAXIAS procurar e ocupar, logo após o seu desembarque em S. ANTÔNIO, a ponte sobre o arroio ITORORÓ, a fim de evitar que o inimigo, a par do nosso movimento, tomasse nela posição e nos disputasse o passo. Por não ter sido suficientemente interpretada a missão ou por não ter sido possível cumpri-la, pois se tratava de manter a passagem do ITORORÓ até à chegada do grosso, tornou-se imperativo montar-se uma ação em força para dominar a linha. E a operação decorreu da seguinte maneira: OSÓRIO lançou-se com o seu 3.º C. Ex. para abordar o flanco direito da defesa paraguaia, despontando o arroio, enquanto o 2.º C. Ex. faria uma ação de fixação

Este C. Ex., porém, em vez de fixar as forças comandadas por Cabalero, engajou-se a fundo, sendo repellido com violência pela defesa inimiga, que lutou bravamente, e se conduziu com eficácia e dinamismo. Houve fluxo e refluxo, foram feridos Argôlo e Gurjão, morto Fernando Machado, nossa infantaria recuou dizimada e em desordem, quando CAXIAS, à testa do 1.º C. Ex., desembainha a espada e grita para os nossos batalhões, que, desta vez, foi definitivamente vitorioso. (“Houve quem visse moribundos, quando CAXIAS PASSOU, erguerem-se brandindo espadas ou carabinas, para caírem mortos adiante”).

O inimigo retirou-se sem ser vigorosamente perseguido, deixando 1.200 mortos e feridos, alguns prisioneiros e 6 canhões, enquanto as nossas perdas subiram a 2.416 homens fora de combate. Se tivesse sido realizado em tempo o movimento envolvente de OSÓRIO, as tropas de CABALERO teriam sido dizimadas. Mas, infelizmente, só chegou OSÓRIO meia hora após ultimada a operação, por ter sido maior do que fôra prevista a distância a percorrer.

Nos dias 7 e 8 o 2.º C. Ex., permaneceu na ponte do ITORORÓ e o grosso — 1.º e 3.º C. Ex. — estacionaram no monte IPANÉ; no dia 9 todo o Ex. marchou para Porto IPANÉ, onde evacuou os feridos e recebeu abastecimentos por meio da Esquadra, e cobriu o desembarque das D. C. de João Manoel e de Andrade Neves.

Na manhã de 11 marchou o Ex. brasileiro contra o Gen. Cabalero, assinalado em posição nas margens do arroio AVAHY, com um efetivo aproximado de 8 Btls. de Inf., 5 RC e 18 canhões, totalizando cerca de 6.000 homens.

b) — AVAHY — 11 de dezembro

Derrotado em ITORORÓ, recebeu Cabalero ordem para deter CAXIAS no corte do arroio AVAHY, sendo, para isso, consideravelmente reforçado.

Onde pretendia o ditador paraguaio travar a batalha decisiva? NO AVAHY ou em ITA-IVATÉ?

Informado pela vanguarda de que a linha do AVAHY estava sendo defendida, determinou CAXIAS que a posição fôsse abordada em toda a frente, ao mesmo tempo que, percebendo não apresentar a defesa de Cabalero os flancos apoiados, decidiu-se a atuar no estilo clássico de CANNAE, ou seja, fixar os paraguaios frontalmente, o que fez com o 3.º C. Ex., e desbordá-los por ambos os flancos, a fim de cortar a sua retirada. E lançou o 2.º C. Ex. pelo flanco direito do inimigo e a 1.º D. C. pelo esquerdo. Quando percebeu o chefe que os dois flancos paraguaios estavam sendo envolvidos, lançou sobre o flanco direito o 1.º C. Ex. e a 5.ª D. C. que mantivera em reserva (na execução dessa magnífica manobra foi o bravo OSÓRIO ferido no queixo).

O inimigo foi completamente derrotado, tendo perdido 4.800 homens dos seus 5.000 ou 6.000 e foi aberta a possibilidade de as forças

aliadas ocuparem VILETA, nesse radioso 11 de dezembro, e restabelecer a ligação com a Esquadra, bem como reorganizar CAXIAS as suas UNIDADES nessa região.

c) — LOMAS VALENTINAS — 21/27 de dezembro

Na fase final da luta, qual era a distribuição das forças paraguaias?

Guarneciam ANGUSTURA 2.000 homens sob o comando de Thompson; defendiam o corte do PIQUICIRY 3.000 homens, e ocupavam a posição organizada de ITA-IVATE os 9.000 restantes, sob o comando de Resquin.

Para enfrentar essa articulação de López, CAXIAS decide: cobrir-se na direção de ANGUSTURA com a 5.^a DC; atacar a linha de PIQUICIRY com a 1.^a DC reforçada, ligando-se às forças de PALMAS, e atacar com o grosso das Forças Terrestres a posição de ITA-IVATÉ, chave de todo o dispositivo paraguaio.

Nessa linha de ação estão patenteados, notavelmente, os princípios do objetivo e da economia de forças, observa-se a importância relativa dos diferentes objetivos selecionados, e os meios empregados em sua consecução: na cobertura, 1.000 aliados contra 2.000 paraguaios; para o ataque secundário da linha do PIQUICIRY destina 3.000 homens da 1.^a DC contra outro tanto do inimigo e, finalmente, na ação decisiva lança 15.000 brasileiros contra 9.000 paraguaios de Resquin.

Foram necessários 3 violentos ataques para conseguir-se bater e aniquilar definitivamente o inimigo: o primeiro foi desencadeado a 21, quando atacou Andrade Neves com seu grupamento de Cav. (2.^a e 3.^a DC, e 9.^a B de Cav) o inimigo em POTREIRO MRNOL, para cobrir o ataque principal, que partiu às 15.00 horas contra ITA-IVATÉ, ao mesmo tempo que a 5.^a DC fazia a cobertura face a ANGUSTURA. O ataque dos 1.^o e 2.^o C. Ex. adentra-se pela noite e pouco êxito obtém diante da heróica resistência dos guaranis, enquanto o grupamento de Mena Barreto consegue pleno êxito no ataque à linha do PIQUICIRY.

A 25, novo ataque foi realizado contra os paraguaios, reforçados com mais de 1.600 combatentes vindos de ASSUNÇÃO, o qual pouco progrediu. Finalmente, o golpe decisivo foi desfechado a 27, partindo em primeiro escalão o destacamento de PALMAS, e foram completamente batidas os remanescentes das forças de López, que conseguiu escapar, em seguida, por uma picada, com um pequeno grupo de 60 paraguaios que o defendiam.

A 30, depois de intimada, rendeu-se a guarnição de ANGUSTURA, composta de 1.200 homens e 16 bocas de fogo.

CAXIAS encaminha, sem demora, embarcada, a Bda. Cel. Hermes da Fonseca para ocupar ASSUNÇÃO, que é tomada na noite de 1.^o de janeiro de 1869, após a fuga de 100 ou 200 homens que nela se encontravam. Ao alvorecer de 3 de janeiro, o Ex. aliado abalou de

VILETA e entrou em ASSUNÇÃO no dia 5 do dito mês. Estava concluída a guerra para o Grande Chefe que alquebrado por achaques, solicitou substituto para o comando e regressou à Pátria, coberto de imorredouras glórias, aos 19 de janeiro.

VII — CONCLUSÃO

Nessa manobra completou-se, indubitavelmente, CAXIAS como Chefe e Condutor de homens : rápido, audacioso e heróico, percebendo que o fator tempo era decisivo para o aniquilamento total do adversário, imprimiu velocidade às suas ações, repartiu judiciosamente os seus meios, por forma a torná-los flexíveis, em condições de atender aos imponderáveis da execução do combate e respeitou religiosamente o princípio do objetivo.

E mais, na combinação de atitudes e direções e ritmo da manobra, os movimentos para a BATALHA do PIQUICIRY apresentam-se como autêntico Risco Calculado. De fato, foi uma cartada decisiva do Comandante quando :

- condicionou o êxito da marcha de flanco a uma estrada que teria de ser construída em menos de um mês e que só poderia ser utilizada no mês de novembro, de vez que em dezembro ficaria submersa;
- afastou-se da sua base de operações e colocou o grosso de suas forças entre o exército inimigo e o seu centro vital, cortando-lhe de início as linhas de transporte;
- lançou-se heróicamente pela ponte de ITORORÓ para dominar o inimigo num combate frontal, quando a ação de flanco retardava.

E todos os princípios de guerra — o do objetivo, o da ofensiva, o da surpresa, o da economia de forças e da massa, da concentração dos meios, da coesão, da disciplina, da mobilidade, da flexibilidade — foram judiciosas e oportunamente empregados, e o inimigo totalmente aniquilado.

E CAXIAS foi consagrado dentre os mais notáveis generais de todas as épocas.

Glória eterna ao PATRONO DO EXÉRCITO BRASILEIRO !

Glória aos Chefes de todos os escalões do Ex. e da Marinha de Guerra, que cooperaram com êle brava e eficientemente !

Glória aos bravos marinheiros e soldados do Brasil, que galgaram o altar da imortalidade na memorável BATALHA DO PIQUICIRY !

FORTALEZA, 19 de dezembro de 1968

AUTORES CONSULTADOS :

Tasso Fragoso, HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE A TRÍPLICE ALIANÇA E O PARAGUAI.

Genserico de Vasconcelos, CONFERÊNCIAS.

Almerino Raposo Filho, A MANOBRA NA GUERRA.

canto de página

Ulisses VIANA

O prof. Antônio Martins Filho, que exerceu o cargo de reitor da Universidade do Ceará, está empenhado, agora, na criação da Universidade do Cariri. Ninguém, de bom senso, pode subestimar o valor desse cearense dinâmico e voluntarista. Homem de origem modesta, notabilizou-se no seu Estado como intelectual de conceito comprovado. Sua família, originária do Cariri, projetou-se no cenário nacional em função da própria inteligência. Fran Martins, Cláudio Martins, Martins D'Álvarez e outros se incorporaram à história da intelectualidade nordestina pelos seus méritos de homens devotados ao estudo e ao trabalho.

A criação da Universidade do Cariri já era um sonho acalentado pelos habitantes de Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão Velha, Jardim, Brejo Santo, Santanópolis e vários outros municípios situados em Pernambuco, Ceará, Piauí e Paraíba.

É cometimento de larga significação para todas as comunidades fixadas numa região geo-econômica que vem se desenvolvendo a passos de gigante. No Crato, por

exemplo, encontramos figuras de relevo que aderiram a esse movimento de redenção cultural. Respira-se, ali, uma atmosfera de renovação efetiva. Homens da estirpe de J. Figueiredo Filho, Pe. Gomes de Araújo, José Newton Alves de Sousa, Anibal Viana de Figueiredo, Jefferscu de Albuquerque e Sousa, Pedro Felício Cavalcanti, Antônio de Alencar Araripe, José Peixoto de Alencar Cortez, José Stébra de Oliveira e tantos outros elementos de valor estão forjando, com o seu esforço e dinamismo, uma nova era de progresso, dentro da filosofia revolucionária que vai se arraigando no espírito dos núcleos sociais radicados no interior.

O Governo do Estado está solidário com essa campanha de integração caririense no conjunto de iniciativas arrojadas responsáveis pelo crescimento das atividades emanadas do Governo Federal.

Depois de estabelecidas as bases para a implantação da novel entidade de ensino superior, acreditamos firmemente na conquista de outras vitórias obtidas à custa da influência universitária no seio da coletividade regional. A idéia foi

Tipografia? só a do

C A R I R I

O GRILLO

I

Felizmente encontrei aquele grilo
Que cantava de noite e até de dia,
E que constantemente me fazia
Perder a calma e o sono com seu trilo.

Matei o bicho de um só golpe. Fi-lo
Sem remorso sentir, só alegria!
E vendo-o morto, para mim dizia:
— Agora sim! eu dormirei tranquilo.

Nunca mais ouvirei do grilo o canto
Que me irritava e incomodava tanto
E me fazia quase enlouquecer.

Vou dormir sossegado toda noite,
Sem ter mais nenhum grilo que se afoite
A vir meu justo sono interromper.

JOÃO ALVES ROCHA

O GRILLO

II

Não pude mais o sono conciar,
Desde o momento que impensadamente
Tive a triste lembrança de matar
O grilo, que cantava tão contente.

Toda a noite passei a lamentar
Meu ato treloucado, inconsciente
Sem conseguir os olhos despregar
Do grilo, que jazia ali presente.

Se eu pudesse dar vida ao pobre grilo,
Nem que me ensurdescesse com seu trilo
E em meu quarto cantasse noite e dia,

Sentir-me-ia, é certo, bem feliz!
Não faria jamais isto que fiz:
— Nunca mais outro grilo mataria.

JOÃO ALVES ROCHA

lançada como, de resto, são plantadas as sementes vigorosas em terreno fértil. Germinando com ímpetuosidade e recebendo o cultivo de abalissados administradores é evidente que a árvore se desenvolva, em todas as dimensões, oferecendo frutos de inigualável sabor.

Acreditamos na atuação notoriamente fecunda de cidadãos identificados com o seu meio. Muito se deve ao trabalho qualificado dos jovens habitantes do Cariri e a eles rendemos nossas homenagens de confiança e fé no futuro da região.

Com Antônio Martins à frente do revolucionário movimento de

independência cultural, o povo caririense experimentará emoções novas, dentro de um processo irreversível de realizações objetivas aparecendo, no seu bôjo, a consciência reformista daqueles que permanecem fiéis aos desbravadores do passado.

Ninguém pode ficar indiferente a essa batalha ciclópica que vem se afirmando como elemento propulsor do progresso. Os habitantes do Cariri foram bem preparados para embates de tal porte e a objetivação dos ideais reformistas está ao alcance de todos os bons nordestinos.

D. P. 25.08.68

235 horas de ônibus

Idas e vindas, por esse Brasil afóra, por via aérea, por terra, atravessando o S. Francisco, desde o barco a vela, tão pitoresco, até sôbre a grande ponte entre Petrolina e Juazeiro da Baía! Estuda-se geografia, decoram-se os quilômetros, ensinam na escola que certos estados são maiores que muitos países da Europa. Vã rodar, já não digo do norte, mas do nordeste sofredor e desprezado dos governos, até o Rio Grande do Sul. Passe por zonas cultivadas do Ceará, entre no sertão pernambucano, atravesse a Baía, onde, no verão, existe verde, só nos cactos e juazeiros. O resto, vegetação rasteira, tocada pelo sol. Minas, onde a mão de J. K. construiu ótimas estradas. A paisagem montanhosa, intercalada de vales com aldeias de igrejazinhas brancas, é mais agradável à vista. O estado do Rio que o Criador se esmerou, desde as praias, aos recantos mais longe da Guanabara. S. Paulo e o progresso. Paraná, Sta. Catarina, Rio Grande do Sul. Em todo o percurso, rios, pontes, coxilhas, montanhas verdes e azuis, vales e pampas alcatifados de capim verde, sem fim, porque limitam com céu no horizonte. Atravesse tudo isso rodando quase que dia e noite e você, nos limites com o Uruguai, dirá: Uf! Como o Brasil é grande!

José de Figueirêdo e eu nessas últimas e prolongadas férias, resolvemos ir mais longe. Essa vontade de andar, de conhecer terras, que meu esposo herdou de algum judeu remoto, tem-me feito arrumar, em cada passeio, 8 ou 10 vezes as malas, o que é pior do que todo o incômodo das viagens. Parece que pegou em mim esse gosto

porque não penso nunca no desconforto, em nossos *freges* de beira de estrada, até mesmo no norte de Minas. Lembro-me apenas que vamos viajar.

Ver o filho Cauby que se mudou com a família para a Paulicéia, variar a vida de trabalho e a monotonia das coisas conhecidas, desde que abrimos os olhos para o mundo!

Tudo isso e mais conhecimentos de coisas e de gentes, para Figueirêdo Filho, que observa, que guarda e depois passa para o papel, com as considerações de sociólogo e historiador, é coisa boa e útil. Levo comigo, caderneta e lapis. Vou anotando o que vejo, fazendo espécie de diário, com datas fornecidas por êle. A sequência dos fatos, também êle quem me recorda, porque é dotado de memória prodigiosa. Eu, que fico embevecida com paisagens no campo, com arte e belezas nas capitais, nunca sei ao certo, o que se passou, pela manhã, ao meio dia e à noite de nossas temporadas de férias. Isto é férias do escritor e professor. Eu, para falar a verdade, não tenho férias. Acompanho-o nessas caminhadas, deixando atrás, um rosário de coisas que uma casa e uma família exigem da pobre mortal.

* * *

Não vou destrever viagens já faladas em "No Asfalto e na Piçarra".

Apenas contarei as horas e as 8 empresas de ônibus que nos transportaram em nossa última aventura: VARZEALEGRENSE do Crato ao Rio. ÚNICA, PLUMA, SÃO JOSÉ DO RIO PARDO, ONDA INTERNACIONAL, BUENOS AIRES TURIS, MINUANO, REAL CARIARIENSE.

Na Guanabara, paramos dias muito agradáveis, em companhia de nossos parentes que são hoje a família Aguiar, cujo chefe, Dr. Ilkens Almeida de Aguiar, alto funcionário do Banco do Brasil e das melhores pessoas que conheço. Sisudo ao extremo, homem de pouca conversa e muita palavra. Desde que recebeu por esposa, minha cunhada Lili, por uma manhã chuvosa, na capela do Colégio Sta. Teresa de Crato, nunca lhe notei uma falha no caráter.

Do Rio a São Paulo, empresa "Única". Tudo mais civilizado, ótimos hotéis. Faz gosto, saltar do ônibus, mesmo com frio e neblina, entrar nessas hospedarias, onde há asseio e boa comida.

Demora de um mês em S. Paulo, matando saudades do filho Cauby e sua família. Na folga do sábado e domingo, ele nos leva a belos passeios, em clubes campestres, almoços em restaurantes no meio de árvores, com lagos e jardins. Os três netinhos se divertem e a gente respira o ar benéfico dos eucaliptos, a limpar os pulmões da fumaça das fábricas e transportes da imensa e bela capital.

Rumo ao Rio Grande do Sul, empresa "Pluma", não tão leve, mas confortável, aproveitando uma noite e entrando pelo dia até à capital gaúcha. Gostei de voltar à Porto Alegre. Cidade bonita, movimentada e simpática. Bem merecido o nome que lhe deram. Dois dias com amáveis parentes. O

chefe da família, velho médico, também Figueirêdo Filho, saiu da terra, aos 18 anos, quando meu esposo ainda não havia nascido. São seus parentes, mas considero-os como meus, porque, essa gente tão boa, tão bem posta na vida, que nos era completamente desconhecida, trata-nos com tanto desvelo, como se tivéssemos sempre convivido com eles.

* * *

Numa tarde fria, tomamos passagem de ida e volta, na Agência Turis Sul, com tempo indeterminado, em ônibus da empresa "Onda" Internacional que nos conduziria ao Uruguai.

A coisa é bem organizada. Passagens de ida e volta, incluindo um trecho a bordo, até Buenos Aires. Nunca uma trapalhada, tudo certo, tudo correto.

Entramos em Chui, limites do Brasil com o Uruguai. Apenas caderneta de Identidade. Começou aí o nosso regime de sal. Nesse país e na Argentina, tudo é ensôso. Como na Europa, vem o sal para ser adicionado, na mesa, ao gosto do freguês. Resultado: um pedaço salgado e outro não.

Tinhamos saído do Rio Grande, terra do bom churrasco, ainda com o sabor desse prato, ou desse espeto gaúcho e caímos na tolice de pedir a mesma coisa. O hotel de aparência mais ou menos e da pior cosinha por onde tenho andado.

Pouca demora, porque os cruzeiros já haviam sido trocados, em Porto Alegre, por pêsos uruguaios e argentinos.

Cidades pequenas, construções feias e baixas, parecendo caixas de papelão. Ausência de pintura nas fachadas.

Continuando a avistar pampas e bosques de pinheiros e eucaliptos, onde se vê grande quantidade de gado a pastar, viajamos por bonitas rodovias asfaltadas, ladeadas de árvores e até palmeiras plantadas.

Parte de Montevidéu, a alamêda segue em procura da praia, para Puenta del Leste. Já quase anoitecendo, muitas outras estradas alfartadas e arborizadas, na mesma direção, umas iluminadas e com bonitas residências campestres.

Ao aproximar-se a capital uruguaia, são lindos os bairros residenciais. Todas as casas de construção moderna, com jardins floridos e sempre no meio de bosques de pinheiros.

Já era noiteinha, quando entramos pela praia. Grande cidade Montevidéu, com a marca do esplendor antigo.

A iluminação deficiente, não permitia a visão das belas fachadas em estilo europeu. Tive a impressão de uma terra de economia forçada.

Afinal, paramos em frente da rodoviária, em praça arborizada, no centro da cidade.

O carregador apossou-se, de tal maneira, de nossa bagagem que ficamos atordoados.

José deu o nome do hotel "Los Angeles", para onde pretendíamos ir. Ele leva-nos, às pressas, mesmo a pé, por ser muito perto. Duas quadras depois, entramos em uma rua escura e ao chegar em frente, vi que não era o de nossa escolha. Casa antiga, sem número e sem placa. Apavorada, subimos por uma escada de mármore, num corredor estreito. Muito drama teatral na imaginação. Cenas de assalto, roubo, etc.

Vi que ali, estávamos sem ne-

nhuma garantia. E quando o gerente, todo sorridente, nos conduziu ao quarto de fechadura desmantelada, perguntei-lhe: — Há muitos hóspedes nesse hotel? Resposta em castelhano: — Não, madame, está vazio". Mais aumentou o meu pavor. José, que está bem em toda a parte, muito calmo e sem assombro, conversava animadamente com o tal gerente, numa mistura de português e castelhano. Era um capitão do exército, aposentado, que exercia as funções de porteiro e gerente. Boa palestra. Emprestou livros a José que, bem contente, começou a ler.

Nessa noite de péssimas impressões, dormi a custa de Mandrix, maldizendo Montevidéu e sua tristeza escura.

Com o clarão do dia, as coisas melhoraram. Apressamo-nos em descer para o café, em restaurante perto. José contratou taxi para apanhar nossas coisas no hotel e nos levar à agência da "Onda", onde depositamos a bagagem no guarda malas.

Tomamos outro taxi e passamos a manhã rodando pela cidade e suas bonitas praias. O chauffeur, palrador e simpático, ia mostrando os belos edifícios públicos, as largas avenidas e tudo mais que contém a bela capital, em construções antigas e modernas.

* * *

Duas horas e meia, no mesmo transporte, até Colonia, porto do Uruguai, que o liga à Argentina na parte mais estreita do estuário do Prata.

Entramos curiosos no barco inglês, moderno e rápido, a 70 quilômetros por hora. Tão estável, como se as confortáveis poltronas vermelhas estivessem fixadas à

terra. Moças, em uniforme, serviam café, crush, chicletes e cigarros. Bonitas e gentis.

Nada pude observar pelas vigias. Se não soubesse que era o Prata, diria ser o Atlântico. A garôta tomava conta de tudo.

Os sacos plásticos, para indisposição, ficaram intactos no dorso das poltronas. Não vi ninguém com cara de enjôo. Apenas alguns sonolentos, aproveitando o bem estar do ambiente. Pouco mais de uma hora, lá estávamos, através da garôta, as silhuêtas brancas dos edifícios de Buenos Aires.

Todos olharam e eu senti o coração bater, não sei se de surpresa ou um pouco de temor do desconhecido.

Por escadinhas e passadiços desembarcamos no porto fluvial do Allimar — Alisfafo.

Preenchidas as formalidades — revisão de papéis, apresentação de caderneta de identidade e atestado de vacina internacional, impôsto de permanência, reviramento das malas que, já cheias, quase não fecham mais, tomamos um taxi.

O chauffeur, um pouco aleijado, vivo e conversador, foi nos mostrando o que havia de belo e importante no trajeto, do porto à avenida De Mayo, onde nos deixou no hotel.

Enorme edifício antigo, como todos dessa avenida, centro de Buenos Aires. Apesar de não ter todo o conforto moderno, pois da calefação existiam só, canos sem calor, numa temperatura que chegou, um dia a 2 graus, acima de 0, era um quarto vasto, com porta muito alta e envidraçada, numa sacada que dava para a grande avenida, movimentada e silenciosa. Já sabia que na capital argentina os carros não buznavam e as pessoas falam baixo nas ruas. À noite, que

o movimento é quase o mesmo, ouve-se apenas o ruído surdo das rodas no asfalto.

* * *

Tínhamos deixado em Porto Alegre nossos cunhados Lili e Ilkens. Faziam uma excursão mais prolongada, passando pelo Vale do Itajaí. Gczavam dois meses de férias. Não sabíamos quando estariam na Argentina. No dia de nossa chegada, José se lembrou de mandar, pelo mesmo chauffeur que trabalhava no porto, um aviso aos nossos parentes, para um possível encontro.

Escrevi o nome do Ilkens, nosso endereço e assinei meu nome. Nunca pensei que aquêle pedaço de papel chegasse ao seu destino. O chauffeur prontificou-se a procurar a pessoa indicada, de quem lhe pintamos o retrato.

Dois dias depois, quando recebíamos, na portaria, a chave de nossa "habitacion", no "2.º piso", lá vinha o casal, saindo do elevador. Grande a surpresa, maior o abraço.

Por incrível que pareça, numa cidade tão grande, a 7.ª do mundo, esse recado foi entregue à pessoa indicada.

Por isso e outras coisas, vimos, como os portenhos são prestativos e amáveis.

* * *

O turismo em Buenos Aires é cultivado com carinho. Creio ser grande fonte de rendas, porque veem-se estrangeiros por toda a parte. No centro da cidade, muitos marinheiros. Lia-se no boné "Marinha do Brasil". Faziam compras pelas lojas e desenferrujavam as pernas pelas grandes avenidas.

No porto do Prata, havia parte

da esquadra brasileira, com a nossa bandeira tremulando, à brisa do rio-mar. Outros grandes navios, alemão, italiano, norte americano, também ancorados no Porto Novo.

Vimos o que foi possível naqueles dias que passamos na bela capital.

O hotel servia apenas para nos abrigar. Cada dia, em restaurantes diferentes, quando não tomávamos as refeições, mesmo nos longos passeios. O ônibus de turismo apanha os passageiros, à porta do hotel e os traz de volta, da mesma forma.

Em cada um, uma agência na portaria. Paga-se a inscrição e à hora prefixada, o guia, gentilmente, leva os passageiros para a excursão que se escolheu.

"Volta pela cidade" explicação do guia sobre portentosos monumentos, prédios públicos, embaixadas dos diversos países. Funcionam essas, nos mais lindos palácios, com enormes jardins. Pertenciam, antigamente, a 100 famílias riquíssimas, no esplendor do século passado. A Casa Rosada, o Cabide, o Congresso, Palácio Municipal, o Teatro, cópia da Opera de Paris.

"Excursão no Tigre". Rodando pela avenida Rivadavia, com seus 35 quilômetros de comprimento, vê-se a praça "Simão Bolívar". Observa-se coisa interessante e nunca vista. É o ponto de troca de gatos, cães, revistas, selos e moedas.

Passa-se por três cidades, já ligadas à capital. Toma-se um bote a motor em um dos 320 canais que vão ter ao estuário de Prata. Cento e tantas ilhazinhas, todas com verde gramado, sempre os altos e esguios pinheiros, casinhas de madeira pintadas, para vereneio, quase todas com nome de mulher: Leonor, Zita, Cecilia, etc.

Assou 'tremo o rãssap osoio!lep x barquinho, olhando de um lado e outro, tôdas essas residências ajardinadas e muitas delas com um bote amarrado à escadinha para o canal. É o meio de transporte das pequenas ilhas.

De volta, ao entrarmos na Corrientes, tão falada nos velhos tempos, o guia, sempre solícito em mostrar o que há de belo na capital argentina, disse ser a avenida mais elegante onde ficam os teatros, restaurantes, hotéis, cinemas, boites mais modernos e também, frizou êle, "a da maior perdição". É um dos centros da vida noturna de Buencs Aires.

No meio da vasta avenida, cruzando com a "9 de Julho", a mais larga do mundo, sob a qual, há garagens subterrâneas, está plantado um obelisco de 60 metros, comemorando a Independência.

Há um culto especial pelos heróis libertadores. Por tôda a parte o nome "San Martin"

Na Catedral, com fachada em estilo grego, 12 colunas simbolizam os 12 apóstolos, nota-se ao lado a chama de uma pira. Em visita que fizemos ao grande, monumental e bellissimo templo, na nave esquerda, vê-se uma espécie de capela.

Portão de ferro trabalhado, tendo, de cada lado um guarda de luvas brancas, enfarpelado, como os Dragões da Independência, nas paradas de 7 de Setembro do Rio, ou os guardas do Vaticano. Dentro e no centro, o rico mausoleu do General San Martin. Outros, menos suntuosos, de grandes generais daquela época.

Em uma das visitas de turismo, fomos à "La Boca". É um dos lugares do folclore argentino. Conservam a rua de casas de zinco, pintadas de cores vivas. Em uma dessas construções feitas, em pou-

co tempo, para abrigar imigrantes, no começo do século nasceu o maior compositor de tangos que se celebrou no mundo inteiro com "Caminito". Era um pobre rapaz argentino, carregador de sacos no Porto Velho.

A avenida, à margem do Prata, mede 30 quilômetros de comprimento. E o Porto Novo, que abriga os maiores navios do mundo.

Depois, o "Parque Palermo". Esse grande e bellissimo recanto, onde a poesia, a arte e o bom gosto dos governantes, fizeram um lugar encantado.

Jardins floridos, lagos com cisnes brancos, pontes e grama, a perder de vista. Arvores e trepadeiras em belos caramanchões. No meio, o "Jardim Andaluso". Tem-se a impressão de estar em plena Espanha. Azulejos antigos e coloridos, varandas com flores de ferro, bancos no mesmo estilo, tanque azulejado, cercado de flores. Tanta coisa deslumbrante! A gente, embevecida, tem vontade de parar, naquele silêncio delicioso. Mas, o guia, sempre anda para a frente, a nos apressar, quebrando o encanto daquele paraíso.

O material desse "Jardim Andaluso" veio todo da Espanha. Foi um presente do alcaide de Sevilha, ao alcaide de Santa Maria de Buenos Aires, em tempos remotos.

Algumas vezes viajamos pelo Metro subterrâneo, barato, sem perigo de atropelamento, onde viaja, desde o mais humilde, até pessoas as mais bem vestidas. Aliás é uma coisa que chama a atenção do visitante. Em Buenos Aires, senhoras e cavalheiros são elegantes, e quase sempre bonitos. Ruas e ruas só de vitrines de roupa masculina, sobretudo para a estação fria, cada qual mais alinhada é bem talhada. Inúmeras casas de

calçados. É justamente o produto do país. Couro e lã. Muito mais barato do que em Porto Alegre ou S. Paulo. Minha cunhada Lili e eu que adoramos olhar vitrines, ficamos encantadas com a rua Florida.

* * *

De todas as excursões, a melhor e mais animada foi "Festa Gaúcha". No mesmo ônibus Buenos Aires Turis, quase só brasileiros, alguns franceses e americanos.

Quase 2 horas de viagem, com explicações de Helena, a moça argentina que, dessa vez, servia de guia. Depois de percorrermos grande parte da cidade, entramos na avenida, ao lado do Prata. Passamos em frente do Parque Palermo. Entramos na zona industrial. Observamos nesse trajeto, conjuntos de prédios de 6 andares, mais ou menos. Habitações, de preferência das pessoas mais pobres que vivem em casebres. Pelo menos, por onde passamos, não tivemos ocasião de ver favelas e mucambos. Um pouco à frente, várias piscinas, mais do que olímpicas, para o público, depois de ligeiro exame médico. Sempre avistando prados verdejantes, chegamos ao término da excursão.

Um restaurante rústico, "Mangrullo". No enorme salão, longas mesas rodeadas de senhoras e cavalheiros, até crianças. No centro, a churrasqueira fumegante, aquecendo o frio intenso daquele dia. Lá fora, numa larga e extensa varanda, outras tantas mesas repletas de gente. Para a nossa caravana foi destinada a que ficava em frente ao palanque, onde se realizaram danças gaúchas, de moças e rapazes, em trajes típicos. Uma orquestra paraguaia, cujos componentes, tipo perfeito, de índios, es-

tavam vestidos de ponchos de cores vivas. Cantaram e tocaram guaranias sentimentais, em castelhano e guarani, com solo de harpa, acompanhados de guitarras paraguaias.

O churrasco, (parilla) fumaçando em depósitos de ferro, salada de verduras, pastéis de carne e outros recheados de milho verde. Tudo era delicioso! Dessa vez a comida tinha sal.

Em nossa mesa, a mistura de português e castelhano. Só uma americana ria a valer, já tocada pelo bom vinho que corria à vontade, sem nada entender.

Ikens e um oficial da marinha brasileira ainda conversaram um pouco com ela.

Desnecessário seria, pois o vinho só, teria se encarregado de alegrá-la.

Começaram os boleros pelos mexicanos e as músicas populares, em voga no Brasil, essas cantadas em português. Era uma caravana de Guadalajara. Os mais barulhentos e animados de todos os presentes.

A tarde, regressamos à cidade, reunidos as duas caravanas em um só ônibus, continuando os cânticos, a alegria e a palhaçada do velho e querido Pancho, que, já bem alto, dançava pelo meio do carro.

* * *

No centro da cidade, percorremos as largas e movimentadas avenidas, e ruas arborizadas, de jacarandás onde há sempre população bem vestida. Na Primavera todas essas árvores ficam cobertas de flores lilazes.

No "De Mayo", onde ficamos hospedados, via-se, de um lado a Casa Rosada, do outro o imponente edifício do Congresso, com sua cúpula magestosa.

Assistimos, no Teatro "San Mar-

tin", na avenida do mesmo nome, uma peça da brasileira Lucia Benedetti, traduzida para o espanhol, com músicas e danças de nosso país. Perfeita interpretação, cenário magnífico, sambas tão bem dançados, como dança o malandro do Rio de Janeiro. Fomos convidados pela folclorista argentina Silvia Tadei.

* * *

Os dias passaram rápidos.

Na agência, onde regularizamos as passagens, ônibus da cidade nos levou ao porto do Aliscofo, para o retorno até Colonia. No transporte da "Onda", até Montevideu.

Dessa vez tudo correu bem. Fiz as pazes com a capital uruguiaia. Hospedamo-nos no "Los Angeles". Bom hotel, no centro da avenida "18 de Julho" onde galerias de belos objetos e ricas vitrines de joias, fazem contraste com a dificuldade financeira porque está passando o país.

Alguns passeios pela cidade e novamente o mesmo transporte da "Onda", passando por bonitas praias, até a fronteira.

Entramos afinal no Brasil.

A mesma paisagem de pampas e gado pastando. A grande ponte, perto de Pelotas e, na cidade, a lembrança do bispo cearense, D. Joaquim de Melo e de seus padres, Mons. Esmeraldo e Mons. Silvano, nossos conterrâneos. Deram êles, muito de sua contribuição, àquela gente do sul.

Para chegar à Porto Alegre maior ainda a ponte sobre o rio Guaíba. Desse lado, tem-se a mais bela visão da capital gaúcha.

Dois dias com os parentes, depois, rumo a S. Paulo, no "Minuano".

Ainda alguns dias com Cauby e família, novas visitas aos parentes,

NOVA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO CRATO

CIRCULAR 1/69

Crato (Ceará), Janeiro de 1969

Prezado s) Senhor(s)

Temos o prazer de comunicar a V(v) S(s) que tomou posse no dia 5 do corrente, às 10,00 horas em nossa sede social, Palácio do Comércio, a diretoria desta entidade eleita no dia 08 de Dezembro p.p. para dirigi-la no exercício de 1969.

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente	—	THOMAZ OSTERNE DE ALENCAR
Vice-Presidente	—	Dr. JOSÉ ALENCAR ARARIPE
1.º Secretário	—	MANOEL WILSON DE SOUSA
2.º Secretário	—	GERALDO ALVES FORMIGA
1.º Tesoureiro	—	LUIZ GOMES DE OLIVEIRA
2.º Tesoureiro	—	FRANCISCO ELY MENEZES
Diretor Social	—	EDMILSON ALVES DE SOUSA
Diretor Bibliotecário	—	JOSÉ CORIOLANO DA SILVA
Diretor Estatística	—	WAGNER GONDIM DE FREITAS

DIRETORES

HUMBERTO MENDONÇA
PAULO CAVALCANTI
Dr. JOSÉ JUSTINO DE OLIVEIRA

COMISSÃO FISCAL

JOÃO CORREIA VILAR
ANTÔNIO SEBASTIÃO SOBRINHO
ESMERINDO TAVARES DE SOUSA

Esperando esta diretoria continuar merecendo o apoio e atenção com que V(v) S(s) sempre dignou(aram) honrar e distinguir suas antecessoras, expressa, neste ensejo, os protestos da alta estima e consideração.

Atenciosamente

MANOEL WILSON DE SOUSA THOMAZ OSTERNE DE ALENCAR
1.º Secretário Presidente

cinemas, passeios, compras, finalmente a última etapa de nossa longa excursão.

O "Real Caririense" nos conduz ao Ceará. No percurso, nota-se a diferença entre os companheiros de viagem. Nos ônibus do Sul, as noites silenciosas, ouvindo-se apenas o rodar do carro no asfalto. Nos do Nordeste, conversa em tom alto, gargalhadas, anedotas e tudo mais que contribui para uma noite em claro.

A maior parte, são pessoas que veem de férias de trabalho, ao Ceará. Loucos de saudade da terra, mas com intenção de regressar a S. Paulo, onde, no dizer de alguns: "Lá, se trabalha muito, mas, veste-se bem e come-se melhor".

Justamente com dois meses de ausência, terminamos, em nossa cidade do Crato, as 235 horas de ônibus.

Outubro de 1968.

Saudação...

Exmo. Snr. Embaixador da República do Senegal,

MONSIEUR HENRI PIERRE ARTHANG SENGNOR :

Sentimo-ncs sumamente honrados, em receber V. Excia., no seio da comunidade cratense, que é pedaço bem brasileiro dêste brasileiro Nordeste.

A pátria de V. Excia. surgiu, radiante, nesta nova constelação de nações africanas, que estão a revelar à civilização, com fatos irrespondíveis que não existe nenhuma raça inferior sôbre a face do planeta. É balela que caiu por terra, aos frangalhos.

O Senegal, presidido agora por êste poeta de renome universal — Leopoldo Sengnor criador de novo conceito humano do prêto — a NEGRITUDE, por duas vêzes contribuiu, para salvar o mundo civilizado. Entre 1914 e 1918, e, de 1939 a 1945, quando a insânia de magalômanos, imbuidos de superioridade racista, atirou milhões de dólico-louros, para escravisar a humanidade, o exército senegalês formou ao lado da muralha intransponível, que impediu que tal sonho insensato se concretizasse. Nos campos de batalha da Europa, ao sacrificar a própria vida, ninguém foi perguntar ao bravo soldado, qual a côr da sua pele.

Do continente africano, em tempos que, graças a Deus, já se foram, não nos chegaram homens livres, estadistas, escritores, estudantes, ou cientistas, procedentes de países livres também. Aportavam, do lado de cá do Atlântico, navios negreiros, infectos, pejados de pobres mortais, arrancados de sua pátria,

pela ganância desmesurada de brancos, em troca de míseras bugingangas.

Não é preciso repetir aquelas cenas dantescas, tão crua e magnificamente decantadas pelo estro do poeta máximo do Brasil — Castro Alves.

A mercadoria humana era desembarcada aqui, exposta em leilão público, vendida entre senhores, que a disseminavam em fazendas, mirreção e serviço doméstico. O látigo do cruel feitor cobria de feridas as costas de ébano do homem que não cometera crime algum. A mulher não tinha o direito de conservar a própria honra, patrimônio natural da mais humilde das criaturas humanas.

E assim mesmo, o negro pôde construir, com seu trabalho, suor e cultura, que trouxe da África, um Brasil grandioso, revolvendo a terra, dela tirando a cana para o engenho moer, com seu esforço também, o cereal, o café ou arrancando do sub-solo o minério encoberto pela ganga. O ameríncola só sabia manejar o arco ou o toco machado neolítico.

O africano, com sua experiência, foi o falcador infatigável das minas gerais. Era o pedreiro, ferreiro, o marceneiro. O branco passou a mandar e o negro a trabalhar em tudo. O indígena nativo foi sempre o frecheiro, atirado contra seus irmãos de raça.

A herança da escravatura foi tão nefasta para o branco, como

para o preto, como aconteceu em extensa zona rural brasileira, da mesma forma como no sul dos Estados Unidos da América. Citemos o genial negro — Booker Washington, escravo, criado em senzala e liberto pela coragem de Abrahão Lincoln, de suas "MEMÓRIAS DE UM NEGRO", páginas 12 e 13 :

"Não há dúvida de que, no lugar onde nasci, a escravidão fez a raça branca tornar-se irresoluta, perder a confiança em si mesma. Meu velho senhor tinha muitos filhos. Que eu sabia, nenhum escolheu uma profissão, nenhum se dedicou a qualquer indústria rendosa. As moças não entendiam de costura, de cozinha, de qualquer trabalho doméstico. Os escravos se encarregavam de tudo, mas não tinham interesse na fazenda, e a ignorância os impedia de fazer qualquer coisa com jeito. Por isso as cercas se estragavam, as portas rangiam ou saíam dos gonzes, os vidros se quebravam, o rebôco não se conservava, o pátio se cobria de ervas. De ordinário havia uma comida especial para os negros, outra para os brancos. Na mesa dos senhores, porém, faltava essa delicadeza, esse cuidado minucioso que torna o lar inglês o mais confortável, o mais atraente dos lugares. Esbanjam-se além disso, de maneira insensata, os alimentos e outros objetos.

Libertando-se, o escravo se achava tão preparado quanto o seu amo para começar um novo gênero de vida, menos na parte relativa à instrução e exercício da propriedade. O artigo senhor e seus filhos, sem profissão, estavam imbuídos da idéia de que o trabalho manual havia sido feito para eles.

Com os escravos dava-se o contrário: tinham aprendido algum

ofício e nenhum se envergonhava de trabalhar".

O negro, porém, não aceitou resignadamente condições tão miseráveis, nos engenhos, no eito, na mineração e nos cafésais. Rebelou-se contra a canga, com esse instinto natural de conservação de todas as raças. Cricu quilombos até mesmo às biqueiras da capital — Rio de Janeiro. O de Palmares, em Alagoas, resistiu mais de 80 anos às investidas de holandeses e depois, de portugueses. Veio a cair, pela cruzeza do sertanista Domingos Jorge Velho, que, de tanto prear selvagens, virou selvagem também.

Mas, houve exemplos de altruísmo épico. É o caso de Chico Rei, chefe de tribo africana, escravizado com sua gente e vendido, em Minas Gerais. Com a sobra de seu trabalho escravo, libertou a si próprio, e, depois outros familiares. Associando-se aos outros libertos, acabaram eles por adquirir sítio de mineração. Chico Rei, exemplo de inquebrantável força de vontade, própria de uma raça de titãs, acabou por edificar Igreja e palácio, que ainda perduram em Ouro Preto.

Mas, os negros acabaram por libertar-se, no Brasil, por movimento espontâneo do povo. O Ceará deu os primeiros passos nessa jornada de luz. Emancipou seus escravos quatro anos antes do Império. No meado do século passado, o deputado Pedro Pereira Silva Guimarães já advogava, entre seus pares, no Rio, sem qualquer êco, até insultado, a lei do ante livre, da proibição do tráfico nefando e da verda de escravos casados, em separado.

A nódoa finalmente foi lavada do organismo nacional, sem lutas. O cancro da segregação racial não

ficou, graças a Deus, entre nós, a não ser esporadicamente.

Na realidade, há ainda o problema sério do subdesenvolvimento a ser solucionado. Mas, ao lado do negro, em condições de baixo nível de vida, há caboclos, vindos de ancestrais ameríndios e brancos de sangue lusitano.

A miscigenação no Brasil. marcha em ritmo normal. A contribuição negra não foi só no trabalho construtor. Sentimos essa benéfica influência, em todos os campos da inteligência: nas artes, ciências, literaturas, folclore, esporte, entre heróis, e em tudo mais.

Não nos envergonha a diluição do bom sangue africano, a correr nas artérias, do brasileiro. de modo quase generalizado.

O pensador mexicano — José Vasconcellos vaticinou que o Brasil seria, no futuro a pátria da RAZA COSMICA. É o que já podemos ver no Nordeste e noutros pontos do país. E não será uma raça herdeira de taras e outros males preconizados pelos defensores da superioridade racial. Herdará exclusivamente as ótimas qualidades das raças principais que nos formaram.

A verdade, é que o sistema que criámos de respeito aos tipos raciais múltiplos, que nos procuram, não nos trouxe problemas cruciais, a serem agravados no futuro, a exemplo, do Alabama, Detroit, África do Sul e Rodésia.

O negro deu-nos a sua melhor contribuição, de sofrimento, inteligência e trabalho. O Brasil é dele também.

Vive perenemente, em nossa imaginação, aquela canção de ninar da mãe-prêta :

Desce Tutu
De cima do telhado...

Ainda somos Crianças para aquela que soube nos acalantar, em seus braços, com tanto carinho e amor.

Crato, portanto, não considera estranho a V. Excia., representante de uma República livre da África que nos formou, com tanta devoção.

(Palavras pronunciadas pelo Escritor J. de Figueiredo Filho, no banquete com que a Municipalidade do Crato recepcionou, no Crato Tênis Clube, em 20.08.1967, ao Embaixador do Senegal, na sua visita oficial à nossa Cidade).

IMPRESA FOCALIZA INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

"ITAYTERA", a Maior publicação de natureza cultural do Nordeste interior"

O jornal "associado" CORREIO BRAZILIENSE no seu Suplemento de Letras e Artes, dos mais apreciados do Brasil, publicou o seguinte tópico a respeito do Instituto Cultural do Cariri :

REELEIÇÃO — O escritor e folclorista José de Figueiredo Filho acaba de ser reeleito, pela décima quarta vez consecutiva, presidente do Instituto Cultural do Cariri, de Crato, a entidade, de letras de maior atividade do interior cearense e que edita, anualmente, a revista Itaytera, a maior publicação de natureza cultural do Nordeste interior. Integram ainda a diretoria do ICC o historiador Pe. Antônio Gomes de Araújo, vice-presidente; jornalista João Lindemberg de Aquino, Secretário Geral; Zuleika Pequeno de Figueiredo, Secretária, e Antônio Correia Coelho, Tesoureiro.

C O D E M A

COMÉRCIO DE MADEIRAS, Ltda.

MADEIRAS — COMPENSADOS — ARAME
FARPADO — FERRO — CIMENTO

MELHORES PRÊÇOS

MATRIZ: CRATO — RUA CEL. NELSON ALENCAR
FILIAIS: JUAZEIRO DO NORTE — IGUATU - CEARÁ

REPERCUTE EM S. PAULO ARTIGO DE FIGUEIREDO FILHO

ANALISANDO A REVISTA "ASPECTOS", DA SECRETARIA DE CULTURA DO CEARÁ, O SUPLEMENTO LITERÁRIO DO JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO, EDIÇÃO DE 22.06.68 FEZ O SEGUINTE COMENTÁRIO, RESSALTANDO TRABALHO DO PRESIDENTE DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI:

Repulsa ao recrutamento (Aspectos)

LIVIO XAVIER

Aspectos, publicação da Secretaria de Cultura do Ceará, no seu número 2, inclui, entre matéria de diverso interesse, um estudo do sr. J. de Figueiredo Filho, sob o título "Repulsa ao recrutamento. Versos populares que o condenam". Refere-se o autor inicialmente "ao arrebanhamento à fôrça de sertanejos para as guerras do Sul", chegando mesmo represália popular a assumir proporções de revolta como aconteceu na "Balaiada" nas províncias do Maranhão e Piauí, e não se esquece de excetuar da região o Rio Grande do Sul, onde por causa da situação de fronteira, sempre vicejaram os sentimentos marciais. Verdade é que o regime republicano, pretende o autor, instituindo as modificações sabidas no aliciaimento militar (o próprio sorteio, os tiros-de-guerra, o serviço obrigatório mas regular e até as isenções para o trabalhador rural) concorreu para suavizar a oposição do homem do campo ao serviço das armas. Mas, seja como fôr, o certo é que há ainda memória da calamidade que era o recrutamento para as armas imperiais. Refere o autor que o mais calamitoso para o Ceará foi o de 1825 que se destinava à guerra da Cisplatina: "... pegados a ferro e a fogo e embarcados, como bichos, sem assistência de qualquer ordem". De 2.150 cearenses morreram na viagem para o Côte 412 e 314 foram entregues aos hospitais, além de 58 extraviados. Não é sem razão pois o

sentimento de horror que ainda se esprei no folclore em relação ao "recrutamento". Naqueles tempos o poder temporal e o espiritual davam-se as mãos para a maior glória de Deus e do Imperador. As juntas e comissões de designação e recrutamento funcionavam nas igrejas. O que era semelhante ao que ocorre em todos os tempos é que os protegidos encontravam sempre meio de escapar do recrutamento. Era mesmo feição característica do domínio do partido que estivesse no poder (eram dois também) o vantagem suplementar de excluir os seus eleitores e amigos do serviço das armas.

O sr. J. de Figueiredo pôde identificar um poeta popular, cujos versos ainda correm no Cariri e, de certo modo, exprimem sentimentos atuais. É José Francisco, do Crato, o qual sem cerimonia alguma canta a covardia. Seria hoje o que se chama em língua esrtanha um "conscience objetor" ou em idioma pátrio uma testemunha de Jeová devidamente cassada. A estância citada pelo sr. Figueiredo merece ser reproduzida:

"Não me levem para a guerra,
"Não me façam essa surpresa,
"Pois eu não tenho natureza
"De ver meu sangue na terra.

"Deixem que eu vá lá pra serra
"Conviver com os macacos,
"Dormindo pelos buracos
"Sujeito à sede e à fome.

O BAIÃO NÃO TEM CRIADOR

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Estando em S. Paulo, no princípio de Setembro, do corrente ano, tive a oportunidade de ler, no veterano e conceituado órgão da imprensa "O ESTADO DE S. PAULO", pequena nota na edição do dia 7, a anunciar reportagem sobre Luis Gonzaga :

"BAIÃO — O criador do Baião — Luis Gonzaga, depós ontem no Museu da Imagem e do Som e criticou a música de protesto, dizendo que êste deve ser feito, mas com lirismo". Pág. 13 da secção — HOJE NO ESTADO.

O baião não tem dono. Seu criador perdeu-se na noite dos tempos. Faz parte do folclore autêntico. Medrou no seio da população nordestina, nos sertões bravios, na bagaccira, no corte de cana, nos brejos e nos pés-de-serras. Como seu nome bem o indica origina-se de BAIANO. Perdeu a terminação ano, com o acrescimo do ião, tão a gosto do falar português, notadamente nesta linguagem simples do sertanejo. No século passado os cronistas escreveram BAIANO. João Brígido e outros se expressavam assim. É dança e música. Não tem aculturação afro-ameríndia. Só nos últimos tempos, o baião primitivo recebe alguma influência das outras etnias que nos formaram, exceto a lusitana de onde procede. Veio-nos para o interior nordestino, através da penetração baiana e talvez da pernambucana. É a música que impera nos sertões, na viola dos cantadores, no Maneiro Pau, no Reizado e no Zabumba de Couro, ao lado de outros motivos, em menor proporção.

É dança rica em motivos coreo-

gráficos, tal qual o frevo recifense. Os pifeiros, zabumbeiros, caretás de reisados sabem o segredo de todos os seus passos. O Nordeste popular é impregando do baião primitivo.

Em meu desprezioso livro "O FOLCLORE NO CARIRI", dei, baseado em informações e na observação direta, o papel relevante do BAIÃO na vida nordestina. Há nêle o capítulo — NO REINO ENCANTADO DO BAIÃO.

Mas, Luis Gonzaga tem seu mérito, incontestável. Foi êle com sua sanfona e composições originaes e verdadeiro divulgador do baião, por este mundo afra. Conheço-o pessoalmente. É natural de Araripe, no município, pernambucano de Exu, vizinho ao Crato. Nunca se proclamou o criador da música e que se tornou o maior apologista e estilizador. Foi quem a disseminou tornando-a conhecida e apreciada no próprio Brasil e fora dele. Sem saber música teórica, á maneira de Agustin Lara, no México, difundiu, aos quatro cantos, os baiões que criou. É herói, na verdadeira expressão da palavra. Foi simples vendedor de farinha de mandioca nas feiras de Crato. Subiu do nada com sua sanfona e com o ritmo de sua terra. Diante da onda da música moderna, não se deixou abater. Continua com seu motivo musical que ele embelezou, estilizando-o, sem prejudiciá-lo e até procurando misturá-lo ac ie-ie-ie. Preparou um filho que lhe herdou as qualidades musicais para a música moderna. Mas, não recuou. Está presente a evolução da música popular brasi-

"PADRE CÍCERO — MITO E REALIDADE"

PEDRO GOMES DE MATOS

Antes de mais nada, "Padre Cícero — Mito e Realidade" (Editora Civilização Brasileira, 584 págs.), de Otacílio Anselmo, é uma obra de mérito, de muito mérito. A rigor, não se trata de obra de interpretação sociológica ou psicológica. Porém se biografia é a história de uma vida, pode dizer-se que a vida do Padre Cícero aí está descrita, da infância à velhice. Embora Otacílio Anselmo escreva com indisfarçável atitude interior, tudo quanto ele afirma é calcado de modo geral, na melhor massa documental.

Sou em que até agora não se reuniu em volume sobre a discutida figura do Patriarca de Juazeiro tão vasto documentário. O interesse de Otacílio Anselmo na minúcia, leva-o a digressões, a desbordamentos de todo desnecessários. Daí, resulta a amplitude do contexto, que chega a desapontar o leitor menos cioso de generalidades. Tudo porém quanto Otacílio Anselmo escreve em "Padre Cícero — Mito e Realidade" tem o seu valor, ilustrativo e histórico.

Trabalho de pesquisa, nenhum outro o sobrepuja na documentação, cujas fontes o autor se não cansa de esclarecer e apontar, no que não prescinde da erudição. Se bem "Padre Cícero — Mito e Realidade" não seja um livro polêmico, como aliás adverte o autor, há nêle afirmativas discutíveis e pon-

tos-de-vista dos quais pode o leitor discordar, não arbitrariamente, mas com arrimo na formação cultural e nos intercâmbios sociais e econômicos da região do Cariri.

Com "Padre Cícero — Mito e Realidade" presta Otacílio Anselmo valioso serviço às letras históricas, inclusive sob o aspecto geográfico. O capítulo "O MEIO" é uma página digna de Euclides da Cunha.

Veja-se êsse trecho :

"Constituindo um arco de círculo orientado de leste a oeste, com um comprimento aproximado de 180 quilômetros por 33 na sua maior largura, e tendo uma altitude que varia entre 900 a 1.000 metros, a cordilheira araripiana caracteriza-se pela planura de sua chapada e o contorno escarpado de suas encostas, submetidas à ação lenta mas continuada das erosões, pelo que já foi denominada de "serra em decomposição".

Dêsse trabalho demolidor exercido pelas precipitações pluviais, resulta o desmoronamento das vertentes e sua transformação em taludes quase a prumo, surgindo, aqui e acolá, ravinas gigantescas como as que são vistas nos arredores de Crato, Nova Olinda, Santana do Cariri e Jardim, por onde rolam camadas de areia que aterram as baixadas".

Meus aplausos, e calorosos, a Otacílio Anselmo.

leira. Em Julho, encabeçou magníficas festividades no centenário de sua terra natal. Araripe, as quais tiveram repercussão merecida, em todo o Nordeste. Luís Gonzaga é incontestavelmente dos

maiores nordestinos dos tempos de hoje, mesmo sem ser o criador do Baião, que ele espalhou em todos os recantos do mundo civilizado.

UNITÁRIO 13.10.68

José Bernardino Leite — Um Quase Centenário

J. LINDEMBERG DE AQUINO

Já estava o advogado José Bernardino de Carvalho Leite a uma distância de 1 ano, dois meses e 14 dias para comemorar o seu centenário de nascimento, na vetusta e tradicional cidade de Barbalha, quando expirou tranquilamente, feito passarinho, às 4 da madrugada, do último dia 6 de Março.

Filho do casal Manuel José de Carvalho com Maria de Jesus Leite Carvalho, José Bernardino viera ac mundo, em Barbalha, a 20 de Maio de 1870, e durante a larga trajetória que teve neste vale de lágrimas, que é a nossa vida na terra, trajetória de quase 99 anos, só soube fazer o bem e procurar o trabalho honrado e digno. Numa época distante, como nos recuados anos do início deste século, quando o conceito de Educação ainda nem se firmara nas capitais, quanto mais no interior, já pregava José Bernardino a necessidade da Educação Nacional, a formação das Ncvas Elites, e instando com os seus rebentos a frequentar as Escolas, conseguiu criar uma descendência ilustre, que, sem favor, honra a sua memória e eleva o nome de sua terra natal.

Do seu enlace com dona Antônia Alves Carvalho Leite vieram ao mundo os rebentos ilustrados, como o dr. Nilo Carleial, figura exponencial de Juiz íntegro, honra da magistratura cearense; Dr. Hermes Carleial, advogado e contabilista; que deixou também apreciável obra poética — Dr. Oceano Carleial, médico, atual Deputado

Federal por Alagôas, Moeris Carleial, funcionário da Univerdade Federal do Ceará, Dr. Reinaldo Carleial, advogado e professor dos mais ilustres, Madre Maria Belmar Carleial, professora diplomada, pertencente à ordem das Irmãs Dorotéias, dr. Papario Carleal, engenheiro Civil, residente na Bahia, e de grande conceito funcional, D. Mirian Carleial Teixeira, ilustrada professora e dama da sociedade caririense, casada com o sr. Vicente Teixeira de Macêdo e dr. Papi-niano Carleial, médico residente em Alagôas, com grande renome.

Convém salientar aqui que a família CARLEIAL foi “fundada” por José Bernardino. Uma idéia genial de sua parte, extrairando o ramo familiar que iria perpetuar a veneration do seu nome. Com efeito, a palavra se compõe das primeiras sílabas respectivas das famílias Carvalho, Leite e Alves, em que se condensaram, na personalidade ímpar de José Bernardino, sentimentos nativistas notáveis de amor à terra natal e de energia para trabalhar, como êle sempre o fez, pelo seu desenvolvimento.

No ano de 1917, José Bernardino fundava em Barbalha a LIGA BARBALHENSE CONTRA O ANALFABETISMO, uma cruzada santa à qual se devotou, de corpo e alma, chamando as novas gerações a tarefa de eliminar o analfabetismo em sua cidade natal.

Fundou, depois, liderado por Zuca Sampaio, o GABINETE DE

LEITURA DE BARBALHA, espécie de Biblioteca Pública Municipal, antecipando-se em muito aos conceitos públicos de organização de salas de leitura nas comunidades.

A essas duas organizações deu o máximo empenho de sua mocidade e de sua vida, participando, dirigindo, animando e coordenando tudo, e a prova é que as sementes foram plantadas de modo tão feliz que ainda hoje existem na cidade e perpetuam o seu nome.

Jornalista intemorato — defensor das causas públicas, José Bernardino ocupou a imprensa na defesa das mais sentidas reivindicações de sua terra. Dirigiu e arimou jornais, fundou periódicos e revistas literárias e colaborou, efetiva e eficazmente, em jornais de toda a zona sul do Estado.

Foi ele que, com sua grande liderança e personalidade de escol, conseguiu manter em Barbalha a maior tipografia do interior do Estado, por muitos anos, e que "arrecadou" no Crato o eminente Soriano de Albuquerque, que trouxe para Barbalha, onde, ao seu lado solidificou invejável movimento artístico e literário que deu fama de terra culta à cidade dos canaviais.

Advogava no fóro as causas dos pobres e desprotegidos da sorte e muitas vezes teve de enfrentar a arrogância e a prepotência de ricos desalmados — nunca se intimidando, porém, na defesa das causas que abraçava.

No último quartel de sua vida, escreveu o livro "A FAMÍLIA CALDAS", com a árvore genealógica dos ancestrais e colaterais de sua

numerosa família editada pela Imprensa Universitária do Estado, graças ao empenho do seu primo o Magnífico Reitor Martins Filho.

Na sua simplicidade de velho, já longe do bulício da vida mundana, viveu até os últimos dias atualizado e feliz. Venceu, galhardamente, a esclerose, mantendo memória felicíssima — e era atualizado, acompanhando as façanhas espaciais e admitindo a mini-sáia como resultado do mundo em que vivemos, o yé-yé-yé e os conceitos de liberalismo da sociedade moderna. José Bernardino, por isso, bem que cumpriu a sua missão na terra e agora que a morte não-lo levou, mais elevado o temos no nosso conceito e mais inesquecível o temos na imensa saudade dos que com ele, como eu, conviveram amavelmente.

FRANCISCO DE PAULA, O GRANDE CRATENSE ESQUECIDO

Consideramos a obra máxima do sr. José Bernardino, o roteiro genealógico da família Caldas, publicado em 1966 pela Imprensa Universitária do Ceará, graças ao empenho do seu primo, o Reitor Martins Filho, também descendente direto dessa família.

Os Caldas, que infelizmente não conservaram o nome primitivo de família, mas, por sucessivas gerações adotaram diversos outros nomes familiares, eram originários de Francisco José de Costa Caldas, casado com Maria do Ceu da Costa Caldas, conhecida por mãe Ceu.

"...no alvorecer do século passado foi senhor e possuidor de vasta extensão de terras agrícolas

que começavam no alto da Serra do Araripe e se estendiam até às planícies do "Sítio Cabezeiras", irrigadas por várias fontes d'água, tendo, de permeio, o Rio Grande. Essas terras, que tomaram do seu primitivo dono o nome de Caldas, se acham hoje sub-divididas nos seguintes sítios: Boa Vista, Rua Nova, Pinheiro, Piquete, Frutuoso, Pódre, Pelo Sinal, Chapada e Cabeça da Onça..."

Foi êsse notável Francisco José da Costa Caldas, quem José Bernardino suspeitava fôsse português, irmão do sacerdote Joaquim José da Costa Caldas, Vigário de Missão Velha entre 1820 e 1830.

Com efeito, ainda baseado na pesquisa de José Bernardino, Caldas é apelido nobre em Portugal, provindo da Espanha através de Gaspar Rodrigues de Caldas, no tempo do Rei Dom Fernando.

Da numerosa descendência dêsse senhor de terras aqui no Cariri provieram centenas de personalidades ilustres — inclusive o próprio José Bernardino e seus filhos — mas a que mais impressiona, pela sua grandêza épica que daria um romance, é Joaquim Francisco de Paula, engenheiro e patriota, nascido em Crato no ano de 1817, neto do aludido Francisco José de Caldas, filho que era, de Fulgêncio Taveira, seu genro mais rico, e esposa.

O grande engenheiro tem uma vida bastante agitada, começando pelos estudos em Fortaleza, sua formatura em Ouro Preto antes de 1880. Ardente partidário da República, fez amizade com Rui Barbosa e Benjamim Constant — sendo de-

mitido do cargo de Engenheiro Adido da Diretoria de Obras. Serviu como oficial da Marinha, esteve na revolta da Armada com Custódio de Melo, comandou a artilharia de insurretos desembarcando nas praias do Rio Grande do Sul, participou do Cêrco de Lapa como Comandante geral de artilharia e esteve com os navios da esquadra brasileira em Buenos Aires. Foi ali, posteriormente, engenheiro de obras públicas da capital platina.

Em seu livro — A FAMÍLIA CALDAS — José Bernardino traçou a vida e a obra dêsse grande filho de nossa terra, que foi, ainda, lente do Ginásio Mineiro, pioneiro da indústria extrativa do manganês em Minas, organizador da Exposição Internacional de 1908 e da Exposição do Centenário.

Vejamos o que diz o ESTADO DE MINAS, edição de quinta feira, 4 de Abril de 1917:

"Não poupou esforços para que a riqueza mineral do Estado (Minas) fôsse devidamente representada e conhecida das indústrias de transformação de todo o mundo. Por essa ocasião salientou-se como o primeiro geólogo que mostrou a importância das chamadas "terras raras" existentes em Minas e que hoje não são outras do que aquelas onde se localizam os minerais atômicos. Preocupado com o progresso mineiro e com as questões ligadas á formação da juventude, fez parte do grupo de fundadores da atual Escola de Engenharia da Universidade de Minas Gerais, na qual veio a ocupar com proficiência a cadeira de Mineralogia e Metalurgia. Apaixonado da atividade jornalística, colaborou em jornais

de Ouro Preto e do Rio, tendo sido Diretor e proprietário do jornal "A TARDE" de Belo Horizonte, na sua fase de mais prestígio.

Caráter íntegro, amigo das classes pobres, os desvios da conduta dos poderosos sempre o encontraram na trincheira da defesa dos fracos e injustiçados.

Como profissional e homem de cultura, recebeu de vários países estrangeiros comendas e condecorações por importantes trabalhos.

A 12 de Julho de 1924 faleceu o notável professor, jornalista, engenheiro e combatente de nobres causas no plano da vida cívica, nome a que Minas e o país devem assinalados serviços".

Eis aí, em rápido relance, a vida de corpo inteiro de um cratense que muito honra e orgulha a nossa terra.

José Bernardino achou que ele era de Barbalha. Mas foi o próprio Paula que disse ser originário do Crato, á esposa, aos filhos, a todos, enfim, que lhe perguntavam. E havia certa razão, pois sendo seus pais residentes no sopé do Caldas, sem possibilidades de conforto material áquela época, naturalmente que sua genitora procurou um centro mais civilizado, para a delivrance, dado o risco de qualquer infortúnio. E o Crato como era o mais próximo — dos mais adiantados em redor de tantas leguas (Barbalha havia sido elevada a cidade a 17 de agosto de 1846, — ou seja, 11 anos antes, era pouco mais do que uma incipiente vila áquela época) — foi no Crato, naturalmente, que ela veio ter o seu filho. Para honra e glória nossa. Que o Crato se lembre de perpetuar numa de suas ruas o nome do professor Francisco Joaquim de Paula.

VELHO CASARÃO

CORREIA COELHO

CASARÃO, EM RUÍNAS, À BEIRA DA ESTRADA
É RECORDAÇÃO DE ANTIGO LAR FELIZ.
LÁ VIVERA ALGUÉM QUE MUITÍSSIMO EU QUIZ:
MEU PAI, MINHA MÃE, — A BONDADE ESMERADA!

A OUTREM NADA IMPORTA A CASA ABANDONADA:
QUASE SÓ ESCOMBROS; JÁ SEM O MATIZ;
PAREDÕES VETUSTOS A RUIR PELA RAIZ,
SEM O TETO, AS PORTAS OU QUASE MAIS NADA.

MAS — PARA MIM — ONDE VIVI DOCE INFÂNCIA
EM SUBLIME AMOR E AFETOS PATERNAIS?
SÃO REMINISCÊNCIAS... A LONGA DISTÂNCIA,

DE VELHO E BOM TEMPO QUE NÃO VOLTA MAIS.
LÁ, EM CADA CANTO, O CORAÇÃO EM ÂNSIA
REVIVE A SAUDADE INFINDA DOS MEUS PAIS!

O Instituto Cultural do Cariri acaba de lançar o número 12 da revista "Itaytera", órgão de indiscutível valor literário. Trata-se de publicação séria em que escritores de alto nível intelectual definem as suas idéias e oferecem aos leitores do País trabalhos sobre a história regional.

Do jornalista J. de Figueiredo Filho, sociólogo de envergadura comprovada, guardamos impressões de sua personalidade inteiramente dedicada ao cultivo do nosso folclore. Exercendo, há vários anos, o cargo de diretor daquela entidade, seu esforço pode ser comprovado aos heroísmos dos antigos desbravadores responsáveis pela unidade nacional.

Nas páginas de "Itaytera" encontramos colaborações em torno de fatos marcantes da história caririense. Ninguém pode obscurecer o traço de idealismo puro que norteia grupo de elementos que colocam, acima de outras coisas, o sentimento étnico de uma comunidade esclarecida, umbelicalmente ligada às tradições mais significativas.

Desde a época em que figurávamos como integrantes do corpo redacional de "A Ação", semanário vinculado à diocese do Crato, já-mais deixamos de receber a influência do "velho" Figueiredo. Foi na Farmácia Central, de sua propriedade, que aprendemos as primeiras lições de jornalismo sadio, colhendo frutos de equilíbrio e dignidade profissional.

Quartos sacrifícios se multiplicavam diante dos nossos olhos de jovens ciosos de glórias no setor das letras. Nem mesmo o tempo,

com seus efeitos negativos, conseguiu impedir nossa jornada.

Hoje, quando já sentimos o peso dos anos sobre os ombros e o espírito se curva, com mais reflexão, aos princípios salutares da religião, não escondemos o nosso reconhecimento ao cidadão de virtudes inconfundíveis, ao apóstolo do dever que ainda hoje espalha entre seu povo a luminosidade radiosa do seu coração.

Figueiredo Filho representa exemplo vivo de tenacidade e os seus princípios servem para estimular aos que dele se aconchegam, sérios de lições emanadas de caráter inatacável.

Neste número de "Itaytera" o Cariri ocupa papel de relevância, através de composições valorosas, dentro daquela preocupação de se oferecer material aquilatado.

Anotamos, no último número da revista, os nomes dos seguintes colaboradores: Jurandy Timóteo de Souza, Florival Matos, Raimundo Teles Pinheiro, Pedro Rodrigues de Mator, Zuleika Pequeno de Figueiredo, Carlos Feitosa, mons. Francisco Silvano de Sousa, Maria da Conceição Sousa, Tiago Figueiredo de Alencar Araripe, José dos Anjos Dias, Francisco de Vasconcelos, José Newton Alves de Sousa, Dandinha Vilar, Jecvá Sobreira, Otacilio Anselmo, Jaime Sisnando, José de Siqueira Cavalranti, Antônio Martins Filho, Gomes de Freitas, J. Lindemberg de Aquino, Zózimo Lima, J. de Figueiredo Filho, Dulce Chacón, Joarivar Macedo, Raimundo de Oliveira Borges, G. Lobo, Correia Coelho, Jéser de Oliveira, Antônio de Alencar Araripe, Ângela Delouche, M. Patrício de Aqui

QUADRO DE PINTORA DO CRATO PARA A RAINHA ELIZABETH II

DURANTE A VISITA QUE A RAINHA ELIZABETH II FÊZ AO BRASIL, EM 1968, O PRESIDENTE COSTA E SILVA OFERECEU-LHE UM QUADRO, PINTADO POR VETERANA PINTORA, FILHA DE NOSSA CIDADE. EIS COMO SE REPORTA AO FATO O JORNAL "CORREIO BRAZILIENSE", NO SEU SUPLEMENTO DE "LETRAS E ARTES", EM SUA EDIÇÃO DE 08 DE NOVEMBRO DE 1968:

A pintora primitiva Grauben do Monte Lima nasceu na cidade de Crato, no Ceará, no ano de 1889, contando, pois, atualmente, quase oitenta anos de idade. Ainda jovem, transferiu sua residência para o Rio de Janeiro, passando a exercer função pública na antiga Capital da República. Em 1957, foi acometida de séria enfermidade que a prendeu ao leito até 1960. Nesse ano, após a convalescença, quando já contava setenta e um anos de idade, Grauben do Monte Lima sentiu a necessidade interior de entregar-se à arte pictural. E sem haver aprendido desenho e pintura, ignorando os mais elementares recursos técnicos necessários à execução de qualquer obra de arte pictural, Grauben começou a fazer composições que se revestem de um certo abstracionismo por isso que são muito sutis as conotações com os elementos do mundo exterior.

Após examinar a pintura dessa magnífica artista primitiva, Anatole Jokowsky, em seu léxico sobre

nc, Elias de Oliveira Mota e J. Callope.

O Cariri vive realmente em pleno desenvolvimento e a prova inconcussa do seu progresso está em "Itaytera", retrato fiel de um povo politizado, consciente das suas responsabilidades perante a história.

(Diário de Pernambuco 11.08.68)
os pintores autodidatas, primitivos

e ingênuos, afirmou que a "féerie" do mundo encantado das criações de Grauben fazem lembrar a de Van Der Steen.

Grauben, que, apesar da idade, continua pintando, é uma das nossas melhores pintoras primitivas, já tendo realizado quatro exposições na Galeria Relêvo, no Rio de Janeiro, e figurado na mostra "Peintres Naifs Brésiliens", realizada em 1965, na Galeria Jacques Massol, em Paris.

Em matéria de pintura primitiva, Grauben é, realmente, uma estranha revelação. *E, talvez, tenha sido esta uma das razões que levaram o Presidente da República a presentear a Rainha da Inglaterra com um excelente quadro de Grauben do Monte de Lima.*

Correio Brasiliense 8.11.68

P A I

Ao meu pai

José Antônio de Figueiredo Filho

Eu preciso de ti.

És o guia seguro de minha vida.

Pai.

Eu necessito de ti

És o farol que ilumina minha vida

Pai.

Se tu falhares,

Eu falharei também.

Mas que isso jamais aconteça

Amém.

G L O R I N H A

Coxias do Sul 12.8.1962 — R. G. S.

Comércio e Indústria da Mandioca S. A.

CIMASA

CAPITAL AUTORIZADO NCr\$ 1.260.000,00

PROJETO APROVADO PELA
SUDENE

E

BANCO DO BRASIL S. A.

Produtos Alimentícios – Industriais

FONE: 292

Bairro Batateiras s/n

Crato



Ceará

Gomes de Matos:

Traços e Episódios de Sua Vida (*)



Prof. Raimundo Gomes de Matos

Quando o professor Raimundo Gomes de Matos recebia, na solene compostura da morte, as últimas homenagens dos seus amigos e admiradores, eu tive oportunidade de dizer: sobre a sepultura de Gomes de Matos como sobre a do grego desconhecido de que fala a antologia se poderá escrever: "aqui jaz o ruído do vento que passou derramando calor, perfumes e sementes em vão".

Na verdade, morreu Gomes de Matos sem nos ter deixado o de quanto seria capaz a sua inteligência.

Durante quarenta anos pontificou no jornalismo, freqüentou a política e defendeu as causas mais ingratas e complexas.

Foi como advogado que Gomes de Matos mais se destacou; e isso o regista José Alcy Paiva na série de notas publicadas no Jornal O POVO sob o título: "Grandes Processos e Grandes Advogados do Ceará".

Diz ele :

"Dentre os grandes advogados do Ceará, nas décadas que antecederam a presente, tem lugar preeminente,, sem dúvida, o Dr. Raimundo Gomes de Matos, advogado tanto no Cível como no Crime emprestou aos processos em que tomou parte o conhecido saber jurídico e o fulgor de irrevêlvel inteligência. Como orador de Júri, foi, até bem pouco, dos mais aplaudidos pela habilidade, pela dialética e por uma verve encantadora.

"De inúmeros processos em que funcionou, destacamos trechos de uma carta que endereçou ao des. Daniel Lopes, então relator do processo criminal conhecido nos anais forenses do Estado por "O Crime de Cariús":

Na crise de caráter que atravessamos evidente é o horror dos in-

divíduos dessa espécie ao ostracismo para eles considerado a coisa pior do mundo. Já se foi a época sadia dos homens de bem dos partidos políticos perfeitamente demarcados por um idealismo delimitados nos seus campos de ação com os respectivos chefes, e estandartes e programas.

De há muito reina a confusão na capital e nas aldeias do interior era tudo nivelado pelo despudor político".

Tinha tanto poder de assimilação que assim o traduziu Cursino Belém: "Gomes de Matos é tão inteligente que dos artigos da lei só lê o comêço". E acrescentou: "boa ou ruim, o que êle defende é a causa do cliente".

Esta observação vale por um retrato de Gomes de Matos, senão como uma mostra do empenho, da vibratilidade com a qual defendia, com risco às vêzes da própria vida, as causas que lhe eram confiadas. O calor no debate fê-lo dizer: — os dedos das mãos são muitos para contar os juizes honestos do Ceará.

Nas pelepas judiciárias era, de ordinário, um vitorioso em potencial.

Precisamente em 1944, escreveu (a ditadura caminhava para o fim):

"O Dr. Meneses Pimentel ainda não teve oportunidade de tocar a busina conclamando eleitores porque realmente dêles não precisa. Não se fala prôpriamente em pleito eleitoral, boateja-se apenas.

"Mesmo assim, quem quiser saber onde estão malhando muitas reses do Partido Social Democrático, daquele "pujante" que lhe combateu desesperadamente a candidatura à presidência do Estado, não perca tempo com indagações, não publique anúncios, — pare um momento na Praça do Ferreira,

ponha o ouvido para o lado do Palácio Governamental e ouvirá o toque dos chocalhos amarrados no pescoço de muitas delas principalmente dos ardentes oradores pesedistas propagadores das "Vozes do Sertão", falsas, inverídicas, que tanto enganaram o cel. Felipe Moreira Lima.

"Vá direitinho nesse rumo e lá encontrará o grosso daquela gente acampada à sombra do alpendre interno onde não faltam milho e água fria aos adesistas.

"Alguns: dêsses entraram pelo portão do pardieiro, dando a mão ao cabo da guarda, outros, humildemente, tirando o chapéu ac pau da bandeira. Outros pularam a janela. Nenhum entrou pela porta".

Como e ainda neste passo se vê, a veemência era um traço marcante da sua personalidade, a par da crítica por vêzes contundente.

Foi sem dúvida Gomes de Matos, a seu modo, um homem feliz, inclusive porque teve morte quase súbita, como sempre o desejou. E eis que o inopinado da ocorrência (uma crise cardíaca) não o impressionou. Antes, disse, num lúcido e irônico discernimento da realidade: — "Léa, estou frito".

Viveu e morreu cercado de amizades. Quando do seu último aniversário natalício viu cercado de amigos e quase todos, como êle, avançados em idade: Miguel Câmara, de Quixeramobim, Rafael Teófilo, Carlyle Martins...

Lembro-me de quando à sua residência, na 24 de Maio, chegou, nessa ocasião, o venerando senador Fernandes Távora, com Moema, o seu anjo da guarda. Abraçou-o, e deu-lhe um presente. Fiquei comovido com aquela lembrança (a do presente) e quando dali me retirava rumo a Maran-

guape, observei para a minha mulher: veja que amizades as da velha geração: vão do começo ao fim. Nas de hoje só há interesse.

Nessa oportunidade, o João Jacques (que a êle por dois anos serviu como datilógrafo quando deixava o Seminário de Fortaleza pelos idos de 1930) fazia-lhe perguntas que bem identificavam o repórter que naquele mesmo dia se tornaria imortal. Entre outras: Gomes de Matos, você já foi maçom? — "Um dia", respondeu. E de govêrno, Gomes de Matos, qual o melhor que o Ceará já teve? E antes que viesse a resposta, João Jacques se saiu: Você nunca foi amigo de govêrno.

Palestrador incomparável, era Gomes de Matos de um repentismo a toda prova.

Não há quem dêle não guarde um humorismo, uma frase de espírito rica, por vêzes, de sentido sociológico.

Não faz muito, no contexto de um editorial de primeira página do O GLOBO, vi a frase por êle proferida no júri de Virgílio Gomes: "O povo é massa falida".

A um primo seu do Crato, Deodoro, que lhe reclamara medidas contra o jôgo no começo do Govêrno Bení, respondeu por telegrama: "Não se preocupe: govêrno nôvo fica velho".

Veja a presença de espírito que ainda tem o Gomes de Matos — disse-me o Dr. Manoel Albano Amora. E refere: Ia êle atravessar uma rua e estava embaraçado com o movimento de veículos. De lado, um amigo o adverte: Dr. Gomes de Matos, olhe para o sinal. Êle virou-se e com energia na voz disse: "Eu olho é para o carro que sinal não mata ninguém".

Ao lado de H. Firmeza e Adonias Lima, de Renato Viana e Gustavo

Barroso, de Matos Ibiapina e Arradade Furtado, figura Gomes de Matos, na conceituação de Geraldo Nobre (*A Imprensa do Ceará na República*) entre os jornalistas que mais se destacaram no decênio 1910 - 1919.

Combateu com João Brígido, desassombradamente, os desmandos políticos do Ceará; e disse, a propósito, numa conferência na Casa da Juvenal Galeno, que quando deixava de comparecer às reuniões em casa dele o inolvidável panfletário, presto, indagava: onde anda o Gomes de Matos que não aparece, isso é coisa.

Sucedendo o des. José Moreira da Rocha a Ildefonso Albano na governança do Estado, o Ceará transformou-se em autêntico couro de bandidos.

Chefiados por Lampião, grupos de bandoleiros, após os saques nos estados circunvizinhos, vinham aqui repousar, tranqüilamente, certos de não serem incomodados. Em Palácio os "coronéis" eram recebidos de braços abertos.

Foi neste comenos que Gomes de Matos escreveu: — "O governo do des. Moreira da Rocha veio provar que o Ceará não precisa de governo".

Refere Paulo Elpidio de Meneses que toda a vez que uma causa empolgava e dividia a opinião pública no Ceará, de imediato vinha do Rio a pergunta: com quem está Gomes de Matos? Era homem que se não omitia, e destacava-se por sua independência de atitudes. Pertenceu à Aliança Liberal, partilhando dos mesmos ideais de Maurício de Lacerda, Nereu Ramos, Batista Luzardo e outros.

Em 1916, (registra-o Raimundo Girão) fundou o diário *O Jornal* que se tornou temido pela seção por ele assinada "Flechas e Mechas".

Dos seus últimos artigos na imprensa de Fortaleza, o que maior repercussão alcançou foi "Matutos Não Sejam Bêstas Vendam os Seus Votos" e, também, "O Juiz da Vara Comprida" (artigo por sinal transcrito numa revista de São Paulo) no qual comentou um despacho do juiz Aguiar Dias liberando, do Rio, um contrabando no Ceará.

Em "Matutos Não sejam Bêstas Vendam os Seus Votos" o que Gomes de Matos pretendeu foi valorizar, no momento oportuno, o *homo elector*, dos governantes sempre injustiçado e esquecido.

Gomes de Matos — diga-se da passagem — muito contribuiu para o renome e o engrandecimento da Faculdade de Direito do Ceará, quer como professor catedrático de Direito Comercial (cadeira para a qual foi nomeado em 23 de dezembro de 1913, e que já a exercia desde 14 de dezembro de 1910, como substituto do Dr. Eduardo Studart (então em disponibilidade) e na qual se aposentou por Decreto do Presidente da República datado de 8 de fevereiro de 1950), quer como membro da sua Diretoria, que o foi por dez anos.

Foi professor substituto de Direito Penal e de Introdução à Ciência do Direito.

Começou a sua carreira ainda acadêmico como Promotor de Justiça da cidade de Jardim. Logo após a conclusão do curso de Direito, foi nomeado Juiz Substituto de Barbalha.

Transferindo-se para a Capital foi Delegado de Polícia de Fortaleza, Procurador-Geral do Estado, Secretário de Polícia e Segurança Pública e Deputado Federal como suplente do extinto Partido Social Progressista do qual foi vice-presidente, no Ceará.

No Recife, onde fez o curso de

humanidades no Instituto Pernambucano, do professor Cândido Duarte, foi companheiro do embaixador Assis Chauteaubriand Bandeira de Melo e do grande político Agamenon Magalhães.

Sobre a sua formação jurídica exerceu benéfica influência a chamada Escola do Recife de que foram figuras de destaque Tobias Barreto, Sílvio Romero, Clóvis Beviláqua, Artur Orlando, Fausto Cardoso, Martins Júnior e outros. Visava a dita escola, que tinha como órgãos de divulgação *Vigílias Literárias* e *Idéia Nova*, "colocar o Direito dentro da teoria do evolucionismo".

O curso primário fê-lo Gomes de Matos no Crato no Colégio Venerável Ibiapina com José Joaquim Teles Marrocos, mestre latinista, e a quem, pela escolaridade, menino como êle pagava dois mil réis por mês.

Aliás, em 1955, o discípulo saiu em defesa do mestre quando, 44 anos após o desaparecimento dêle, pretendeu-se fazer-lhe restrições. Disse: nunca vi homem mais modesto, mais religioso, mais temente a Deus. E salientou com êste fato a nobreza de sentimentos do grande educador cariense:

"Caridosíssimo, à porta do colégio, aparecia um menino dos brejos e dos pés-de-serra, trazendo gaiolas cheias de passarinhos: canários, patativas, bigodes, rolinhas papa-arroz e outros. O velho mestre comprava tudo por atacado por preço ínfimo, e ali mesmo, na calçada do prédio, chamando os discípulos para testemunhas, abria a porta do presídico, libertava as avezinhas. Era para êle prazer especial vê-las esvoaçarem em procura de seus lares.

"Assisti a essa cena mais de cem vezes, e êle era paupérrimo".

Do seu tempo no Recife evocava, em palestras, a figura austera de Laurindo Leão, catedrático de Filosofia do Direito, e pai do escritor e acadêmico Múcio Leão, assim como a de Adolfo Cirne, lente de Direito Civil.

A projeção de sua cultura ultrapassou as fronteiras do Ceará e se alargou por outras unidades da Federação. Era sempre solicitado para tomar parte em bancas examinadoras de faculdades de muitos Estados (Pernambuco, Piauí, Bahia...) tendo em tôdas atuações marcante.

Foi sem dúvida na tribuna dos júris populares de Fortaleza e do interior do Estado que Gomes de Matos mais se exalçou.

Dentre os júris importantes de que participou, destacam-se: o de Virgílio Gomes, acusado da morte do jornalista Antônio Drummond, diretor da *Gazeta de Notícias*; o de Raimundo Augusto, de Lavras; o de Mozart Catunda; o de Carvalho Pereira e o do médico parabaiano Néelson de Queirós Carneira, autor intelectual da morte de Carlos Gomes de Matos, seu sobrinho, fato ocorrido em Cariús.

Não menos importante foi o júri dos Mororós, em Pacoti, e o de José Mendes Braga, em Maranguape.

"Dotado de lógica irrespondível, era um orador vibrante e impetuoso principalmente quando da tribuna defendia um réu e quando via no advogado da acusação um colega respeitável pela cultura jurídica. Se êste era um Quintino Cunha, com quem teve ocasião de defrontar-se, usava dos mesmos recursos do adversário para confundir-lo no raciocínio. Era de finíssimo humor e sempre utilizava sátiras durante suas defesas para convencer o conselho de jurados,

deixando o colega sem argumentos". (O POVO).

Publicou vários opúsculos com temas vinculados às questões que patrocinou, um dos quais com interessante título — De apito na Bôca.

Salienta-se que a sua grande função pública, a em que por assim dizer se celebrizou, foi como Secretário de Polícia e Segurança Pública no Governo do Interventor Beni Carvalho.

Ocorreu o seguinte :

Luis Carlos Prestes, líder do Partido Comunista Brasileiro, desejou vir a Fortaleza e aqui fazer um comício. Desaconselhado a não permitir tal, dado o perigo de haver desordens, o Secretário não se deixou intimidar e consentiu que não só fôsse realizado o comício como também uma passeata à luz de archote. Tudo decorreu normalmente embora no mesmo dia o Partido Social Democrático também realizasse concentração na Praça do Ferreira com os ânimos bastante acirrados.

Da sua turma de formatura (a terceira da Faculdade de Direito do Ceará) destacaram-se, entre outros, Matos Peixoto, como civilista e constitucionalista emérito, Álvaro Bomilcar, como sociólogo, e Hildebrando Acióli no campo do Direito Internacional.

A propósito do assassinato do cel. Felinto Cruz, abatido a bala numa secção eleitoral em Santana do Cariri, escreveu, enfocando a criminalidade política no Brasil :

"A terra de Santa Cruz, atrasada como é, e que só agora começa despertando para o culto do civismo e do progresso, em tôdas as suas manifestações, não podia escapar à regra sociológica, fatal, da criminalidade política.

"A politicagem é, entre nós, po-

rém somente aos olhos de poucos-simos observadores dos fenômenos sociais que nos envolvem, o mais poderoso fator de delinqüência, quiçá mais forte que o álcool e a luxúria combinados.

"Não há comarca mais ou menos antiga neste país vastíssimo que não ostente farta e vergonhosa crônica de delitos dessa natureza, isto é, de fundo político. Processos-crimes instaurados por aí afora em geral são mal organizados.

"Alguns juizes e promotores de justiça, precatando-se, prevenindo-se contra possíveis atitudes desrespeitosas às suas autoridades, não querem buscar a gênese, a origem de determinados fatos delituosos.

"Esquecem de propósito, muitas vezes, os mandantes apontados pela opinião pública, e assim ocultos às perquirições judiciais, estes ficam sem punição alguma.

"Lares onde havia riqueza ou abastança, onde a família entoava o hino da felicidade da vida, se desfizeram ao choque brutal de estúpidos homicídios de seus chefes e se reduziram à maior miséria. Alguns nunca mais se reabilitaram nem economicamente nem quanto à antiga alegria íntima.

"Por tôda a parte sangram corações de viúvas, de filhas, de parentes próximos e de amigos das vítimas. As estradas que cortam o sertão são pontilhadas de cruces que assinalam as emboscadas traiçoeiras.

"Serpente devoradora de existências preciosas, eis a políticaha no Brasil".

Nessa mesma oportunidade faz Gomes de Matos um retrato do que se constituía a massa eleitoral do Brasil.

"Teu depoimento (alude êle ao do eleitor que foi causa indireta

do crime de Santana do Cariri) é o espelho vivo da crassa ignorância, da pobreza física, moral e mental da grande maioria, senão da quase totalidade dessa coisa amorfa, dessa coletividade anônima, dessa porção de ninguém, dessa massa imbecilizada que era quase todo o eleitorado brasileiro, multidão, em regra, inconsciente do que fôsse uma eleição na sua realidade constitucional, nos seus objetivos patrióticos, nas suas finalidades para o bem público, para a Nação, para o Estado, para o Município.

"Tu conhecestes eleição apenas pelo lado do bródio, da patuscada, da comezaina, da bebedeira, pelo lado festivo do almoço de carne cozida e pirão, regado à zurrapa e cerveja quente, pelos vivas aos candidatos desconhecidos, pelos foguetes que fendiam o ar saudando a vitória de uns, e pelas vaias, assuadas, injúrias, apupos e assobios que desapontavam os derrotados na fuzarca das urnas.

"Tu és a figura típica, perfeita e acabada do Jeca Tatu, de Monteiro Lobato".

"Farsas trabalhosas e caríssimas, fontes de eternas desordens geradoras de crimes", foi como considerou eleições em telegrama dirigido a Getúlio no 3.º aniversário do Estado Novo, e cujo texto foi estampado no folheto *A Função Social e Política das Faculdades de Direito*, do Professor Djacir Menezes.

Gomes de Matos só compreendia o exercício da advocacia na base da honestidade e não no da chicaneria, da mentira, dos sofismas, da astúcia, do charlatanismo, da verbosidade sem fatos, da aparência sem substância.

Assim, comentando o livro *O Advogado*, do Dr. Mário Guimarães

de Sousa, em trabalho no qual salienta haver advogados de todos os feitios, dos que aceitam causas sem fundamento legal, dos que promovem ações só com o objetivo de impedir acôrdo ao adversário, dos que traem os próprios constituintes, voltando-se contra eles, exigindo honorários nunca contratados, e dos que vendem seu direito à parte contrária, — oferece à tese essa contribuição: "Na obra invocada não vimos referência ao tipo manhoso do advogado administrativo que vive agarrado às virilhas dos membros destacados dos governos, em tôdas as situações, auferindo enormes lucros em negociações que as repartições públicas não sabem repelir, em face do interesse reciproco, na divisão dos honorários de dezenas e centenas de contos de réis".

Não era norma sua defender com o recurso da negação dos fatos.

O seu escritório de advocacia foi para alguns bacharéis recém-formados, nos quais reconhecia méritos e inteligência, autêntica escola prática de Direito. Por êle passaram José Teles da Cruz, Pedro Wilson Mendes, Ivan Ribeiro Paraíba, Francisco Olavo de Sousa, José Sobreira de Amorim, Marijeso Benevides... "Ainda hoje tenho a carta que o Gomes de Matos me fez" — disse-me ao sair da missa de 7.º dia, no Patrocínio, o Dr. Marijeso — "convidando-me para ir trabalhar no escritório dele. Venha trabalhar no meu escritório. Você é um rapaz inteligente e de muito futuro". E acrescentou: se não quiser acreditar em mim pergunte a sua avó".

Ao lado de Eduardo Girão e Gondim Neto (da Universidade do Brasil), de Barreto Campelo e Joaquim Amazonas (da do Recife) in-

legrou Gomes de Matos a banca examinadora na qual Djacir Meneses se submetera a concurso para a cátedra de Introdução à Ciência do Direito, da Faculdade de Direito do Ceará.

Foi o prélio o que houve de mais vibrante tanto pelos conhecimentos do candidato como pela análise da tese, que foi severa e impiedosa.

Dias depois, Gomes de Matos publicava na *Gazeta de Notícias* um artigo sob o título — “Salvou-me o Pe. Hélder”. É que ao ilustre sacerdote pedira êle o roteiro da arguição. Demonstra o fato a sua despreziosidade.

Do pe. Cícero Romão Batista foi particular amigo e como que assessor ou consultor jurídico. Sobre êle e os chamados “milagres de Juazeiro” fez, seguidamente, três conferências na Casa de Juvenal Galvão, que despertaram vivo interesse. Pena não tenham sido recolhidas por um taquígrafo.

Sem freqüentar Coulanges, tinha extraordinário poder de síntese no que era servido por assombrosa memória. Nunca reprovou um aluno, e parainfo muitas vezes o foi de concluintes da nossa Escola Jurídica.

Defendia a tese de que o fenómeno climatérico das sêcas, que dez vezes visita e empobrece o Ceará no periodo de um século, influi poderosamente na nossa organização moral, produzindo “milionários famintos, psicologicamente, indivíduos mortos, incapazes de uma ação mais ou menos digna”.

O abatesma da fome fazia, a seu ver, do intelectual o bicho mais fraco da fauna cearense.

Como todo filho do Cariri, era Gomes de Matos um amante da terra natal. “Crato, Terra Doce”, “Crato, Terra Valente”, “Crato, Sangue Bom”, foram artigos por

êle publicados no jornal O POVO.

A ocorrência que se segue revela o senso pátrio de Gomes de Matos.

Um conhecido entrou em seu escritório no 311 do Excelsior Hotel e foi dizendo: descobri o moto contínuo e quero que você me faça um pedido de registro do invento. Frontamente, Gomes de Matos o atendeu. Ao sair o interessado, com o papel na mão, um dos presentes perguntou: Dr. Gomes de Matos, o senhor acredita que êsse homem descobriu mesmo o moto contínuo? — “Claro que não, mas, no caso, é fazer logo a petição”.

Foi bem Gomes de Matos um dispersivo, tanto do ponto de vista intelectual como do ponto de vista material. Dinheiro para êle não tinha valia: entrava por um lado e saía por outro.

“Gomes de Matos — escreveu Renato Saldon — só é visto com muito dinheiro nos bolsos quando pretende, como êle próprio diz, fazer reunião de credores.

“Certa vez, a convite dêle assistimos, na antiga Casa Olsen, a um desses curiosos espetáculos.

“Presentes vários cobradores, êle fazia a chamada na ordem cronológica, de memória, e ia saldando, com rigorosa honestidade, todos os débitos.

“Lá para o fim, apresentou-se uma conta de automóvel da qual êle desconhecia a procedência.

“O chofer tentou explicá-la, mas não o fez suficientemente.

“Todos esperavam, muito naturalmente, que ao suposto devedor se recusasse o pagamento.

“Entretanto, Gomes que é de uma generosidade sem limite, pagou-a, ato contínuo. E, virando-se para os constituintes, antes de entregar o dinheiro ao esperto, observou:

“— Vou pagar isso, mas olhem:

a bêsta não sou eu. A bêsta é êle que não soube nem inventar o motivo da conta". (in *Ceará Moleque*).

Aproximado da boêmia, era um espirito franciscano pelo desprezo às gloriolas da vida. Sem resposta dêle ficavam as fórmulas de pesquisas para fins biográficos que de tempos em tempos lhe chegavam às mãos de redações de jornais e empresas editoras. Nunca perseguiu cargos, nem renome, nem posições. E foi, não obstante, o homem de mais largo prestígio que ainda teve o Ceará. Prestígio oriundo do seu valor pessoal e das amizades que o seu espirito comunicativo granjeou e cultivou.

Era o advogado do pobre, do humilde, do perseguido. "E sinal de grandeza do seu coração era o calor, o entusiasmo com que redigia oralmente, como se se encontrasse num púlpito de tribunal, as petições das viúvas pobres, dos funcionários perseguidos pelo Governo, dos réus sem dinheiro e sem padrinhos que o convidavam para tirá-los da cadeia. Os requerimentos dos ricos eram alinhavados, sintéticos, frios, pegados à letra da Lei. Não desbordavam para a emoção e a eloquência". (João Jacques).

Defendendo o direito de Lucas Pereira do Nascimento, pobre negro analfabeto, de 85 anos de idade, que assinara em Caucaia uma escritura de venda do seu sítio com o pacto *ad retro*, expressão que muitos intelectuais desconhecem, escreveu:

"Os pobres são eternos infelizes. Trazem os pés sempre feridos pelos espinhos da estrada da vida.

"Infelizes desde o nascimento. Infelizes em face da desigualdade existente entre os homens, embora aquêle conhecido chavão dos oradores parlamentares de que todos

são iguais perante a lei:

"Mentira.

"Foi a Revolução Francesa que instituiu êsse principio, incontavelmente belo, porém, lá para a França.

"Os povos atrasados, como os americanos do Sul, como nós, os brasileiros, por seus intelectuais, repetem a linda fórmula, que tem a sua gênese na frase de Rousseau: *o homem é a lei de si mesmo*.

"Verdade é que os pobres são tão amesquinçados que já se tornou proverbial a expressão que todos proferem, êles notadamente: *Pobre não tem razão*.

"La Fontaine, na sabedoria da fábula — O lobo e o cordeiro — traduziu assim o infortúnio dos pobres, dos fracos, dos humildes: *La raison du plus fort est toujours la meilleure*".

De um homem do povo ouvi: "O Dr. Gomes de Matos era advogado indo e voltando". Quis dizer — em todos os sentidos.

Suas inimizades duravam uma semana, um mês, nunca uma vida. Nisto não se veja falta de caráter, senão uma virtude rara neste mundo cheio de ódios e perseguições: a bondade que tudo esquece e tudo perdoa.

Costumava dizer: — "Prestígio em politica no Ceará é como gordura de cachorro: chega numa semana e desaparece na outra".

Freqüentava mais a História e a Literatura do que o Direito.

Em Euclides tinha o seu autor predileto.

Rare o dia que da sua mesa não compartissem amigos.

Quando os mais chegados lhe reclamavam os excessos em detrimento da própria saúde, respondia: "Com restrições não vale a pena viver".

Raimundo de Monte Arrais, filho

de Saboeiro, não tinha diploma de bacharel em ciências jurídicas e sociais e foi, não obstante, um grande conhecedor do Direito. Ao que se sabe, foi ele quem melhor comentou a Constituição do Rio Grande do Sul. Aludindo ao fato, Gomes de Matos afirmou: "O Monte Arrais operou o maior milagre que ainda se viu: da carta de a-bê-cê passou, diretamente, para as culminâncias do Direito Constitucional".

A professora Maria Gonçalves da Rocha Leal, poliglota, disse êle certa vez: "Maria, tenho medo de você" — "Por quê, Dr. Gomes de Matos?" indaga, surpresa a mestra. Êle respondeu: "Se mulher com uma língua é perigosa, avalie você dominando muitas".

Com Gomes de Matos e mons. Quinderé — diz o professor Clodomir Girão — todos nós ríamos com êles, mas ninguém ria dêles.

É custa crer que tendo sido Gomes de Matos um homem de rua "mas dos que não desce ao desprezo de si próprio e antes imprime na vida da cidade gárrula animação aos que não encaram as coisas e os atos humanos só pelo prisma de exigências externas ou demasiadamente pundonorcsas" (Raimundo Girão) — haja se conformado, sem uma queixa, sem uma imprecação, com a contingência de viver os seus últimos tempos numa cadeira de rodas.

Era a bênção da sua humildade e da ternura maternal da esposa.

Graças a êle, o nome "Gomes de Matos" se constituiu a carteira de identidade, o cartão de visita da família, no Ceará.

Gomes de Matos continuará na memória dos que o conheceram e na dos que ao longo de quarenta anos receberam os seus ensinamentos na Faculdade de Direito do

Ceará. Êle foi dos que em vida atingiram a plenitude de seu destino; dos que escreveram nas almas e nos corações, inclusive como chefe de família e do ciã que êle o foi.

Na caracterização dos indivíduos, os episódios valem mais do que os elogios extensivos.

E felizes—disse Rui—os que, pelos atos, a si mesmos se estatuem.

O professor Raimundo Gomes de Matos nasceu em Crato (Ce) a 10 de outubro de 1885. Filho de Raimundo Gomes de Matos e Claudiana Matos Leite. Em 1904, matriculou-se na Faculdade de Direito do Ceará, tendo eclado grau em 8 de dezembro de 1908. Em 1909 concorreu-se com dona Léa Pompeu Gomes de Matos, sobrinha do comendador Nogueira Acióli. Do enlace nasceram os seguintes filhos: Hildebrando Pompeu Gomes de Matos, falecido em 1943 com 31 anos de idade; Maria de Lourdes Gomes de Matos, casada com o general Antônio Hamilton Mourão; Dr. José Pompeu Gomes de Matos, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, Curador de Órfãos e Aparentes, casado com dona Melânia Faicão Gomes de Matos, e Dr. Tomás Pompeu Gomes de Matos, bacharel em Direito, alto funcionário do Banco do Brasil, casado com dona Maria de Jesus Ferreira Gomes de Matos. Teve ainda José (o primogênito) falecido com menos de dois anos de idade. Era irmão do jornalista Celso Gomes de Matos e do filólogo Eduardo Gomes de Matos, autor de um trabalho sobre a crase, que alcançou grande receptividade. Faleceu em Fortaleza a 10 de maio de 1968.

(*) NOTAS LIDAS EM 10.8.1968 NO SALÃO DE CONFERÊNCIAS DA CASA DE JUVENIL GALENO.

APOTEOSE DO BANDITISMO

A República do Brasil, como outras democracias temporãs que vingaram no hemisfério, consoante têm anotado historiadores e sociólogos naturais e estrangeiros, sofreu e continúa sofrendo, os efeitos de sua imaturidade.

A ideologia missionada pelos Silva Jardim, Benjamin Constant, Lopes Trovão, Patrocínio, Nabuco, Rui, Bocaíuva e outros iluminados dos círculos da Enciclopédia, não penetrava as subcorrentes da alma do povo, incapaz, àquele tempo, de perceber e de cimentar o sonho dos visicnários.

Foi o que aconteceu, por igual, nos pampas da Argentina, nas montanhas da Bolívia e do Paraguai, nos desertos do Perú, e do Chile, nas ilhas do Equador e nas oleosas terras da Venezuela, onde não encontrou clima favorável o credo republicano, haurido da literatura liberal e positivista da França, pelos Bartolomeu Mitre, San Martín, Belgrano, Pellegrini, Montevideo, Sarmiento e outros.

O venezuelano SIMON BOLIVAR o gênio militar e herói da independência sul americana, desiludido dos seus cévros, exclamou que nem três gerações bastariam para definição da obra dos libertadores.

O credo dos Cavaleiros andantes da liberdade, degenerava no cesa-

rismo dos Cipriano Castro, Rosas, Lopez, Francia, Aguirre, Juan Vicente Gomez, Jorge Ubico, Martinez, Légua, Porfirio Diaz, Somosa, Fulgêncio Batista, Fidel Castro e muitos outros, de quem foram exemplares, no Brasil, Getúlio Vargas e João Goulart, o que não impede se possa afirmar venha sendo o nosso País o mais democrata da América Latina, com excessão do Uruguai, da Colômbia e da minúscula Costa Rica.

Ainda assim, pode-se dizer que, em determinados periodos de nossa vida pública, os Estados, Províncias e Departamentos das Nações vizinhas não suplantavam em desorganização administrativa, bantitismo político e impunidade, os Estados e Territórios de nossa Federação.

Autônomos, constitucionalmente, os Estados do Norte do Brasil, caíram, ao despontar da República, sob o jugo de Oligarquias retrógradas que transformaram os Municípios em velhacoutos de cangaceiros, esteio da política partidária dos chefes locais.

Oligarquisavam: o Ceará Dr. Antônio Pinto Nogueira Acioli, a Paraíba Monsenhor Valfredo Leal e doutores João Machado e Felizardo Leite, o R. G. do Norte o Senador (1.º Secretário do Senado)

Joaquim Ferreira Chaves, Pernambuco Dr. Rosa e Silva, Alagoas os irmãos doutores Paulo e Euclides Malta, a Bahia doutores José Marcelino e Araújo Pinho, o Piauí Dr. Pires Ferreira, o Maranhão doutores Artur Lemos e Urbano dos Santos, o Pará Antônio Lemos e o Amazonas Silvério Neri.

O Dr. Nogueira Acioli, nascido no Ióó em 11 de Outubro de 1840, filho do casal Tenente-Coronel José Pinto Nogueira e dona Antônia Pinto Nogueira, integrava numerosa e influente família da antiga Província do Ceará — instituída pela Lei de 20 de Outubro de 1823.

Bacharelado em Recife a 25 de Novembro de 1864, foi nomeado Promotor de sua terra natal, cargo que, mais tarde, ocupou na terra do Barão Fernandes Vieira — o velho e decadente Saboeiro do sertão de Inhamuns — passando a exercer, seguidamente, as funções de juiz em Baturité e Fortaleza.

A magistratura, porém, não era a rota de sua vocação. Político por temperamento, sonho de grandeza e outros fatores psicológicos, estava ele fadado ao posto de líder da "pátria inditosa fundada por Martins Soares Moreno".

Estreou com um mandato na Câmara dos Deputados Gerais, em 1880, obtendo, ao apagar das luzes do Império — 1889 — uma cadeira de Senador, que não chegou a ocupar em face da queda da Corôa.

Antes, em 1884, havia recusado a Presidência da Província do Espírito Santo, por sentir, talvez, com a visão do seu dom profético, que a sua estrela se apagaria na terra Capichaba.

Como *record* de habilidade e capacidade de aclimação política, evoluiu, sem empeno, e sem impacto, da Monarquia à República.

Deposto o Presidente Gal. Cláudio de Queiroz pelos alunos da Escola Militar e forças federais aquarteladas em Fortaleza a 17 de Fevereiro de 1892, precisamente no Governo do Marechal de Ferro, assumiu o Dr. Nogueira Acioli a Presidência do Congresso Estadual, de onde ascendeu ao Senado da República, cumulativamente com a Vice-Presidência do Estado.

É escusado dizer que em tôdas as posições que desfrutou durante mais de vinte anos, no Império e na República, — na Câmara dos Deputados Gerais, no Congresso Estadual, no Senado, na Presidência do Estado em três legislaturas, a partir de 1904, susteve sempre as rédeas da chefia do seu partido, de correligionários e familiares, obedientes ao *mot d'ordre* do seu comando.

Presidente do Estado era seu filho Dr. José Acioly, ao mesmo tempo Vice-Presidente e Secretário do Interior e Justiça, seguindo-se-lhe na 2a. e 3a. Vice-Presidência os seus favoritos Antônio Frederico de Carvalho Mota e Belizário Cícero Alexandrino.

No Senado tinha assento o seu Genro Dr. Francisco Sá e o seu irmão de naipe Dr. Pedro Augusto Borges.

Na Câmara Federal integrava a bancada o seu filho Dr. Tomaz Acioly, Drs. Frederico Borges, Graccho Cardoso, Coroneis Tomaz Cavalcante e J. F. Bezerril Fontenelle, elementos de cúpula de sua grei.

Na Assembléa Estadual figuravam o seu filho Dr. Benjamim Acioly e seu genro Dr. Raimundo Borges, Cel. Guilherme Cesar Rocha, Antônio Pinto Nogueira, Juvino Pinto Nogueira, José Pinto, Monsenhor Vicente Pinto, Cel. Be-

lizário Cícero Alexandrino, Cel. Tibúrcio Gonçalves de Paula, Cel. Casimiro Ribeiro Brasil Montenegro e muitos outros do rancho oligárquico. Era, aquêlo tempo, de trinta o número de licurgos de que se compunha a "Dieta" aciolina. E dizemos aciolina, porque, virtualmente, não havia oposição ao governo do tetrarca cearense.

Cativas, as cadeiras, os seus ocupantes eram eleitos e reeleitos pelo sistema das atas feitas a bico de pena, sem despesa e sem disputa.

Era, ainda, o Dr. Nogueira Acioly Diretor da Faculdade de Direito e Professor catedrático em disponibilidade, sendo Professores da "Salamanca" os Drs. Tomaz Acioly, Antônio Acioly e outros de sua "Bandeira", os quais, por Decretos de 2 de Janeiro de 1891, 3 de Dezembro de 1892, 7 de Dezembro de 1894, 30 de Outubro de 1895 e 1.º de Janeiro de 1901, receberam o grau de doutor em ciências jurídicas e sociais.

Integravam, ainda, o corpo docente do Liceu os Drs. José Acioly (Francês), Benjamim Acioly (Astronomia), Francisco Borges (História), Gracho Cardoso (História Geral), Guilherme Rocha (Inglês), Artur Borges (História do Brasil), c. na Escola Normal, entre outros, como Professor de Português e Literatura, figurava o Dr. Tomaz Acioly.

Ocupava também, o Dr. Antônio Acioly Filho, o cargo de Advogado da Câmara Municipal de Fortaleza e, de médico da mesma entidade, o Dr. José Pinto Nogueira.

Com esta imprecisa resenha queremos mostrar, não apenas quanto de poder discrecionário enfeixavam os oligarcas na vida política do País, como também a sua ausência de educação republicana.

A Oligarquia era, outrossim, acusada, durante, sua gestão pelo jornalista João Brigido, de atos de desonestidade, de uma série de peculatos. "Os Acioly, diz Rodolfo Teófilo, eram pobres, com os bens hipotecados a Bcris Frères e anos depois estavam todos ricos"...

Eram, aliás, no País, aquêlo tempo, diferentes os padrões de comportamento dos administradores da coisa pública.

Não havia o descaramento que passou a campear desde 1938, até a queda vertiginosa da "melange" parlamentar - presidencial - comunista do Presidente João Goulart. Enquanto evoluímos da tração animal para o ciclo da eletricidade, do petróleo e do átomo, involuamos, paralelamente, nas áreas da moral e do civismo, em marcha desabalada.

Nos Municípios cearenses, voltando à era oligárquica, os Intendentes, nomeados de acordo com a lei 764 de 2 de Agosto de 1904, eram, com honrosas exceções, chefes de cangaço, ignorantes e perversos.

Não querendo grafar os nomes de todos eles passamos a anotar os do Sul do Estado: Icó — Cel. Juvino Pinto Nogueira; Iguatú — Cel. Belizário, Cícero Alexandrino, S. Mateus (Jucás) Cel. José Leal; Varzea Alegre José Raimundo Nonato; Lavras Cel. Gustavo Augusto Lima; Aurora Antônio Leite Teixeira Neto; M. Lagres Jcsé Inácio do Barro; M. Velha Cel. Antônio Joaquim de Santana; Brejo Santo Cel. Manoel Chicote; Porteira Cel. Raimundo Cardoso; Jardim Izidoro Rocha; Barbalha Cel. João Raimundo de Macedo; Juazeiro Padre Cícero Romão Batista; Crato Cel. Antônio Luís Alves Pequeno; São Pedro (Caririáçu) José Monteiro

da Silva; Quixará (Farias Brito) Cel. José Alves Pimentel; Santana Cel. Roque Pereira de Alencar; Assaré Pedro Tamiarana; Araripe Miguel Arrais Sobrinho; Campos Sales Tiburtino Bento de Sousa; Saboeiro Cap. Antônio Domingues Ribeiro; Tauá Cel. Lourenço Feitosa.

Ainda não pode ser feita a crônica do banditismo em nossos sertões, desses degenerados da história que avermelhavam a paisagem com o sangue de suas vítimas, desses monstros que podem ser vistos através dos tipos estudados por Lombroso, Ferri, Gabriel Tarde, Myra Y Lopez, Nina Rodrigues, Afrânio Peixoto, Hélio Gomes e outros em seus Tratados de especialização psico-patológica.

Feras em forma humana, os cangaceiros não se encontravam nas estepes e florestas como os tigres, lobos e outros canídeos e felinos, mas nas cidades, com plena liberdade de acometer contra a vida, a propriedade e demais direitos dos habitantes deste pedaço do Nordeste, — o deserto largado de Deus e dos homens, de que falava o Pe. ANTÔNIO VIEIRA.

Ao tempo das oligarquias as hordas de cangaceiros não eram nômades, porque não tinham implicações com as polícias com as quais se emparceiravam sob as ordens dos Intendentes. Estes chegavam a utilizar tão estranho material na formação de "guardas locais", destinadas menos a preservação da ordem pública do que ao massacre dos adversários políticos.

Tais corpos de paisanos eram criados por leis das Câmaras de Vereadores e pagos pelos cofres da Municipalidade, em termos de verdadeira oficialização do cangaço.

Não era, porém, o bantitismo um privilégio nosso, mas uma espécie de mazela endêmica naqueles tempos.

O câmbio de sua selvageria estava ao par com o dos Municípios e outros Estados irmãos.

Era o mesmo o clima do Pajeú, Exú, Limceiro, em Pernambuco; Piancó, Conceição, Princesa, na Paraíba; Baixa Verde, Pau dos Ferros no R. G. do Norte; Vale do Gurguêa no Piauí; Baixo Mearim no Maranhão; e em todos os sertões de Goiás, inclusive na própria Bahia, no Município de lençóis de Horácio de Matos.

A região que produziu fenômenos como Rui, Epitácio Pessoa, José Américo, Juarez Távora, Castelo Branco, Agamenon Magalhães, Assis, Chateaubriand, sem falar nos mais antigos não se envergonha de haver produzido monstros como Antônio Silvino, Lampião, Sebastião Pereira, Luís Padre e inúmeros outros que, durante longos anos, enfrentaram as polícias de seis Estados, notadamente nos governos de Moreirinha (Ceará), Lamartine (R. G. do Norte, Suassuna (Paraíba), Estácio Coimbra (Pernambuco), Costa Rego (Alagoas), e Góis Calmon (Bahia).

Foi, precisamente, nessa época, que Lampião veio a Juazeiro com o seu Grupo de 44 bandidos, em que se destacavam Antônio Ferreira, Sabino, Bom de Vera, Maçarico, Jurema, Novoeiro, Juriti, Moreno, Mormaço, Coqueiro, Criança, Gato, Cobra Verde e outras feras. Veio à convite para integrar uma expedição de combate à "coluna Prestes", sendo enganado com uma patente de Capitão, lavrada por um funcionário da Agricultura que se encontrava em casa do Padre Cícero — Pedro Al-

buquerque Uchôa, no dia 4 de Março de 1926.

As cidades do Cariri, ao tempo da Oligarquia, eram enfeitadas por grupos de cangaceiros que passavam a sua fereza, exibindo, "grande chapéu de couro, quebrado adiante e atrás, meio a Napoleão, de lago barbicacho á testa, alparcatas de rabicho, lenço encarnado ao pescoço, arma longa e curta, cartucheira e punhal", retrato este pintado por Xavier de Oliveira.

Em Barbalha, por exemplo, destacava-se o grupo dos "Pacientes" que, de uma só vez, mataram quatro boiadeiros para roubar, no lugar "Catespéra", há alguns kilómetros da cidade.

Em Crato, contavam-se entre outros os nomes famosos de José Dourado, José da Lenha, Mouco, Boinho, não sendo possível arrolar os nomes de todos que serviram no combate e deposição do Intendente José Belém de Figueiredo.

Em Milagres o Grupo dos Gomes de "Lagôa Cercada", autores do ataque, saque e incêndio de casas comerciais da cidade de Aurora, era o mais importante pelo seu elevado padrão de periculosidade.

Em Brejo Santo não era inferior a cifra de malfeitores, destacando-se os nomes de José Jacaré e Róseo Moraes, acusados de autria material da morte do inolvidável cearense, Delmiro Gouveja.

Em Porteiras o cangaço era praticado pela "aristocracia". Comerciantes e agricultores defrontavam-se em lutas sangrentas. O heroísmo a que Quintiliano Saldanha chamou de heroísmo criminal, de que foram portadores Chico Chicóte, Sinhô Salviano, Jacú Cardoso, João Basílio, daria livros do tipo dos que escreveram Edgard

Wallace, Johny Cooper, Armitage Trail, Ponson de Terrail, Chico Sinhô, Jacú e João, eram brancos, ricos e pertenciam à "nobresa" da Região.

Em outra fase da política cearense, em 2 de Fevereiro de 1927, Chico Chicóte morreu lutando contra numerosa força policial do Ceará, Pernambuco e Paraíba, aprindo um claro nas fileiras dos sitiante,s de mais de trinta homens.

Ganhou tal dimensão o banditismo ao tempo da Oligarquia, que os chefes situacionistas passaram a desafinar entre si, agridindo-se mutuamente, com a violência de aldeias selvagens.

Cairam ao fragor dos tiroteios, os Intendentes de M. Velha — Róseo Jamacari, de Crato — José Belém de Figueiredo, de Barbalha — Manuel Ribeiro da Costa, de Aurora — Antônio Leite Teixeira, de Lavras — Honório Lima, de Campes Sales — José Maia, de Araripe — Antônio Matias, e de Porteiras — Raimundo Cardoso dos Santos.

Deposto o Intendente, os amotinados telegrafavam ao Presidente Arioly que, "atendendo à solicitação do povo vitorioso" nomeava substituto ao amigo vencido, recaindo a escolha no mais graduado dos "brigands", a quem passava a dispensar todo o carinho de sua política paternalista.

Como, porém, nesse terreno, "muita volta tem dado a fatal roda", em 1912 o então Presidente da República Marechal Hermes da Fonseca, prestigiu discretamente um movimento popular que irrompeu em Fortaleza contra o "Babaquara" e que terminou pela sua renúncia em 24 de Janeiro daquele ano, sendo substituído em caráter de emergência, pelo 3.º Vice Cel.

Antônio Frederico Carvalho Mota.

Na evasão de Dr. Acioly teve assassinado o seu filho Dr. Antônio Acioly, a bordo do navio em que viajavam para o Rio, no porto de Natal, o qual morreu em seu lugar por erro de alvo-aberratio ictus-crime praticado pelo seu tresloucado inimigo Antônio Clementino, também abatido em represália, na mesma ocasião, pelo Capitão Alfredo Nunes Weine, ex-Diretor da Escola Regional de Polícia.

Não foi somente no Ceará que a queda da Oligarquia se processou a mão armada.

Na "Roma" brasileira o governo do Marçal Hermes decretou intervenção para garantia da posse do Dr. J. Seabra, permitindo se cometesse funesto atentado. O fogo de artilharia do Forte do Mar, entre outros edifícios destruiu a velha Biblioteca Pública considerada das mais ricas do Continente, o que teve lugar em fins de 1912.

A esse tempo flamejava a pena de Rui, em artigos que o celebrizaram como jornalista, contra Seabra sob as epígrafes de "Cara de Ercuze", "Caim" e outros rótulos semelhantes.

A Oligarquia dos irmãos Paulo e Euclides Malta que se havia implantado depois do governo do Dr. Mancel Duarte, nos idos de 1901, também desabou a golpes de força e sob a maldição da terra dos Marechais, na mesma era de 1912.

Pier do que as outras havia agravado a pobreza do Estado que não se sabe se já acabou de resgatar as dívidas contraídas na Europa em aludido período. Isso, aliás, não impediu tenha sido a progressista cidade de Maceió, a primeira no Brasil a implantar os serviços de telefones automáticos.

Em Pernambuco, o velho oligar-

ca Dr. Dosa e Silva, que ali dominava desde a Monarquia, foi substituído pelo General Dantas Barreto que deixou a Pasta da Guerra assumindo a Presidência do Leão do Norte em 1911. Membro da Academia de Letras, o Gal. Dantas, entre outras obras deixou "A Destruição de Canúdos" e "Expedição a Mato Grosso". Em seu governo foi assassinado o famoso jornalista CHACON, fato que sacudiu toda a imprensa do País.

A terra potiguar não foi atingida pela "derribada".

Vetado o nome de Leônidas da Fonseca, sugerido pelo riograndense do Norte Capm. J. da Penha, foi mandado para a Presidência daquele Estado, o Senador Ferreira Chaves, destacado prócer do partido de Pinheiro Machado.

Na Paraíba, sucedeu ao Dr. João Machado o Dr. Castro Pinto que para sua escolha submeteu-se a um acordo com o velho oligarca Monsenhor Valfredo Leal, Vice Presidente do Partido Republicano Conservador.

Os dois chefes paraibanos — Valfredo Leal e Epitácio Pessoa — dizem as crônicas da terra de Assis Chateaubriand, temendo consequências desastrosas, armaram uma ponte entre as duas correntes com a candidatura Castro Pinto, acordo firmado no Catête perante o Presidente Hermes da Fonseca e o seu Ministro do Interior Rivalda Correia.

Para a Presidência do Ceará, em caráter definitivo, foi eleito o Cel. Dr. Marcos Franco Rabelo, que, deixando a chefia do Serviço do Estado Maior da 1.ª Região Militar, em Fevereiro de 1912, tomou posse em 14 de Julho do mesmo ano a esse tempo com a idade de 51 anos.

Militar de inconfundível categoria, oficial superior e bacharel em ciências físicas e matemáticas, era êle filho de Fortaleza, onde nasceu em 1861. Cadete no 15.º Batalhão de Infantaria, matriculou-se na Escola Militar do Rio, em 1880, sendo nomeado Alferes em 1884, ano em que terminou o curso, sendo confirmado ao Pôsto de 2.º tenente em 1885. Concluindo o curso de Engenharia em 1886, passou a servir em Belém, Manaus e Fortaleza. Nomeado professor de Engenharia da Escola Superior em 1890, obteve a sua transferência para a Escola Militar do Ceará, onde serviu até a sua extinção, em 1897, quando foi nomeado professor da Escola Preparatória de tática do Realengo. Em 1908 foi promovido a Tenente-Coronel, tendo, em 1910, ocupado a chefia de Estatística da Central do Brasil, sendo no ano seguinte — 1911 — nomeado chefe do Serviço do Estado Maior da 1.ª Região Militar, função que deixou em Fevereiro de 1912, para ser eleito Presidente do Ceará, cargo que assumiu, como ficou dito, em 1.º de Julho daquele ano.

A sua candidatura foi levantada no Catete com a colaboração do brilhante advogado e jornalista dr. Belisário Fernandes da Silva Távora, então chefe de Polícia do Distrito Federal.

O Marechal Hermes havia estreado dando ao seu governo um colorido militarista, talvez como revidé à campanha civilista de RUI BARBOSA, o atleta da Conferência da Paz, juiz — o mais votado — da Córte Permanente de Justiça Internacional, ex-Ministro e sub-Chefe do Governo do seu tio Marechal Deodoro da Fonseca.

Vale ressaltar voltando a falar

da Paraíba que o Presidente Castro Pinto se manteve leal ao Mons. Valfredo, somente enquanto o Marechal permaneceu no Catete, collocando-se depois estensivamente ao lado de Epitácio e contra o velho oligarca paraibano, chegando ao extremo de renunciar o mandato e entregar a Presidência ao irmão deste, o Vice-Presidente Dr. Antônio Pessoa, que, dentro de poucos dias montou a máquina epítacista. Em uma só Portaria que se tornou célebre, alijou mais de sessenta correligionários do Mons. Valfredo, o que significa que a queda da oligarquia na Paraíba ocorreu no Governo Venceslau Braz.

No Piauí, como continuador da política, do seu antepassado dr. Gabriel Luís Ferreira, primeiro Presidente republicano, eleito em 27 de Maio de 1891, governou no período do Marechal, o Dr. Pires Ferreira, sob o comando do chefe Pinheiro Machado.

No Maranhão escapou da "vas-soura" o Presidente Almirante Belfort Vieira, ex-Ministro da Marinha, graças ao seu merecimento ou, talvez, à habilidade do velho Senador Urbano dos Santos, correligionário de Pinheiro Machado e cômico "dribler" no jogo da política maranhense.

O certo é que naquele Estado que o Padre VIEIRA chamou de "mentira grande", onde até o sol mentia não se registraram as cenas vandálicas desenroladas nas demais unidades do Norte e Nordeste.

No Pará, com a presença de Lauro Sodré na "cidade das mangueiras", o povo guajarinu derribou a oligarquia Lemos, depredando o Palacete de Antônio Lemos — Intendente de Belém — e in-

rendiando o edificio do jornal "Provincia do Pará". Com a vitória dos "Lauristas", em homenagem ao Presidente da República, deram a uma bellissima artéria urbana a denominação de Avenida Marechal Hermes da Fonseca.

A maior vítima, porém, dentre todas, foi o Amazonas, que teve a sua Capital, a linda "Cidade das Colinas" duas vezes bombardeadas.

O primeiro bombardeio de Manaus ocorreu em 8 de Outubro de 1910, para fazer valer o "IMPECHIMENT" votado pela ASSEMBLEIA contra o Presidente Antônio Eitencourt, como castigo pelo seu rompimento com o oligarca Silvério Nery e o segundo em 15 de Junho de 1913, quando ocupava os palácios Rio Negro e Rio Branco o Presidente Jônatas Pedrosa, ocasião em que foram fuzilados vinte e um soldados da Força Pública do Estado.

Instalado no Palácio da Luz o Coronel Franco Rabelo quis vestir o seu governo com uma farpela nova, talhada pelo figurino do sistema presidencialista, em que o Governo é órgão ativo, malgrado a harmonia e independência que a Constituição Federal enfrenta aos poderes da União e dos Estados.

Dando ênfase ao problema de repressão do banditismo e punição dos crimes indulgenciados pela Oligarquia, inaugurou a sua gestão pensando transformar a Calábria em terra de Canaã, numa espécie de metamorfose de conto de fada.

Acreditou que contaria com o apoio do chefe da Nação, seu amigo e colega, para a obra de implantação da ordem e regeneração de uma sociedade formada por velhos clans, por famílias poderosas, com raízes no cangaço e no fanatismo religioso.

Educado na escola do dever e da lealdade sem o aprendizado da ciência de Maquiável, das trêtas e armadilhas partidárias, não imaginou jamais no fracasso dos seus planos de renovação da máquina política e administrativa do Estado.

Por outro lado, achamos que somente os elementos dos chefes do democrata de então — drs. Paula Rodrigues e Moreira da Rocha — tinham "pedigree", demitiram todos os intendentes aciولينos, inclusive o Padre Cicero Romão Batista de Juazeiro, substituindo-o pelo Cel. João Bezerra de Menezes, adversário ostensivo do sacerdote.

Em Crato, nomeou o Cel. Francisco José de Brito, que antes disso, já havia tomado a intendência à mão armada do Prefeito Aciolino, Cel. Antônio Luís Alves Pequeno, de acordo com o que o povo passou a denominar de "Lej de Chico de Brito".

E, enquanto fortalecia nova corrente, entregando-lhe todas as posições, encorajava a ação da justiça e da polícia, fazendo processar e prender criminosos de alta linha-gem, que a impunidade e a conivência haviam gerado nas entradas da hidra oligarquica.

Substituindo o poderio do Gal. José Gomes Pinheiro Machado, patrono da facção decaída, entendeu que a renovação dos quadros políticos, implantação da ordem e regeneração da justiça, seria uma reles questão de polícia.

Não estava, porém, longe a queda da efemera República Rabelista e consequente restauração do "bacamarte".

Com a demissão do Pe. Cicero foi preparado o caldo de cultura do fermento revolucionário.

É que, como sempre, polarizava

ele o fanatismo das massas sertanejas, material de primeira qualidade para uma arremetida em grande estilo.

No Cariri, havia desde 1908 um homem que a Bahia nos apresentara — o médico Floro Bartolomeu da Costa, o Pancho Villa baiano.

Egresso da cidade de Triunfo, de onde se afastou em virtude do fracasso profissional sofrido no combate à febre amarela, que então dezimava a população daquela rincão pernambucano, veio abrigar-se em Juazeiro, nova sede de suas atividades clínicas.

O agrimensor Conde Adolfo Van de Brule que o trouxera em sua companhia, contava que as famílias enlutadas atribuindo, talvez injustamente, à sua imperícia, o alarmante obituário, verificado no período do terrível surto epidêmico, o ameaçavam de linchamento, determinando assim, o seu afastamento da área pestilenciada.

A versão deve ser verdadeira, porquanto o novo hóspede apresentou-se em lastimável situação: sem dinheiro, barbado, cabeludo e com a roupa poida nos joelhos e nos cotovelos, sendo socorrido pelo padre que lhe mandou um barbeiro — o cidadão Pedro Coutinho — e lhe proveu de roupas novas, abrindo-lhe as portas do vale do Cariri ao seu ofício de esculápio.

Sem mulher e filhos, portador de coragem invulgar, inteligência, pronunciando espírito de aventura e ausência de sensibilidade, era o homem talhado para a chefia de uma luta armada.

Dai o posto de Comandante da revolução, que irrompeu em Juazeiro no dia 9 de Dezembro de 1913, sob as bênçãos do Pe. Cícero, por deliberação de Pinheiro M2-

chadç e assentimento do Marechal Hermes da Fonseca.

Sem família, sem fortuna, sem prestígio político, Floro Bartolomeu alçou-se sobre o cimo do poderio do sacerdote, conseguindo apelar do Governo o Presidente do Estado e, em seguida, galgar as mais altas posições.

Domjou por reflexo à semelhança do anão que trepado nos ombros do gigante consegue ver mais longe do que ele — *Pigmeu gigantum humeris imposit plusquam gigantes vident.*

Comandando batalhões de cangaceiros do Ceará e dos Estados vizinhos, bateu êle as forças legais, os contingentes de polícia do Estado que sitiaram Juazeiro, apoderando-se, depois de fraca resistência, das cidades de Crato, Barbalha, Missão Velha e Jardim, nos dias 24, 25 e 26 de Janeiro daquele ano de 1914, subjugando simultaneamente, toda a Região do Cariri.

Os comandantes das forças rabelistas Cel. Alípio Lopes de Lima, Barros e Major Ladislau Lourenço de Souza, depois de algumas escaramuças que pareciam mais exercícios de adestramento do que recintos de exércitos inimigos, bateram em retirada, na mais covarde das capitulações.

Não foi, aquela sedição, evidentemente, um movimento gravitando em torno de princípios sadios, mas um levante sem moral ideológica.

A restauração da hegemonia do partido de Pinheiro Machado no Ceará, com a destruição do partido situacionista, teria sido o *leit motiv* da conflagração, em termos de rebeldia oficializada.

Tangidos à bala, os "rabelistas" que eram a maioria dos comerciantes, agricultores e criadores da

Região, fugiram para os Estados vizinhos.

Os seus estabelecimentos comerciais, propriedades rurais, casas de residências, foram totalmente saqueados e destruídos.

Barbalha e Crato foram as principais vítimas do violento furacão, porisso que eram os maiores redutos de resistência à política dos insurrectos.

Meses a fio passaram os vencedores no serviço de pilhagem e transporte de tecidos, mercadorias, móveis e rebanhos das cidades e dos sítios, para os seus acampamentos, como presentes dos Deuses.

Os irmãos Antônio de Sá Barreto Sampaio, José de Sá Barreto Sampaio e Sebastião Manuel de Sampaio, componentes da maior firma comercial do *interland* nordestino, perderam cerca de seiscentos milhões de cruzeiros em algarismos da actual moeda brasileira.

Arrazado o Cariri, o saque ganhou nova dimensão, estendendo-se às cidades que se alinham ao longo do caminho de Fortaleza.

Na embriaguez da vitória, as levadas de cangaceiros, já agora tripulados pelo Dr. José de Ecrba Vasconcelos e Cel. Pedro Silvino de Alencar, sub-comandante das operações no marche-marche triunfal, saqueando, matando e rezando.

O último baluarte rebelista, ruiu trágicamente em Miguel Calmon com a morte do bravo Capitão J. da Penha (José da Penha Alves de Sousa), alvejado pelo jagunço Zé Felipe, no dia 22 de Fevereiro de 1914.

E foi tudo isso obra de um plano político de longa gestação, cuja execução foi traçada no Rio, sob a

a regência do Senador Pinheiro Machado, (bacharel e General honorário do Exército), chefe nacional do Partido Republicano Conservador e à sombra da autoridade do Marechal Hermes da Fonseca.

Com efeito, antes da borrasca, estiveram reunidos na Capital da República, no Morro da Graça, o General Pinheiro Machado, os doutores Flóro Bartolomeu, Aurélio de Lavor Gracho Cardoso, José de Borba, Gustavo Barroso, Francisco Sá e outros, sob a Presidência do primeiro, discutindo sobre os detalhes estratégicos da deposição do Presidente Franco Rabelo, e, segundo consta, foi Gustavo Barroso, o mais moço e o único cearense presente àquele conclave, a voz que dissentiu da idéia funesta de conflagração do seu Estado.

Queria êle se processasse a intervenção de modo directo, pelo Presidente da República, com matizes de medida constitucional, excusados o sacrificio e a calamidade de uma revolução.

O pretexto, porém, de melhor enquadramento no inciso II, do art. 6.º da velha Carta Política de 24 de Fevereiro de 1891, seria o da "guerra civil", para a sonhada intervenção na terra de CLÓVIS BEVILÁQUA.

Naquelas éras, como disse Afrânio Peixoto, o sertão começava ao lado da Avenida Rio Branco, tomada a alegoria no sentido da identidade de nível mental dos políticos brasileiros, desde os próceres da República aos coroneis da roça.

Em judiciosa sentença, exarada nos autos da ação de indenização que propôs contra a União J. F. Alves Teixeira da Praça de Crato, dizia o Dr. Silvio Gentil de Lima,

Juiz Federal de então: "Assim, estudando os fatos descritos e documentos existentes em ordem cronológica, verifica-se terem ido ao Rio nas vésperas da revolução o Dr. Floro Bartolomeu e outros políticos d'êste Estado afim de conferenciarem com os próceres da política brasileira, entre os quais figurava o Snr. Presidente da República Marechal Hermes da Fonseca. Combinados os planos regressaram aquêles e, dentro em pouco começaram as deposições das autoridades no Cariri, seguindo-se um simulacro de Assembléa e do Governo".

Na tal farça figurou como Presidente do Estado o Dr. Floro Bartolomeu que nomeou Secretário do Interior e Justiça, um rapaz de nome Severino Pires de Brito. Foi o in cjo da revolução.

Era, realmente, uma bomba que estava apenas guardando fogo no estupim.

Em outro considerando de sua sentença, acrescenta o intrépido magistrado: "Ao passo que os revolucionários chefiados pelo Padre Cícero, Floro, José de Borba, Pedro Silvino Antônio Luís, auxiliados pelo octogenário João Brígido, prosseguiam no seu intento, o Governo Federal, *coram populo*, os alentava e fortalecia com uma série de atos quais os das substituições de Inspetores da Região, franquia telegráfica aos chefes dos revoltosos, proibição da entrada de armas e munições da alfândega, desarmamento de contingentes da força policial do Estado e acúmulo de forças federais no Ceará".

Não era só isso. Além do que expõe a sentença, quando do mais acêso da refrega, fundeou nas "ondas azues dos verdes mares", o Cruzador Barroso que, por certo,

se necessário voltaria contra a cidade Nossa Senhora da Assunção as suas bocas de fogo.

Em favor da sedição, fazia-se sentir a presença do Presidente da Paraíba — Dr. Castro Pinto — que se collocou ao lado Pe. Cícero, em nome de sua solidariedade com a política do Marechal.

Sobre esse triste episódio de nossa vida republicana, disse, em um folheto impresso nas oficinas do Jornal do Comércio, em traços indelévels o renomado advogado Dr. A. P. Vieira de Melo: "Juazeiro foi transformado em Praça de guerra, tendo sido preparada a resistência com armas fornecidas por intermédio do Presidente da Paraíba. Iniciada a masorca com inaudita selvageria, os adversários do Pe. Cícero tiveram de abandonar os seus lares e haveres, fechar as suas casas comerciais, interromper todos os seus negócios e, num movimento de desespero, fugir com as suas famílias das hordas de vândalos".

Castro Pinto pagou o mal que fez ao Ceará. Nenhum político encerrou a sua carreira em situação moral mais compungente. Debaixo de uma tempestade de ataques da imprensa paraibana, caricaturado, espinafreado em prosa e verso, numa verdadeira "batalha de lama", não resistiu à campanha. "Renunciou o governo e foi passear a sua tristeza nas ruas do Rio de Janeiro".

Quem leu o Romance "D. Ribas", figuração ridiculizante de sua personalidade, romance de sensação e que funcionou nos rodapés dos jornais daquela época, "brotado da pena de um dos mais brilhantes jornalistas provincianos", sente que tinha êle razão para fugir da Paraíba, a despeito da cobertura

que lhe deram os Senadores Epitácio Pessoa e Venâncio Neiva.

Na mesma época em que Castro Pinto perdia o mandato, Pinheiro Machado perdia a vida, assassinado estupidamente pelo seu tresloucado conterrâneo Manso de Paiva Coimbra, na Praça José de Alencar, no Hotel dos Estrangeiros, em 8 de Setembro de 1915.

O comportamento e interesse do Pe. Cícero no movimento armado de 1914, desmentem os que lhe negam a qualidade chefe da intenção e a sua responsabilidade pelos seus resultados.

Por outro lado, não sofria êle de doença mental que lhe roubasse a capacidade de autogoverno, condicionada a causas biológicas. Possuía, ao contrário, pleno poder de compreensão e entendimento dos seus atos, livre determinação da própria vontade, sem o que não teria exercido a atividade e influência que exerceu no cenário da vida social e política do Nordeste.

Bancando o "fateur", diz o escritor paraibano Pe. Manoel Otaviano, que era o Padre Cícero "homem de grande cultura, profundo em história da civilização e em geografia, conhecedor como ninguém da genealogia dos grandes homens, da vida dos grandes doutores da Igreja e do tempo de sua atuação. Portador de memória admirável, latinista, invejável expositor de fatos, sabia envolver a todos com a sua palavra fácil e elegante".

Não podendo concordar, em gênero, número e grau, com semelhante perfil, traçado pelo autor de "Os Martírios de Piancó", não endoçamos, por outro lado, o que sobre êle disse, na mesma época, outro paraibano de grande talento — o transviado Lourenço Moreira

Lima, Secretário da célebre "Coluna Prestes", no seu livro "Marchas e Combates", in verbis: "Sacerdote rústico e mais ou menos analfabeto, cheio de superstições grosseiras, o Pe. Cícero acreditou nos milagres de Maria de Araújo. Suspenso de ordens, rompeu com o clero, passando a hcmisiar, com o beneplácito dos governos, tudo quanto é criminoso no Nordeste".

Evidentemente não teve êle o esmero intelectual, os conhecimentos de história e geografia, a cultura, as virtudes de "causer" que lhe emprestou o Pe. Otaviano, porém não foi, jamais, o analfabeto o "illettré" apontado por êste outro intelectual da terra do Epitácio.

Possuía boa memória, intuição, argúcia, os conhecimentos hauridos no Seminário para a vida eclesiástica e atributos cutros próprios do seu nível cultural.

Nenhuma significação tem, segundo nos parece, para aferição de suas qualidades, a idolatria das massas, porque estas se deixam fechar por beatos como os de Canúdos, Caldeirão e Contestado.

Conhecemos o Pe. Cícero durante muitos anos, vendo inclusive de muito perto as rétas e curvas do seu caminho, como religioso e como político, tendo juízo formado a seu respeito, sem necessidade da leitura de trabalhos biográficos, de sociologia, psicologia e história de outros da envergadura do Padre Antônio Gomes, Lourenço Filho, Fernandes Távora, Edmar Morel, Pe. Dr. J. C. de Macedo, Pe. Joaquim Feixote, Capitão Otacilio Anselmo, de um lado, e Irineu Pinheiro, Padre Azarias Sobreira, Pe. Manoel Otaviano, Gomes de Matos, Godfredo de Castro, Amália Xavier, e, por último D. José de Medeiros Delgado, do lado oposto.

Este ilustre Prelado em seu Juazeiro, Padre Cícero e Canindé, diz que "sem querer absolver o Padre Cícero... afirma, sem medo, que maiores do que seus defeitos foram as suas virtudes, maxime as que foram crescendo com o passar do tempo, no último quarto de século de sua existência. (Pág. 6).

Fugindo à temática deste desprezível memorial, o estudo do Pe. Cícero "discutido homem de Deus, cujo nome ainda enche o Nordeste e vive no coração de milhões de brasileiros", segundo o pensamento de D. José, forramo-nos de tamanha tarefa, tanto mais quanto é certo que para realizá-la faltaria a necessária familiaridade com a filosofia e a teologia da história exigidas por S. Exa. que, data vênha, também não as possui.

Entendemos, porém, em que pesem os critérios de postergação da indagação e da análise preconizados pelos métodos de crítica abstrata daquele eminente Prelado, que não seria possível o "retrato moral do homem sem a história dos seus atos, dos acontecimentos em que funcionou como expoente, como figura dorsal, como astro de primeira grandeza.

Pois bem, pouco antes da revolução contra Franco Rabelo, no Ceará, eclodiu na Paraíba, em Abril de 1912, idêntico movimento contra o Governo João Machado, chefiado pelos doutores Augusto de SANTANA CRUZ Oliveira e Franklin Dantas. E já quando haviam atacado Taperoá, Teixeira, Patos e outras localidades, deu-se a interferência do Pe. Cícero que, com um simples aceno desarmou os rebeldes, em termos da mais filial obediência.

Porque estão nesta dualidade de atitudes do sacerdote, ao mesmo

tempo apagando o fogo no Estado vizinho e acendendo a fogueira no seu próprio Estado?

Porque decretava a paz na Paraíba e a guerra no Ceará?

Respondam os sábios da Escritura...

Se a obsessão do ideal sacerdotal e a sede de salvar a população sertaneja, tivessem sido, de fato, a constante psicológica da alma do Pe. Cícero, (Juazeiro... pág. 8), não teria ele se conduzido com o mesmo espírito cristão de pacificidade nas duas fontes de batalha, perdendo ao Governo do Ceará o ato político de sua demissão do cargo de Prefeito?

O seu afastamento de uma função de natureza partidária, não justificaria a conflagração do Estado, sem qualquer vislumbre de interesse público.

Godofredo de Castro, cicerista dos mais exaltados, disse, em defesa do seu ídolo, da tribuna da Assembléia, no mais insuspeito dos depoimentos:

"Aquela revolução nasceu de um erro político que teve por origem a demissão do Pe. Cícero do cargo de Prefeito. Este ato do Cel. Franco Rabelo veio conturbar a situação política do Estado sobretudo porque já a este o partido situacionista estava rompido com o P. R. C. do General Pinheiro Machado. (Juazeiro na Assembléia, pág. 22).

Posto se tenha dito que o Pe. Cícero e Juazeiro "são uma unidade sui generis que não se pode separar, entendemos que o povo daquela cidade, composto na sua maioria de gente boa, nenhuma responsabilidade tem pela revolução que foi preparada na sombra e desencadeada de surpresa com material humano de diversos Esta-

dos do Nordeste.

Esta é que é a verdade, dita parcialmente, sem o ódio humano, ou satânico e sem o amor anêmico ou profundo de que fala D. Delgado. (Juazeiro, pág. 10), verdade ecudisante dos polos do fanatismo e do ódio.

Nem a agressividade figada! do Pe. J. de A. Peixoto, nem o amor congênito do Pe. Azarias Sobreira.

In médio est veritas.

Impotente para julgar a masorca, o Cel. Franco Rabelo, em longos e minuciosos telegramas, cuja extensão nos impede de transcrever, impetrava, nos dias 25 e 26 de Janeiro de 1914, a ajuda do Governo Federal, pedidos que eram secundados pelas Associações de Classe do Estado e, ainda pelo Presidente de Pernambuco o inclito General Dantas Barreto.

A essas petições o Marechal Hermes, por intermédio do Ministro da Justiça Dr. Herculano de Freitas, em respostas publicadas no D. O. da União de 27 daquele mês e anc, negava o auxilio reclamado e acentuava que os casos do Paraná e de Santa Catarina, a que prestou ajuda, eram diferentes do caso do Ceará "onde uma Assembléa se reunia e seu Presidente se declarava empossado do cargo de Chefe do Executivo Estadual".

O simples fato de haver o Presidente da Assembléa simulado a sua própria assunção à Presidência do Estado, na longínqua cidade de Juazeiro, essa farsa bastou para fundamentar a recusa de S. Exa. ao requerimento dos governos do Ceará e de Pernambuco.

Na resposta à Associação Comercial de Fortaleza, diz, ainda o Marechal, entre outras heresias. "Em tal emergência enviar CONTRA OS CEARENSES EM ARMAS (o desta-

que é nosso), tropas federais com a missão de sustentar pela força uma autoridade que só a força possa impor-se paraceria um ato impróprio das normas liberais e democráticas".

Hordas de cangaceiros, compostas de Alagoanos, Pernambucanos, Paraibanos, Riograndenses do Norte, em ação contra o governo e o povo cearense, eram batizados naquêlê documento, com o título pomposo de "os cearenses em armas..."

Não converge, outrossim, o argumento bizantino de que a ajuda federal para manter pela força a autoridade do Presidente do Ceará, seria contrária aos postulados da democracia, porquanto nunca existiu governo algum no Planeta, sem o adimniculo da força armada.

Esqueceu o Marechal os casos do Paraná e de Santa Catarina e os bombardeios da Bahia e de Manaus.

Em outro tópico de uma de suas respostas, enfatizava o Chefe da Nação, com indisfarçável antipatia pelo seu colega, que as garantias constitucionais tinham sido violadas pela coação terrorista do governo cearense até na Capital do Estado.

Prendiam, os insurrectos, os destacamentos policiais, depunham as autoridades, instalavam, em Juazeiro, um governo caricato, antes de qualquer mobilização de forças por parte do Cel. Rabelo e era este o violador das garantias constitucionais.

Que garantias dizia o Presidente da República, em resposta ao Presidente de Pernambuco, poderiam esperar os contrários, vencidos pela força federal posta a serviço de um governo assim arvorado em autoridade sem contraste ?

Sem forças o Estado para barrar o avanço dos sediciosos sobre Fortaleza, foi decretada a preconcebida intervenção federal no dia 14 de Março daquêlê fatídico ano de 1914, destituído o Cel. Franco Rabelo e nomeado Interventor o Cel. Fernando Setembrino de Carvalho.

Este, encampando os ódios e interesses dos vencedores, completou o massacre dos vencidos, do povo cearense que em sua maioria absoluta formava ao lado de Franco Rabelo naquêlê episódio sombrio da história política do Ceará.

Além da demissão em massa de funcionários rebelistas, sem estabilidade e nomeação de revolucionários, organizou com os cangaçeiros da masorca, inclusive sentenciados retirados das prisões, um batalhão de polícia, nomeando os sub-chefes Pedro Silvino e outros comandantes e oficiais da nova milícia.

E, ainda depois da intervenção continuaram no Cariri os saques, as depredações, o terrorismo, sob o olhar indiferente da Interventoria Federal e do Pe. Cícero Romão Batista.

Era o que se pode chamar a apoteóse do banditismo.

As vítimas dos saques Sampaio & Irmãos de Barbalha, Teixeira & Cia. de Crato e inúmeras outras firmas comerciais, por intermédio da Associação Comercial e comissões do alto comércio de Fortaleza, reclamaram do Interventor a devolução, pelo menos em parte, de suas mercadorias, tendo o cidadão Augusto Jucá se oferecido para indicar os depósitos em que elas se achavam com as respectivas marcas, resultando inúteis as suas impetrações.

Ações de indenização foram propostas contra a União pelas víti-

mas do saque total de seus haveres, pagando o erário, e, como tal, o Povo, os pecados mortais da política do Governo Federal daquêlê tempo.

Infelizmente as acanhadas balizas do presente trabalho, não comportam a transcrição daquela peça histórica que é o depoimento do Cel. Franco Rabelo prestado na 2.^a Vara Cível da Capital da República, como testemunha nas ações movidas contra a União e em que o ex-Presidente fala sobre o drama de sua deposição.

Não teve o Marechal Hermes a iniciativa de desembaraçar-se da influência de Pinheiro Machado, como fizera o seu sucessor o inolvidável mineiro Dr. Wenceslau Braz e como vinte anos depois, fez no México, o maior dos mexicanos — General Lázaro Cardenas — que se desvinculando da tutela do Gal. Plutarco Calles, chefe supremo da política nacional, realizou a mais progressista e proveitosa das administrações.

Graças a Deus, com estes dois titãs do Norte e do Sul, Castelo Branco e Costa e Silva, o Brasil de hoje redimiu-se da desintegração política, moral e econômica em que havia mergulhado.

Este último, acolitado por Gama e Silva, Costa Cavalcante, Delfin Neto, Tasso Dutra, Mario Andreassa, Helio Beltão, Jarbas Passarinho, Ivo Azzua, Carlos Sima, Lira Tavares, Augusto Hamann Rademaker, Marcio de Souza Melo e outros elementos de igual porte, há desenvolvido mais eficiente atividade revolucionária do que os seus antecessores, desde Floriano.

vulta, como o traço mais forte do seu patriotismo a sua heroica atitude de combate aos subversivos e crrutos.

CINAI

COMPANHIA NORDESTINA AGRO INDUSTRIAL

BENEFICIAMENTO DO MILHO EM
TÔDAS AS SUAS UTILIDADES: —

- FLOCOS DE MILHO
- FARINHA DE MÊSA
- FUBÁ
- CREME DE MILHO
- MILHOS GRANULADOS
- XEREM

LINHA COMPLETA DE RAÇÕES BALANCEADAS PARA
AVES, SUINOS, BOVINOS, ETC.

MELHORES PREÇOS ! !

QUALIDADE GARANTIDA !

SEM CONTACTO MANUAL !

FORNECE QUALQUER QUANTIDADE !

CINAI

Av. Pe. CÍCERO — (ESQUINA COM RUA FARIAS BRITO)

C R A T O

—o—

C E A R Á

Informações Básicas sobre o Município de Crato

Jurandy Temóteo

(Do Dep. de Pesquisa e Planejamento da Prefeitura Municipal de Crato — Ceará)

CRATO HISTÓRICO

— origem do topônimo — Em “Algumas Origens do Ceará”, à pág. 180, lê-se: Até a inauguração da vila com o nome de VILA REAL DO CRATO, em 1764, o povoado chamava-se MIRANDA, MISSÃO DO MIRANDA ou dos CARIRIS-NOVOS. A origem desse nome — MIRANDA — não está bem esclarecida. A versão mais difundida — acrescenta — é que tratava de um *tuxaua* ou chefe cariri que, por seus feitos de valentia ou por sua fidelidade aos primeiros moradores da terra, ficou com o seu nome célebre... (1)

O historiador Raimundo Girão, no seu livro O CEARÁ, feito em parceria com o escritor Dr. Antônio Martins Filho, hoje reitor agregado da Universidade Federal do Ceará, aventura-se e escreve à pág. 181 da 3.^a edição, editada pela Editora do Instituto do Ceará, baseado em Antônio Bezerra — pág. 115 a 118 e Florival Serraine, na Revista do Instituto do Ceará, o seguinte:

Todavia, é voz corrente na Região do Cariri que o nome do CRATO é uma corrutela da palavra *Curato*, pois, inicialmente, a cidade se teria chamado *Curato de São Fidelis de Sigmaringa*, depois *Curato de São Fidelis* e por fim, simplesmente Curato e daí Crato. E acrescenta duvidoso: Tal Curato parece nunca ter existido.

Evidentemente, todos estão mal informados. A esse respeito Pe. Antônio Gomes de Araújo, indiscutivelmente o maior historiador do Cariri, põe por terra essa lenda, provando com documentos suas afirmações. Transcrevemos o esclarecedor artigo escrito por ele, publicado no jornal “Folha do Cariri” pág. 4, edição n.º 47, de 25 de novembro de 1966: “CRATO NUNCA FOI CURATO”.

“É pura superstição histórica que o nome Crato seja uma corrutela da palavra *Curato de São Fidelis de Sigmaringa*, depois *Curato de São Fidelis* e, por fim, simplesmente Curato.

O nome *Crato*, em aprêgo, aparece pela primeira vez com a inauguração da “Real Vila do Crato”.

MISSÃO de Nossa Senhora da Penha de França do Brejo do Miranda, ou simplesmente MISSÃO do Miranda é que foi inicialmente o nome do Crato.

Inaugurada em 1740 e extinta *de jure*, em 1759, entretanto só o foi *de facto*, em 1762, ano da execução da lei da respectiva extinção

(1) Miranda, de origem ibérica, não poderia ser nome de tuorania. Provavelmente procede do sesmeio Gil Miranda, como hoje é aceito. (N. do R.)

com a criação da freguesia sob o mesmo patrocínio celestial de Nossa Senhora da Penha de França e a retirada dos missionários Capuchinhos, atos oficiais deste mesmo ano de 1762. Assim a categoria ou predicamento de missão cedeu lugar *diretamente* ao de freguesia.

Em obediência nos dispositivos legais de 6 e 7 de junho de 1755 confirmados pelo alvará de 8 de maio de 1758, à Capitania de Pernambuco em 1759 — que retirava aos missionários do Brasil a administração temporal das aldeias e eregia em vilas ou povoações sob a autoridade de administradores civis — O Governador de Pernambuco, Luís Diogo Lobo da Silva mandou retirar, no fim de 1762, de suas aldeias os missionários capuchinhos, enquanto o bispo colocou nas mesmas sacerdotês seculares como párocos.

O nome *Crato*, aplicado ao nosso Município e à cidade, não pode ter sido corruptela da palavra *Curato*, que não existia antes nestas plagas. Sem base no documento, a tradição virou superstição ou estória folclórica, dilícia dos crédulos.

CRATO DEMOGRÁFICO —

— Estimativa extra — oficial da população :

Cidade — 50.000 habitantes;

Vilas e zona rural — 38.000 habitantes;

Taxa de crescimento esperada entre os recenseamentos de 1960 e 1970: Cidade 70%; vilas e zona rural: 26%.

CRATO ADMINISTRATIVO —

Distritos : 6 — Crato (sede), Lameiro, Muriti, Santa Fé, Dom Quintino, Ponta da Serra; Prefeitura Municipal com seus vários departamentos; Câmara Municipal com 13 vereadores; duas varas de direito; duas promotorias; 3 advogados de ofício; 5 cartórios na cidade; 5 cartórios nos distritos (registro civil); uma Delegacia Especial de Polícia; 5 Sub-Delegacias de Polícia nas vilas; repartições, postos ou serviços federais e estaduais, quase todos no âmbito regional; Inspetoria do Imposto de Renda; Coletoria Federal; Escritório do INDA; Agência Coletora do D. C. T.; Inspetoria do DNOCS; Posto do DENOS; Serviço de Irrigação e Divisão de Águas; Posto de Defesa Sanitária Vegetal; Idem Animal; Floresta Araripe-Apodi; Posto Agro-Pecuário; Administração Regional do DENERU; Posto de Endemias Rurais; Serviço de Leprosia; SAMDU; F. SESP; Tiro de Guerra; Agência Regional do INPS; Delegacia de Tesouro Estadual; Coletoria Estadual Especial; Divisão do DAER; Estação de Horticultura; 4.ª Região do Departamento de Expansão Rural; Delegacia Regional da Merenda Escolar; Delegacia Regional do Ensino; Supervisão Regional do Ensino; Colégio Estadual; Circunscrição do Trânsito; Polícia Rodoviária; 3.ª Delegacia Regional da Saúde; Administração Regional da ANCAR; Rep. do Conselho de Engenharia; Posto do Serviço de Direito Autorais; *Número de Funcionários Públicos*: a) Federais — 600; b) Estaduais — 210; c) Municipais — 450.

ARRECADAÇÃO EM 1967 :

a) Federal	NCrS	344.825,51
b) Estadual	NCrS	1.502.878,68
c) Municipal	NCrS	726.957,70
Arrecadação municipal		
Prevista para 1968 :	NCrS	964.150,00

CRATO CULTURAL —

Faculdades : 2; (e mais duas em instalação: de Enfermagem e Direito); Seminários : 2; Curso Colegiais : 3; Curso Ginásiais; ou melhor Cursos Ginásiais : 12; Cursos Normais : 4; Cursos Comerciais : 1; Cursos Profissionais : 20; Grupos Escolares : 9; Escolas Isoladas : 220; Institutos de Cultura : 2; Centros de Estudos : 5; Escola de Música : 1; Bibliotecas : 19; Grêmios Literários : 9; Número de Estudantes Matriculados (1967) : 14.200.

Merece destaque o fato de que já foi lançada a campanha para a criação da Universidade Regional do Cariri, em franco andamento, contando inclusive com o apoio de altas autoridades, de políticos e principalmente de quase toda a população das demais cidades da Região.

CRATO ECONÔMICO —

a) — Indústria — É o maior pelo desenvolvimento industrial do interior cearense. Consta-se que em 1967 o consumo de energia elétrica, neste setor, ultrapassou de 50% (cinquenta por cento) ao faturado na cidade colocada em segundo lugar do sistema CELCA. Destacam-se as seguintes indústrias, de alto porte e instalações ultramodernas : IMOCASA (milho); CIMASA (mandioca); SULCEPA (papel); CECASA (cerâmica com fábrica em Barbalha); NORGUAÇU (cerâmica em fase de instalação); IMAG (massas alimentícias); COLUSA (extração de óleo de macaúba e industrialização do amendoim); CINCOA (extração de óleo de mamona e de algodão); além de outras de menor porte.

É importante lembrar que a NORGUAÇU (cerâmica em geral, acima mencionada) tem um investimento orçado em 4,5 milhões de cruzeiros novos e fornecerá inicialmente 312 empregos diretos, no primeiro faturamento na ordem de 4 milhões de cruzeiros novos, no primeiro ano.

Sendo o Crato considerado, por técnico; especialistas de São Paulo, a capital da cerâmica do Norte e Nordeste do Brasil, depois da NORGUAÇU é previsto o aparecimento de novas empresas para o aproveitamento das imensas reservas de argila e outras riquezas do solo, como gesso, caulim, xisto betuminoso, etc.

b) — Comércio — Tem 766 estabelecimentos em todos os ramos; escritórios de representações comerciais : 12; escritórios técnicos de contabilidade : 6; Postos de gasclina : 7; importantes firmas para ven-

da de veículos : (Wills, Ford, Chevrolet, Volks e Karman); 3 hotéis e pensões : 30.

O comércio é bastante ativo em todos os ramos e as grandes firmas de outros centros mantêm aqui instalada filiais ou depósitos : M. Dias Branco; Cia. de Cigarros Scusa Cruz; Mesbla; Curtume Carioca; Elizeu Batista; Lundgren Tecidos S. A.; Estabelecimentos Eduardo Bezerra; Lojas Azteca; With Martins; Siqueira Gurgel; Cimento Zebu, Aliança de Ouro; Ceará Gaz Butano; Viana Auto Peças; Fábrica de Mozaicos, além de outras.

O comércio exportador é expressivo, bastando dizer que a Coletoria Estadual registra anualmente na ordem de 9.000 exportações interestaduais.

c) — Agricultura — Propriedades agrícolas : 1.334; principal cultura agrícola : cana de açúcar transformada em rapadura e aguardente, com 70 engenhos. Logo em seguida : algodão, arroz, feijão, milho, amendoim, frutas em geral, alho e cebola.

As terras de Crato se prestam muito bem para um desenvolvimento agrícola mecanizado, técnico e racional, sobretudo porque dispõem de água de fonte perene e do próprio sub-solo.

d) — Transportes — Há 1.215 veículos registrados, é o maior centro de transportes do interior cearense. Ponta-de-linha da Rede Ferroviária Federal (ex RVC), em privilegiada situação geográfica no Nordeste e equidistante com as capitais e principais cidades desta banda de cá do Brasil, contando com grandes empresas rodoviárias e campo aviatório notável — o único asfaltado no interior do Estado — são algumas das condições especiais que dispõem o Crato a condição de líder da região, também no setor de transportes e comunicações. Depois de Fortaleza, o "Município Modelo do Ceará", em todos os meses do ano, tem sempre primeiro lugar no faturamento de ligações telefônicas pelo sistema de micro-ondas da CITELC.

e) — Pecuária — 20.000 cabeças, o rebanho bovino; 34.000 das outras espécies. Há grandes possibilidades para o desenvolvimento e seleção do rebanho leiteiro. Cogita-se deste plano, inclusive a montagem de uma fábrica de laticínios, já com uma sociedade constituída.

CRATO, SOCIAL

Há na cidade cerca de 10 mil prédios, em 122 logradouros públicos, na sua maior parte pavimentados com paralelepípedos ou pedras beneficiadas; serviço regular de limpeza pública e domiciliar; regular serviço de abastecimento de água canalizada; farta energia elétrica de Paulo Afonso.

Clubes de Serviços : Rotary (1), Lions (2), Câmara Junior (1). Outras Associações : Escoteiros, Pioneiras Sociais, Bandeirantes, Legião de Maria; de Classes Sindicais : 10; Abrigo para Velhos Pobres : 2; Clubes Sociais : Crato Tennis Clube, Associação Atlética Banco do Brasil; Jornais e Revistas : 5; Rádios Emissoras : 2; Rádios Amadores : 5; Advogados : 14; Agrônomos : 8; Engenheiros Cíveis : 6.

CRATO SETOR SAÚDE

Número de profissionais : 62; Médicos : 24; Dentistas : 15; Farmacêuticos : 12; Hospitais : 2; com 326 leitos; Maternidades : 2; com 68 leitos; Casas de Saúde : 2; Postos Municipais de Saúde : 3 nos seguintes Distritos : Dom Quintino, Santa Fé e Ponta da Serra; Laboratórios de Análises Clínicas : 2; Posto do SAMDU; Posto de Endemias Rurais; Posto da Legião Brasileira de Assistência; — LBA — Posto Estadual de Saúde; Serviço de Leprosia; Ambulatório Volante Prefeitura, INDA; Banco de Sangue; Aparelhos de Raio X : 3; Posto da Fundação SESP; Delegacia Regional de Saúde; (do Estado).

DOENÇAS MAIS FREQUENTES

- a) Infecções intestinais
- b) Tuberculose
- c) câncer
- d) psicose
- e) paratifo

CRATO TURÍSTICO

Encravado numa próspera região, onde a natureza foi pródiga em beleza naturais, equidistantes dos principais centros e capitais nordestinas o Crato tem invejáveis facilidades de acesso e grande potencial turístico que só agora começa a ser sistematicamente explorado.

Além do Departamento de Turismo Municipal, está em funcionamento uma agência especializada em excursões e vendas de passagens aéreas — OPA-TUR, com matriz em Fortaleza.

Em síntese, o quadro é o seguinte :

Clubes com piscinas modernas : 5;

Balneários : 2;

Praças : 8;

Cinemas : 3;

Hctéis (de segunda categoria): 3;

Monumento a cristo redentor — simbolo da cidade —, museu, parque permanente de exposições, quadra Bi-Centenário, Fonte luminosa da Praça da Sé, aeroporto de Fátima, chapada do Araripe e pés de serra, notáveis pelo clima ameno em quase todos meses, pelas fontes perenes, Sé Catedral, etc, pelo verdor e tranquilidade.

Destaque também para os engenhos de rapadura, para a feira semanal, ponto de encontro de milhares de feirantes das cidades satélites que aqui compram e vendem seus produtos; para o nosso rico folclore, para o movimento intelectual (primeiro no interior cearense, suplantado apenas por Fortaleza), para as nossas indústrias, para as nossa cozinha regional e para a nossa vida noturna.

Trabalho de pesquisa realizado por: :

JURANDY TEMÓTEO DE SOUSA

Clínica Dr. Macário

Dr. Humberto Macário de Brito - Dr. Heron Macário de Brito

CIRURGIA

CLÍNICA MÉDICA

RADIOLOGIA

APARELHO DE 250 A.

RADIOGRAFIA DO CRÂNIO E FACE

ESTUDO RADIOLÓGICO DO ESÔFAGO, ESTÔMAGO E
DUODENO

ESTUDO RADIOLÓGICO DO INTESTINO
GROSSO E DELGADO

RADIOGRAFIAS DAS COLUNAS
CERVICAL, TORÁXICA E LOMBO SACRAS

UROGRAFIA EXCRETORA
RADIOGRAFIAS DO ESQUELETO EM GERAL

Clínica Dr. Macário

A MAIS BEM INSTALADA DO INTERIOR CEARENSE

PERFEIÇÃO NOS DIAGNÓSTICOS !

RUA SENADOR POMPEU, 420 — CRATO — CEARÁ

EM ASCENSÃO A CASA DO ESTUDANTE POBRE DE CRATO

Muito próspera foi a gestão da última diretoria da União dos Estudantes de Crato, tendo à frente o jovem Aadir de Araújo Paiva. A CASA DE ESTUDANTE, o principal departamento daquela entidade estudantil, passou por sensível renovação. O presidente do Instituto Cultural do Cariri compareceu, a 12 de Abril, à reinauguração do restaurante daquela casa, em almoço de homenagem à imprensa desta cidade. Foi acontecimento social de importância, em que jovens estudantes, com sua alegria espontânea, confraternizaram com os homens que fazem jornalismo, em nossa terra. Mostrou também que a mocidade de hoje é responsável e sabe dirigir, com segurança, as entidades que lhes são con-

fiadas. A diretoria passada, como a de hoje, cheia de jovens vitoriosos mostra que eles estão levando aquela instituição à sua real e útil finalidade. Ali se abriga cerca de meia centena de estudantes, com tecto e refeição, relativamente aconfortáveis. Há boa biblioteca, Tv. e ótima convivência.

No almoço, em que foram servidos bem feitos quitutes regionais, falaram vários oradores entre os quais o presidente do I. C. C., que teve palavras de incentivo e de apoio àquela juventude empreendedora e cumpridora dos seus deveres. Convém frisar que "ITAY-TERA" nunca se trancou para a colaboração dos novos e vários talentos têm surgido, através de suas reuniões.

"DIVULGAÇÃO DA ODONTOLOGIA PREVENTIVA NO MUNDO ENCANTADO DAS CRIANÇAS"

Após uma semana de preparação de higiene bucal, nos grupos escolares locais, sob o sugestivo título de PARA UM MELHOR SORRISO, foi lançado no dia 29 de Março, no Crato Tennis Clube, o livro da Dra. Antoinette Pombo Silva — "DIVULGAÇÃO DA ODONTOLOGIA PREVENTIVA NO MUNDO ENCANTADO DAS CRIANÇAS". O Sr. Prefeito Municipal — Dr. Humberto Macário de Brito deu-lhe toda a ajuda possível, terminando por custear o coquetel do Crato Tennis Clube, na noite de autógrafa, que se constituiu dos acontecimentos sociais mais prementes do mês. Os odontólogos de Crato também cooperaram, de maneira decisiva, para o êxito daquela jornada. A Faculdade de Filosofia, na pessoa de seu eminente diretor Prof. José Newton Alves de Sousa, ofertou à Dra. Antoinette, que se muniu também de projetor de slide, o salão principal daquela escola, no edifício novo, à rua Cel. Antônio Luís. O lançamento do livro que é escrito à maneira pedagógica de quadrinhos com estórias sugestivas, foi lançado pelo presidente do Instituto Cultural do Cariri — J. de Figueiredo Filho. Muito influíram os cirurgiões dentistas, desta cidade, com paletas, em torno do momentoso assunto, para a total vitória da SEMANA PARA UM MELHOR SORRISO. Nossa terra, incontestavelmente, cada dia mais se firma como dos centros culturais e educacionais dos mais importantes do interior nordestino.

PONTOS DE ECONOMIA INTERNACIONAL

Abelardo Montenegro é dos maiores escritores do Ceará contemporâneo. Homem que vive absorvido em estudos, de quando em vez, lança um livro que prima sempre pela riqueza de observações, pelo belo estilo e pelos assuntos sérios que encara, com profundidade. Seu nome atravessou fronteiras. Professor da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Ceará e membro do Instituto Cearense de Ciências Políticas, escreveu há pouco monumental livro didático, sob o título — PONTOS DE ECONOMIA INTERNACIONAL, editado pela Imprensa Universitária do Ceará.

Abelardo que não sabe incensar medalhões das letras e da política, possui mérito que se afirmou até internacionalmente. Seu nome é respeitado em todas as rodas culturais do país e mesmo de fora. Só escreve com base sólida, após, pesquisas e reflexões. Em torno de seu oportuno e pioneiro livro — "HISTÓRIA DOS PARTIDOS POLÍTICOS CEARENSES" escreveu-lhe o Prof. Jorge Reinaldo A. Vanossi, da Universidade de Buenos Aires, o seguinte, em carta de 24.5.66 :

"Los estudios brasileños sobre el tema están muy avanzados, tanto que ya comprenden obras especializadas — como la suya — sobre los partidos de cada uno de los Estados de la Union. En Argentina, no obstante los realizados en los últimos años, aún no contamos con obras de tanto aleinto. Creo que su libro tiene una correcta sistemática e es, a la vez, muy claro".

PONTOS DE ECONOMIA INTERNACIONAL destina-se ao currículo escolar da Faculdade de Ciências

TELEGRAMA DO MINISTRO TARSO DUTRA

No dia 26 de Fevereiro do corrente anc, à Faculdade de Filosofia de Crato e Instituto de Ensino Superior, a sua mantenedora, prestaram significativa homenagem ao Ministro de Educação e Cultura conferindo-lhe os títulos de DOCTOR HONORIS CAUSA e de GRANDE BENEMÉRITO. S. Excia. agradeceu aquela manifestação, mostrou-se encantado com o Crato e prometeu trabalhar pela universidade regional e tudo fazer para a breve inauguração do Colégio Agrícola, deste município.

Do Rio o Ministro Tarso Dutra que deixou ótima impressão ao meio, expediu os seguintes telegramas ao presidente do Instituto Cultural do Cariri, que é também vice-presidente do Instituto de Ensino Superior, naquela ocasião, em exercício :

Vice presidente Instituto Superior Figueiredo Filho — Antônio Luís, Crato.

Peço-lhe que aceite sinceros agradecimentos pelas atenções e amáveis expressões contidas discursos por ocasião outorga títulos Grande Benemérito e Doutor Honorário desse Instituto e Faculdade Filosofia Crato vg que muito me desvaneceram Pt Saudações Tarso Dutra, Min. da Educação e Cultura.

Prof. Figueiredo Filho — Faculdade Filosofia Crato

Cordialmente agradeço gentileza oferta seu valioso livro "Folguedos Infantis Carienses" Pt. Tarso Dutra, Min. da Educação e Cultura.

Econômicas da Universidade do Ceará mas pela proficiência do assunto abordado, merece ter amplitude nacional.

A EUROPA É BEM ALÍ

Tomé Cabral é dos vultos principais, forjados em Crato, em plena projeção por aí afora. Dedicou-se ao Banco do Brasil e ocupou de suas mais altas posições. Ao aposentar-se ainda serviu na direção do Banco do Estado do Ceará.

Em sua juventude, dedicou-se a imprensa local, fundando jornais de repercussão, ao lado de Pedro Gonçalves de Norões. Apesar de viver entre algarismos, nunca esqueceu as letras. Lia muito e pesquisava, a vagar, a linguagem do povo, tendo bastante elementos acumulados, para escrever volumoso e bem fundamentado estudo no assunto. Em 1968, pelos CADERNOS DO CARIRI, SÉRIE VIAGEM, dirigido por José Newton Alves de Sousa, publicou "A EUROPA É BEM ALÍ...", impressões de sua viagem de recreio do Velho Continente. O livro foi bem aceito e esgotou-se num abrir e fechar de olhos. Tomé Cabral tem o dom de saber dizer as coisas, com agrado

geral. Possui belo estilo, adorado com certo humorismo que prende o leitor, em verdadeiro deleite espiritual. Viajou êle em caravana de turismo, com sua espôsa Salma e bom número de cearenses, em diversos países da Europa.

Viu muita coisa do Velho Mundo, em passagem rápida e soube retratá-la também em tonalidade de turista apressado com verdadeira precisão. Mas, não é fazer análise de obras de arte, já repetidas em todo o livro de viagem, que consegue atrair o leitor. A prosa leve muitas vezes é mais acessível. Tomé Cabral saiu-se bem em A EUROPA É BEM ALÍ.

É colaborador de ITAYTERA e agora, com a família, está a residir na encantadora cidade paulista de Campinas. Naqueles paradisíacos recantos entregar-se-á à confecção de seus livros de LINGÜÍSTICA e de FOLCLORE. Tomé Cabral ocupará igualmente o consulado cultural do Cariri, naquelas prósperas terras interioranas de S. Paulo, para honra e glória, destas plagas sul cearenses.

O VAGALUME

DANDINHA VILAR

LANTERNA VOADÓRA DOS ESPAÇOS
LUZ ERRANTE QUE ENFEITA A NOITE ESCURA,
VISÃO QUE SE ASSEMELHA A CADA PASSO
MINI-ASTRO CAÍDO LÁ DA ALTURA;

FLÔR DA NOITE NOS CAMPOS DESABROCHADA
A ERILHAR E A FULGIR TÃO ERRADIA,
IGUAL ÀS ILUSÕES, Ó LUZ ALADA,
NO ESPAÇO DOS DESTINOS, FUGIDIA !

NOTIVAGO INCONSTANTE EU TE SUPONHO,
AO CONTEMPLAR-TE ASSIM, ESTARRECIDA,
SEMELHANTE À IMAGEM DO MEU SONHO

QUE, COMO TU, BRILHOU EM DESATINO,
PARA DEPOIS TORNAR-SE EM MINHA VIDA,
FOGO-FÁTUO APAGADO EM MEU DESTINO !

O CARIRI — CRATO - JUAZEIRO DO NORTE ESTUDO DE GEOGRAFIA REGIONAL

J. F. F. —

Editado pela FACULDADE DE FILOSOFIA DO CRATO, foi lançado em concorrida noite de autógrafos, em que falou o Prof. José Newton Alves de Sousa o livro do conhecido professor de Geografia, da Universidade de Salvador — Douracy Soares — "O CARIRI — CRATO - JUAZEIRO DO NORTE". É trabalho bem feito da Gráfica local — CARIRI, de Raimundo Pires Maia.

O Autor é baiano, pesquisador de primeira ordem, geógrafo do Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais da Universidade Federal da Bahia, além de possuir outros honrosos títulos. Empolgou-se ele, de verdade pela zona caririense e escreveu estudo sobre esta zona, que será outro veículo de propaganda do Cariri por aí fora. Faz síntese, bem elaborada, bebida em fontes geográficas e históricas, do Vale Caririenses. Mas, não ficou nisso. No próximo ano, com turma de estudantes, virá a Crato para fazer levantamento geral da chapada do Araripe e de

outros pontos principais do Cariri cearense.

Situa bem este trecho importante do Ceará como região e por isso precisamos ver a mostra que diz a esse respeito à página 9 de seu livro—É o Cariri uma região?

Preferimos responder afirmativamente, mesmo sabendo dos problemas ligados à definição, delimitação e caracterização de uma região. O Cariri parece-nos uma "Região Urbana", segundo a definição de Henri Hauser: "a região é a zona que sofre a ação de um grande centro urbano.

Destacamos pequeno trecho do sucinto prefácio que lhe fez J. de Figueiredo Filho, presidente do Instituto Cultural do Cariri.

"Fiquei deveras empolgado com a leitura dos originais de "CARIRI — CRATO - JUAZEIRO DO NORTE ESTUDO DE GEOGRAFIA REGIONAL" do Prof. Douracy Soares.

De vultos assim, cultos, perspicazes, inteligentes e dedicados, é que precisamos para a divulgação das coisas sérias de nosso Cariri.

I M O R T A L

DANDINHA VILAR

PASSA A VIDA. E NA VIDA TUDO PASSA...
PASSA O SOL E O LUAR: PASSA A BONANÇA.
PASSA O PRANTO QUE A LUZ DO OLHAR EMBACA,
PASSA TAMBÉM A LÚCIDA ESPERANÇA.

PASSAM NOTES SOMBRIAS, PAVOROSAS,
PASSA O DIA FELIZ DE PRIMAVERA...
PASSAM NUVENS NO CÉU TÃO VAPOROSAS,
PASSA O SONHO E A ILUSÃO, PASSA A QUIMERA.

PARA O MAR TENEBROSO PASSA O RIO,
COM ÁGUAS A CANTAR EM BORBORINHO,
A CANÇÃO JÁ PASSADA, REVIVIDA.

PASSA TUDO AFINAL. NUM DESAFIO...
SÔMENTE TU NÃO SAIS DO MEU CAMINHO!
SÓ ESTE AMOR NÃO PASSA EM MINHA VIDA!

Todos os problemas vitais do Cariri e adjacências estão magnificamente focalizados, no grosso volume, editado pela Imprensa Universitária do Ceará — "DOZE ANOS DE PARLAMENTO", de autoria do ex-deputado federal Antônio de Alencar Araripe.

Poucos homens da representação do Ceará trabalharam tanto pela zona que o elegeu do que êle. Sua programa e sua preocupação única resumiam-se na defesa intransigente da gleba caririense. Após tantos trabalhos e tantas canseiras, teve prêmio de seus concidadãos, cujo mandato soube tanto elevar, em luta tenaz pelo bem público. Quando lhe faltou numerário suficiente para competir, no leilão de votos, foi-lhe negado o sufrágio dos eleitores da região que êle tanto soube beneficiar.

Após os duros combates parlamentares, à maneira dos antigos romanos, da época do fastígio da República, recolheu-se ao amanho dos campos em sua fazenda nos sertões criadores do Piauí.

Seu livro contém os principais discursos pronunciados, na Câmara Federal, em sua movimentadíssima vida parlamentar de doze anos. Constitui, em suas quinhentas páginas, valioso repositório de tôdas as questões palpitantes do Vale Caririense e os meios seguros de solucioná-los. Não perde tempo com palavrório, nem com demagogia barata. É inteiramente objetivo. Advoga, com argumentos irretorquíveis, o aproveitamento total do vale do Carás, tão pródigo em humos e tão impregnado de água aproveitável. Traça o plano de sua

integração à agricultura moderna, em estudo que mais parece de um perfeito técnico no assunto.

Em muitos discursos faz retrospecto histórico do Cariri e outras vezes chama a atenção para as riquezas em potencial que existem inexploradas, escondidas ainda no seu solo e subsolo.

Com inteira justiça, relembra o papel desenvolvido pelo antigo engenheiro Saturnino de Brito, nos estudos que desenvolveu para o prolongamento da Estrada de Ferro de Baturité até o Vale Caririense. Cita-lhe frase que corresponde a toda e qualquer impressão das pessoas de visão, que nos tem visitado:

"Para o viajante que percorre o Estado neste tempo de seca, para o filho do Sul surpreendido desagradavelmente pelo aspecto da vegetação, que parece morta, sem ver, durante a viagem, uma fôlha verde nas árvores, sem passar um fileta d'água nos rios, é o Cariri um oásis pelo aspecto ridente que oferece a vegetação verde os esplendidos tapetes formados pelas plantações de cana-de-açúcar, estendendo-se das faldas aos baixios, a água corrente... enfim, um acanhado panorama daquilo que temos exuberantemente no Sul".

DOZE ANOS DE PARLAMENTO é o melhor veículo de orientação para um representante do Cariri, ou do Ceará, guiar-se na Câmara de Deputados ou no Senado e muito servirá para consultas de todos acuéles que se interessarem pela valorização desta privilegiada e esquecida zona sul cearense.

Crato, maio de 1969.

"NÊGO", DOS GRANDES ARTISTAS POPULARES DO CARIRI

J. F. F. —

Geraldo Simplicio, chamado simplesmente de NÊGO, nasceu a 24 de Fevereiro de 1943, filho do casal João Simplicio e Maria do Carmo Alves. Isso foi na cidade de Aurora. Radicou-se ao Crato, onde hoje reside e se instala com seu atelier de material tosco, numa das vastas salas do vetusto educandário, agora em colapso — o Seminário de São José.

É conviva do Pe. Antônio Teodósio, trabalha isolado do bulício do mundo, mas de quando em quando, é visitado por admiradores da terra e de outros recantos do país. É escultor natural, filho da arte popular, com inspiração de provocar a atenção de todos que analisam a sua obra. Não "é da linha do Mestre Nossa", de Juazeiro, outro artista popular digno de admiração. Sua arte é própria, brotada do seu espirito criador e variadíssima. Seu entalhe é fino, com criações múltiplas. "É um fixador de flagrantés", como bem o chamou o cronista recifense Olímpio Bonald. Expôs na capital pernambucana, com sucesso total, tendo toda a sua produção sido adquirida a bom preço. Em Fortaleza sucedeu o mesmo.

Em seu recanto no velho Seminário, herança de D. Luís Antônio dos Santos, primeiro Bispo do Ceará e dos maiores prelados do Brasil, NÊGO recebe visita de cineastas, como sucedeu há bem pouco, como a de Geraldo Sarno, do Instituto Nacional de Cinema e convites para expôr no Rio, Brasília e S. Paulo.

Sua escultura, pela perfeição, parece até que foi filha de estudos, com mestres. Mas é toda natural. É a prova dessa capacidade criadora do cearense.

O meu velho amigo, suíço — Jean Pierre Chablot, escritor, musicista e pintor, acha que o cearense é dos tipos humanos mais inteligentes do universo. Ninguém o excede, nem mesmo o europeu mais evoluído. NÊGO é prova viva dessa afirmação do helvético de Lausanne, hoje residindo em Fortaleza. Citemos alguns trabalhos de Geraldo Simplicio, expostos e adquiridos, em várias exposições:

PILADEIRA, ROCEIRA, PARTEIRA, CRISTO, CEMITÉRIO, PEGA DE BOI, JUMENTO, SERESTEIRO, BANDA CABAÇAL, RENDEIRA, ROMEIRA, PIQUISEIRA, OS BÊBADOS, RETIRANTES, PEDINTES, CEGOS, PROMESSA, FORRÓ, etc.

Em Recife, NÊGO espôs no mesmo salão onde estavam as joias da Rainha Elisabet II, da Inglaterra.

Fêz parte também de dois salões de Maio, na Faculdade de Filosofia do Crato, obtendo prêmios e prepara-se agora para o terceiro, a realizar-se em fins deste mês, em comemoração ao nono aniversário daquela escola de nível superior.

TIO MUNDICO

FRANCISCO DE VASCONCELLOS

O objetivo principal do presente trabalho é focalizar alguns dos velhos folguedos populares de São Luís do Maranhão, já desaparecidos do cenário folclórico da capital maranhense, revividos através da figura veneranda de Tio Mundico, Raimundo Gomes de Oliveira, nascido na terra de Gonçalves Dias, contando atualmente 69 anos de idade. Homem do povo, desde menino participou de cheganças, fandangos, caninha verde, tanceiro, janotas, africanos e escravos, cabeça de bagre, etc. Dono de u'a memória impressionante, recordou com tôda a fidelidade a organização e o desenvolvimento de tais folguêdos, assim como alguns recitativos e toadas peculiares aos mesmos. Vive atualmente de modestos negócios no Mercado de São Luís e das recordações dos bons tempos de folganças. Faz parte inclusive de um grupo dito "da Velha Guarda" que cultiva poesias antigas, reunindo-se regularmente no bairro do Codcsinho.

Faz-se mister, entretanto, antes de entrarmos diretamente no assunto, tecer algumas considerações sobre o inesgotável e quase desconhecido folclore maranhense, que se esparrama através suas múltiplas manifestações pela capital e interior.

Poucos são aquêles que têm percorrido o Estado em suas várias direções a cata de material de cultura popular. Em São Luís alguns idealistas e abnegados, já conseguiram vencer alguns preconceitos e até dificuldades de ordem técnica e financeira, lançando-se em

pesquisas proveitosas, para trazer à lume alguns trabalhos capazes de demonstrar a riqueza folclórica local. Mas, apesar destas iniciativas isoladas e pioneiras, muito ainda está por ser feito, sendo indispensável, logo de saída um total e completo levantamento do potencial folclórico de tôdo o Estado.

Nascimento Moraes Filho, é um nome que se destaca no cenário do registro da cultura popular maranhense. Fiscal de Renda, viveu grande parte de sua vida embrechado no alto sertão, na baixada e nos velhos núcleos litorâneos, na árdua cata de impostos. Dotado de fina sensibilidade e de mercado gosto pelas coisas do povo, não só recolheu um mundo de lendas, crendicos, meisinhas, expressões típicas, vocabulário regional, etc., que reuniu em livro substancioso, intitulado Pé de Conversa, como também colecionou vasto acervo de objetos do período paleolítico do Maranhão, acervo que conserva em sua casa do Beco do Couto 56. É pois figura invulgar no campo da etnografia e do folclore de sua terra, embora não tenha formação acadêmica nem a intencionalidade do pesquisador. É mais um dilettante, porém honesto e criterioso.

Domingos Vieira Filho é outro nome que não pode passar despercebido, notável que é em suas atuações, mormente na área da capital. Advogado miliante, folclorista de boa formação, homem de letras, ocupando atualmente posição de destaque no dinâmico governo de José Sarney, tem pesquisado o quanto possível e publicado

aquilo que o meio ainda despreparado, permite.

Como representante da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro em seu Estado, tem tido oportunidade de organizar feiras de artesanato, de arte popular, programação festivas incluindo inúmeros folguedos regionais. Ficou célebre a promoção que levou a efeito em 1962, quando toda São Luís teve ocasião de aplaudir não só o Bumba meu Boi, o Tambor de Crioula, a Festa do Divino Espírito Santo, como também os desaparecidos fandangos, caninha verde e chagança, através de criteriosas e perfeitas recomposições. E não faltou na oportunidade a antiga doçaria ressuscitada graças às receitas cuidadosamente guardadas por velhas doceiras de sua família.

Mas, os verdadeiros passos para uma pesquisa científica e metódica em todos os quadrantes do Estado, ainda não foram dados. Antes de mais nada, devemos explicar que o Maranhão é zona de transição entre Norte e Nordeste e, este fato já foi tão bem compreendido por técnicos de atuações em outras áreas da cultura humana, que é ele a única unidade da Federação localizada naquêlo imenso pedaço do território nacional, que se beneficia da SUDENE e da SUDAM. Ora, na qualidade de zona de transição fácil será aquilatar o impressionante complexo social e cultural que vive dentro de seus limites. E dentro deste quadro, temos ainda que incluir os chamados núcleos de convergência, via de regra polos de atração de interesses econômicos. São aglomerados humanos em frequentes mutações em suas estruturas, conseqüentemente com um folclore ainda não estratificado, zonas de

aculturação por excelência. Para exemplificar, citamos Bacabal, a Meca do Arroz, cidade que cresce vertiginosamente à beira do Meirim, importante célula comercial e agrícola implantada no coração do Estado. Ali vivem e por ali transitam elementos das mais variadas regiões do país, em busca de negócios fáceis e rendosos, negócios estes que gravitam primordialmente em torno do arroz, da mandioca e do babaçu. São levadas as caminhões que em determinadas épocas do ano demandam Bacabal no intuito de puxar carga para os grandes centros de consumo do país.

Nestas condições há naquelas paragens pouca fixação de determinado elemento humano, a exemplo do que acontece nos garimpos onde tudo é aventura, imprevisão e audácia.

Também a formação étnica do Maranhão contou com uma multiplicidade de tipos humanos e isto ainda acontece nos dias que correm. Foram brancos de várias procedências (portugueses, franceses e holandeses), negros notadamente do grande ramo sudanês e indígenas de variada ascendência. E as migrações de nordestinos, notadamente de cearenses, foram e são relevantes. As sécas cíclicas empurraram legiões de homens e mulheres para os arroais e babaçuais maranhenses e para os seringaais da amazônia. Costumam até dizer os alencarinos, com aquêlo convencimento que lhes é peculiar, que tudo que o Maranhão tem de bom é obra cearense.

Ora, num ambiente assim, diferenciado, ainda em franca ebulição étnica e cultural, onde poucas são as constantes e quase tudo variável, fácil é aquilatar o sobrehu-

mano trabalho que terá que ser enfrentado por aqueles que se aventurem no estudo do folclore maranhense. O terreno é insidioso e movediço e o perigo das conclusões é iminente.

Possui a terra de Gonçalves Dias folguedos que praticamente cobrem todo o Estado com as mesmas características centrais, variando em alguns aspectos ao sabor da formação local. Há também manifestações folclóricas típicas de determinada cidade ou região.

O Bumba meu Boi, por exemplo, é brincado em quase todo território maranhense, sempre na época junina. Vamos observá-lo em Guimarães, Cururupú, Axixá, Rosário, Pinheiros, Caxias, Vitorino Freire, Viana, Alcântara, Penálvieira e São Fêto, para somente citar os redutos mais expressivos. Em São Luís, verdadeira Meca do folguedo, o "boi" se multiplica através de inúmeros grupos integrados por gente de variada procedência de dentro e de fora do Estado, o que certamente traz muitas variantes para o grande auto popular, concorrendo para a maior dificuldade de seu estudo e sistematização.

Em Bacabal, centro de influências alienígenas, pelos motivos já explicados em páginas anteriores, praticamente não se brinca boi. O fato foi por nós registrado quando de nossa viagem àquela localidade em 1964. A meia legua da cidade, no lugar chamado Olho D'água, existe um tal de Djalma que bota boi no período junino. Informaram-nos que o grupo vem à cidade folga a valer e depois coloca o boi sobre uma prancha, fazendo-o deslizar pelo rio Mearim abaixo. Este detalhe é relevante e merece uma pesquisa mais apurada.

O Tambôr de Crioula de tanta

projeção dentro do Estado, brincado à volta do ano, mormente pelas populações negras, folguedo obrigatório nos subúrbios de São Luís, aparece em Bacabal também a denominação de Tambôr de Negro e Punga. Dusinho "home folk" da localidade costuma reunir um grupo de amigos para "dançar o tambôr", e o faz preferencialmente em 13 de maio em homenagem a liberdade dos de sua cor e no dia 24 de agosto para saudar São Bartolomeu. Também Doca Fininho e Adésio são figuras proeminentes da Punga bacabalense.

O mesmo Dusinho é mestre da Mangaba ou Baião de Negro. Descrevendo a brincadeira, disse que dela participam homens e mulheres que em pares soltos fazem zigzags em forma de oito ao som de caixotes de madeira e latas violentamente percutidos por exímios batuqueiros. Há sempre um puxador de versos, improvisador de escol, que canta rimas que são repetidas pelo coro de brincantes. Na oportunidade da pesquisa anotamos o seguinte:

Mané Lopes, Mané Lopes
Mané Lopes da Atalaia
Se não fosse o Mané Lopes
Muié não vestia saia
Mas cadê o Mané Lopes
Tá na Atalaia.

Em Rosário o Preto Romão reúne os amigos para brincar o LêLêLê e em São Vicente Ferrer há quem organize a Dança de São Gonçalo. O Bambaê ou Farra de Caixa merece também registro em alguns pontos do Estado. Em Arari e Vitória do Mearim, em plena baixada maranhense, há um folguedo interessante: o Terecô do qual participa número ilimitado de brincantes sacudido pelo ritmo

produzido por caixas semelhantes àquelas usadas na Festa do Divino Espírito Santo, grande acontecimento nos meios populares nos subúrbios da capital. O Terecô no Alto Mearim, é sinônimo de Terreiro de Mina, que via de regra em quase todo o Maranhão significa Terreiro de Santo, quer seja êle de Umbanda, Nagô ou Mina Gêge. Aliás é de se frisar que não se deve confundir Terreiro de Minas, tradição de São Luís, último Terreiro de Santo, com Casa das Minas, tradição de São Luís, último baluarte dos rituais minas-gêges, casa que guarda os segrêdos dos velhos Voduns africanos.

Em Vargem Grande é a Festa de São Raimundo dos Mulundús o grande acontecimento da vida popular, começando em 31 de agosto para só terminar quando as águas da imensa rêde fluvial da região, tomam conta da cidade. Aquiles Emir Chaves, um de nossos bons informantes, contou-nos da autêntica Pajelança de que costuma participar, como observador, no núcleo indígena do Posto Gonçalves Dias, no Município de Monção, baixada maranhense. Ainda em Monção, no Alto Mearim e no Pindaré há grupos de pedintes de joias para Santa Luzia. A rima que segue já estereotipou-se no meio popular.

Eh de casa

Eh de fora

Aqui está Santa Luzia

Anda tirando as esmolas

Pra festejos do seu dia.

Ora, cremos ter demonstrado em rápidas pinceladas, o mundo a ser estudado e pesquisado no que concerne ao folclore da terra maranhense. E não tocamos em muitos outros assuntos, por fugirem de certo modo ao escôpo do presente trabalho.

Temos que retomar o fio da meada para tratar de Tio Mundico, nascido e criado na capital, cultor das tradições de sua terra, testemunho vivo de velhos folguêdos desaparecidos, arquivo impresso testemunho vivo de velhos folguêdos das rimas e dos autos de que participou desde menino.

Para não fugir à ordem dos folguedos a serem tratados, exposta no limiar desta resenha folclórica, começamos pelo Fandango, passando sobre a Chegança, por estar escalada para integrar outro trabalho de nossa lavra.

F A N D A N G O

Em recente artigo no Caderno B do Jornal do Brasil de 25 de dezembro de 1968, o conceituado folclorista pernambucano Hermilic Borba Filho, tece algumas considerações sobre o Fandango. Diz êle: "O Fandango, também conhecido nos estados nordestinos como bailado dos marujos, marujada, chegança dos marujos, ou barca, já era conhecido na primeira metade do século XIX. É um auto composto por cantigas brasileiras e xácaras portuguesas, que se representa durante o ciclo do Natal, com personagens vestidos de oficiais de marinha e outros de marinheiros, cantando e dançando ao som de instrumentos de sôpro e cordas dedilhadas.

É um resultado das Odisseias marítimas portuguesas: às vezes também apresentando episódios de luta entre mouros e cristãos. A cena representa um navio no mar, com a tripulação em apuros, descobrindo-se por fim que o diabo está à bordo. Os personagens principais são: o capitão, o gajeiro da gaita (o diabo), o piloto, o mestre

de equipagem, o contra mestre, o capelão, o ração e o vassoura (palhaços). O romance da Nau Catarineta comumente faz parte do auto".

Mestre Câmara Cascudo, ao versar sobre o assunto R. pág. 305 da 2.^a edição de seu Dicionário do Folclore Brasileiro, faz coincidir as suas palavras com as do autor supra citado. Senão vejamos: "FANDANGO — Com vários sentidos no Brasil. Fandango é o bailado dos marujos, cu marujada ou ainda chegada dos marujos ou barca nalguns Estados do nordeste e norte".

No Maranhão, mais especificamente em São Luís, onde o Fandango já é letra morta, pelo que pudemos colher através de Tio Mundico, o povo parece não identificá-lo com a Chegança cu Marujada, embora no Fandango local haja luta de mouros e cristãos, marujos, cantigas brasileiras de mistura com xâcaras portuguesas, etc. Mas, Tio Mundico apresentou-o como peça autônoma, sem qualquer sentido de sinônimo de chegada e principalmente como folguedo carnavalesco e não natalino. Vejamos o que recolhemos de nosso informante.

Quando ainda andava pela casa dos dez anos de idade, fez parte do Fandango de Levino que morava na rua o Passeio canto com Apicum. Apesar da tenra idade nunca esqueceu algumas passagens musicais e respectivos recitativos. Segundo êle, eram dois partidos dispostos em cordões de igual número sendo um chefiado pelo Rei Cariongo. Do chefe do outro não se recorda. As representações tinham lugar nas casas particulares para onde eram convidados. O partido do Rei Cariongo ainda ostentava

uma Rainha, uma Princesa, um Embaixador e três Príncipes Frederico I, II e III. O outro trazia Rei e Rainha, Príncipe, Princesa e Embaixador. No mais, os cordões eram integrados por soldados, que segundo o nosso entender deveriam ser marinheiros. Vale entretanto registrar o informe como foi dado para não se fugir a autenticidade da pesquisa. O fardão dos embaixadores era todo feito de escamas de peixe confeccionadas de folhas de flandres recortadas. Traziam escudos no braço, portavam enormes alfanges e bonés de flandres cobrindo a cabeça. Os soldados de belbutina e veludo empunhavam machadinhas e lanças. Segundo Tio Mundico usavam "capacetes de São Sebastião". O partido de Cariongo trajava vermelho e o outro azul.

Agora vejamos uns poucos recitativos de que se lembrou a veneranda figura :

Frederico I feito prisioneiro canta :

Abandonar um soldado da Rionda
Me acho preso nas muralhas fortalezas

Segue vamos Embaixador
Adonde está o meu tesouro
Dou-te prata, também dou-te diamante
Dou-te mois milhões em ouro.

Embaixador :

As armas de meu monarca
Não se trocam por dinheiro
Tu entocste em guerra em Palestina
Tu tens de ser meu prisioneiro.

Frederico III canta :

O Príncipe perde a batalha
Mas eu hei de mi vingar
Traidor no fio de meu cuteco
Tens de passar bárbaro Embaixador.

Havia lutas no decorrer das apresentações e as lanças manejadas com maestria empolgavam a plateia. Dentro das casas admitiam os brincantes como único instrumento, uma caixa de guerra. Entretanto, quando saíam à rua, faziam-se acompanhar de pequena orquestra de sôpro que tocava marchas.

C A N I N H A V E R D E

Oneyda Alvarenga in Música Popular Brasileira, [Editora Globo, Porto Alegre 1950, ao tratar da Caninha Verde às páginas 179/182 diz ser ela a dança cantada no sul e centro do Brasil, constando de uma roda de homens e mulheres, divididos os sexos em seções que se defrontam, cantado e permutando os lugares formando pares. Câmara Casado na 2.^a edição do seu Dicionário do Folclore Brasileiro, tratando do assunto à pág. 174 explica que a Caninha Verde é uma das mais populares danças do Minho embora coreograficamente diversa da registrada no Brasil onde também muda de forma e passos através das várias regiões onde é praticada.

Sobre o folguêdo em tela nada mais conseguimos apurar e nem uma linha encontramos sobre sua linha encontramos sobre sua manifestação no Nordeste, muito menos no Maranhão. Mas, Tio Múndico falou-nos acerca d'êle em sua São Luís, onde aparecia no período carnavalesco. Havia um enredo que girava em torno do casamento de uma jovem com Manoel da Baralhada, figura terrível, bebedor inveterado. O pai, contrário ao enlace cantava seus argumentos em que baseava sua oposição. Afora o trio principal, formado pelos noivos e pelo pai contrariado,

brincantes vestidos de verde e amarelo formavam cordões paralelos dançando ao som de saxofone e clarinete. Os guias dos cordões postavam maracás de flandres. Um dos integrantes do grupo trazia na mão um pedaço de cana, e a turma cantava :

A minha caninha verde
Anda à roda do vapor
Ainda está para nascer
Quem há de ser o meu amor.

Note-se o marcado sabôr português destes versos.

E a noiva lamurienta :

Casar, casar
Meu pai quero me casar

T A N O E I R O S

Dois partidos se dispunham em cordões, partido rico e partido pobre. No primeiro destacava-se a filha do tanoeiro que dedicava um amor tôdo especial ao aprendiz de seu pai, integrante do outro partido. Ela cantava :

Eu nasci para amar
Um homem pobre e honrado
Por isso meu coração
Ama o Julio adorado
Detesto muita riqueza
Aborreço a fidalguia
O aprendiz do tanoeiro
É minha pura alegria.

Acompanhavam os brincantes saxofone, clarinete e dois maracás manejados por balizas.

J A N O T A S

Assim como os Tanoeiros os Janotas também revelam a profunda marca que o português deixou na velha terra maranhense, tradições plantadas ainda nos remotos tem-

pos coloniais. Estes Janotas também saíam em cordões e se constituíam em atração carnavalesca. Usavam casaca, colete, cartola e bengala. Havia uma figura central, o janota propriamente dito que caminhava entre os cordões metido num "sobretudo", "chapéu de pelo" e portando uma bengala. A música se compunha de clarinete, saxofone, piston, cavaquinho e dois maracás tocados por balizas. O cordão costumava cantar:

O janota na janela
Namora com a calça rôta
Os moleques aplaudiam
Qua, qua, qua,
Que a coisa é outra.

AFRICANOS E ESCRAVOS

Foi em 1925 que Tio Mundico fez parte de um conjunto de Africanos, na maioria gente de côr que se vestia de calça azul, camisa de meia preta, tanga de estopa e alpercata. Na cabeça chapeu de carnaúba. Pelo enredo e pelas figuras mais destacadas do foigüêdo, levou-nos o informante a acreditar ser a mesma coisa Africanos e Escravos. Os protagonistas eram Tio Tomaz e Tia Felícia, imitando dois pretos velhos cansados da luta. No papel dêle funcionava Jcsé Garapé, famoso em São Luís por ser também amo de boi e no dela, veterana irmã da Casa das Minas, venerando reduto do culto religioso dos minas-gêges. O enredo se desdobrava em várias partes com cenas típicas de Pai João, daquela figura velha e alquebrada de que nos fala Artur Ramos em seu Folclore Negro do Brasil, daquele símbolo de bondade e conformismo, guardador e transmissor das tradições africanas, narrador da odio-

sa história da escravidão com seus castigos e humilhações. O enredo apresentava ainda cenas picarescas e picantes de faceirice e ironia, estas exploradas pela figura invulgar de Tia Felícia, dissimulada e leviana, mais pela força das circunstâncias que por temperamento. E não faltavam o senhor branco com sua rompância e seu poder econômico demolidor de princípios, corruptor das pobres escravas indefesas e o filho bastardo, produto da mestiçagem desabrida.

Tia Felícia aparecia no princípio da história ainda menina moça, objeto da cobiça do senhor que acabava por deflorá-la para finalmente deixá-la com um filho no ventre. Seguiu-se o nascimento de Juca e a necessidade de arranjar-se um marido para Felícia afim de salvar as aparências. Sob a capa de real interesse e de reparar o erro cometido o senhor procurava desesperadamente alguém que patrocinasse a situação incômoda para êle. Foi quando comprou a figura plácida e conformada de Tio Tomás, pau para toda obra, oferecendo-lhe em troca da mulher e seu rebento, o descanso total, a ausência de trabalho e do chicote impiedoso do feitor. Mas o patrão não abandonara o filho. Por traz das cortinas amparava-o procurando proporcionar-lhe futuro promissor. Acabou por enviá-lo a um centro maior afim de formá-lo doutor. De volta à fazenda, já formado, Juca era recebido com grande festança onde não faltavam os brinquedos tipicamente africanos entre êles o tambôr de Crioula que era dançado por tôdo o grupo de brincantes ao som dos tambôres peculiares à função. Na ocasião da chegada do jovem doutor, travava-se interessante diálogo entre o ca-

sal de pretos velhos, que merece registro especial :

Tia Felícia, chegando-se ao seu marido dizia :

"Alevanta Tio Tomaz
Vamos arreccôbê nosso fio dotô"

E êle imperturbável entre irônico e complacente :

"Teu só..."

E sobrevinham discursos da prealhada e do próprio recem formado, tudo em meio às pugnas e aos goles de tiquira. Enfim, dançava-se e brincava-se a valer até mesmo ao som de instrumentos mecos frimitivos como a flauta e o clarinete.

E de se lembrar, que Tia Felícia era bem mais nova que Tio Tomás. Então no decorrer da pagodeira, surgiam situações em que Tio Tomás se destacava num monólogo triste de macho vencido incapaz para os prazeres do sexo ao mesmo tempo languidamente saudoso dos bons tempos.

Tia Felícia, provocadora e sensual suspirava :

Ai Tio Tomáz

E êle :

"Nêga veia suspirô
Nêga veia se alembro
Do tempo que já passô
Você vê inverno tai
Eu tô mortinho, quicido"

C A B E Ç A D E B A G R E

Era o Avelina, morador no Codosinho, quem pelo Carnaval, organizava uns conjuntos denominados Cabeça de Bagre. Trinta ou

quarenta homens em trajes comuns à classe social a que pertenciam, enfiavam nas respectivas cabeças, enormes cabeças de bagre feitas de papelão. Todos portavam castanholas com exceção de dois que tocavam ganzá. O ritmo era o do côco nordestino, ao som do qual os brincantes trançavam uns pelos outros, num bailado relativamente pobre de coreografia. Não havia umbigadas. E cantavam em côro :

Se Teté não quer
Era só virá mão
Mas Teté já quer
Meu compadre João.

Lá vai um
Lá vai dois
Nos três passô

Cabeça de bagre
Não tem o que chupá
Home bota fora
Mulher vai juntá.

Lá vai um
Lá vai dois
Nos três passô

Cabeça de bagre virou camundongo
Calcanhá de mulher furo rede de home
Essa saia que tú tens
Camundongo que te deu.

Lá vai um
Lá vai dois
Nos três passô

E muito mais teríamos que falar de Tio Mundico, de suas toadas de boi, de suas sentinelas, de suas poesias de suas receitas e crendices. Mas, tôda esta gama de assuntos ficará para um outro estudo a ser trazido a lume oportunamente.

O que dizem do Padre Cícero

PINHEIRO MONTEIRO

Eu me permito fazer neste artigo, ligeiros comentários à margem do muito que em livro já foi publicado, no decurso dos anos, sobre a vida e as obras do Padre Cícero Romão. Urdirei, portanto, modestas considerações não só sobre o já tão focalizado sacerdote, sinão também em referência aos trabalhos de alguns escritores que lhe traçaram o perfil, sem que, a meu ver, deparasse a verdadeira interpretação. No ato de escrever, fatores emocionais podem comprometer a imparcialidade de quem esteja a espendar conceitos definitivos no julgamento da personalidade humana.

Ante esta afirmativa, por demais verossímil, a ninguém é lícito ignorar a dificuldade com que depara quem se proponha escrever, com justeza, sobre personalidade tão complexa, objeto de patentes contradições, qual seja o incompreendido Padre Cícero Romão. Isto, pôsto neste prelúdio, à guisa de intróito, entrarei no tema do debate, sem mais preambulos, aliás, desnecessários.

Era eu menino, aluno do Colégio São José, do Crato, estabelecimento de ensino sob a direção magistral do Padre Joaquim Ferreira de Melo, depois Bispo de Pelotas, quando, sequioso de idéias, li José Marrocos e Alencar Peixoto, autores pioneiros dos trabalhos dados à publicidade sobre o antigo Capelão e a História de Juazeiro. Refiro-me, aqui, a dois eminentes cultores das belas letras; a duas personalidades que se impuzeram em meio à Sociedade Cearense de então. Marrocos foi abolicionista ardoroso. Foi educador festejado da mocidade cariense de outrora. Foi um dos que se mantiveram sempre amigos incondicionais do Padre. Acompanhou-lhe o currículo desde a escola primária até o Seminário da Prainha. Acompanhou-lhe também a missão sacerdotal desde que assumiu a Capelania do Juazeiro até os últimos dias em que ele, Marrocos, fechou definitivamente os olhos aos esplendores da luz.

Tomou-o o Padre por defensor na questão religiosa na qual, mal grado seu, se encontrou envolvido, e nesse officio, pôs a render toda a sua dialética e as riquezas do seu estilo para salientar-lhe o mérito das virtudes que os adversários envolvidos no debate tentavam desconhecêr.

Custou-lhe isto o sacrificio do nome que merecidamente desfrutara no Sul do País. Do Padre Peixoto, pode dizer-se: foi uma bela figura de jornalista interiorano. A sua lúcida inteligência somava-se apreciável cultura clássica. Escritor de bom quilate, assim na imprensa em que militara como nos livros que chegou a editar. Estilista elegante de bom sabor vernáculo também o foi, em que pese a critica que o acusa de plageário.

Quem analisasse as personagens aqui mencionadas, encontraria duas naturezas diametralmente opostas. Em Marrocos, palpitava a ordem, o equilibrio, o método, a ponderação, a simplicidade de modos e auto-disciplinação. Reunia o saber à experiência. Sua conduta era bitclada na circunspeção.

Esses atributos lhe fundamentaram a estrutura da personalidade. Quão diverso se revelou o Peixoto! De índole impulsiva, autoritário, destemido, irrequieto, combativo, sempre pronto a reagir violentamente a tudo quanto lhe não fôsse da estima e agrado. Exemplo disso, encontramos-lo na luta pró libertação política do Juazeiro. Na ruidosa polémica que manteve com os próceres do situacionismo do Crato, quando estes cerraram fileiras por que não se concretizasse a acariciada aspiração que coincidia com a do Padre Cícero, de Floro Bartolomeu e de toda população juazeirense. Com isso conseguiu inspirar confiança ao Padre e demais elementos de escôl que se batiam pela causa. Com aplausos e admiração de todos arvorou-se em campeão, em porta bandeira, em líder do movimento cujo epílogo foi a auto-determinação do Juazeiro. Contrariado, entretanto, por motivo que não carece evocado, abandona Juazeiro e resolve escrever o livro "Juazeiro do Cariri" onde aos olhos do público aponta a terra do Padre Cícero como ponto de convergência de marginais, cenário de crimes horripilantes, de latrocínios, misérias e depravações.

É verdadeiramente extranhável a linguagem causticante e virulenta de quem, com tanto entusiasmo e ardor, defendera a terra tanto quanto lhe permitiram a inteligência e o punho espartano. Mais extranhável, a despeito mesmo da sua estrutura temperamental, é a atitude agressiva que veio a tomar contra o Padre Cícero, seu colega no sacerdócio, amigo e leal hospedeiro de:de que das bandas do Jaguaribe aportara ao Juazeiro, então distrito do Crato. Consigo, entretanto, em abono da verdade e da justiça, que Juazeiro muito lhe deve. Pagou-lhe, porém, sem que exigisse ou reclamasse retribuição, com a aposição de seu nome numa das ruas principais daquela cidade.



Além das duas personalidades em tórno das quais encerro estas resumidas apreciações, merecem lembrados os nomes de Lourenço Filho, Manoel Diniz Rodolfo Teófilo, Morel, Costa Andrade, Nertan Macedo, Moraes e Barros, Padre Antônio Gomes de Araújo e Irineu Pinheiro.

Desses conhecidos escritores, notáveis pelo talento, eminentes pelo saber, Padre Cícero, da mesma forma que recebeu honrosas referências, recebeu ataques às vèzes furibundos e descontrolados. Dessa pleiade ilustre uns já estão ausentes dentre os vivos; outros, felizmente, ainda, em plena e fecunda atividade social, política e literária.

Dentre os ausentes difinitivos, há um que evidencia o prestígio social, político e religioso do velho sacerdote o qual se projetara com mais realce depois do fato ocorrido em 1889, na Capela do Juazeiro, com a Beata Maria de Araújo. "Claro é de ver, que se antes das citadas manifestações, falsas ou verdadeiramente miraculosas, a afluência do povo era considerável e o prestígio do Padre já era notável, depois delas aumentou consideravelmente". Dí-lo Floro Bartolomeu, um dos seus apologistas.

Uso é vulgar, espalharem, de extremo a extremo do Nordeste brasileiro folhetos de poesia popular, onde se cantam loas, milagres, curas, ditas miraculosas, as graças e benefícios divinos atribuídos à intercessão do "santo" Padrinho.

As profecias emanadas da Matriz do Juazeiro descreve-as Gregório Gomes na firme convicção de ser o "santo" Padrinho, ente superior, alcandorado aos píncaros da Bem-aventurança.

"Quem assistiu sua morte
Ficou demais conhecendo
Que o santo do Juazeiro

Fôra por Deus escolhido
Pra ser na terra um profeta
Por todos obedecido".

João Mendes de Oliveira outro trovador matuto, poeta e historiador no seu próprio conceituar, acredita que sem a interferência do "padim Ciço" ninguém viria a livrar-se dos horrores do inferno.

Ninguém, sem o seu "referendum" mesmo que tivesse pureza de sentimento cristão, conseguiria atingir o Reino da Salvação.

Padre Cícero para o poeta era portador das credenciais concedidas aos maiores emissários divinos e respondia na terra pela vontade onipotente de Deus na plenitude da sua Sabedoria.

Vai aqui uma amostra :

"Faz quarenta e tantos anos
Que chegou ao Juazeiro
Construiu uma Matriz
Botou na frente um cruzeiro
Celebrou a santa Missa
Deu benção ao mundo inteiro.
É um pastor dedicado
É a nossa proteção
É a salvação da alma
É o Padre Ciço Romão
É a Justiça Divina
Da santa religião.
É dono do Horto Santo
É dono da santa Sé
É uma das três Pessoas
É filho de São José
Manda mais que o Venceslau
Pode mais que o João Tomé.
Quem não presta atenção
Ao que o meu Padrinho diz
Também não crê na matriz
Da Virgem da Conceição,
Nem no Profeta São João,
Nem poderá ser feliz.
Com relação à ciência

Ele é quem tem toda ela
Tudo ele faz diferente,
Até o benzer da vela,
Sítio, fazenda e gado,
Matriz, sobrado e capela.
Viva Deus primeiramente,
Viva São Pedro Chaveiro,
Viva seus santos ministros,
Viva o Divino Cordeiro,
Viva a Santíssima Virgem,
Viva o santo Juazeiro...
Viva o Bom Jesus dos Passos,
Viva Santo Antônio também,
Viva o santo Juazeiro,
Que é a nossa Jerusalém !...
Viva o Padim Pade Ciço,
Para todo o sempre, amém !
Eu sou a Virgem das Dóres,
Ciço é o dono do sacrário;
Conheçam bem, pecadores,
A ele dou meu rosário,
Quem a Ciço respeitar
Ficará com Deus eterno,
Não consinto ir pro inferno,
Quem ouvir Ciço falar".

Nesse verbejar matuto, o poeta historiador, transforma o Padre Cícero, numa como que espécie de rei Tui-Taka-Men, Faraó de uma das mais antigas dinastias do Egito, cujo túmulo sensacionalmente descoberto, verdadeira galeria subterrânea, cheia de inscrições, de obras de arte, de riquíssimas pedrarias, sob as auspícios de Lord Curson, foi alvo do mais exagerado fanatismo que possa obsecar a alma das multidões.

"Milagre na Terra Violenta" é o título do livro com que estreou, no mundo das letras, Francisco Fernandes do Nascimento.

O autor dá uma conceituação inoperante e romanesca do Padre Cícero, do seu papel na Sociologia do Nordeste. Repassa cenas de fanatismo desde o aparecimento do fenômeno Maria de Araújo até o ataque inesperado à Coletoria de Juazeiro. Refere-se, em tom realista e dramático, ao trucidamento do heróico delegado Quintino Feitosa na sua própria residência, nas Malvas, subúrbio de Juazeiro.

Descrevo como foi feito o ataque por José Pinheiro, auxiliado de grande número de cangaceiros, entre os quais se achavam Zé Pedro e seu grupo, Manuel Chiquinha, José Terto e outros malfetores, cúmplices no bárbaro crime. Logo que parou o tiroteio, Padre Cícero, informado da ocorrência, transportou-se incontinentemente ao local da luta, mas já era tarde para poder evitar, como quisera, a profanação do cadáver.

O criminoso no requinte de sua selvageria, dominado de rancismo, devorado da vesânia, arrasta o cadáver, corta-lhe o lábio superior e conduzindo o troféu sangrento vai com alguns comparsas bebericar numa bodega próxima. Bebendo de mistura com aguardente o sangue da inditosa vítima é que o bandido se dá por satisfeito da sua vingança de canibal.

Promete ainda Francisco Fernandes do Nascimento publicar mais duas monografias: "Caldeirão do Inferno", e "Guerra Santa", onde focalizará a vida do beato José Lourenço, seu misticismo e outras cenas de fanatismo desenroladas no Juazeiro e imediações.

* * *

Amália Xavier, conhecida educadora, lustre e ornamento da sociedade juazeirense, aparecerá por seu turno no campo da publicidade dando-nos sobre quem foi o co-fundador do Juazeiro, onde a autora teve o berço, consubstancioso depoimento enfechado em livro que tem epígrafe; "O PADRE CÍCERO QUE CONHECI".

É a síntese do que viu, do que pensa e do que meditou profundamente através da observação contínua e aturada na convivência com o patriarca a quem estivera ligada, desde verdes anos, pelos laços estreitos do respeito e da admiração.

Uma coletânea de casos que sintetizam a vida do Padre Cícero, a origem do Juazeiro, a construção da Igreja do Horto, o desenvolvimento rápido e progressivo da cidade, as cenas de fanatismo, a carreira política do sacerdote, iniciada ao tempo a oligarquia Acioly, sua conduta na Revolução de 14, que teve por epílogo a deposição do Presi-

dente Franco Rabelo, tudo isso é estudado, com requintes de minúcias e citações pacientemente rebuscadas nos arquivos, no livro de Otacílio Anselmo, intitulado: "Padre Cícero. Mito e Realidade".

Otacílio, grande estudioso e observador dos nossos problemas sociológicos, sôbre escrever em estilo sóbrio e escoreito, retrata exemplarmente a história regional e constitui-se por êsse proceder, o cronista dos acontecimentos desenrolados em tôrno do fenômeno coronelismo, no Cariri.

Bastante apreciados são seus estudos vazados em crônicas e artigos, quer no tocante ao mandonismo e despotismo dêsses antigos senhores feudais, quer às lutas políticas acirradas que tiveram por teatro o Sul do Estado.

Tudo isto nos é por êle relatado com precisão, num prisma de absoluta imparcialidade. Reportando-me ao coronelismo de que êle tanto fala, sinto que o fenômeno não foi totalmente extinto. Encontramo-lo, todavia, em franco declínio. Já lá se vão os tempos em que a malta de clavinoteiros e salteadores, campeando, de lugarejo em lugarejo, até mesmo de vila em vila, encontravam, quando repelidos, refúgio protetor à sombra dos chefetes regionais, com os quais viviam em franca camaradagem.

Ficou dito acima que o fenômeno coronelismo não está de todo extinto. Apenas modificado. Quem o modificou? A força policial? Os elementos que têm por encargo a manutenção da ordem e da segurança em face ao fenômeno cruzavam os braços.

Qual o fator primordial, enfim? Não se pode negar que a civilização penetrando nos sertões, concorreu para a modificação. Mas, a causa primordial, preponderante, foi a Revolução de 30. Foi ela que fez despertar a aurora da politização do nosso povo. Antes, porém, muito antes de 30, houve uma tentativa por que se atenuassem os conflitos e os ódios de morte aqui medravam e dividiam os potentados caririenses.

Devemo-la ao Padre Cícero mediante o pacto dos coronéis, realizado em Juazeiro, por sua iniciativa e sob o seu patrocínio.

Poderão me arguir que o pacto dos coronéis não partiu, propriamente do velho Sacerdote. Seja como for, certo é que sem o seu apóio, sem seu endosso, sem seu valioso bafejo, sem o seu imprescindível patrocínio, jamais o teriam realizado.

Verdade é que a medida apaziguadora não logrou o sucesso que ele tanto almejava. Isto, porém, não poderá ser atribuído à sua pessoa, mas, às conjuncturas políticas e sociais da época, sendo necessário o percurso do tempo para que isto viesse se concretizar, como ocorreu com o feudalismo na Velha Europa.

Foi observando todos êsses fenômenos que Otacílio Anselmo lembrou-se de escrever o já mencionado livro, prefaciado pelo douto jornalista e sociólogo Jáder de Carvalho.

* * *

Depcis do livro: "Padre Cícero Mito e Realidade" virá o "Patriarca

do Juazeiro", trabalho a sair da pena equilibrada de Azarias Sobreira. Merece sem favor nenhum que se diga dos seus méritos. A tanto faz jús, já pela limpidez de seu estilo, comprovada em outras publicações e também pelas virtudes do sacerdote católico, numa longa carreira de contínuo e fecundo serviço que à Igreja e ao apostolado vem prestando de feição irrepreensível e extraordinária. Graças à sua inteligência e cultura iremos ter, por conseguinte, um quadro completo da ação sacerdotal, da vida social e política, do amor à instrução de ambos os sexos que há mister, lembrado, de tudo, enfim, que convém dizer-se a respeito do Patriarca do Juazeiro.

* * *

Vinte de Julho de 1954. Nesta data decorrera o 20.^o aniversário da morte do Padre Cícero. Por este tempo funcionava em Fortaleza a "Sociedade dos Filhos e Amigos do Juazeiro". Era uma entidade que tinha por mira promover o desenvolvimento da cidade onde Padre Cícero fôra o maior benfeitor e oráculo. A exemplo de quantos naquêle dia reverenciavam a memória do Patriarca de Juazeiro, os da "Sociedade" resolvemos prestar-lhe uma homenagem de reconhecimento e gratidão.

Fizemo-la com o apóio e o aplauso de outras organizações similares que ainda hoje existem na Capital Cearense.

Ultimados os preparativos, efetuou-se a reunião a que presidia José Fausto e recaiu sobre quem escreve estas linhas a honra de interpretar os sentimentos do grêmio a que pertenciamos. Tive, pois, a satisfação de ser o porta-voz dos associados na homenagem ao Patriarca que no momento era alvo de uma admiração coletiva.

Relendo, hoje a página escrita há 14 anos, quer parecer-me não haver resvalado para o terreno dos excessos laudatórios, bem assim para conceitos depreciativos.

Explicável é, portanto, meu desejo de reproduzir aqui, "ipsis verbis", um pequeno trecho da conferência na qual forcejei por discorrer sobre algumas modalidades do caráter do Padre Cícero Romão.

Os habitantes do sertão em cujo espírito ignorante e supersticioso se implantavam tradições exóticas do sebastianismo não só no episódio da Pedra Bonita, em Flôres, na época longínqua de 1832, senão também, na loucura religiosa de Carudos, no último decênio do século passado; os habitantes do sertão, ao depararem, face a face, com o sangue escorrido da beata Maria de Araújo, atribuíram ao fenômeno sensacionalíssimo a uma manifestação divina.

Imprimiram um cunho de misticismo à beata e a um tempo ampliavam a figura do obscuro sacerdote de então. Naquele tempo o estado de espírito do povo cariense se assemelhava, de modo estranho, ao do povo judeu, no século anterior ao primeiro século da era cristã.

Esperava-se naqueles sertões algo de sobrenatural. Um milagre semelhante aos realizados nas Bôdas de Caná, em Cafarnaum e na pesca milagrosa de Tiberíades.

Sonhava-se com a manifestação prodigiosa de Deus em grande escala. Profetizava-se misteriosa revelação. Como os judeus consideravam a Palestina o centro do mundo e da História da Humanidade, assim os caririenses davam o Crato, capital da zona, as prerrogativas da cidade eleita acima de todas as outras da terra.

Possuíamos uma agricultura e indústria extremamente rudimentares. Pequenos plantios de arroz nos brejos, poucos mandiocais na Chapada do Araripe. Engenhos de pau, movidos por animais, para o fabrico da rapadura. A mingua de escolas, ginásios, estabelecimentos educacionais, quase nenhum passo se tinha dado no terreno cultural.

Possuíamos, todavia, o Seminário do Crato fundado pelo primeiro Bispo da Diocese cearense. Conheciam-se alguns livros: "Iracema", "Guarani", "Minas de Prata", sabendo-se o nome do autor só por ser cearense e descender de tradicional família da terra. Do Velho Mundo, notadamente da França, ouvia-se falar no "Conde de Monte Cristo", "Nos mistérios de Paris". Renan, cético e agnóstico, era também conhecido, mediante a crítica que lhe fazia do alto do púlpito o sermoneista Padre Félix de Moura.

Limitavam-se a isso os estreitos horizontes da população caririense. Portanto, em meio desse cenário, o caso de Maria de Araújo foi recebido quase sem discrepância, como sendo o milagre prometido e esperado. Era mais que a manifestação de Lourdes na França, da Aparição em São Paulo, de Loreto na Itália. Era o próprio Golgota, onde Jesus, repelindo o Anti-Cristo, redimia de novo a humanidade.

A maioria daqueles que conhecendo o Padre Cícero e admirando a sua poderosa personalidade que se não deixavam fascinar por ele à semelhança das massas sertanejas, e não iam até a crença ingênua, na sua apregoada santidade, para os romeiros absoluta, adotou, à guisa de explicação dos fenômenos estranhos, duas teorias muito em voga no seio das classes cultas e semi-cultas. Opinavam raros, tratar-se de mero caso de embuste e charlatanismo. Diziam: tudo são invenções. Padre Cícero é um hipócrita. É um ambicioso. Serve-se da religião para adquirir prestígio e autoridade. Inventou esses fatos miraculosos, cuja divulgação atrai inicialmente, para sua pessoa, a atenção geral. Depois procuraria tomar a aparência de santo, de homem de Deus, de profeta. Finge virtudes que não pratica. Representa seu papel com tanta perfeição que acabará enganando um povo de milhares de criaturas humanas.

Este modo de pensar, aplicado por certa filosofia racionalista e simplificadora, é absolutamente inaceitável no caso de Padre Cícero. É ilógico. É absurdo. Não há, portanto, razão nem motivo que nos obrigue a esposá-la. Raros eram os doentes desses débeis mentais fáceis de iludir-se. Essa explicação patológica da mentalidade e do caráter do Padre Cícero é outra fácil e ser rebatida.

Explicar certos acontecimentos que se desenrolam em derredor de homens extraordinários, quer nas atitudes religiosas, quer nas científicas, artísticas ou literárias, por meio da espécie patológica envolvido no seu descrédito, desde Jesus Cristo até Napoleão e Pascal, é verdadeiramente constituir uma aberração da lógica,

É realizar uma inversão completa da tábua de valores. Se, ao invés dos sábios, a primazia absoluta coubesse aos doentes tarados, equivalia a dizer: a saúde mental não é dádiva do céu. É antes uma maldição.

De mim, não posso enquadrar Padre Cícero na categoria dos doentes mentais. Foi normal tanto quanto o podem ser os homens extraordinários.

É sabido que o indivíduo extraordinário, fisiologicamente falando, não pode ser de todo normal. Era, entretanto, um místico. O misticismo foi o centro de todas as suas atividades psicológicas. Mas, misticismo, à luz da Psiquiatria hodierna, não é loucura. Mística foi Santa Teresa. Mística foi Madame de Staël, com toda a sua cultura espiritual.

Desde o tempo de estudante no Seminário da Prainha, notava-se-lhe o traço característico da obstinação. Era teimoso. Tinha a cabeça dura. Opinião que uma vez emitisse não a largava mais. Argumentava, recalcitrava, com sua palavra fácil, ardente, arrebatada, e não cedia um passo do terreno. Passado o momento da discussão, era ele o primeiro a rir, com aquêle largo riso, ingênuo e bondoso, da sua própria exaltação.

Mas, um dos seus mestres, o notável Padre Chevallier, não se iludiu. Fêz um dia o seguinte prognóstico: "Esse nunca será um padre obediente". E não foi mesmo não. Passou a vida numa situação de semi-revolta. Não digo contra a Igreja, mas contra a autoridade eclesiástica. Não havia nenhuma divergência doutrinária entre ele e a universidade dos fiéis.

Sua ortodoxia era perfeita. Professava todos os dogmas do catolicismo. Aderia com extraordinário vigor a toda doutrina tradicional da Igreja. Defendia com fé robusta e intransigente. A sua resistência versava sobre uma questão de fato: Padre Cícero nunca consentiu em renegar publicamente, como lhe era ordenado, a sua crença nos fatos miraculosos de Juazeiro. Em tempo algum quis enganar o povo, opondo-se violentamente ao movimento que arrastava ao Juazeiro levas e levas, cada vez mais numerosas, deromeiros e afilhados. Ele não tinha procurado propositadamente nenhuma daquelas cousas. Deixava, pois, que seguissem seu rumo natural. Era-lhe impossível prever as formidáveis consequências da sua pregação, do seu próprio ardor místico. Como poderia agora desmentir-se, renegar-se, escandalizar as massas com uma exposição friamente teológica dos seus erros, dos seus desvários?

Seria cavar um abismo entre ele e o povo. E, Padre Cícero, por consideração alguma, consentiria em quebrar os laços místicos, misteriosos, enigmáticos que ligavam sua alma à alma coletiva das multidões sertanejas. Entre ele e o sertanejo do setentrião brasileiro havia uma sorte de harmonia pré-estabelecida, uma tal conformidade de impulsos, de sentimento e de visão que muitas vezes não se sabia se era o Padrinho Cícero que conduzia o povo ou se era o povo que arrastava seu Padrinho.

Palavras Finais às Professorandas

PRONUNCIADAS NA NOITE
DE 3.12.67, NO SALÃO
NOBRE DO GINÁSIO E
ESCOLA NORMAL NOSSA
SENHORA DE FÁTIMA,
DE BARBALHA, NA SESSÃO
SOLENE DE ENTREGA
DE DIPLOMAS ÀS
PROFESSORANDAS

Autoridades
Professores
Estudantes
Membros da Mesa
Meus Senhores
Minhas Senhoras
Minhas caras Paraninfadas !

Somente a benevolência de que é tão farto e rico o coração da juventude, poderá por si só explicar a razão de ser de minha presença nesta tribuna honrosa em noite de gala da sociedade barbalhense, noite portentosa para a nossa querida terra, noite inesquecível para mim e profundamente significativa para vós, caras paraninfadas, porque marca um decisivo passo da vossa vida ao transporde os pórticos da vida estudantil para a vida de mestras, melhor dizendo, da teoria, e do sonho para a prática e para a realidade, da vossa maravilhosa quão espinhosa missão de mestras ou de donas de casa.

Seria incorrer em lugar comum se fosse aqui analisar a razão da vossa escolha, como se costuma fazer e como esta noite é bela demais para lugares comuns, prefiro receber a minha eleição para vosso paraninfo somente como uma bondosa deferência do vosso coração magnânimo, como uma benevolência desvanecedora do vosso jovial espírito para comigo que nada mais sou do que um eterno estudante, um estudante mais velho e mais experiente, um estudante que durante um ano de harmoniosa e proveitosa convivência convosco, procurou fazer de suas aulas um sincero diálogo entre a cátedra de "Biologia Educacional" e o vosso espírito sedento de conhecimentos, diálogo franco, cordial e humilde, sem pompas e a-

cademicismo, diálogo fraternal e harmonioso em que se discutiu as maravilhas da chamada ciência da vida, da Biologia, mas também, paralelamente, as dúvidas da nossa vida cotidiana, os problemas diários da nossa acidentada existência terrena e os insondáveis mistérios do nosso espírito.

A todas estas dúvidas que são vossas e minhas como da própria humanidade, procurei imprimir o toque da minha experiência da vida como médico e como cidadão e creio que, deste diálogo pragmático, nasceu uma afeição fraterna entre a cadeira e as alunas, tornando os assuntos menos áridos e mais acessíveis ao vosso bom entendimento.

E como prova de que acabo de afirmar, aqui estou eu a vos falar nesta noite esplendorosa da vossa vida, noite de esperanças mas também de incertezas, noite de anseios mas também de saudades e recordações, noite que se constitui um marco indelével marcando duas etapas distintas da vossa vida: uma que se foi com a sua alacridade, com a sua tagarelice e com a sua jovialidade, simbolizada naquela leve farda azul e branca de normalista, tão decantada pelo nosso cancionário popular e outra que hoje começa após esta solenidade, caracterizada já pela vossa tremenda e aterradora responsabilidade de mestras. Estamos assim, precisamente, no divisor de águas

de vossa longa caminhada, "momento que tanto conduz a um próximo, caracterizado pelas despreocupações da idade, como abre janelas para o futuro cujos horizontes são mesclados, de esperanças e de incertezas"!

Daqui para traz fica o passado; daqui para diante começa o futuro através do qual ireis trilhar novas e desconhecidas sendas, caminhos ignotos que para umas serão largos, retos e fáceis e para outras estreitos, tortuosos e difíceis; para umas cheios de vitórias, alegrias, triunfos e sucessos e para outras pontilhados de obstáculos e imprevistos; caminhos que levarão à doçura de um lar feliz onde ireis ser esposa e mãe ou ao sublime sacrifício de ser mestra, já que estas são as duas principais opções da vossa existência.

Escolhido que seja o vosso caminho, ele vos levará sempre ao mesmo fim: MESTRA; mestra no lar, mestra na escola. Lar, escola restrita, limitada, particular, cujos alunos serão os vossos próprios filhos, carne de vossa carne, sangue do vosso sangue, espírito do vosso espírito pelo elo invisível da hereditariedade implacável e imutável, se bem que amoldável pela educação. Escola, ambiente mais vasto, mais heterogêneo, mais público, em que vossos alunos serão os filhos das outras a vós confiados.

Outras, por força das necessidades, terão que acumular as duas

difíceis funções: mestra na escola e dona de casa ou seja, mestra no lar.

Que vcs dizer, então, em hora tão marcante e decisiva da vossa vida ?

Creio que a missão de um paraninfa outra não é senão, precipua-mente, dar uma aula derradeira que marque no espírito das suas paraninfadas o cunho da sua nova vida e das suas novas e mais profundas responsabilidades.

E isto é o que farei agora.

Esqueçamo-nos deste seletor auditório e figuremos neste palco o nosso salão de aulas com magnífica visão do panorama clorofilado e quase paradisíaco dos brejos do Salamanca.

O assunto da nossa conversa de hoje, da nossa derradeira conversa, é a responsabilidade da professora primária na formação da Nacionalidade.

Talvez só o enunciado deste tema vos leve à realidade das vossas aterradoras responsabilidades na fase da vossa vida prestes a iniciar-se.

Sim, minhas caras paraninfadas, este enunciado nada tem de exagerado e apenas traduz a exata dimensão da importância do papel que ireis ter no seio da família, da sociedade e por via de consequência, da própria nacionalidade.

Ireis ter nas vossas mãos a inteligência infantil que será modelada segundo o vosso desejo; ireis ter nas vossas mãos o caráter da mocidade que terá, até certo ponto, a orientação que quizerdes a ele inculcar; ireis ter, finalmente, nas vossas mãos os homens do futuro, os líderes do porvir, o Brasil do amanhã que será um país forte e respeitável ou fraco e combatido, segundo o que possais fazer das inteligências juvenis que passarão pelas vossas modeladoras de gigantes ou de pigmeus.

Até certo ponto o homem é o produto e o espelho do que a sua professora primária quiz que ele fosse, porque toda a sua vida será a projeção no tempo do menino que ele foi, tal qual a nossa sombra nas nossas tardes ensolaradas é a projeção aumentada do nosso corpo refletido no mosaico das nossas calçadas, pelo fenômeno ótico da opacidade dos corpos.

Sarmiento disse "que homem, povos, nações, futuro, tudo está nos bancos humildes da Escola".

E Paulo Sarazate vai mais além dizendo: "Educar não é apenas instruir: é plasmar individualmente, é inspirar sentimentos, é orientar para a vida, numa palavra, é exercer o papel de líder em toda sua plenitude".

A esta altura da nossa conversa, já vejo no vosso semblante o esboço da responsabilidade que ireis ter e que minhas palavras estão

procurando retratar nesta noite de festas da vossa longa jornada estudantil.

Ireis ser, nas vossas escolas, esculptoras da nossa nacionalidade esculpindo individualidades; ireis ser modeladoras do Brasil do Porvir, deste Brasil pelo qual tanto esperamos, pelo qual todos ansiamos, o Brasil novo em todos os sentidos, o Brasil pelo qual morreram os nossos mártires, com o qual senharam os nossos poetas e pelo qual sofreram os nossos santos; o Brasil grandioso, "gigante pela própria natureza" e pelo esforço dos seus filhos que as suas mestras primárias souberam preparar física e espiritualmente, mental e moralmente para a grande missão histórica que o destino lhes confiou.

A Pátria e a sociedade muito esperam de vós em particular e em geral, de todas as mestras primárias que agora estão recebendo o seu pergaminho por estes brasis a fora. A vossa ação na Escola, se bem cumprida, representará uma transfusão de sangue para o organismo nacional.

Precisamos preparar gerações de melhores brasileiros com mais civismo, mais amor à Pátria, mais solidariedade ao próximo, mais temor de Deus, mais aversão ao crime, mais repúdio ao peculato, mais apêgo à Paz e às forças vivas do espírito, mais respeito ao Direito e aos direitos do homem, mais ca-

rinho à Liberdade e mais acatamento à Justiça !!!

Somos uma nação carente de tudo isto, somos uma sociedade carente de tudo isto e o que é mais grave, somos um Universo e uma época carentes de tudo isto !

O problema não é somente nosso, particular do Brasil e sim, é geral, de todo o mundo e do próprio momento histórico que atravessamos.

As manchetes dos jornais e revistas só têm lugar para descrições pormenorizadas de horrendos crimes, de latrocínios, de desfalques, de assaltos, de guerrilhas e de conflitos internacionais e nacionais, conflitos ideológicos, conflitos sociais e até conflitos raciais !!!

O Vietnã arde como uma imensa fogueira onde é lançada para o sacrifício supremo a fina flor da juventude americana e vietnamita !

A China espeta chineses nas baicneias odientas de outros chineses !

O Oriente Médio é um barril de pólvora a ameaçar a própria estrutura do mundo, tendo as grandes potências mundiais como espectadoras das suas cenas belicosas, talvez senhando elas com a riqueza petrolífera do seu sub-solo a provar aquilo que certa vez disse o então Presidente Wilson dos Estados Unidos: "Não há povo amigo de outro povo; há sim, povo amigo do que o outro possui" !!!

A Bolívia está minada de guerrilhas até bem pouco tempo fomentadas pelo espírito aventureiro e legendário de Guevara !

O Congo, a Nigéria, a Guatemala, o Chipre e a própria Cuba são palcos de tremendas convulsões sociais intestinas !

Os Estados Unidos são frequentemente sacudidos por choques armados entre brancos e negros que nem parecem cidadãos de uma mesma Pátria, cultores de uma mesma bandeira, tal é o desprezo que votam ao sangue irmão que corre nas calçadas das grandes cidades americanas !!!

É que, minhas prezadas filhadas, falta ao homem esta palavra simples que está no cerne de todos os problemas que atormentam o mundo: falta ao homem e no homem, em síntese, Amor, amor ao próximo, amor às coisas boas e belas da vida, amor à Paz, amor à Pátria, amor a Deus.

Se houvesse mais amor na humanidade, estas somas astronômicas e fabulosas que as grandes potências mundiais empregam na descoberta de armas mortíferas, seriam gastas na descoberta de drogas para curarem o Câncer, a Leucemia e outros flagelos do gênero humano !

Se houvesse mais amor na humanidade, a conquista da lua e do espaço cósmico não estaria sendo tentada antes da conquista para a civilização das incultas regiões

centro-africanas onde os nativos vivem em condições infra-humanas !

E, caras professoras, quem mais indicado para incutir no espírito das novas gerações estas noções de que somos atualmente tão carentes, do que vós, mestras, que tendes nas mãos a rara oportunidade de plasmar gerações e de mudar mentalidades ?

Com uma paulatina mudança de mentalidade tudo será mais fácil para o homem, inclusive fazer reformas sociais que são um imperativo de sobrevivência do gênero humano, mas por métodos pacíficos, pois, somos daqueles que endossam plenamente o que disse recentemente Alceu Amoroso Lima :

“Não acredito em processos violentos como método de progresso social. Só acredito, enfatizava êle, nas revoluções cotidianas e invisíveis, que não de operam as grandes transmutações de estruturas do mundo moderno, feitas pelo povo e pela mocidade”.

Vede como é complexa a vossa missão quando levada a sério. Sim, porque a verdadeira mestra não se preocupa só com a instrução intelectual dos seus alunos, mas vai mais além, cuidando também da sua educação física, moral, cívica e religiosa, indo até o ponto de procurar preencher os claros da sua educação doméstica nos casos em que ela se apresentar eivada de falhas. E aqui é oportuno re-

petir Carlyle dizendo como êle o disse: "A mestra não é nem pode ser mais, ante as múltiplas e diferentes sollicitações de ordem moral, politica, social e econômica da civilização contemporânea, aquela máquina de moer verbos, sem a chama da combustão íntima da alma, sem essas energias misteriosas da vida que comunicam o espirito e acendem o pensamento ao fogo do pensamento".

Como vede, ser professora não é somente preparar aulas e ministrá-las mecânicamente aos seus alunos para no fim do mês receber do Governo o soldo correspondente.

Não, ser professora primária é muito mais do que isto, porque é ter nas mãos a oportunidade rara e feliz de modelar a Pátria do porvir, oportunidade que é um privilégio vosso e tão somente vosso, mas que vos traz uma enorme responsabilidade.

Ser professora é formar cotidianamente a nacionalidade, é modelar o caracter dos futuros líderes, é formar moralmente os condutores de massas, é plasmar espiritualmente os homens que haverão de conduzir a nossa Pátria para o lugar de destaque que deve ser o seu lugar entre as nações livres do mundo.

Ser professora é tudo isto, mi-nhas caras paraninfadas, e é muito mais ainda porque, à vigilância da mestra primária cabe a melindrosa missão de descobrir as más

inclinações dos seus alunos para orientá-los no caminho do bem, separando o joio do trigo de suas individualidades em formação, cortando o joio e fazendo florescer o trigo, segundo os ensinamentos evangélicos do Divino Mestre.

Ser professora é procurar descobrir na escola primária as más tendências em potencial que lá existem para ajudar a Pátria a ter menos delinquentes e menos criminosos.

Enfim, ser professora primária, já dizia magistralmente Gabriela Mistral, é ser:

Luz nas trevas

Oásis no deserto

Fortaleza no combate e
benção na maldição !!!

A mestra é a funcionária pública que tem a seu cargo a tarefa ciclópica de mudar a mentalidade de uma geração ou das gerações para propiciar o progresso e o avanço da civilização, impraticáveis no nosso atual estágio de desenvolvimento mental.

Sou dos que acreditam que no Brasil tudo depende da mudança de mentalidade do seu povo, porque o progresso não pode ser assentado em bases frágeis e a grande massa dos brasileiros que constitui as camadas mais inferiores da nossa sociedade, é formada de analfabéticos, incapazes, por isto mesmo, de assimilar as mais rudimentares noções de higiene, de civismo, de técnica e outras noções indispen-

sáveis como atributos dos verbos crescer e progredir. Por trás do modesto pergaminho que hoje recebeste, está tudo isto que acabo de figurar com o descolorido de minhas palavras, mas com a sinceridade que o momento exige.

A vossa formação de mestra é a fiadora do seguro cumprimento da vossa missão.

Fostes modeladas pelas mãos hábeis da Ordem Beneditina que, sem favor, lidera, pelo menos em qualidade, a educação no Nordeste brasileiro. Recebeste no vosso querido e já saudoso colégio, o mínimo indispensável para o fiel desempenho da vossa sublime missão.

Mãos a obra, professoras de 1967 da nossa querida Barbalha! "A vida é fugidia e breve são as horas, ide céleres educar, trabalhar pelo bem da sofredora humanidade" porque já dizia o grande Rui que "a educação é a matriz universal da felicidade humana".

Na própria constituição do vosso quadro de formatura, manifestastes bom senso, amor ao bem e admiração ao que é bom. Senão vejamos: o nome da turma é: "Turma Dom Mário Teixeira Gurgel!" Não poderia ter sido mais feliz a escolha, porque Dom Mário, é por todos os títulos, um raro exemplo de bondade, de inteligência, de cultura e de virtudes, barbalhense adotivo que honra o nome da terra cearense lá na longínqua Guanabara como bispo auxiliar de Sua

Eminência, o Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara! Como patrono escolheste esta rara figura de educadora moderna, de religiosa e de criatura humana que é a vossa grande Diretora, Ir. Stella Maria Pontes!

A homenagem filial, mui acertadamente, quizestes dar àquela que é, ainda hoje, o anjo da guarda deste colégio: A Revda. Madre Il-duara, sub-Prioressa da Ordem Beneditina!

A homenagem de honra recaiu na Superiora da nossa Comunidade Beneditina, a reverendíssima madre Madalena Werner que é uma digna sucessora das grandes superiores que por aqui têm passado!

Para homenagem especial escolheste uma verdadeira constelação de luminares do magistério barbalhense, desde o dr. Marchet Callou que personifica as próprias virtudes do nosso corpo docente, às professoras Alacoque Sampaio e Maria Linhares Correia, que são bem o protótipo da bondade humana, do desprendimento e da quase monástica dedicação ao próximo, finalizando com estas três religiosas em quem não sabemos o que mais admirar: se as virtudes religiosas e humanas, se as qualidades de mestras, se a cultura, se o amor desvelado à Causa da educação e à solução dos problemas sociais que angustiam o nosso meio: Irs. Ostry, Erentrud e Visitatio!

Como oradora elegestes a síntese das vossas virtudes e das vossas raras qualidades de inteligência: Professoranda Ana Lúcia Furtado Freitas!

Finalmente, atestando a grandeza do vosso coração, escolhestes para homenagem póstuma, aquêlê raro exemplo da bondade leiga, a magnífica figura humana e quase angelical de Ana Filotéia Costa que, ausente pelo doloroso transe da morte, rediviva foi pela vossa lembrança que traduz gratidão e reconhecimento, virtudes humanas raras nos conturbados dias que correm!

Com tão acertadas escolhas demonstrastes que estais cientes e conscientes de que "só há uma glória verdadeiramente digna dêste nome: é a glória de ser bom que não conhece a soberba nem a futilidade!"

Caras afilhadas! Lembrai-vos que é mais atual do que fôra outrora aquele conceito primoroso do grande Vitor Hugo ao sentenciar "que doravante os olhares não se dirigirão mais para as cabeças coroadas dos que reinam, e sim, para as cabeças privilegiadas que pensam".

Ide, pois, caras afilhadas que a

vida vos chama e o vosso humilde paraninfo espontaneamente por vós recrutado entre tantos mais merecedores de tão honrosa láurea, entre emocionado e agradecido, numa derradeira súplica a Deus, faz votos ao Todo Poderoso para que, pelos ínvicis caminhos da vida, possais sempre ostentar aquela felicidade dos que sabem que ser feliz é ver o próximo feliz, "ser feliz é colher a doçura do bem distribuído sem idéia de remuneração"!

Ide, professoras de 1967 de nossa querida Barbalha; a caminhada será longa e por vêzes desalentadora, mas a Virgem de Fátima, patrona do vosso colégio, neste ano esplendoroso do cinquentenário de sua aparição, vos fará felizes, daquela felicidade dos que podem manter ativa e sobranceiramente a cabeça erguida diante dos seus semelhantes!

Sêde felizes, caras afilhadas minhas e que êste encontro não seja o último das trajetórias das nossas vidas, já que, embora percorrendo caminhos diferentes, temos por finalidade as mesmas metas:

- A felicidade do próximo!
- A segurança da família!
- A intangibilidade da Religião!
- E a grandeza da Pátria!

FAÇA SEUS IMPRESSOS NA
TIPOGRAFIA E PAPELARIA DO "CARIRI"
RUA DR. JOÃO PESSOA, 386 — FONE 564 — CRATO

CHEGADA DO AMOR PARA ISABEL...

ZÉYPSILONE

Era agosto e havia luar.

Ncrite fria e o mar chegava à praia,
em ondas compassadas,
na cadência singular do refrão da cantiga do cego
em louvação.

Ela veio à festa,

em busca, novamente, de amor, de nôvo sonho?
de aventura, talvez de outro destino?

ou em procura de esquecer

de matar no fundo d'alma,
o drama terrível,
os dias e as noites de loucura
do sonho perdido,
do romance desfeito?...

Pela primeira vez entrou numa boate

parecia uma corça espantada,
de olhar vivo, desses olhares que procuram,
que buscam carinho, que perseguem a paz...

Olhou para tudo e olhou tudo...

parecia enxergar um oceano de homens famélicos,
angustiados,
esquecendo no bar a angustia da vida inútil,
ou rodopiando pelo salão semi-escuro,
com esforço, no acompanhamento da música pobre,
que vinha da eletrola desafinada.

Mulheres cansadas, pareceu ver; semblantes sombrios,

e se imaginou, olhada e repudiada,
tal como ncva concorrente,
ao mercado do amor fugidio,
ao encontro da ncite vaga e perdida...

Mas... Entrou vagarosamente, firme,

Airosa e leve, em sua beleza tropical,
de morena bonita,
de mulher conscientemente bela...

e nada viu,

tudo lhe parecia vago e distante,
ou um estranho e perdido mundo vazio...

.....
A noite foi ficando velha

lá fora a madrugada se anunciava
e de repente, num canto perdido do salão escuro,
lá estava seu antigo namorado,
o desengano de sua vida,
o tormento de sua existência,

o caminho errado de seu destino frustrado,
procurando, certamente, esquecer a paixão inútil,
embebecido no álcool,
na tortura da bebida...

Desviou, com firmeza, o olhar
e na fumaça dos cigarros esqueceu a triste visão.
Depois, os ponteiros mudaram o quadrante do relógio,
Vinha agora do mar, uma brisa morna,
uma promessa de dia...

Como num sonho, desde menina presentido,
alguém chegou ao seu lado, sutil,
sem que ela o percebesse...

Quando deu por si, conversavam
palestravam como velhos amigos.

Nunca o vira antes, nem mesmo no brou-há-há da vida da cidade
nem nas praças regregitantes dos dias de festa.

Era, sem dúvida, um desconhecido, mas nunca um estranho..
trazia algo diferente, uma doçura de vida
no seu riso franco,
uma existência de lutas transparecida de seus olhos
vivos e inquietos...

Conversaram horas
e a noite se perdeu para o dia próximo...

Sairam pela praia,
patinando na água salgada,
de mãos dadas como duas crianças
pisando as ondas pequeninas
metendo os pés na areia molhada...

E veio o dia,
um sol vermelho e quente abrasou a terra
e o brilho de lua luz banhou seu rosto pálido,
refletindo suavidade, paz e ventura,
no encanto da manhã recém-nascida.

Ela olhou, novamente, com vagar, o companheiro
— um desconhecido, sem dúvida, mas não um estranho —
parecia-lhe o ter encontrado antes, em outras eras,
quando habitavam outros e distantes mundos...
nos mistérios da vida e da morte.

E naquelas areias molhadas da beira do mar
ao longo da praia ensombrada de coqueiros,
onde outrora Iracema amou Martim,
ao sol nascente de um dia de estio,
nasceu para eles o nóvo amor...
amor que se vai pela vida em fora,
como uma tortura e uma glória,
o amor da esperança afinal encontrado...

J A B U R Ú

Para o PEDRO ARAGÃO

Jaburú, ó Jaburú,
Mór rio da Ibiapaba!
Maicr mesmo que o Inucú
E mais belo que o Ipuçaba.

Rio de água cristalina,
Tu banhas a minha terra,
Minha quista Ibiapina
Tua muita beleza encerra.

Nasce no Sítio Bieiras
De Ibiapina ao nascente,
Tuas águas são ligeiras
Em direção ao poente.

Piracutuca, também,
Tu banhas, rio da serra,
Carnaubeira ali tem
Num sertão de boa terra.

A carnauba é a riqueza
Desse fermoso sertão,
Onde pasta, com certeza,
Gado no inverno e verão.

Do Longá — rio caudal —
És o maior afluente
De água boa sem igual,
Desde, sim, tua nascente.

Tuas águas chegam bem
Ao Parnaíba famoso,
Que as conduz p'ra o mar, também,
Como aroma precioso.

Rio de recordação.
Gostava ali de pescar
E fci — com satisfação —
Onde aprendi a nadar.

Porisso amo, realmente,
Tuas linfas cristalinas,
Que extravasam belamente
Nossos prados e campinas.

C R A T O

ANA FROTA MENDES

Quem disser que é cearense,
e o Crato não conheceu,
nãc diga que sente orgulho
do estado onde nasceu.

Crato tem frutas gostosas,
água fina saborosa,
grandes engerihcs de cana,
gente destinta e bondosa.

Tenis Clube, A. A. B. B.
sítio Paul e Represa,
são privilégios que dão,
conforto, encanto e riqueza.

Sua feira é conhecida
e conserva a tradição,
vem gente de toda parte
prá ver a variação.

Tem vaqueiros de gibão,
chicote, espôra, perneira,
rapadura, rede, carne,
alfinin, cana, peneira.

Um alejadinho canta
az som de um violão
uns versos que fazem parte
do folclôre do sertão :

"Istô pidindo, istô rogando
pela santa companhia,
meus irmão me dê uma ismola
pela Sagrada famia.
Alembro estas quelidade
eu sô um bom cusinhêro
trabaiu de arfaite,
sirvo in lugá de copêro,
eu trabaiu o ano intêro
sem pricisá de dinhêro..."

Nossa Senhora da Penha,
de tão vasta região,
é a grande Padroeira,
e sua festa animaçãc.

São onze noites de reza,
Foguete, muita alegria,
partido azul, encarnado,
louvando a Virgem Maria.

No patamá da igreja,
toda noite tem leilão,
galinha assada, perú,
batida, bolo, leitão.

Prá ficar mais animado,
toda noite tem noitário,
sentados com a família,
ao lado do seu vigário.

sorteio, roda gigante,
óla de cavalinhos,
filas de tableiros
de café, palma e bolinhos.

Tem gente como formiga,
andando de lá prá cá
ceguinhas pedindo esmola,
cantando assim sem parar :

"Meus irmãos me dein uma esmola
pela santa luz do dia
seu tivesse minha vista
trabaiava nun pidio..."

Deus lhe pague sua ismola
qui mi deu có sua mão
neste mundo ganha um premo,
e no ôto a sarvação..."

Para a última novena,
prá acompanhar a procissão,
vem serranos, vem devotos,
de todo aquele sertão.

Nossa Senhora da Penha,
vai saindo num andor
bordado de seda azul,
enfeitadinha de flôr...

Na descida do batente,
a santinha quase cai...
o Padre grita : cuidado !
afastem que assim não sai.

Levam pedras na cabeça,
cestos cheios de algodão,

outros vestidos de saco,
cumprindo sua devoção.

E a santinha vai passando
pelas ruas da cidade,
e o povo que está nas portas,
rogando felicidade.

Terminada a procissão
todo mundo vai embora,
prá cantar dançar o côco,
saudando Nossa Senhora.

Os côcos, são tradição
do Crato, do Cariri,
escutem este que chamam,
"Coquinho do Siriri" :

"Tão bunitin meu siriri,
tão bunitin meu sirirá
meu amô me chama,
eu não, queu nun vô
torna a me chamá,
eu não queu nun vô lá..."

Não chore não preta,
outro coquinho animado,
que as pretas cantam com gosto,
num compasso bem marcado :

"Nun chore não preta, (bis)
nun chore não preta
queu te quero bem preta

Ya, ya, la vem o dia
o dia ya, ya, la vem
as cabôca de ya, ya,
são pretinha eu quero bem"

Muitas coisas tem o CRATO
que ainda podia citar,
porém basta que lhes diga
Crato é do Ceará.

F I M

Escrevi esta poesia por ocasião
da festa de N. S. da Penha, em
1958, quando aqui estive pela pri-
meira vez.

menino com bicicleta

conto de

tiago figueirêdo alencar araripe

Dia lindo: explosões lá fora, nas bancas de jornais e noticiários de rádios, e explosões cá dentro de si. O vermelho cresce e corre por sobre cada coisa, cada homem. A alegria cresce e circula em seu coração.

Velho tempo desconcertante, fabricante de neuróticos. Ele não sabe.

Os degraus da pequena escadaria da praça são pisados por uns pés pequenos, descalços, endurecidos pela experiência. Muitos sapatos reluzentes já passaram por ali; a pequena escadaria já sentiu corpos mais pesados. No momento ela pensa: "É um garoto com fome". Mas o menino já está em baixo, sujo — havia conseguido um jantarzinho à noite passada e comera um pedaço de pão naquela manhã.

Da multidão, alguns olham o guri sem interesse. Da multidão de pessoas apressadas, quem repararia numa criança pobre? É coisa que se vê com tanta frequência...

O encarnado come o azul-céu, pouco ligando para os vermes que agitam-se embaixo. Sua bocarra é sangrenta e negra recendendo à pólvora queimada. Mas, alegria! Televisão! Sophia Loren!

Dia lindo: explosões lá fora, nos filmes violentos de cowboy, no barulho horripilante dos automóveis, nas fitas de guerras, nas guerras sem fita; um porrilhão de coisas para alegrar a imprensa do país.

O menino pega a bicicleta, longe dos homens (que fazem eles?). Depois acaba-se, num nada que é tudo, e transforma-se em brisa.

Importante andar sobre pneus finos e mofinos, que dizem "ai, ai" o tempo inteiro ao calor do asfalto. Importante sentir-se livre, esquecer fome, esquecer muitas coisas do cotidiano e quebrar os elos para estar mais próximo ao céu (o céu que

vai se transformando com o sangue que jorra, com a fumaça das detonações: é necessário atingir êsse azul antes que o pintor, distraído, passe uma nova pincelada e apodreça o resto do mundo).

Os pedais giram, os pés pedalam; pedantes empinados passam sem cihar, pederastas olham sem pensar (é um menino magro).

O vento agita uns cabelos grossos de poeira, acaricia uma pele seca, mas diante do rosto sorridente, murmura: "Está bem, está muito bem!" E passa e continua passando, interminavelmente.

Jardins. Foge dos veículos porque caiu em si e está com um duplo medo: porque roubou a bicicleta? Onde vai guardá-la, ocultá-la para a ter sempre, ficar feliz o resto da vida?

* * *

Os olhos brilham-lhe. A face rosada, morna de sol, o sorriso contraído, a inquietação de haver inúmeras pessoas andando por ali, desmanchando qualquer carícia que ultrapasse um simples olhar entre os dois. A moça, não resistindo à pressão da alegria, ri muito, aloucada pelo tempo angustiante, e as suas pernas já estão passando pela fenda aberta naquele mundo todo. O rapaz acha de repente tudo idiota e inútil, que não há fuga mesmo, e dilui-se na multidão. Mas nem isso, nem nada ao redor parece ter perturbado a jovem, até que esta é levada para a margem da praça, onde estacionara sua bicicleta nova. Quer ficar mais um pouco, mas tudo é tão horrível agora! O povo que cresce, o ar do lugar infecto, mil suores misturando-se ao vento. Para conservar o difícil estado de espírito, sair dali rápido.

Alonga-se na extensão das ruas, os cabelos voam com seu pensamento e o menino que jaz no calçamento mais silencioso, ao lado de uma bicicleta igual à sua, a exaspera. A poça viva de escarlate... Perde a compreensão de tudo, encerra-se a alegria em sua garganta, presa por aquêlê nó...

E ela continua ainda a andar, nos asteróides rubros do firmamento, com os cabelos viscosos e tingidos, que não voarão mais, colados à sua cabeça.

As estrelas que passam são crianças dissolvidas numa massa disforme e putrefata.

SONETOS DE

CÍCERO BEZERRA LÔBO

Para ITAYTERA, colaboração enviada
por Fr. Agatângelo de Crato

NOTA: Aqui estão três sonetos de autoria de Cícero Bezerra Lôbo. Fôram certamente os últimos de sua vida. Tem como tema Cristo-Rei. Não têm títulos. Cícero os fez inspirado, conforme me disse, na Imagem de Cristo-Rei que se avista de longe ao chegar-se em Crato. Vejamo-los:

O FRUITO MILAGROSO

Na minha linguagem fraca,
Vou falá sôbre piqui,
O fruto que se destaca
Nas terras do Cariri.
Eu querc, da minha parte,
Mermo sem letra e sem arte
Mas de sentimento nobre,
Falá da grande vantagem
Do nosso fruto servaje,
Riqueza do povo pobre.

Dêste fruto milagroso,
Não ha quem não participe
É êle o mais saboroso
Que tem a Serra Araripe.
Sua rica substância,
Ingorda véio e criança,
Da força a pessoa fraca.
O piqui pra tudo chega
É carne, leite e mantêga
Do povo que não tem vaca.

Quando safreja o piqui
O pobre não se aperreia,
Toda pobreza dali
Veve de barriga cheia,
Pois com a grande fartura,

Eu crio firmemente em Cristo-Rei
Nascido em Belém, na Palestina;
Filho da Virgem Pura a quem amei,
E de José, o Santo Carapina.

Para obedecer à antiga Lei
À circuncisão se subordinava.
A visita dos Magos, eu não sei
Se foi no presépio ou na oficina.

Por aviso do anjo mensageiro
A fugir de Herodes carniceiro
Partiu para o Egito São José;

E já sendo findo o quinto ano,
Avisado da morte do tirano,
Alègremente volta a Nazaré.

II

Em Cristo-Rei eu creio firmemente,
Com tôdas as veras de minha alma;
Com quem quero viver eternamente
No gôzo de feliz e santa calma.

Eu creio no Filho do Carpinteiro
Nascido na Palestina, em Belem,
Que sendo Deus Filho verdadeiro
Quis morrer numa cruz por nosso bem

E para cumprir-se a profecia,
Confundindo perversos inimigos
Ressuscitou no terceiro dia.

E depois de onze aparições
Deu o Espírito Santo a seus amigos
E subiu às eternas regiões.

III

Eu creio em Cristo-Rei sacrificado
Numa cruz, por nós, entre ladrões:
Que horas antes fôra flagelado
Com aplauso das grandes multidões

Por um monstro um Justo condenado,
A vis tormentos e humilhações,
Que sabia e tinha proclamado
Inocente, o mais santo dos varões.

Morreu resignado o Padecente
Pedindo compaixão ao Pai clemente
Para os seus ferozes matadores;

E na pessoa de Evangelista
Entregou à sua Mãe bendita
A salvação de todos os pecadores.

Tendo um póco de mistura,
Faz pirão e faz angú
E inda mais por regalia,
Em quarqué hora do dia
Roi o piqui mermo crú.

Muntos pobres sem dinhêro,
Quando a fome lhe faz guerra,
Iã saíra do piquizêro
Sobe pra riba da Serra
Aíraz da manutenção,
Faz de fôia um barracão
E com a famia ali,
Sua vida continua
E só vorta para rua
Quando se acaba o piqui.

Os pobresinho de Crato
De Juasêro e Barbaia
Que veve a sofrê matrato
Recebendo uma migalã
Por um dia de serviço,
Só bastava Deus mandá
Pra saí de sacrificio,
Pras terras do Cariri,
Uma safra de piqui
Pra nunca mais se acabá.

É o maior refrigêro
Dado pela Natureza.
Se com o meu dito séro
Tou alacando a riqueza,
Peço que o rico perdoi.
Mas, não ha carne de boi,
Corredô, nem xambari,
Nem gordura de leitão,
Pra temperá um feijão
Da manêra do piqui.

É querido é percurado
Com um desejo sem fim,
Por pobre e por abastado,
Por Palo Sancho e Martim
Depois da safra segura,
Notando a grande fartura,
Eu logo ciente fico
Que êle é o maiô tempêro,
Os que aparece premêro
Vão para mêsa dos rico.

O piquizêro é sagrado,
É um presente divino,
Não merece sê cortado.
Pelo machado assassino,
O seu fruto é alimento
E também medicamento
De um valô munto importante,
Para quem sofre fraqueza,
Êle é, com tôda certeza
O maiô fortificante.

Seu sabô, sua dilaça,
Ninguem pode avaliã,
Substança alimenticia
E também medicinã.
O seu azeite ou gordura,
O reumatismo cura
Com uma vantage imensa
E, tomado em certa dose,
Combate a tuberculose
E mais arguma doença.

Com bastante inteligencia,
Os dotô do Cariri
Ja descubriro a ciença
E o milagre do piqui,
Depois de apurado estudo,
Ficaro certo de tudo
Seu milagre o quanto é.
Quando a safra se apresenta
É o tempo que mais omenta
A produçã das mulé.

Eu não invejo dinhêro,
Nem posiçã, nem pudé,
Como poeta rocêro,
Só peço que Deus me dê
Socêgo, paz e saude,
Para, nos meus versos rude,
Eu Cantá meu Cariri
De produçã sem iguã,
Nos brejo o canaviã,
Na Serra Grande, o piqui.

Versos inéditos do

PATATIVA DO ASSARÉ

Serra de Santana — Abril de 1969

A Espontânea Confraternização Latino-Americana

J. DE FIGUEIREDO FILHO

É o latino-americano continuamente amesquinhado, pela sua falta de sentido utilitarista, em encarar o mundo civilizado de hoje. Em esfera superior, colocam o angló-saxônio, o teutônico, e eslavo e mesmo o gaulês, apesar de latino.

Seríamos capazes de superar o acúmulo de mazelas, que nos entorpecem os passos, presentemente? Recaiu sobre nós, nefastamente, a herança de atraso da Península Ibérica que ocupou lugar de tanto relevo no passado e que tanto contribuiu para o progresso humano, em todos os sentidos?

Ao que tudo faz crer, desprezamos o lado prático da vida, substituindo por um idealismo irreal, representado na Espanha pela figura de ficção — D. Quixote de la Mancha e, em Portugal, pelo Esperado, El-Rei — D. Sebastião, aventureiro épico, que destruiu o império em sonho guerreiro insensato. Há quem diga até que os dois formam uma só pessoa, símbolo do idealismo improdutivo da Ibéria.

Tal pessimismo não tem razão de ser. É filho da análise apresada das coisas. Creio que a América Latina cumprirá, ao pé da letra, a missão histórica que lhe compete. No sentido técnico, a civilização avançou em demasia, mas esqueceu totalmente a felicidade humana. O progresso material domina integralmente os dois mundos que se defrontam, parecendo antagônicos — o capitalista e o comunista. Até agora o que ambos realizaram não passa do atrelamento do homem à máquina sem alma, roubando-lhe a alegria natural e a espontaneidade de viver feliz. Por tudo isso é que precisamos ressuscitar D. Quixote de la Mancha e D. Sebastião, mais humanizados, com um pouco de Sancho Pança. Nem tanto, nem tão pouco.

A América Latina marchará para a frente. Quebrará as cadeias que a prendem ao subdesenvolvimento e destruirá essa couraça de técnica excessiva, que faz do ser humano simples ROBOT.

Essa confiança, nasceu em mim, a primeiro de Setembro de 1968, em recanto paradisíaco de Buenos-Aires, em autêntico PIQUE-NIQUE internacional, chamado simplesmente de FIESTA GAUCHA, organizado pela BUENOS AIRES-TUR.

O ônibus de turismo pegou-nos no Cachabuco-Hotel, na Avenida de Mayo. Após a coleta de passageiros nos outros hotéis, com a simpática guia Helena, a nos orientar, percorremos recantos encantadores da cidade. Depois penetramos em zona campestre, com bosques artificiais de eucaliptos e pinheiros, em pleno pampa argentino, com piscinas super-olímpicas. Esbarramos, perto do aeroporto, em local bastante pitoresco, onde há vasto barracão, de terra batida, com cobertura tosca. Em pátio descoberto havia azafama de gauchos argentinos,

com trajés típicos, armados de espetos e facões. Quartos de bois de penduravam-se em ganchos. As churrasqueiras funcionavam e caldeirões cozinhavam miúdos de bois. O cheiro de carne assada aguçava o apetite geral. Aquêlê restaurante campestre se localiza em local denominado MANGRULIO. Helena, com a gentileza de sempre conduziu-nos para grande mesa, no meio dos outros, em alpendrada como chamamos aqui. Na parte mais externa, ficavam estrados para exhibiçôes.

Sentávamo-nos a vontade e grande jarro de vinho tinto foi colocado em cima de nossa mesa. O ambiente não podia ser mais acolhedor, enquanto o salão se enchia com turistas de várias procedências, cada grupo com seu CICERONI. Orquestra paraguaia, com harpas, guitarras e bons cantores, em trajés regionais, abriu a função com a canção INDIA, entoada em espanhol e depois em guarani. Os aplausos gerais foram entusiastas e bem merecidos. Sucederam-se outras guarânias e polcas paraguaias, estas mais bonitas do que as européias. Seguiu-se conjunto folclórico argentino, com guapos jovens de ambos os sexos, em enfeitada indumentária gaúchesca. Dançaram e cantaram coisas bonitas, sob palmas da numerosa assistência. Vieram exhibiçôes de dança da fronteira, herdadas do ameríndio, com lança ou com boleadeira.

Em nossa mesa esvasiado o primeiro jarro de vinho, chegaram os quitutes. Foram PARRILAS (Churrascos) e PARRILADAS (assados de miúdos e chouriço) vieram pastéis de carne e de milho cozido. Foi o único churrasco salgado que vi em Buenos Aires, embora o de Porto Alegre seja muito mais saboroso.

Helena, inteligente, elegante, admiradora do Brasil, onde passou o carnaval último, desvelava-se em bem servir a turma que lhe foi confiada pela Agência de Turismo. Ao saber de minha dieta, trouxe-me alimento especial. Havíamos passado, no percurso, pela embocadura do Riachuelo. Falara naquele rio, tão vinculado à nossa história. Tc-quei-lhe em ponto que não ficara devidamente esclarecido. Pediu-me que eu falasse na ligação do rio com a história do Brasil. Contei-lhe a importância decisiva para a vitória das armas da triplice aliança sobre o Paraguai, representada pelo triunfo da esquadra brasileira na célebre passagem do RIACHUELO. Ouviu-me religiosamente e cessou tôdas as suas atividades, pois, confesseu-me ter acendrado amor à história e muito gostar do Brasil onde pretende residir.

Quando o vinho subiu à cabeça de todos, os conjuntos musicais cessaram, a balbúrdia, em espanhol, português e inglês, com gritos e cânticos mal entoados, imperou definitivamente, mas em tom de in-teira e franca camaradagem.

Naquele momento, entrou em cena, a lotação de ônibus de mexicanos, recentemente chegados a Buenos Aires, vindos de Guadalajara. Alegres, derramados, tomaram conta de tudo. Ao terem conhecimento da presença de brasileiros, vieram imediatamente nos procurar, abra-

çando-nos efusivamente. Cantavam e dançavam. De seu JALISCO passaram logo a entoar canções brasileiras, em português, a exemplo da BANDA, de Chico Buarque de Holanda. Só os dois franceses, nossos companheiros, permaneceram taciturnos. Mesmo a Americana de nossa lotação, passou a dar gargalhadas e a dirigir-se, em inglês, a quem não entendia tal língua. Encaminhei-a a dois companheiros meio políglotas.

O melhor de todo aquele ambiente foi a espontânea confraternização que se criou imediatamente entre brasileiros, argentinos, uruguaios, e até peruanos. Os paraguaios da orquestra, de sangue guarani, sempre desconfiados, permaneciam alheios a tudo, mas sempre sorridentes, à maneira nipônica.

A América, do México para o sul, é um todo unificado sem cor política. Sua identidade de princípios não obedece a influência recente do Presidente Frey, do Chile. Possui raízes profundas no passado, na Espanha, em Portugal e nos velhos povos ameríndios. Naquele recanto da terra argentina, nas rodas intelectuais, compreendeu-se bem isso. É a luta natural para a nossa sobrevivência.

A América Latina terá o seu dia. Não se constituirá em federação de nações agressivas, mas inteiramente pacifistas. O universo está fatigado de tanta luta, de tanta rivalidade e de tanta prepotência. Não podemos negar que as nações mais homogêneas e relativamente mais pacifistas, são as situadas entre o México e o Cabo Horn. E assim de copiadorez passarão a mentores.

Crato, Fevereiro de 1969.

C I R C U L A R N.º 1 / 6 9

Crato, 25 de março de 1969

Exmo. Sr.

Temos o prazer de comunicar a V. Excia. que a Câmara Municipal desta cidade, em sessão realizada às 13 horas do dia 24 de março corrente, elegeu os componentes da MESA, que dirigirá os seus trabalhos no período de 25 de março de 1969/1970, ficando assim constituída:

Presidente — JOSÉ VALDEVINO DE BRITO
Vice-Presidente — VALDIR DE SOUZA LEITE — Reeleito
1.º Secretário — JOSÉ LUIZ DE FRANÇA
2.º Secretário — CÍCERO DE MOURA ROSENDO — Reeleito

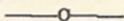
Na oportunidade apresentamos a V. Excia. os protestos de apreço e elevada consideração.

JOSÉ VALDEVINO DE BRITO -- Presidente
JOSÉ LUIZ DE FRANÇA — Secretário

Laboratório de Pesquisas Clínicas do Cariri

Dr. PAULO CARTAXO ESMERALDO

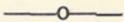
Dra. ANA LÚCIA LEMOS



SANGUE — FEZES — URINA

PROVAS DE FUNÇÃO HEPÁTICA

SERVIÇO DE TRANSFUSÃO DE SANGUE



RUA SANTOS DUMONT N.º 29

CRATO



CEARÁ

Padre Cícero:
mística
e
realidade
do
nordeste

A EDITORA — Durante certa época, o Nordeste esteve em moda, realmente no ápice da moda, chegando mesmo a assumir o papel representativo, no plano artístico, da autêntica realidade brasileira, foco de irradiação do nosso grande romance, especialmente. Dos anos 30 aos 50, o Nordeste temou conta da literatura brasileira, através de escritores como José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, entre outros nomes considerados então os mais significativos do panorama intelectual nacional. Era a safra do regionalismo, de um engajamento num social particularizado na tradição rural, patriarcalista, de pesquisa folclórica, digamos, em que não deixava de persistir um sentimento saudosista de fixação de ambiente e tipos e valores e momentos de esplendor e prestígio do coronelismo. Um engajamento de certo modo estranho, porque não pressupunha uma crítica interna de um sistema de vida, mas antes a evocação e a recriação de uma experiência nostálgica. O Nordeste nos aparecia projetado em paisagem e retratos psicológicos, sem um apro-

fundamento consciente e um discernimento do que era substância telúrica e o que era conteúdo social. É claro que essas observações não diminuem em nada o valor desses escritores (mesmo porque Graciliano Ramos, por exemplo, sabe dosar muito bem a sua literatura, evitando a ângulo ingênuo e romantizado), mas o que sucede é que novas perspectivas se abriram, outras atitudes estéticas se impuseram, e a temática regionalista nordestina esgotou-se na mera paisagem física e social tradicionalista. Hoje, o Nordeste continua sendo uma expressão das mais válidas da realidade brasileira, mas os nossos escritores não se preocupam com a exaltação ou a revelação emotiva de um tempo ou de um espaço geográfico. O Nordeste, agora, exige muito mais o exame fric e equilibrado dos sociólogos e dos economistas, que a imaginação e a memorização sentimental do romancista. "Enfim Guimarães Rosa vint...", como diria um Boileau de hoje, e acabou de vez com as pretensões da ficção regionalista nordestina ou não. É preciso colocar-se atualmente o problema do Nordeste em termos de posição ideológica, de estudo e registro imparcial (no sentido em que não se mescla de ufanismo, fatalismo, exotismo ou neutralidade rosada), mas como um dado importante para a compreensão da situação de subdesenvolvimento do País. Detendo-se na figura do Padre Cícero, por exemplo, Otacilio Anselmo nos apresenta um excelente esforço de compreensão do Nordeste. Seu livro, pôsto em circulação pela *Editora Civilização Brasileira*, "Padre Cícero, mito e realidade", nos possibilita o conhecimento dos problemas que fazem

daquela região do País, não mais "a moda" da ficção, mas uma estrutura social que precisa ser desvendada em todos os seus componentes.

O AUTOR — Otacilio Anselmo e Silva é descendente dos Gomes da Silva, precursores do povoamento de Brejo Santo, do clã dos Pa-reiras, do Pajéu, e da família Nunes Magalhães. Passou a infância, até os 13 anos, no Cariri, residindo sucessivamente em Macapá, Barbalha e Brejo Santo, tendo permanecido dois anos em Jardim, interno num colégio. Ingressou no Exército em 1927, sendo, pouco depois, incluído na banda de música como 3a. classe. Empolgado pelo "Tenentismo", juntou-se oportunamente aos conspiradores da sua Unidade (23º EC) chefiados pelo Tenente Carlos Cordeiro de Almeida e, a 4 de outubro de 1930, participou do levante do Batalhão, na cidade de Sousa, Estado da Paraíba, depois do que passou para a fileira com a graduação de 3.º sargento. Terminada a campanha de desarmamento dos caudilhos sertanejos, durante a qual vasculhou os principais municípios da região caririense, ficou destacado na cidade de Juazeiro do Norte até dezembro de 1930. Ao atingir o posto de tenente, voltou ao Cariri, em 1951, como Delegado de Recrutamento de Assaré, ocupando logo depois, a Delegacia de Recrutamento sediada na cidade do Crato; promovido a 1.º tenente, passou para a reserva, em 1956, como capitão. Otacilio Anselmo é membro do Instituto Cultural do Cariri, colaborador da revista "Itaytera", bem como dos principais jornais e revistas de Fortaleza e do interior do Ceará. São de sua autoria, embora sem assinatura, os verbe-

tes dos municípios de Barbalha, Crato, Jardim, Jati e Juazeiro do Norte, que se acham publicados no volume XVI da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, do IBGE. É Otacilio Anselmo quem declara: "sem exagero, o meu livro, "Padre Cícero, mito e realidade", para cuja elaboração consumi cerca de oito anos de estudos e pesquisas, corresponde rigorosamente ao título, não sendo outra coisa senão uma retificação histórica. Isto porque, ao contrário das inúmeras obras sobre o tão discutido sacerdote, baseia-se na realidade dos fatos, todos eles revelados e analisados através de farta e irrefutável documentação e depoimento de passagens absolutamente idôneas. (...) Nascido e criado no Cariri, desde cedo comeci a notar o alto grau de popularidade do Padre Cícero, considerado santo pelas contínuas levas de sertanejos de passagem por Macapá a caminho ou de volta de Juazeiro. Mais tarde, sobretudo durante a minha permanência naquela cidade, vi até que ponto chegava a crença popular na fama divinatória do sacerdote já então mais lendário do que envelhecido, o que não era de admirar, visto que para ali convergia a camada mais mistificada, analfabeta e miserável da região nordestina. "Além deste alentado volume, Otacilio Anselmo já publicou também o "Esbôço Histórico do Município de Brejo Santo" e "O Ceará na Revolução de 30".

O LIVRO — Otacilio Anselmo estuda em "Padre Cícero, mito e realidade", inicialmente, o meio ambiente, o Cariri predisposto, por fatores de situação geográfica, por ignorância do povo, falta de recursos naturais da terra, incúria dos governos, métodos rudimentar-

res de lavoura, escassez de comunicações, formação étnica, etc., a tornar-se uma típica região de subdesenvolvimento econômico e cultural. Nessas condições é que pode medrar e proliferar o sentimento místico, para uns como válvula de escape, como fonte de esperança e salvação, para outros como forma de domínio, de poderio político ou de ascensão social. O fanatismo não teria assim apenas as raízes ancestrais afro-indígenas, mas receberia um adubo natural e eficiente da miséria, da fome, das baixas condições de vida, da ignorância. O aparecimento de taumaturgos aumenta proporcionalmente a esses fenômenos sócio-econômicos, podendo-se delimitar claramente a sua área de concentração no Norte e Nordeste, em contraste com áreas mais beneficiadas do País. Dentre esses taumaturgos, avulta certamente a figura do Padre Cicero Romão Batista, o famoso "Padrim Cicero", até hoje evocado e invocado como o santo protetor dos humildes e dos rebeldes. Depois de longa, acurada e documentada biografia, em que inclusive recloca em seus lugares muitos dados falsificados pelo ardor místico dos seguidores do Padre Cicero, Otacílio Anselmo analisa os começos de sua "beatificação" e fama de milagreiro, o nascimento de seu feudo, a fixação de sua taumaturgia na mente popular, ao lado de Maria de Araújo, que serviu perfeitamente aos seus intentos de consagrar-se como o apóstolo do sertão. Apurando fatos até então irrelatados, percorrendo todos os meandros do inquérito episcopal instaurado na época, compulsando jornais e depoimento, desmascara o grande embuste dos milagres que, na ocasião,

foi motivo antes para um exacerbamento da propaganda fanática, do tabu, da crença nos poderes visionários e sobrenaturais da Beata e do Padrim Cicero. Mesmo suspenso de ordens, ou por causa disso, o taumaturgo vaidoso e prepotente iria realizar integralmente a profecia de um Coronel Rochinha: "Ninguém se engane. O Padre Cicero começou como missionário, breve será milionário e acabará como revolucionário". De fato, as esmolas, o pagamento de promessas, a venda de medalhas e benteveiros com sua efigie, provocavam "o enriquecimento galopante do padre", que seguia par-a-par com sua influência social e política, valendo-se da ingenuidade, da ignorância, da conivência de alguns coronéis, da ansiedade popular por uma salvação messiânica. Em Juazeiro, o Padre Cicero constituía o seu império e se instauraria como ditador absolutista e demiurgo. Com todo esse poder nas mãos, nenhum gesto fez no entanto, em benefício da gente humilde que o rodeava e servia, nem no campo da doutrina cristã (em que era incompetente), nem no setor da assistência social, ou no incremento de atividades produtivas ou educacionais. Limitavam-se a dar audiência, a opinar, a decidir questões incógnitas, a estender o seu domínio espiritual, consolidando-o no sentido do prestígio político, da atuação mesquinha e coronelista. Valendo-se da superstição e credulidade, do fanatismo e da passividade dos miseráveis, o Padre Cicero iria tornar-se chefe de facção, com as características que pressupõe: e autoritarismo, o sectarismo jaguncista, a violência e a prepotência. Por longo período, iria desafiar a legislação civil

comê desafiara a religiosa, instituído primeiro santo, depois líder sertanejo e protetor do cangaço.

COMENTÁRIOS — Se a nós causa espanto e parece desproporcionada a importância do Padre Cícero como expressão histórica e social, é porque também nos é estranho o contexto da vida naquela região do Pa.s. Apesar de toda a literatura a respeito, não nos é possível, com facilidade, compreender a psicologia de um povo cumulado durante longos anos por desgraças de toda sorte: desde o fenômeno metereológico das estiagens ao geológico das terras improdutivas, desde o abandono desumano e o estado primitivo da cultura em que se encontra, à falta de todos os recursos de subsistência e trabalho, desde a ignorância que lhe é imposta à economia deficiente e às tensões a que é levado por aproveitadores da situação. É natural que tudo isto gere (degenera) uma atmosfera propícia apenas ao fatalismo e à resignação sujeita à criação de mitos e de figuras salvadoras, predispostas aos desvios e aberrações místicas, única saída que as populações visualizam para a miséria e a tragédia de seu cotidiano. Incapazes de concretizar o seu problema, entregam-se ingênua e confiantemente ao primeiro que intua ou compreenda o fenômeno e se proponha a explorar-lhe a alma trágica e primitiva, ora usando o medo natural dos ambiciosos e acenando-lhes com penitência e castigo, ora estimulando a revolta subjacente a toda miséria, porém em proveito próprio, ora glorificando-se sob a apresentação de "milagres", que não são senão sintoma da fácil credulidade popular. A história do Nordeste é pontilhada pelas figu-

ras de taumaturgos, apóstolos de todo tipo, desde o sumariamente ignorante, que se supõe sinceramente um enviado ou mensageiro divino, até os astutos que sabem aproveitar-se de tendência fatalista do povo para dirigí-lo e dominá-lo. Sabemos bem que o sentimento religioso é um dos aspectos mais profundos do espírito humano, impregnado desde a sua origem da consciência de sua fraqueza (o "pecado original", etc. etc.), e que a evolução do comportamento moral se faz sob a influência dos elementos que o condicionam. Esses elementos condicionadores foram estudados por psicólogos e sociólogos, resumindo-se em clima, nutrição, hereditariedade, tradicionalismo, educação e ambiente familiar. É quase óbvio concluir, portanto, que o nordestino sofre as contingências e o acúmulo de todos esses fatores, em seu aspecto negativo, tornando-se terreno propício à sementeira de sugestões de toda ordem, ainda mais pelo inevitável distúrbio do metabolismo, da saúde psíquica e física, causa de períodos de superexcitação ou de extrema depressão. É assim que personagens tornam-se idealizados frente a uma mentalidade elementar, quando surgem com características de liderança e dons de persuasão. E nem sempre essas características acompanham ou advêm de maior coeficiente de inteligência ou estão ligados a um interesse público, geral. A Beata Maria de Araújo e o próprio Padre Cícero não tinham capacidade de reflexão, imaginação, entendimento, assimilação de conhecimentos e discriminação de informação, mas revelaram uma intuição realmente notável do tônus psicológico do povo nordestino, espontâneo numa

Expansão de Rotary

J. DE FIGUEIREDO FILHO

sócio honorário do Rotary Club de Crato, Ce.

O ROTARY CLUB DE CRATO, fundado a 22 de Junho de 1937, tendo recebido sua Carta constitutiva, a 15 de Agosto do mesmo ano, é o segundo, em ordem cronológica do Ceará. Foi ele que difundiu o ideal rotário em quase todo o sul cearense e presentemente passa por fase intensa de expansão. Começa a penetrar nos estados vizinhos.

Conta com 48 membros e cogita de bifurcar-se a fim de atender o número relativamente avultado de candidatos que o procuram, atraídos pelo programa de ação dessa grande entidade, que nasceu do espírito criador de Paul Harris.

Há pouco, no Domingo, 25 de Maio, após intenso preparo, apa-drinhou a criação do ROTARY CLUB DE ARARIPINA, próspera cidade do vizinho estado de Pernambuco. Outra caravana também, no mesmo dia, com o intento de lançar a semente de novo club, na comuna, igualmente pernambucana, de Serra Talhada.

Na manhã de 25, vários carros subiram o Araripe, com rotarianos cratenses, muitos acompanhados das respectivas famílias. Com três horas de percurso, na bela chapada, em dia fricento e cheio de

e talvez elaborada noutro, já que este tinha a cercá-lo o prestígio natural do sacerdócio, de alto valor numa comunidade de extremas limitações ocupacionais. Da possibilidade de obter contato primário e afetivo, passa-se facilmente à zona e ao estágio da excitação coletiva e do contágio social, em que os indivíduos passam a deixar-se levar por impulsos, tornando-se aptos a formas imprevisas de comportamento. É evidente, porém, que todas essas relações psicossociológicas partem de um fundamento básico, o binômio miséria-ignorância, ou mais genericamente, o subdesenvolvimento. Estas são as conclusões a que nos le-

vam o detalhado, minucioso, convincente e substancioso trabalho de pesquisa de Otacilio Anselmo em torno do mito do Padre Cícero certamente uma das figuras típicas de vasta região do nosso País, que não foi um demagogo "tout-court", nem um ser tocado pela graça, nem um chefe político como ainda os há, mas o resumo, a síntese de todo um complexo sertanejo, de estranhos contrastes e condições existenciais peculiares.

(Transcrito do Suplemento Literário do "Minas Gerais" — Belo Horizonte — edição de sábado, 7.12.1968)

névoa, a Caravana chegou à bonita cidade de Araripina, às 11 horas, sendo acolhida, com o máximo de distinção, pelos candidatos ao Rotary Club local. Cada família ficou sob a guarda de hospiteiro lar.

Vasto programa, culminando com a PLENÁRIA no CLUBE SOCIAL da terra, onde o Presidente do Rotary de Crato, deu posse à Diretoria provisória, foi executado, com total assistência da sociedade araripinense. O ambiente onde se realizou lauto almoço, servido por gentis senhocrinhas, se revestiu de inteira distinção. Araripina, encravada ao sopé do lado pernambucano da chapada do Araripe, é a rainha da farinha de mandioca e do gesso, estando em plena ascensão.

A diretoria do Rotary local ficou provisoriamente constituída dos seguintes elementos: Presidente — Pedro Fernandes de Oliveira. Vice Presidente — Paulino Fernandes da Costa. 1.º Secretário — Francisco Gualter Barreto de Alencar. 2.º Secretário — Francisco Marcelo de Araújo Lima. Tesoureiro — Benedito Portela. Adjunto — Francisco Iran Modesto. Diretor de Protocolo — José Saraiva Correia Filho. Diretores — Serv. à Comunidade — Cônego Gonçalo Pereira Lima. Serv. Profissionais — Olívio Afonso Botelho, Serv. Intenacionais — Miguel Pereira da Silva.

Araripina é localidade em franca evolução, possuindo bancos, campos agrícolas, mineração, fábricas de beneficiamento de algodão, de mamona, instalação moderna de água, em vias de conclusão, edu candários, de forma a não criar a mínima dificuldade ao problema de classificação dos sócios.

No FORUM, realizado no próprio club social citadino, os rotarians cratenses promoveram programa completo de doutrinação, prova evidente de seu amadurecimento na orientação de novas entidades.

À tardinha, ainda houve visita dos rotarianos de Crato ao serviço de abastecimento d'água, fabrica de gesso, colégios, hospital, matriz e pontos pitorescos da cidade.

A caravana de visitantes compunha-se dos companheiros: Ribamar Cortês e senhora, (presidente em exercício), Juvêncio Mariano, esposa e filha (presidente eleito), Jósio de Alencar Araripe, jornalista João Lindemberg de Aquino (convidado especial), Figueiredo Filho e esposa, José de Paula Bantim e família (Vice-Prefeito de Crato), Anibal Viana de Figueiredo e esposa, José Bessa da Silva e esposa, Oton Luna e esposa, José Eustáquio dos Santos e esposa, Manuel Wilson de Sousa, Miguel Custódio, Waldir Oliveira, Euclides F. de Lima, Antônio Almino de Lima. A Exma. Snra. Da Raimunda Cortês, presidente da CASA DA AMIZADE de Crato, lançou as bases de Casa com gênero, naquela simpática e acolhedora urbe pernambucana.

O retorno se deu à noite, todos animados com aquela justa vitória, em terra tão propícia a medrar aquêlê mais novo afilhado do Rotary Club do Crato.

“TUDO” um jornal de tudo diferente

ESTÁ CIRCULANDO EM FORTALEZA O ÓTIMO E OPORTUNO JORNAL LITERÁRIO “TUDO”, DIRIGIDO, COMPETENTEMENTE POR AUGUSTO LEÃO — DIRETOR, MARIO DUTRA NUNES PAPALEO — DIRETOR-GERENTE, OSCAR MOREIRA — DIRETOR-EXECUTIVO, CAIO CID — DIRETOR-LITERÁRIO. DO SEGUINTE NÚMERO DESTACAMOS O SEGUNDO TRABALHO DE EDUARDO CAMPOS:

À MARGEM DE UM LIVRO

Em sendo agricultor, cultivar a cana. Não só pelo valor da cultura, mas pela beleza que sugere um canavial adulto. Vendo-o em extensão considerável, como várias vezes o vi em Barbalha ou ao descer a Serra do Araripe, é ter a noção exata de estar presente a um oásis de abençoada messe.

Quanto mais primária é essa cultura, mais rústicos os elementos que integram a sua transformação comercial, tanto mais sensitiva, bonita e poética, é a ocasião da saíra. Os engenhos, por isso mesmo, movidos ao impulso da água ou arrastados por juntas de bois, emolduram uma paisagem que é um “cutro tempo” em que os homens produziam sem a cronometragem impiedosa dos dias atuais, para o que se exige não se pensar em termos bonitos, e bitolados, cresce o canavial como força industrial, a sepultar o seu encanto no frio existir moderno das usinas.

O Cariri, reduto ao mesmo tempo de fartura e de folclore, constituído de terras férteis em que crescem canaviais luxuriantes vindos no jornadar de pai para filho, através gerações, não faz parte do ciclo da cana no que diz respeito à produção de açúcar tal como o conhecemos sob mais re-

cente conceituação pernambucana.

O ciclo da cana desponta no Cariri, numa fase elementar, a fase cabócla do açúcar, e etapa do fabrico da rapadura.

Esta, ainda hoje, não obstante o avanço da técnica dos dias atuais, e dos meios de comunicação, é o doce do pobre, tal como o foi nos tempos idos, quando, para o Cariri, penetravam os primeiros comboios vindos de outras áreas.

Nessa zona privilegiada do Ceará, onde o inverno acode cedo, a rapadura fez uma civilização. É responsável pela robustez, pela resistência do homem que amanha o solo, e que arrostando mil dificuldades principalmente os embates climáticos, vai vivendo e criando bem disposta a família.

Há pessoas que se alimentam com duas rapaduras e meia cuia de farinha, e trabalham sob a soa-lheira de desesperar o mais prevenido dos visitantes. É ainda a rapadura o doce que vai para o “caco” de torrar café dando sabor especial à rubiácea e que, na coalhada, raspada primeiro com faca amolada, desperta incomum apeteite.

Aliás, para esclarecer a depressão da rapadura no Cariri, o grupo

de trabalho que o Governo do Estado nomeou para fazer os estudos que o problema exigia, chegou a algumas conclusões nada encorajadoras. Em virtude da má qualidade do produto, estaria ocorrendo uma "lenta e gradual substituição da rapadura, pelo açúcar, nos usos de adoçante que se atribui àquela".

Mas será, efetivamente lenta esta modificação de hábitos, porque, de um modo geral, continua apreciável a utilização da rapadura, ótima para ser comida com banana, deliciosa para o preparo de garapa. Contenta o paladar do sertanejo um pedaço cortado a golpe de facção, como sobremesa ou como merenda. Vai, por assim dizer, bem a qualquer hora e em qualquer situação.

Faltando não só a respeito, mas sobre essa paisagem que invocamos, José de Figueiredo Filho, por intermédio do plano de Documentação da Vida Rural (Serviço de Informação Agrícola do Ministério da Agricultura), apresenta-nos o seu "*Engenhos de Rapadura do Cariri*", livro solidário àquela região, e que despertou no historiador Raimundo Girão merecido entusiasmo, a ponto de este declarar que a obra, "página por página, filma a vida daqueles pequenos mundos, da maneira mais simples e mais correta, sem nada omitir ou mentir".

O livro, sente-se logo, não é desses que se perdem em explicações ou interpretações demoradas. Vai direto ao assunto, guiando-se através os encantos regionais de uma terra que vale exatamente pelos elementos constitutivos de seu "habitat" pelos hábitos e costumes que são a sementeira do que melhor existe no folclore do Ceará.

E o melhor é que toda a sua riqueza de tradições gira em torno do ciclo da cana de açúcar, vindo, possivelmente dela, a sua abundância de folguedos e cantares.

Se não fosse a economia produzida pelos duzentos e oitenta e oito engenhos à força motriz, espalhados em Barbalha, Crato, Missão Velha e Jardim, sem contar com uma vintena puxados por bois ou movimentados por cursos d'água, não haveria essa razão especial que reúne os homens para o jôgo do "maneiro pau", para o toque das bandas do cabaçal, para a brincadeira da peteca, ou para os serões em que avultam as histórias do Riacho da Geralda, do Boi Mandigueiro, do Cavalo Misterioso, gesta que encanta gerações desde a infância.

No capítulo das guloseimas, a rapadura pontifica, é autoridade. Diz o autor: "As cocadas têm muito melhor sabor, quando confeccionadas com aquele bom e sempre apreciado alimento. Também tijolos de leite, de cunca, de imbuzeiro, de "croá de frade", de gergelim, buriiti, laranjas e cajus. Por falar em gergelim, vêm-me à lembrança os doces secos de minha terra, em tempos de festa da padroeira, em anos mais afastados. Era uma espécie de pastel de farinha de mandioca, recheado com doce de gergelim, de rapadura temperado com gengibre e pimenta-do-reino". Mas não demora aí a amostra dessa cozinha cabocla. Quem não conhece no Cariri as balas de imburana, de abacaxi, etc.? Existem também as "brças e sequilhos", sem contar, como diz o autor, o aluá, a "cerveja do matuto". Evidentemente, esta não é só a bebida deliciosa do sertão. Para muitos, só consegue sabor especial,

Monsenhor Fernandes Távora

ADEMAR TAVORA

Meu avô materno, Antônio Fernandes da Silva Távora, proprietário da fazenda "Boa Altura", à margem esquerda do rio Jaguaribe, no município deste nome, faleceu na década de 1870, deixando viúva e 16 filhos.

fragrante, depois de estar passado e principia a fermentar. É bebida realmente, apetitosa, acompanhada de pé-de-moleque, de canjica, de grude, etc.

Da última vez que estive no Cariri revi o engenho d'água do Lameiro. Aquela roda d'água vale menos pela imponência do que pela tradição que encerra nos ruídos fôcos que faz a água mais pura do mundo, a da nascente do Crato descendo pelas gavetas da roda e escoando por baixo do piso. Exatamente pela fidelidade ao passado é o engenho que mais me agrada na paisagem de Cariri, embora não tenha um canal tão bonito quanto o engenho do Sítio Lagoa Encantada, que pelo sentido de trabalho mais orientado, é transição para o aproveitamento racional de terras e produção, modernização, especialização.

O livro de José de Figueiredo Filho representa, acredito, mensagem e convite para que os estudiosos de sociologia cu de nosso folclore, estendam seus passos à essa terra solidária com o passado e com os seus temas humanos. Faz-se necessário sentir o povo dêsse vale, e vêr, do alto da serra, as manchas verdes de seus canais na inconsciente simetria da natureza.

Com o professor Vitorino, ex-padre português, homem de regular cultura e acentuado gosto pelo ensino, estudou aquela numerosa irmandade, na casa paterna, as primeiras letras.

Em 1870 ou 1871, o mais velho dos filhos varões, com o mesmo nome do pai, matriculou-se no Seminário de Fortaleza, ordenando-se no último ou penúltimo ano daquela década.

Nomeado pároco de Jaguaribe, sua terra natal, ali fundou um colégio onde estudaram filhos daquele e dos municípios vizinhos. Alguns tempos depois, foi dirigir a freguesia de Crato, onde ficou até 1891, tendo sido encarregado também, pelo bispo de Pernambuco, de atender, quanto possível, às necessidades espirituais das freguesias de Exú, Granito e Leopoldina, naquele Estado.

Excelente cavaleiro, atravessava constantemente a serra do Araripe, para levar assistência religiosa aos habitantes daqueles sertões remotos. Em muitos dias, celebrava a primeira missa numa das cidades pernambucanas e vinha officiar a segunda no Crato, percorrendo a cavalo 12 a 15 léguas.

Grande patriota, resolveu ingressar na política, com o propósito de bem servir ao seu país.

Filiou-se ao Partido Conservador Graúdo, chefiado, no Ceará, pelo Barão de Ibiapaba. Foi eleito deputado e, mais tarde, senador estadual. Quando exercia o último daqueles mandatos, foi o general

José Clarindo de Queirós deposto do governo deste Estado pelo marechal Floriano Peixoto, e êle resolveu deixar a política.

Naquela cidade capichaba, adquiriu a tipografia do "O Cachoeirano", o mais antigo jornal do referido Estado, entregando-a a seus irmãos, Drs. Elisiário e Belisário Távora, que haviam terminado o curso jurídico em Recife.

Em 1894, foi nomeado vigário de Valência, no Estado do Rio, seguindo, pouco tempo depois, para Roma, onde se matriculou na Universidade de Santo Apolinário ali formando-se IN UTROQUE JURE (Direito Civil e Canônico). Foi redator-chefe do jornal da Universidade, nêle publicando artigos que assinava com o pseudônimo de Higinio Accidônio.

Volvendo ao Brasil, foi solicitado por Dom José da Costa Aguiar a prestar seus serviços na organização do bispado de Manaus e, pouco depois, nomeado vigário do Rio Juruá. Dali foi transferido, mais tarde, para o Rio Purús, tendo falecido na cidade de Sena Madureira, em 1916.

Sacerdote de grande inteligência e rara cultura, lia constantemente, livros e revistas que lhe permitiam estar a par do que se passava no mundo.

Liberal por educação e temperamento, foi um dos maiores abolicionistas do Ceará, tendo transformado num dia de festas para o Crato o da chegada da notícia da promulgação do Decreto da Abolição.

O amor à instrução foi uma constante em sua vida, dedicando a esse nobre ideal todos os recursos obtidos nas freguesias que lhe

foram confiadas pelos bispos do Ceará, Rio de Janeiro e Manaus.

Seu banqueiro, em Fortaleza, era a Casa Inglesa que tinha ordem de pagar as despesas com os estudos de parentes que vinham para o Seminário ou para o Colégio da Imaculada Conceição. Houve anos de ali se encontrarem estudando, por sua conta, vinte rapazes e moças. Alguns deles nem eram seus parentes mas filhos de famílias nobres a quem desejava ajudar.

Dos seus trabalhos de advocacia geralmente prestados a pessoas de poucos recursos, nunca recebeu qualquer remuneração.

Era um consumado orador, para grandes e pequenos, pois tinha o condão de agradar a sábios e ignorantes, nos remígios floridos de um discurso proferido em grandes solenidades, ou na simplicidade carinhosa de uma prédica dirigida a inteligências rudimentares.

Nos últimos anos, era esta a forma dos sermões que fazia aos seus paroquianos.

Contou-me o Dr. Fernandes Távora ter ouvido, muitas vezes, nos sermões do Amazonas, o Monseñhor Távora falar, nesta linguagem caricata e ao mesmo tempo compreensível e útil, aos nossos contemporâneos que ali trabalhavam: "Meus filhos, trabalhem e economizem, pois só assim poderão sair deste degredo, voltando ao nosso querido Ceará e ajudando-o a lutar contra as suas desventuras. Lá, vocês poderão constituir seu lar e viver, felizes, trabalhando pelo engrandecimento de nossa terra".

Que diferença entre o padre jovem e sonhador, que proclamava em discursos entusiásticos e pri-

microsos a necessidade da igualdade humana, como base da felicidade e grandeza de nossa Pátria, e o velho sacerdote que, em linguagem singela, mas igualmente sincera, convidava seus rudes paroquianos dos rios amazônicos ao trabalho e à economia que lhes garantia a independência, no seio da terra-mater!

É coisa notável, êsses conselhos de economia eram dados por um homem que nunca poupou os seus poucos recursos, distribuindo-os por quantos lhe estendiam a mão pedindo um auxílio.

De nobre linhagem, como provou ao matricular-se na Academia Gregoriana de Roma, sentia-se bem no convívio dos humildes, que tratava sempre com carinho e procurava envolver no manto de sua inextinguível caridade.

Morreu pobre como sempre foi, não obstante haver paroquiado freguesias das maiores e mais ricas deste país. E creio que morreu satisfeito, pois tinha a consciência de que cumprira na terra o seu nobre destino.

Escrevendo estas linhas sobre a vida de meu saudoso tio, Monsenhor Dr. Antônio Fernandes da Silva Távora, aproveitei o ensejo para divulgar dois telegramas que em relação a êle recebeu do Acre o marechal Juarez Távora.

O primeiro dos citados despachos foi transmitido pelo Governador daquele Estado e está assim redigido: "Levo conhecimento ilustre Marechal que esta data, visitando município de Sena Madureira, aproveitei oportunidade para visitar túmulo saudoso Monsenhor Távora, primeiro vigário daquela

paróquia no período de 1908 a 1916, conforme inscrição túmulo. Minha presença cemitério, acompanhado Vice-Governador Omar Sabino de Paula, deputado federal Geraldo Mesquita deputado estadual Osvaldo Lima, diretor DERACRE, Minervino Bastos e outras autoridades, teve por objetivo render nossa homenagem póstuma àquêl grande sacerdote, até hoje lembrado pela sua cultura e sua conduta religiosa e moral. Atenciosas saudações. Jorge Kalume. Governador do Estado".

O outro telegrama é da autoria do senador general José Guiomar dos Santos, antigo interventor federal no Acre.

São êstes os termos da referida mensagem: "De passagem por Sena Madureira, visitei em companhia do Vice-Governador Omar Sabino e presidente da Assembléia, deputado Joaquim Cruz túmulos Monsenhor Antônico Távora e Da. Idalina Távora, modesta homenagem aos tios ilustre camarada, pioneiros Acre. Saudações.

Senador José Guiomar dos Santos,

D. Idalina Távora, nome a que alude o telegrama do senador José Guiomar dos Santos, era irmã do Monsenhor Távora e, como êle, faleceu em Sena Madureira. Viveu cêrca de meio século na região amazônica, dedicando-se ao magistério particular.

É possível que eu ainda volte a falar sobre episódio na vida de meu inesquecível tio Monsenhor Távora em sua passagem pela política do Ceará e quando exercia o seu ministério sacerdotal nos rios do Amazonas.

OS 19 ERAM 17 OU 34...

Caro Figueiredo Filho :

Carta de TOMÉ CABRAL

Meu *velho* colega do Ginásio do Crato, José de Siqueira Cavalcanti, escreveu interessante crônica sobre a primeira turma de concludentes do mesmo Ginásio, publicada no número 12 de sua admirável *Itaytera*. Isso dá ensejo a que eu tente rememorar acontecimentos tão gratos a quantos viveram e conviveram conosco naqueles saudosos tempos.

Começo por dizer que a lista do *Zé Siqueira*, não está certa, pois omitiu o nome de Hercílio Cruz de Figueiredo e incluiu o de Fran-Martins. O Fran, bem como Pedro e Unias Gonçalves e outros mais, não concluiu o último ano ginásial naquele modelar estabelecimento de ensino.

O meu livro "Os 19" foi publicado em dezembro de 1931 e distribuído por ocasião das solenidades de entrega dos diplomas à referida turma de dezenove concludentes. Ocorreu, entretanto, que, por vários motivos, cinco destes foram forçados a recorrer à segunda época, restando, assim, apenas quatorze em condições de receberem suas certidões. Dêsses cinco restantes, três submeteram-se um mês depois, no mesmo ginásio, às provas finais e os outros dois foram fazê-las em estabelecimentos de ensino de Recife e São Paulo.

Como se vê, os concludentes foram, a rigor, apenas 17. Entretanto, se formos levar em conta, como deseja Zé Siqueira, outros colegas, que nos acompanharam durante determinados períodos naqueles cinco anos de curso, teríamos nada menos de 34...

Para melhor elucidação, dou a seguir, em ordem alfabética, a relação de todos êsses colegas, com os necessários esclarecimentos :

a) — Fizeram no Ginásio do Crato todos os cinco anos do curso :

- 1) Afonso Macêdo
- 2) Alceu de Figueiredo
- 3) Carlos Botelho
- 4) Elmor Brígido e Silva
- 5) Espedito Macedo
- 6) Espedito Pita
- 7) Hercílio Cruz de Figueiredo
- 8) Jaime Rolim
- 9) José de Siqueira Cavalcanti
- 10) José Sisnando de Lima
- 11) Raimundo Esmeraldo
- 12) Raimundo Siêbra de Brito
- 13) Sebastião Marinho Muniz Falcão
- 14) Sebastião Norões
- 15) Tomé Cabral dos Santos

b) — Transferidos de outros colégios, concluíram o curso no Ginásio :

- 16) Francisco Augusto de Oliveira
- 17) João Leite Lima

c) — Fizeram todo o curso no Ginásio, mas ficaram na dependência de uma segunda época, no quinto ano :

- 18) Cícero von den Brule
- 19) João Pinheiro Teles

d) — Figuraram em certos períodos, na primeira turma do Ginásio, mas não concluíram ali o curso :

- 20) Abelardo Fernandes Montenegro
- 21) Adérico Aquino e Silva
- 22) Antônio Volter Gonzaga
- 23) Eliomar de Sá Cavalcante
- 24) Emílio Leite Tavares
- 25) Francisco Martins
- 26) Francisco Sampaio
- 27) George Teles da Cruz
- 28) Henderson de Sá Simões
- 29) Homero Esmeraldo
- 30) José Cardoso de Alencar
- 31) José Alencar e Silva
- 32) Luiz de Alencar Rocha
- 33) Pedro Gonçalves de Norões
- 34) Unias Gonçalves de Norões

As vésperas das despedidas, vários colegas tiveram a feliz lembrança de recolher, em cadernos, impressões e autógrafos e seus colegas de turma. No de José Siqueira, entre outra quadrinhas, inseri estas :

União é força no mundo.
Pois bem: sejamos amigos.
E dêsse afeto profundo
Teremos mútuos abrigos.

És jovem, quase menino.
Tenç um futuro risonho.
Sonha, que a vida é um sonho,
De berço ao dobre do sino.

Sê feliz e, sobretudo,
Sê sempre bom, camarada:
Tereis tudo, sem ter nada,
Que de nada se faz tudo.

Nesse seu caderninho, — que talvez publique em outra oportunidade, — deixei gravadas impressões sobre a maioria dos colegas. Sobre José Siqueira, encontrei o seguinte : “É o mais novo da turma. Lembro-me ainda de quando,

muito criança, *abria num berreiro* comovedor, por não saber responder certos quesitos, nas provas finais de admissão e primeiro ano. Almofadinha, aprecia divertimentos sociais e o *flirt*. Gosta de trajar com apuro. Inteligente. Faria boa figura se fosse mais aplicado nos estudos, mas se descursa um pouco”.

x x x

O velho Teófilo Siqueira, seu pai, — cujo nome será sempre lembrado com admiração e carinho, — por sua inteligência e extraordinária verve, tinha especial devotamento a seus dois filhos mais novos — *Zé Siqueira* e *Teofinho*. Certa ocasião, antes do término de nosso curso, em palestra comigo, êle me confidenciou a seguinte profecia : “O José vai longe... Êle é mais novo do que você bem uns oito anos e já é seu colega de turma... você vai ver: ele se formará antes de você... Tome nota e verá !...”

O velho acertou. Não cheguei a formar-se e o José doutorcou-se em São Paulo, onde reside e goza de largo prestígio no fóro.

E, a propósito de *Teofinho*, conta-se que o pai, gabando-lhe a inteligência precoce, dizia que, aos oito anos, êle já tinha um dente furado de falar francês...

Bem... êste último episódio eu não ouvi, confesso. Mas figura no anedotário a seu respeito e nas estórias narradas e fantasiadas pela tradição. E vai servir de fecho a esta narrativa, com o fim único de torná-la menos insípida e mais amena...

Com um abraço de seu amigo de sempre

Tomé Cabral

Fortaleza, 19 de julho de 1968

ENTREVISTA

Gen. RAIMUNDO TELES PINHEIRO

Sócio efetivo do Instituto Cultural do Cariri
e Correspondente do Instituto do Ceará

(ENTREVISTA CONCEDIDA AOS ALUNOS DO CCLÉGIO MILITAR DE FORTALEZA, CONCLUDENTES DO CURSO COMPLETO UMA VEZ QUE FORAM MATRICULADOS NO 1.º ANO GINASIAL EM MARÇO DE 1962 PELO SEU PRIMEIRO COMANDANTE Gen. RAIMUNDO TELES PINHEIRO)

P — Em que período o CMF esteve sob seu comando ?

R — De sua recriação em 1.º de janeiro de 1962 a 15 de julho de 1964.

P — De quem o Sr. recebeu e a quem passou o comando ?

R — Fui o último Comandante da Escola Preparatória de Cadetes e o primeiro do CM, restabelecido de acordo com o Decreto N.º 166 de 17 de novembro de 1961. Em consequência, promovi a extinção da EPF em 31 de dezembro de 1961 e a reinstalação do CMF em 1.º de janeiro de 1962, assumindo o seu comando na situação de adido, no qual fui efetivado a 9, de vez que fora nomeado, por necessidade do serviço, em Portaria Ministerial N.º 2.872, de 27 de dezembro. Foi nomeado seu substituto, em virtude de minha designação para Chefe do Estado Maior da 10ª Região Militar, o Cel. Inf. João Perboyre de Vasconcelos, que se achava em gozo de férias; pelo que passei o comando ao Ccl. Professor Felizardo Pessoa Mendes, então sub-Diretor do Ensino, no já citado dia 15 de julho de 64.

P — Quais as principais exigências e dificuldades que teve de passar o CMF no seu comando ?

R — Os trabalhos de transformação da EPF em CMF e as medidas necessárias à aplicação da Lei de Diretrizes e Bases, recém-publicada e, conseqüentemente, desconhecida de todos, constituíram a maior dificuldade do meu comando, a par da carência de pessoal necessariamente habilitado para o desejável funcionamento da administração e do ensino com novas bases e maiores necessidades para atingir-se realmente os objetivos planejados, além da clássica minimização de verbas. Valeu-me a eficiente, laboriosa, brilhante e altamente qualificada plêiade de oficiais, professores, graduados e funcionários que cooperaram leal, consciente e patrioticamente com o meu comando.

- P — Qual seria a função do Colégio Militar na sociedade de Hoje ?
- R — Como sempre, foi, é e será indubitavelmente, a de INSTRUIR e EDUCAR, efetiva, honesta e corretamente.
- P — Há falhas na Estrutura Administrativa e Educacional do Colégio ? Em caso afirmativo, quais são elas e que medidas poderiam saná-las ?
- R — Afastado há quatro anos do meio escolar, desconheço as modificações por ventura realizadas nesse período e, assim, não tenho condições para responder conscientemente.
- P — Tendo o Sr. comandado a Escola Preparatória de Fortaleza, quais as principais vantagens e desvantagens que viu na transformação da EPF em CMF ? Gostaríamos de saber agora um pouco a respeito de sua carreira, e dentro desta idéia, diga-nos os principais encargos que passou e passa atualmente, quais os que lhe trazem fortes recordações. Faça-nos um resumo de sua vida como Militar.
- R — Julgo que a transformação da EPF em CMF proporcionou a possibilidade de uma formação educacional mais completa, de vez que os dois ciclos, ginásial e colegial, são ministrados sob uma mesma orientação. As EPF ofereciam maiores vantagens econômicas para os pais e responsáveis, e se destinavam mais àqueles que aspiravam à carreira militar.

Minha vida como militar foi muito simples. Proveniente da longínqua, leal e querida cidade do Crato, bisonho mas sedento de conhecimentos e impregnado de inquebrantável vontade de vencer, cursei o magnífico Colégio Militar do Ceará de 14 de abril de 1922 a 28 de dezembro de 1928 e aí concluí os meus sentimentos de civismo, lealdade, honra, dignidade, justiça, amor ao trabalho, altruísmo, camaradagem, disciplina... do DEVER, em suma. E fruí, possivelmente, dos mais felizes e venturosos dias de minha juventude normal. Em 15 de fevereiro de 1930 matriculei-me na Escola Militar do Brasil, em Realengo, onde fui declarado Aspirante a Oficial da Arma de Infantaria em 22 de dezembro de 1932. Tendo possibilidade de escolher qualquer unidade de Infantaria para servir, escolhi o querido 23.º B. C., onde dei tudo do meu entusiasmo de jovem em prol da instrução de tropa. Daí saí em abril de 1938, transferido, a pedido, para o 11.º R. L., em São João del Rei, onde não cheguei a apresentarme, em virtude de ter sido convidado, aceito e nomeado para as funções de Ajudante de Ordens do General Firmino Antônio Borba, Inspetor do 1.º Grupo de Regiões Militares, no então Distrito Federal. Nessas funções tive a feliz oportunidade de participar de uma inspeção às Organizações Militares com sede nas capitais de todos os Estados do Norte e Nordeste, de Manaus e Salvador e Sergipe.

Com a transferência do meu chefe para a reserva, e não desejando permanecer no Rio, nem seguir para Minas, voltei a servir no 23.º B. C., de abril a dezembro de 1939, quando fui promovido ao posto de Capitão e classificado no III Batalhão do 4.º Regimento de Infantaria, com sede na Capital do Estado de São Paulo. Ai pouco me demorei, por ter aceito convite para servir no QG da 7.ª Região Militar, sob o comando do ilustre, querido e saudoso chefe General Mascarenhas de Moraes, há pouco falecido no posto de Marechal de Exército na ativa, por ter comandado a Força Expedicionária Brasileira nos chãos da Europa, na última conflagração mundial. Por sugestão e a convite deste, de junho de 1941 a agosto de 1943, chefeiei a 1.ª Seção da 25.ª Circunscrição de Recrutamento, onde preparei e executei as duas convocações de reservistas para a composição da FEB, e me submeti a concurso para ingresso na Escola de Comando e Estado Maior do Exército, a qual cursei de 1946 a 1948, tendo antes servido, sucessivamente, no 37.º E. C., quando fui designado para estagiar em Fort Berning, E.E.U.U., e, novamente, no QG da 7.ª Região Militar, no Recife.

Concluído o curso da ECEME a 22 e promovido ao posto de Major, por merecimento, a 25 de dezembro de 1948, fui classificado no QG da 10.ª R. M., onde estagiei e fui Chefe de Seção e do Serviço Militar até 1951. Daí saí para o então Departamento Geral de Administração, no Ministério da Guerra, de onde voltei para o QG da 10.ª R. M., a convite do recém promovido General Humberto de Alencar Castelo Branco, tendo então, em junho de 1953, sido promovido ao posto de Ten. Cel., por merecimento, e nesse posto, sucessivamente, chefeiei Seções do E.M.G. e o Serviço Militar, e, posteriormente, comandeiei o sempre lembrado C. P. O. R. de Fortaleza. Dessa função, após dois anos letivos de comando, aceitando honroso e ambicionado convite, fui classificado no Estado Maior do Exército e designado para chefiar a Subseção de História, da 5.ª Seção, onde fui promovido ao posto de Coronel, por merecimento, em 25 de dezembro de 1959.

Dessa chefia, que absorveu todo o meu sadic e ainda vi goroso entusiasmo, fui movimentado, em agosto de 1961, para comandar a Escola Preparatória de Fortaleza, por honrosíssimo convite e designação do então General Humberto de Alencar Castelo Branco, Diretor Geral do Ensino do Exército. Assumi o comando a 1.º de setembro, o qual foi prolongado pelo do Colégio Militar de Fortaleza até 15 de julho de 1964, quando o deixei para chefiar o Estado Maior da 10.ª Região Militar, a convite do velho e grande amigo Gen. André Fernandes de Souza, meu dileto colega na ECEME.

Recebendo, em março de 1965, novo convite para servir na 5.ª Seção do Estado Maior do Exército, no momento em que me

achava traumatizado pelo falecimento da minha mãe de adoção, aceitei-o e ali servi prazerosamente até junho de 1966, quando me transferei para a reserva, como planejara, antecipadamente, na hipótese de até lá não ser promovido o posto de General de Brigada.

Fui muito feliz no decorrer de toda a minha longa carreira militar, totalmente percorrida com humildade, porém com serena altivez, sem subserviência e subterfúgios, a par de elevado espírito de lealdade, honradez, camaradagem, franqueza, por vezes rude, e acendrada veneração à justiça e à sinceridade sem limites

Agradáveis e fortes recordações pontilham os diversos momentos da citada gama de funções exercidas no serviço militar, integralmente empenhados no reto cumprimento do dever. Mas posso destacar os extremos da parábola que, por similitude afetivas, abroquelam mais fortes e imperecíveis recordações: os sete anos altamente proveitosos vividos como aluno do saudoso Colégio Militar do Ceará, sob comando do inolvidável General Eudoro Corrêa, "quando as esperanças iam conosco à frente", e aqueles vibrantemente passados no comando sucessivo da EPF e do CMF, no mesmo chão, sob o mesmo céu, à sombra do mesmo teto, com as mesmas esperanças e a mesma fé, em que pese a imensa distância, no tempo, de longos 36 anos...

P — Que religião o Sr. professa e como encara as demais? Que pensa do Ateu?

R — Professo a religião católica. Respeito as demais, por julgar uma questão de consciência. Que penso do Ateu? Ser ateu é negar a existência de Deus e, segundo os compêndios, há vários modos de ser um homem ateu: no plano da atividade prática e no plano da atividade teórica, e neste sob a forma negativa, privativa e positiva. Em qualquer caso, julgo-o um inconformado sem fé e, por isso, angustiado. Mas com direito às mesmas benesses da vida como nós outros.

P — O Sr. admite os chamados movimentos Híppies como manifestação anti-social, ou como componente natural da violenta evolução do mundo moderno?

R — Concebo esse indesejável movimento Híppie como uma infeliz componente, admissível, do amplo de inconformismo, dúvidas, incertezas e de angústias que asoberbam a evolução violenta do mundo moderno, na qual a filosofia aceita pelos meios orientados para a destruição total de tudo que gerações sucessivas construíram: para a implacável iconoclastia.

P — Como vê as atuais modificações e reformas que passa a Igreja?

Aceita a ingerência de Padres e Bispos em assuntos políticos da nação? Por que?

- R — É patente que a Igreja tem desenvolvido os conceitos atinentes à atividade temporal nos tempos atuais, mas parece-me, não pode nem deve, por meio do seu clero, comandar um processo de reformas estruturais.

Consoante o Concílio Vaticano II, "Ela guarda, de um lado a consciência indelével de que sua missão é de índole espiritual ou religiosa e compete-lhe, antes e acima de tudo, conduzir ou levar os homens a Deus e Deus aos homens; de outro, em virtude das rápidas e violentas modificações das circunstâncias contemporâneas, constata que lhe cabe, também, mais e mais, colaborar para a instauração de melhor ordem de coisas na terra, segundo os princípios do amor e justiça do Evangelho, instituindo entidades e órgãos que, fiados a leigos, se empenham para dar um sentido cristão aos fundamentos estruturais da sociedade hodierna". Ainda consoante o Vaticano II, o clero não deve abandonar o ministério pastoral, pois, disse o Senhor: "a messe é muita e os operários são poucos". Está indelével na Bíblia Sagrada.

- P — Muitos brasileiros dizem não conhecer a Função do Exército em tempo de paz. Poderia esclarecer esta dúvida?

- R — Respondo apropriando-me, data vênia, de conceitos plenamente válidos do culto e distinguido chefe general Aurélio de Lyra Tavares. O Exército, no Brasil, tem sido muito mais que uma simples instituição armada, prevista na organização do Estado, para desempenhar a sua missão característica: a de assegurar a preservação da segurança nacional, a manutenção da ordem e o respeito à lei. Para nós, em particular, cumpre destacar o seu grande papel histórico na formação e na consolidação da nacionalidade, quer como Força Armada, quer como elemento de trabalho construtivo e, ainda, nos empreendimentos, como fator incontestável de valorização do homem através da ampla malha que se apoia nos quartéis para cobrir todo o território nacional.

Desde a Colônia aos nossos dias, o Exército erigiu e mantém a vigilância cívica e militar dos seus quartéis, como verdadeiros cadinhos sempre vivos, por eles encarnados, no trabalho patriótico de vivificação nacional, de interiorização do progresso, de núcleos de aglutinação social e, sobretudo, de escola de educação do homem, sobre a qual exerce a sua ação fundamental e permanente, como suporte das instituições da soberania nacional e da ordem pública.

No setor educação, releva salientar o aspecto do nosso Serviço Militar, que beneficia substancial e incontestavelmente a educação do povo, no caso particular do Brasil, onde a luta

- d) — Nivelar, sem diminuir, e congrega o operário, o camponês, o estudante, o negro, o mulato e o branco, os filhos de pais ricos e os de pais pobres, no mesmo regime de trabalho, sob as mesmas normas de disciplina, no mesmo ambiente propiciado pela uniformidade do regime e do aspecto do fardamento, que os irmanam e os confunde no mesmo sentimento de camaradagem, nas lides da instrução e nos jogos esportivos.
- e) — Constrói rodos e ferrovias e açudes pelo trabalho ingente e patriótico dos seus já renomados Batalhões de Engenharia de Construção, como é de todos sabido e exaltado.

Em suma, "se a eficiência dos Exércitos e a grandeza das Nações dependem, principalmente, do valor do seu potencial humano, nesse setor, o trabalho e o interesse da Nação se confundem com os do Exército, e têm como fundamento a valorização do homem brasileiro, por ser ele, do seu vigor físico, da sua moral, das suas aptidões e do seu civismo, como soldado e como cidadão, que dependem, principalmente, tanto o progresso como a segurança da Pátria".

- P — Há grande mudança no espírito do Exército de 30 anos passados para o atual? Para finalizar, o Sr. poderá acrescentar qualquer coisa, e se possível algo a respeito de sua escolha para Paraninfo dos Concludentes de 1968, da Primeira Turma do CMF a terminar o ciclo completo?
- R — Há mudanças no espírito do Exército de 30 anos para cá. E não podia deixar de havê-las. Nada é estático, mormente na era "atômico-espacial" hodierna em que as transformações se verificam rápida, violenta e mesmo explosivamente. O Exército acompanha, em progressão geométrica, a dinâmica das transformações.

Para concluir, atendendo à última pergunta dos meus queridos ex-comandados, conceituo a minha honrosa escolha para Paraninfo dos Concludentes de 1968, da Primeira Turma do CMF a completar o ciclo total, como uma nobre atitude de generosidade dos ardorosos jovens capacitados para constituir a elite dirigente do porvir, que reconheceram, na minha chefia, a compreensão dos meus corretos sentimentos e ações, esteiados no espírito de justiça e sede de acertar, com firme e inabalável propósito de tudo sacrificar para bem instruí-los e educá-los, por forma a poderem bem conduzir o Brasil aos altanados e gloriosos destinos, que são as nossas permanentes e imaculadas aspirações.

Humildemente recebo a meritória escolha e conservo-a, avaramente, com indescritível prazer, como maravilhosa recompensa e grandiloquente estímulo...

contra o subdesenvolvimento; deve começar pela valorização do homem, assegurando, concomitantemente, nas áreas menos favorecidas do imenso território nacional, a presença do governo e a absorção do alienígena, tendo-se em vista, em particular, a integração e utilização das correntes imigratórias que, em fluxo progressivo, demandam o país.

Esse trabalho gigantesco e permanente, um dos maiores títulos de benemerência da instituição militar, poderá ser avaliado, pesado, medido, julgado em termos de orçamento? Medite e responda cada um.

Ele incide sobre vários aspectos da valorização do homem: os hábitos de vida, que o quartel racionaliza e difunde uniformemente, por todo o nosso território-continente, nas diferentes zonas de alimentação e densidade demográfica em que pode ser dividido o nosso ecúmeno, possuído de grandes contrastes; no processo de afirmação da nacionalidade como fator fundamental de aglutinação, de aproveitamento e de valorização do elemento brasileiro, construindo efetivamente nos setores educação moral e cívica, educação física, instrução profissional, etc.

E para não nos alongarmos muito, resumamos, sempre esteados na palavra do atual eminente Ministro do Exército Gen. Lyra Tavares, num esforço para caracterizar a função do Exército em tempo de paz:

- a) — Além de constituir uma força permanente, para pronto cumprimento das suas missões constitucionais, prepara as reservas necessárias ao atendimento dos encargos que o planejamento prevê, para a eventualidade de mobilização
- b) — Essa preparação alfabetiza, educa e instrui o homem para as mais diversas atividades do tempo de guerra, as quais abrangem a formação de elevada proporção de especialistas de categorias, também requeridos pela vida civil. A instrução militar aprimora o cidadão: física, moral e intelectualmente, e fortalece-lhe a consciência cívica, enriquecendo e valorizando o seu potencial humano.
- c) — No campo profissional forma, anualmente, em proveito da valorização do potencial humano, especialistas das mais diversas categorias de interesse civil, qualificando-os para suprir as deficiências de quadros técnicos de execução e de mão-de-obra especializada, de vez que se ressentem as atividades básicas da nação, na indústria, nos transportes e em outros setores da vida nacional, tais como: mecânicos, motoristas, tratoristas, radiotelegrafistas, desenhistas, serralheiros, enfermeiros, massagistas, topógrafos, ferroviários, telefonistas, operadores de equipamentos pesados, etc. etc., além de artífices das fábricas e arsenais militares.

LIGAÇÃO ENTRE O CARIRI E INHAMUNS

J. F. F.

São múltiplos e antigos os laços que vinculam o Cariri agrícola com a zona criadora dos Inhamuns. Um produzia rapadura e exportava, em cargas, para a sustança do vaqueiro nas pegadas-de-boi pelo cedinho, ou para adoçar o café do sertanejo, cu a saborosa coahhada, mesmo em casa dos ricos. De lá as malas vinham abarrotadas de queijo bom e garrafas de *manteiga da terra*. Havia até fazendeiros daquelas paragens, que possuíam sítios de cana no Vale Caririense, da mesma forma que sucedia o contrário, senhores de engenho com fazendas de criar, em Cocóci, Tauá, Sabceiro ou Bebedouro. Ainda hoje há resquício deste velho costume que não morreu de todo. Famílias igualmente se entrelaçavam, em casamentos, oriundas dessas zonas cearenses, com tantas características próprias.

O isolamento, pela dificuldade de estradas de interligação, é que tende a acentuar-se se não houver logo, medida salvadora. Falta uma rodovia, agora que os tempos evoluíram, para a continuidade daquele intercâmbio tão natural dos dois bons pedaços da terra cearense, tudo isso em benefício direto do próprio Estado.

O LIONS CLUB DE CRATO "SIQUEIRA CAMPOS", enxergando essa anomalia, resolveu chamar a atenção da imprensa falada e escrita, como também da administração, através de moção de seu presidente Pedro Libório Feitosa. É filho dos Inhamuns, reside desde há muito, em Crato, conhecendo, em profundidade, as vantagens econômicas, que viriam com a es-

trada que nos ligasse à constelação de municípios daquela zona de intensa criação.

Não tecerei consideração em torno do plano, cujas vantagens entram pelos olhos da cara de qualquer um. Limitar-me-ei a citar os últimos períodos de sua moção, lida e aprovada, em sessão de 13 de Fevereiro do corrente ano. Chamo a atenção para o fato de que o Presidente de um dos clubes do Lions de Crato, já encara questão pelo lado da evolução econômica das duas regiões, na fase industrial caririense e da implantação de outras culturas nos Inhamuns.

Começamos pela letra F; Considerando que os Inhamuns, ultrapassando a fase meramente pastoril, tornaram-se nas últimas décadas, grandes produtores de algodão e mamona;

f) considerando que a capacidade ociosa das indústrias caririenses bem poderia ser anulada, com a absorção de parte da matéria prima fornecida pelos Inhamuns com o surgimento de uma via de escoamento compatível;

Requer à comissão de moções que dirija aos poderes competentes um apelo veemente, no sentido de que seja construído, com a desejável brevidade, uma rodovia que garanta o tráfego normal nos doze meses do ano, entre as cidades de Crato, Nova Olinda, Assaré, Antonina do Norte, Aiuaba e Tauá.

Seria rodovia ideal para as duas importantes zonas e factor decisivo de progresso. O Ceará não é apenas a capital.

Crato, 1.º de Junho de 1969

raciocínio e compreensão dos animais

É comum, ouvir-se dizer que, os **IRRACIONAIS** não possuem raciocínio, apenas são possuidores de instinto.

Suponho que, pelo simples fato, de não possuírem linguagem humana, nem executarem obras prodigiosas iguais às dos homens, estes os consideram desprovidos de raciocínio. Peço licença para discordar, e apresentar minhas supostas razões, nelas, procurando mostrar onde está a verdade.

Não deveríamos empregar o termo **IRRACIONAIS**, aos nossos parentes próximos, do reino a que pertencemos, no sentido de negarmos aquilo que eles têm, e supomos que somente nós possuímos. Eles são dotados dos cinco sentidos como nós, possuem raciocínio e compreensão, embora, essas duas faculdades sejam em pequeninas doses, em relação do quantitativo depositado no homem.

Classifiquei-os como parentes nossos, por serem de mesmo reino da **NATUREZA** em que estamos agrupados. E, para deixarmos de ter semelhança com eles, precisaríamos expulsar de nós, os impulsos animalescos. Se nos conside-

ramos superiores aos irracionais, como de fato somos, deveríamos não imitá-los.

No entanto, cinquenta por cento da humanidade conserva ódio, gula e agressividade. Essas três qualidades inferiores, quem as possui, ainda está ligado por laços animais aos animais. Apesar de sermos do **REINO ANIMAL**, porém, **DEUS** com sua incomensurável bondade, concedeu-nos mercê, em termos ascensão evolutiva na escola humana da vida, para atingirmos a perfeição.

Pude observar que todos os animais de terra, ar e mar, raciocinam.

Existe entre os animais, alguns com faculdade raciocinadora mais desenvolvida do que em outros. O mesmo caso se processa entre os racionais, pelo menos, observa-se no homem rústico ausência quase completa, de reflexão e interpretação. Os irracionais reconhecem que somos cruéis, sabem discernir o homem e os animais, pois, não depositam a mínima confiança naquilo que ficou como ser superior a todos os bichos. Compreendem que os **RACIONADORES**, são capa-

zes de praticar nêles, tôda sorte de males. Até os filhos dos animais, em tenra idade, fogem do ser humano, pois, seus pais lhes ensinam a fugir de quem os ofende.

Também conversam, na linguagem peculiar da espécie. São possuidores de amor e ciúme, correlacionados ac afeto e zêlo amoroso que possuímos.

As araras, os papagaios e os periquitos, vivem em bandos, todavia, reina harmonia e respeito entre os casais. Na hora de descanso, ou pouso para dormir, juntam-se e não há engano, para acontecer que haja troca de marido ou mulher.

Que belo exemplo, para os casais dos RACIONAIS, que vivem em desarmonia e algo mais. Analizando-se bem a bicharada, encontra-se nela, vários animais com temperamento idêntico aos RACIONAIS. Há alguns, que não se conformam em possuir uma única companheira, arrebanham inúmeras para si. Comparo-os aos SULTÕES, que possuem tanta quanto possam manter.

Confesso que, também dentre nós, existe os "BEIJA-FLÓRES", congêneres aos SULTÕES. Os PEIXES — Emigram a procura de plagas que lhes ofereçam melhor clima de águas temperadas. Como podem encontrá-las? Pois, dizem os RACIOCINADORES que, somente o homem dispõe da faculdade de raciocínio.

Se os peixes são orientados pelo instinto, deixam-nos perplexos, e,

demonstram que o instinto possuído, tem reflexão e inteligência.

Fogem da inclemência das águas álgidas, com rumo certo para encontrar o continente de águas fri-gífugas.

Na região do médio São Francisco, existe pássaro conhecido por "JANICA DE BARRO", constrói seu ninho com barro, tem seme-lhança com um cuscuz ou uma panelinha emborcada. Procura da árvore o galho mais forte, para nêle fazer seu ninho, a fim de oferecer segurança à sua morada. Tem abertura de entrada que lhe serve de porta, como também, sala e quarto, dá liga especial ao barro que, as chuvas não deterioram. Esse pássaro é muito arguto e inteligente, conhece na região, o lado que sopra o vento e de onde vem a chuva, para colocar do lado o-posto, a porta de sua casa.

Quem é capaz de negar, que o tal pássaro mencionado, não encerra em si, partículas racionativas?

O pica-pau, é outro pássaro compreensivo, fura a árvore para se aninhar, do lado contrário do vento e à chuva. Sabemos que, em tôda região, o vento é quase sempre predominante de determinada parte, e, a chuva o acompanha.

Formulo a pergunta seguinte — Esses dois pássaros que acabo de mencionar, agem com tamanho acêrto na construção de seus lares, fazendo por instinto?

Acho que, são orientados por compreensão elevada, e raciocínio claro. Se êles falassem nossa lin-

guagem, poderiam dizer aos negativistas, que não se enganem, procurem nas obras que fazem, que encontram a verdade.

A VACA — É tão amorosa e compreensiva que, pode ser comparada em afeição e compreensibilidade com a mulher. Esta, quando nota ausência da presença do filho, fica bastante preocupada e trata de procurá-lo. Assim também, a vaca procede quando seu bezerro desaparece, ela se inquieta e cuida em chamá-lo, mugindo aos quatro ventos. A mulher reconhece o choro de seu filho, mesmo sem ver a criança, caracteriza-o. A vaca distingue o berro de seu filho, mesmo estando ele dentre vários bezerras, e, todos berrando ao mesmo tempo.

LAMENTAÇÃO DO GADO — O gado de modo geral, que vive solto no campo, quando encontra vestígios de uma rês que fôra sacrificada, junta-se ao redor do local, e forma côro de lamentação. É muito comovente êsse ato de sentimento, dispensado àquele ou àquela, que em vida, pertencera à sua raça.

Os homens ficam indiferentes, não demonstram compaixão em assistir êsse espetáculo impressionável, promovido pelas rêses, pedindo amenidade e justiça. Interrogo e respondo — Quando chegaremos compreender que devemos dar aos animais zêlo, amor e tratamento condigno? Isso só poderá ocorrer, quando passarmos por transformação dos nossos sentimentos malé-

ficcs em benéficos, isto é, quando deixarmos de andar em trevas.

Conheço caso bem claro para quem ignora o poder raciocinador dos animais. Do interior da Bahia, foram transportados cerca de dez animais, entre cavalos e burros. Os referidos animais, viajaram em caminhão com carroceria engradada. Foram desembarcados no interior de Pernambuco, distante da origem 50 léguas. Quando puderam se libertar do cativeiro, quase todos retornaram à Bahia e surgiram nas plagas de sua residência.

Tôdas as particularidades existentes em nós, também encontram-se nos irracionais. Nascemos e morremos, sofremos e gozamos, choramos e sorrimos, dormimos e acordamos. Por tôdas essas circunstâncias da vida, os seres irracionais compartilham conosco.

Tôdo animal tem espírito. Este não foi privilegiado unicamente para o ser humano, como muita gente pensa. DEUS deu para todo componente de tôda casta de animais, um espírito. A essência básica desse assunto, não tem parte direta ou indireta com a MATEOLOGIA, está dentro de relativo alcance da percepção, de quem procura pesquisar. Assim também, como as cousas que supomos não existirem, DEUS entregou à NATUREZA, para cultivá-las e oferecer a quem procura. Visto ter feito eu essa revelação, adianto que, os espíritos dos irracionais, têm seu olimpo em regiões inteiramente

O PADRE JOAQUIM SÓTHER DE ALENCAR

J. CALIOPE

O Padre Joaquim Sother de Alencar era irmão do Monsenhor Vicente Sother de Alencar, que viveu muitos anos, nesta Cidade religiosa do Crato, tendo sido Vigário geral da Diocese. Este santo velhinho, capelão da Casa de Caridade, celebrava ali, diariamente, às 5 horas, passava a manhã toda em um refúgio, em pequeno sítio fronteiriço á Capela, hoje pertencente á Fundação Padre Ibiopinã, e, á tarde, quase sempre, estava no confissionário, na Catedral.

Procurando melhorar a saúde alterada, o padre Joaquim Sóther, no ano de 1897, se destinou ao povoado de Qu'xorá, há poucos anos, àquela época,

destinadas para êles.

Se eu fôsse citar tudo que sei, relativo à vida selvática dos animais, mostrando detalhadamente o que êles fazem, para dar maior prova do raciocínio deles, não comportaria em um artigo para uma revista, precisaria publicar num livro. Sou amante da NATU-REZA, nela encontro alívio para os meus males, é purificativa das substâncias venenosas que procuram atrofiar o meu corpo.

Permaneço mais nas caatingas e serras, de que em meu lar, as pessoas desconhecidas que me encontram no mato, fazem dois juizes de mim — doido ou foragido da justiça. Pobres criaturas, desconhecem o que eu procuro, para me servir de escudo!

Juazeiro da Bahia, Junho, 1969

elevado à categoria de Município. Tendo encontrado melhora e vendo que aquela gente precisava de assistência sócio-religiosa, ali fixou residência, até 25 de Janeiro de 1914, quando veio a faltar.

Foi mais do que o Capelão, foi vigário sem nomeação e educador gratuito daquela gente, que o venerava como um líder da Religião Cristã, impregnado de virtudes.

Sepultado na Capela-Mor da Matriz, há, ali, uma simples lousa como lembrança.

Nunca ocioso,, além dos atos praticados entre o povo, ensinava boas letras aos meninos e rapazes do lugar. Adquiriu o mais confortável prédio da localidade e antes de morrer, doou-o à Nossa Senhora da Conceição, Padroeira da Capela. Esse prédio, que lhe foi vendido pelo antigo Intendente, Sabino Ferreira da Mota, tem suas escrituras passadas no primeiro cartório, e na docção consta cláusula de que ficaria como Casa Paroquial e os vigários teriam de celebrar uma missa anual em favor de sua alma.

Os pais do Pe. Sother, Vicente Pereira de Alencar e Maria Regina de Alencar (D. Maricota), moraram vários anos com êle, padre. Depois que morreu, durante longos anos, a casa, aos cuidados da Beata Maria de S. Luís, era sempre destinada á hospedagem de visitantes de fora, Juizes e Políticos. Num levante armado, guiado por Antônio Rodrigues, porá áepor o Intendente que era Marcolino Alves de Oliveira, José Rodrigues, irmão daquele, se propôs, na qualidade de quase sacristão do Pe. Sóther, ir avisá-lo do tiroteio, a fim de que o Padre não se alterasse. O Sacerdote, então, retêva em sua Casa o porta voz, e na maior

calma, ouviu o tiro, que a nada atingiu, a não ser a casa do Intendente, que já havia fugido para o Norte.

Padre Sóther prudente e calmo, doado, mesmo, de grande paciência, era Conselheiro e Evangelizador, de acordo com as exigências do tempo.

Grande figura da Igreja, escondia no humilde da batina uma inteligência fulgurante, e a sua personalidade de escal emparava todos os movimentos progressistas, em favor da terra e do melhora dos seus filhos.

Padre Sóther será sempre lembrado pelos filhos do antigo Quixará, hoje Farias Brito, pois sua atuação foi de tal modo inolviável que incorporou, para sempre, o seu nome à vida e à história daquela gente humilde dos sertões.

Contava o coronel José Rodrigues, que o Padre Sóther, vindo de uma confissão de hora de morte, em sítio não muito próximo da Vila, montado em burro, ao entrar na rua, alguém do calçada de uma casa bateu estrepitosamente em um caixão, e o animal, assustando-se, deu com o padre ao chão. Batendo o pé da batina, o sacerdote apenas disse: "Burro é quem anda em burro" e foi ter, a pé, à sua casa. Outra feita, atendendo confissão noutro sítio, a dona da casa preparou-lhe almoço, matando galinha. O dono da casa, chegando da roça, arengou com a mulher, dizendo-lhe que o Padre podia, como ele, comer mucunzá. O padre ouviu a conversa, nada disse, humildemente comeu pouco e logo voltou à vila. Não relatava minudências a ninguém.

O Padre Sóther, nas suas aulas aos rapazes da terra, ensinava até música.

Viveu 17 anos ali, fazendo o bem. Seu irmão, Monsenhor Sóther, depois de sua morte, quase todos os anos, ia a Quixará fazer uma visita ao seu túmulo e celebrar missa por sua alma. O povo fala sempre no Padre Sóther,

O ESCULTOR JOSÉ RANGEL

J. F. F.

Ainda vi esculturas de areia de José Rangel, nas praias de Fortaleza, quando muito jovem começava a exibir seu talento, com o material mais fácil que estava à sua disposição.

Nasceu a 28 de Maio de 1895, na cidade cariense de Jardim, filho do casal Cirilo Rangel e Maria Eringel. Com doze anos, teve de migrar para Fortaleza. Ao tor-

passando, assim, o relato de suas virtudes de geração em geração.

Os mais velhos falavam que um dos primeiros padres a visitar o Quixará teria sido um que sempre andava com roupa de vaqueiro. Não celebrava. Apenas veraneava no sítio Lagôa de Dentro, em vivenda do coronel Francisco Gomes de Oliveira Braga, que tinha ali, criação de gado. Esse senhor tinha prestígio político, tanto que conseguiu a elevação de Quixará a Distrito e a Município, em duas épocas, a primeira em 1870 e a segunda em 1890, pelo Decreto n.º 82, de 13 de Outubro daquele ano.

Quixará, como Capela, foi visitada pelos vigários de Assaré, Padres Emílio Álvares Cabral, Emídio Lemos, Joaquim Sabino Dantas e Alzir Sampaio, até que a 16 de Abril de 1938, Dom Francisco de Assis Pires, Bispo do Crato, criou a Freguesia, sendo primeiro vigário o Pe. Davi Moreira, filho da terra, hoje emérito professor do Colégio Diocesano do Crato. Quixará, além do Padre Davi, contou, já, com mais alguns filhos Padres, entre eles o falecido Jesuíta Padre José Eugênio Leite e o Jesuíta Adalberto Pereira, naturalmente sementes dos desejos do Padre Sóther.

nar-se adulto, entrou na guarda civil, mas começou a esculpir na areia, logo de chamar a atenção do público, entre os anos de 1921 a 1922. Tinha êle companheiro, com vocação acentuada para a pintura, irmã gêmea da escultura, o cratense Vicente Leite.

Justiniano de Serpa, Presidente do Estado, homem de letras, sensível a tôdas as artes, não quis que aquêles dois jovens feneceassem esquecidos na provincia, sem dar-lhes uma oportunidade para que cultivassem as belas aptidões artisticas, em meio desenvolvido. Concedeu-lhes modesta pensão, mas suficiente para o estudo e os enviou ao Rio de Janeiro. Não perderam tempo os dois talentosos carienses. Não demoraram a ingressar na Escola de Belas Artes.

Serpa faleceu, antes de terminar o governo e não tardou a chegar a corte das mesadas a José e a Vicente Leite. Já estavam ambos identificados com a vida carioca. Passaram então a exhibir-se de público, com sua arte cobrando entrada, em qualquer salão apropriado. Venceram galhardamente em suas respectivas carreiras, tão aproximada uma da outra. Foi sempre indestrutível a amizade dos dois.

O cratense, no auge de sua ascensão, quando se tornou o melhor paisagista do Brasil, em vésperas de viagem de prêmio a Europa, morreu, de septissemia, em consequência de acne mal cuidada. Na época, não existiam ainda nem sulfá e nem penicilina.

José Rangel prosseguiu na jornada, tornando-se dos melhores esculptores do país. Teve prêmios de viagem. Boêmio como sempre,

preferiu receber a recompensa em dinheiro. Obteve medalhas de ouro. Foi professor da Escola de Belas Artes, no Rio e depois foi requisitado para Recife.

José Rangel primava pelo seu despreendimento e pela natural simpatia que sabia irradiar em torno de si.

Em sua nobre arte fêz trabalhos monumentais. É de sua autoria o conjunto dos 18 de Copacabana e também o da Aviação, tendo Santos Dumont, como figura central. Esculpuiu a Estátua do Almirante Alexandrino de Alencar e tantas outras.

Presenteceu sua terra natal com a estátua de Nossa Senhora das Graças que se ergue, altaneira, à Praça da Matriz. No ano passado levantou em plena Serra do Araripe, essa obra de arte pura, singela, harmoniosa, a derradeira de suas criações — a imagem de Nossa Senhora de Fátima. Fica no centro da pracinha do aeroporto de Crato, emoldurada com a mais luxuriante natureza. É das expressões mais pujantes de sua sensibilidade. Esculpuiu-a com tôda a sua alma e quase que foi um presente à Municipalidade.

Sua última imaginação artística estava impregnada da Virgem Maria. Pouco tempo depois, no Rio, onde estava em tratamento, falecia a 11 do corrente mês.

Nossa Senhora, com tôda a certeza, não o desamparou. Levcou-o ao Regaço de seu Filho pela sua bondade, Êle bem o merece. O Cariri, em péso, sentiu bastante a morte daquêle que foi um artista puro, despreendido e tão amigo da terra e das pessoas que o cercavam. — 18.1.69.

O ENGENHO E A CANA EM OUTRAS TERRAS

Trabalho excelente, não limitado à pesquisa do folclore da cana-de-açúcar, mas amplo, substancioso e de alto valor foi o realizado por José de Figueiredo Filho com **ENGENHOS DE RAPADURA DO CARIRI**, publicado em 1958 pelo Serviço de Informação Agrícola do do Ministério da Agricultura. Apresentando o trabalho, diz José Anastácio Vieira: "Há no Nordeste, duas regiões distintas que recebem a denominação de Cariri. Chamavam-nas os antigos, para distingui-las bem, de Cariris Velhos, a que fica na Paraíba, e de Cariris Novos, a que se encrava no sul do Ceará. A primeira é das zonas mais secas do sertão paraibano, a outra situa-se justamente na parte mais fértil da terra cearense. Vieram tais nomes do grupo de índios cariris, cujos remanescentes perderam em alguns pontos do Nordeste.

Mesmo com outras culturas agrícolas que estão a ganhar terreno, o engenho de rapadura domina ainda, a vida do Vale Caririense. No Sul do Ceará, ninguém o chama de banguê, a exemplo de Pernambuco. E, exceto para limitado uso doméstico, ali não mais se fabrica açúcar branco. No Cariri faz-se rapadura ou aguardente, quando não se dá o caso de as duas se completarem, para melhor rendimento do engenho.

Embora produto sertanejo, é a rapadura o fator econômico que mais contribui para o progresso

do Cariri. Cidades florescem na privilegiada região, onde as secas periódicas têm efeitos mais atenuados do que em outras paragens do Nordeste".

Dando notícia de como a cultura da cana-de-açúcar chegou àquelas paragens, reporta-se o autor, José de Figueiredo Filho, ao trabalho de Tomás Pompeu de Sousa Brasil, **O CEARÁ NO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL**: "Cana — É um dos mais antigos ramos de cultura do Ceará. Ignora-se a data de sua introdução, mas presume o Senador Pompeu que a semente vierá de Pernambuco ou da Bahia, trazida pelos primeiros colonos que aqui se estabeleceram. A cana cricula veio da Ilha da Madeira, em 1633, com Martim Afonso, e porque degenerasse ou fosse atacada por parasitas, foi, em 1810, substituída pela Cayenna, que, por corruptela, ficou sendo chamada — Caiana".

Viesse de onde viesse a cana, o fato é que, cultivada na região do Cariri, assumiu, desde logo, importância excepcional. É o que afirma o autor: "A importância do Cariri, entretanto, tem como ali-cerce principal e desde os tempos coloniais, o cultivo da cana e seus engenhos". E, como é natural, influindo decisivamente na economia, condicionou o modo de vida, os costumes locais. E, como aí a lavoura da cana e a indústria açucareira não tiveram o desenvolvimento registrado em outras regiões, a vida conservou aspectos há muito desaparecidos em outras terras. E certos tipos, também. O do "Cambiteiro", por exemplo, dos mais pitorescos. Vejamos como o descreve o autor: "Alma danada, afoita, alegre e barulhenta do trabalho quotidiano do engenho é o cambiteiro. É o homem que está

sempre com a boca cheia de nomes feios. Pronto a sacudir por cima dos companheiros ou do animal as maiores descomposturas aprendidas na bagaceira. É perito em botar manhas nos burros em que trabalha. Açoita o bicho no focinho e só anda montado em disparada, por cima de paus e pedras, quer nos caminhos, no corte ou no mato. Burro de cambiteiro é mordedor, tem cisma na orelha, dá cocice quando lhe colocam a cangalha no lombo, rejeita as cabeçadas, acua-se e espanta-se até até com o vento. Mas tudo isso é com pessoa estranha, porque ele conhece bem o jeito de domador de seu cambiteiro. Quando lhe sente as esporas, ou o relho no sedenho, sai em correria que mais parece o cão sem focinheira.

- Eta, burro da peste!
- Piaba, tu tá com o diabo no ccuro?

E o bicho vòa, com seu tócco cavaleiro encarapitado na cangalha e os cambitos a baterem numa verdadeira advertência aos meninos, para que saiam da frente. Até na volta do corte, com a carga de cana ou de olhos no lombo, o burro é rápido, embora não perca a ocasião de morder a carga mais na frente. O cambiteiro vai mais atrás a conversar com o companheiro, com o chicote embaixo do braço, a rolar e chupar canas, em seu passo cadenciado pelo tilintar das esporas no chão".

Mas, se conservou os aspectos que poderíamos, talvez, julgar positivos pelo que representam como patrimônio de uma tradição rica de significado, manteve a vida aspectos nada animadores por aqueles confins de mundo. E o ator de ENGENHOS DE RAPADURA DO CARIRI não os dissimula ou

esconde em seu trabalho: "Além do morador do sítio, há o pequeno lavrador que tem terra própria. Vive aperreado e manda moer suas canas de meia, no engenho mais próximo. Tem direito à água para regar seu canavial e por isso é tão prêso ao engenho quanto o simples empregado.

A vida do pobre morador do sítio caririense quase não tem mudado desde que começaram a rodar, na região, os primeiros engenhos de pau".

E minúcia: "Possui o mísero caboclo em seu mocambo, apenas banco tócco na sala, jirau na cozinha, e uma cama de vara na camarinha, que é a parte mais escura da casa. Sua alimentação assombraria qualquer especialista em dietética dos Estados Unidos e da Europa. Consiste em feijão-de-corda, farinha de mandioca, rapadura e, raramente, um pedaço de carne para tempêro da feijoada. A pimenta é indispensável no feijão com farinha. Graças a Deus, há no Cariri muitas frutas nativas que dão ao morador caririense, a ração de vitamina, indispensável para evitar-lhe escorbuto, pelagra e beribéri. Macaúba, pitomba, cajú, mangaba e pequi abundam em determinadas épocas do ano. Seu custo no mato é apenas o de serem colhidos, embora, muitas vezes, fiquem situados em terras cercadas de arame-farpado. Na safra após o inverno, podem comer feijão verde, maxixe, jerimum. Fazem beiju e tapioca da massa da mandioca e da goma".

E sobrevivem. Sobrevivem e ainda encontram tempo e jeito para gostar da vida, fazer folguedos e, mesmo, contar vantagem. Como estas, cantadas no "côco" caririense "Cajueiro abalou":

M A R I A H I L D A

ALVES DE OLIVEIRA

MEU AMOR NÃO TE ABRANGE, ESTÁ BEM VISTO, PRIMA.
PAIRAS EM PLENA LUZ, SEM QUE TE ABRASE A CHAMA.
E APRAZ-ME VER-TE ASSIM, MINHA INTOCÁVEL DAMA,
FLOR QUE DESABOTOOU PARA ALHEIA VINDIMA.

AO DEDICAR-TE O VATE, EM VEZ DE AFETO, ESTIMA
ABSTRAI-SE DA BELEZA E A VIRTUDE PROCLAMA,
SEM VISLUMBRAR-TE À FRONTE O RUBOR DE QUEM AMA,
MAS DA SÁ CASTIDADE A AURÉOLA QUE SUBLIMA.

TAMBÉM TU, BEM O SEI, NÃO VÊS EM MIM SENÃO
O MENINO EVOLUÍDO, O AMIGO QUASE IRMÃO,
O QUE ACHARA POR TI, NA PRÓPRIA MORTE, A PALMA.

SOU DE OUTRA, DE OUTRO ÉS TU. NO ENTANTO, A DIFERENÇA
QUE EXISTE ENTRE NÓS DOIS, EXIGE RECOMPENSA :
NÃO TENS MEU CORAÇÃO, PORÉM POSSUIS MINHA ALMA.

"Valente não teme a luta,
Enchente não teme rio,
Machado não teme pau,
Nem touro teme navio,
Valentão não teme a rima
Nem eu temo o valentão,
Nem eu temo o desafio.

Cajueiro abalou
Ei abalou !
Deixa abalá !

E a vida continua. Continua imutável. Como destaca José de Figueiredo Filho:

"Mas, a vida continua no engenho com a mesma faina de sempre. Mete-se fego na forralha. O cambiteiro corre, matraqueando os seus cambitos. O motor apita em vez de búzio antigo, dando o sinal do início e do término do serviço. Não há mais o tangedor, substituí-

do pelo encarregado do motor, pouco animado, porque nem ao menos pode tagarelar nem cantar, com a zoada ensurdecadora das máquinas. O mestre continua a dar o ponto na rapadura do Cariri. Mesmo com certo amargor e azedume da vida que se desenrola à sombra dos engenhos e dos canaviais, o bom e secular produto cariense prossegue, todos os anos, a disseminar seu doce nas catingas, vales, serrotes, vilas e até mesmo nas cidades confortáveis e opulentas do litoral".

O amargo ficou lá atrás, nas suas origens. Até quando ?

BRASIL AÇUCAREIRO. DIAS DA COSTA. Lembranças, Engenhos, O Cariri e Outras Cousas quase Folclore".
Rio — Gb.

**SALÃO 13 DE MAIO,
PROMOÇÃO DA ESCOLA DE
PINTURA N. S. DE FÁTIMA**

Entre os dias 20 e 28 de Novembro, de 1968, realizou-se no salão principal do Colégio Santa Teresa de Jesus, a Exposição de Pintura

da Escola N. S. de Fátima, organizada pelo seu diretor Geraldo Eeignno. Foi autêntico sucesso de nssos meios artísticos. Visitada por centenas de pessoas que ficaram sabedoras de que, em Crato, há movimento artístico a despertar sua mocidade, que avança em

COMUNICAÇÃO :

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PARAIBANO
FUNDADO EM 7 DE SETEMBRO DE 1905
Utilidade pública : Lei N.º 317, de 22 — 1909
PRAÇA BARÃO DO ABIAÍ, 64 — JOÃO PESSOA — PARAIBA — BRASIL
Ofício-Circular N.º 1

João Pessca, 12 de Setembro de 1968

Exmo. Sr. :

Temos a satisfação de comunicar a V. Excia. que o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, em sessão solene realizada a 7 do corrente, empossou a sua nova Diretoria, eleita a 18 de agosto último.

A Diretoria recém-empossada, que regerá os destinos desta Instituição durante o triênio 1968 — 1971, está integrada pelos seguintes sócios :

Presidente — HUMBERTO CARNEIRO DA CUNHA NÓBREGA
Vice-Presidente — AFONSO PEREIRA DA SILVA
1.º Secretário — DEUDEDIT DE VASCONCELOS LEITÃO
2.º Secretário — SEBASTIÃO SINVAL FERNANDES
Tesoureiro — OLIVINA OLÍVIA CARNEIRO DA CUNHA
Bibliotecário-Arquivista — WILSON NÓBREGA SEIXAS
Orador — JOSÉ PEDRO NICODEMOS

Comissão de História, Geografia, Antropologia e Revista :

CLOVIS DOS SANTOS LIMA
WILMA DOS SANTOS CARDOSO MONTEIRO
OTACÍLIO NÓBREGA DE QUEIROZ

Comissão de Contas :

CÓNEGO FRANCISCO LIMA
LYLIA GUEDES
JOFFRE BORGES DE ALBUQUERQUE

Comissão de Admissão de Sócios :

LAURO PIRES XAVIER
SEBASTIÃO DE AZEVEDO BASTOS
OSCAR DE OLIVEIRA CASTRO

Atenciosas saudações

HUMBERTO CARNEIRO DA CUNHA NÓBREGA, Presidente
DEUDEDIT DE VASCONCELOS LEITÃO, 1.º Secretário

todos os diversos setores de atividades. Estavam ali expostos não simples cópias de desenho, óleo, etc., mas criações, algumas delas demonstrando talento promissor.

O SALÃO 13 DE MAIO foi aberto pelo presidente do Instituto Cultural do Cariri que se prontificou a dar o apoio daquela entidade a todas as promoções daquela Escola. No livro de impressões, destacamos alguns tópicos de visitantes — “É opinião de muitos pessimistas que Crato está em decadência. Nunca, no entanto, esteve mais vivo do que nos tempos de hoje. Não precisamos nem olhar para o seu desenvolvimento no campo educacional e das letras, em geral. Basta olharmos, para a EXPOSIÇÃO — SALÃO 13 DE MAIO, no Colégio Santa Teresa de Jesus, ao encargo do Prof. Geraldo Benigno. Teremos a satisfação de comprovar que Crato se atualiza na sublime arte da pintura, com sua juventude a despertar para todas as facetas desse setor importante da inteligência criadora”. (J. de Figueiredo Filho).

“Visitei com real proveito, a exposição de pintura feita pela Escola de Pintura Nossa Senhora de Fátima, desta cidade, num dos amplos e modernos salões do Colégio Santa Teresa. Sem possuir conhecimentos profundos da arte, emocionei-me, entretanto, pela beleza dos variados quadros expostos, paisagens, motivos regionais, arte moderna, capazes de impressionar mesmo a quem não possui, como disse, conhecimento aprimorado da arte”. (Raimundo de Oliveira Borges).

Por ocasião de seu encerramento, o Prof. Geraldo Benigno, pronunciou as seguintes e rápidas palavras :

Senhores cratenses :

O SALÃO 13 DE MAIO que organizámos, com muito entusiasmo e afeto, no Auditório deste Colégio teve a sua abertura aos 20 de Novembro do corrente. Para mim foi imensa honra ver os variados trabalhos dos artistas caririenses que me atenderam.

Não se pode negar o elevado grau de cultura que vem dominando o nosso povo, nos últimos tempos. Promissor horizonte abre-se para todos. Como estímulo, procuremos apresentar os trabalhos na ânsia de fazer brotar na alma de cada um o entusiasmo pelo belo.

Nesta Exposição figuraram 15 amadores e 27 alunos e ex-alunos da Escola de Pintura Nossa Senhora de Fátima.

Aos novos artistas auguramos progresso contínuo no vastíssimo campo da arte. Que não esmoreçam. Que procurem aperfeiçoar-se neste galardão que Deus lhes doou. A pintura, como as outras belas artes, é na realidade um dom. Pode manifestar-se na infância, ou um pouco mais tarde.

O caminho da arte é, porém, íngreme. Encontramos críticas construtivas e críticas que nos decepcionam. Mas por que não rebatê-las? O artista não se faz num dia. Não pode encher-se de desalento aos primeiros escolhos.

A crítica deve ser no sentido educativo, pedagógico. Vislumbra, através da pincelada dos outros, a arte que desabrocha. Assim é que deve ser.

O Salão 13 de Maio, num total de 114 quadros, veio transmitir aos seus visitantes, o bom gosto pela arte, mostrando pela magia do pincel, a alma de todos os expo-sitores.

O SENTIDO ANTROPÔGENO DA HISTÓRIA

J. F. F.

Djagir Menezes dos maiores sociólogos do país e dos grandes cearenses do momento atual, é intelectual no sentido alto da palavra. Só se preocupa com assuntos de proeminência, dando-lhe a interpretação filosófica e possui renome internacional. Como homem de valor, nunca se intrincheirou nessa pose inacessível dos médios. É a simplicidade em pessoa. Em sua residência, no Rio, em Copacabana, é o cearense acolhedor, falando em linguagem simples. Em suas veias corre o bom sangue cariense de seu pai — o veterano escritor de Crato — Paulo Elpidio de Menezes.

Em Julho de 1968, de passagem pelo Rio, ofertou-me "O SENTIDO ANTROPÔGENO DA HISTÓRIA". É das ótimas contribuições aos que se dedicam ao estudo de HISTÓRIA, em terras do Brasil.

Não pretendo fazer estudo crítico da obra de Djagir Menezes. Apenas faço registro da mesma, chamando a atenção dos estudiosos para aquele trabalho que tanto honra a sua cultura. Transcrevo-lhe pequeno trecho que eu assinalo, entre outros :

"A história é a política do passado, como a política é a história do presente, diz Fridman. Mas o intelectual autêntico, o que não se escraviscu aos interesses do momento, levanta-se acima da rotina e do cotidiano : o estudo dá-lhe horizontes com dimensão histórica, então ele ocupa-se com antecedência, PREOCUPA-SE. E o que aparece aos olhos de todos como fruto da vontade dirigente exercitando o mando político, sur-

J. DE FIGUEIREDO FILHO NA ACADEMIA NACIONAL DE FARMÁCIA

ge-lhe como resultado de um mo-

Foi o Prof. Oswaldo de A. Costa, dos luminares da farmácia científica do Brasil, quem apresentou J. de Figueiredo Filho para sócio correspondente da Academia Nacional da Farmácia do Brasil, com sede no Rio.

A propósito, o Prof. Dr. Evaldo de Oliveira escreveu o seguinte ofício ao nosso diretor :

Rio de Janeiro, 12 de Fevereiro de 1969

Ilmo. Snr. Prof. José Alves de Figueiredo Filho, Lima Verde, 2 Crato — Ceará.

Saudações Acadêmicas.

Temos o grato prazer de comunicar que V. Sa. foi eleito unanimemente, na última assembléia de 1968, Membro Correspondente Nacional da Academia Nacional de Farmácia.

Estamos certos que esta honraria realça a vida fecunda e exemplar de V. Sa. e dignifica também a Classe Farmacêutica.

Com real estima e consideração
Atenciosamente

Academia Nacional de Farmácia

Prof. Dr. Evaldo de Oliveira
Presidente

vimento histórico mais ou menos compacto, que faz desaparecer as personalidades criadoras, reduzidas a meras expressões das forças que se desentranham, e crescem, e se expandem em novas formas sociais.

Na polémica famosa entre Mitre e Fidel Lopez, disse aquele que "La historia se escribe y se adelanta siempre". "Melhor diríamos: sempre se está reescrevendo. O passa-

conto de uma carta a um eu tridimensional

f. assis de souza lima

(nem conto nem idéia, pensamento ou palavra, senão a espera, longa e pesada, diante da rota nova; ... e a cidade me surpreendeu de súbito, deixando entrever apenas a enorme estaca que dança em seus olhos)

Ser rosa no pântano. Nós. Na movediça paz das tardes molengas. Dos incautos. Que buscam. Pela estrada, semeando rastros, como planêtas anônimos; ou como as maríacas baratas de borrachas sintética em calcanhares insólitos.

Naquêlê dia, tente lembrar, eu arranhei a fita do teu cabelo: fita côr-de-dália, incestuosa, mas muito vclível. Ficou, com a aragem, a certeza. Só.

Agora você. Pertolonge. Aman-do. Nos olhos talvez a raja de sangue e tracoma: carimbos de sofrimentos. Pedacos de rua, de céu, de lagos, de mar: lembranças. Acima de tudo, ideal. Na ruga da testa e no esforço da ação. Para que possamos fazer alguma coisa pelo mundo. Por nós. Destruindo. Pense bem o que isto significa. Destruir. Para construir depois Ou não. Chorar — e pedir que nos olhem...

do é reconstruído á luz da experiência presente, recriada a cada período da civilização pelos historiadores que pensam influenciar pela situação em que vivem. Recre-se, dstarte, constantemente e história de Grécia" (Ps 83 e 84).

O livro faz parte da COLEÇÃO "REX" e foi editado pela ORGANIZAÇÃO SIMÕES EDITORA — Rio. 1959.

O fato te conto. Começou embaixo da orelha. Era uma dor sibilante. Senti a orelha balançar. Senti de nôvo. E mais uma vez. De repente, envervou-se sôbre si mesma. A orelha: megafone. Foi tal a compunção que ela se introduziu timidamente no audiointerno. A orelha plantou-se no crâneo e eu passei a ouvir os ruídos de meu próprio organismo... Foi êsse o primeiro acidente. Imagine então a música que passei a ouvir. O tímpano — pasto ondulado; martelo, estribo e bigerna — oficina do som.

O rumor baldio. Aquela era uma noite sôlta. As pessoas pareciam conspirar contra mim. Ou tinham méd. Enquanto me afastava parecia sentir os olhares me acompanhando, expressões inexasas, talvez surpresas talvez compungidas.

Meu deus, andar assim, sorven-do a inevitável depressão dos passos, cujo eco me atravessa o sangue, nadando em glóbulos, zarpan-do ao não sei-onde ao sabor dos cossos e da cárie...

Ficar. Permanecer. Calar (?)

Ou ir. Sempre. Indefinidamente. (?)

Talvez. Apenas. Para a Eternidade. (!)

Ah os teus desejos de evasão! De fato, o mundo visto sob a al-

deia, inicialmente, só te poderia mesmo pequenecer: sede de paisagem... Aventureiro das noites e auroras, buscar na andança a imagem da vida imaginada. E principalmente um novo conceito de amor.

AMIGO,

— Estou erigido sob as convenções.

— Não me fale tanto nessa linguagem culinária, que me exaspera.

— Porém, o comportamento beat, a linguagem nova, me diz que é possível enriquecer os lugares-comuns; é preciso tato.

— Nada mais!

— Pelo menos, tiveram a coragem de cuspir na cara do mundo, jogar-lhe lama nos pés, pisar-lhe os olhos.

— E depois?

— Depois chorar...

— Apenas o pasmo?

— Talvez. E a bôrra de dor, que ela seja a glorificação do desmorramento.

— Não é tão azul assim...

— Mas pode valer mais que uma cerveja, apesar da correção.

— É...

(mas não pense que se quebraram os laços da solidão. Tudo permanecerá, como o sol).

Tu, poeta. Que possuis o muro das palavras. Sobre o qual desajas trampoliar as realizações. Olhamos a mesma estrela em constelações diferentes. Já não penso haver uma estrela nova, uma melodia nova. Todos os acordes e

tôdas as cintilações foram ensaiados e emitidos em todos os instrumentos. Possível redescobrir? Veríamos nós no Século do Redescobrimento? No arbusto, na flor, no arranhacéu, arde a poeira da repetição. O poema do caos...

Você (tu) vai discordar de tudo isso. Amanhã, decerto, também discordarei. É um pensamento cômodo. Acreditar numa descoberta já implica na concepção de um trecho novo. Ou seria o Século da Preguiça? Por exemplo, há dias poderia ter jogado essas palavras num arquivo, ou no correio, mas não o fiz. Teria de auto-sugestionar-me... a Motivação!

Também espero a hora suprema, quando os insetos lambeirão seus dentes numa descabida ganância pítisaca;

quando houver uma cárie acometida de complexo de inferioridade, mal grado esteja num leite superior de marfim;

quando os operários de mau hábito se poderem cremedentalizar e adquirir todos, sabonete de glicerina para cocéira;

quando o palácio da alvorada puder assistir a nasçença de uma aurora, nesse país das antiauroras, tão sobrevoantes quanto os jatos de guerra;

quando aquela garota repetir que me ama, com o entusiasmo de um peru rodante;

quando todos os pronomes forem substituídos pelos seus dignos substantivos;

quando as velas se escusarem de comparecer às cerimônias de morte, e um enorme estrondo atirar na atmosfera um cheiro de cão e rabugem...

JOVITA ALVES FEITOSA, a Heroína Frustrada

DES. FERNANDO LOPES SOBRINHO

Da Academia Piauiense de Letras e do Instituto de Cultura Americano (Uruguai)

Em 8 de março de 1848, nascia na cidade de Brejo São, (1) em Inhamuns, Ceará, uma menina, filha de pais pobres, e que, na pia batismal, recebeu o nome de Jovita Alves Feitosa.

Aos 16 anos de idade, morrendo sua mãe, Jovita deixou o lar paterno e veio residir na cidade de Jaicós, Estado do Piauí, em companhia de seu tio Rogério Feitosa (2) provento professor de música e com quem Jovita iniciou os seus estudos da divina arte de Chopin.

Vivia, assim, a jovem cearense entregue aos seus cuidados escolares, quando em 1865 o Brasil declarou guerra ao Paraguai.

A mocidade jaicóense ocorre, com entusiasmo cívico, a alitar-se no primeiro corpo de Voluntários da Pátria, afim de defender a Nação, tão estúpidamente agredida pelo ditador Solano López.

Eis então que Jovita se sente influenciada, atraída por esse entusiasmo e, sem pesar a sua condição de mulher, arquiteta, às escuridões, um plano audacioso.

Ela também queria ir defender o Brasil, bater-se com os soldados de Solano López.

Certa noite, deixa Jovita a casa do seu tio, trajada com vestes masculinas, cabelos cortados, com uma

faca, e, na cabeça, um chapéu de vaqueiro.

E, sózinha, afrontando perigos, caminha setenta e duas léguas, chegando em Teresina em Julho do mesmo ano de 1865.

Na capital piauiense, Jovita procura o Presidente da Província, Dr. Franklin Américo de Menezes Dória, pedindo-lhe para se alistar como voluntária da Pátria, e dizendo, segundo nos conta Pereira da Costa, na sua "Cronologia Histórica" — "ser o seu maior desejo bater-se com os monstros que tantas ofensas tinham feito às suas irmãs de Mato Grosso e vingá-lhes as injúrias ou morrer nas mãos desses tigres sedentos".

Sugestionado, certamente, pela audaciosa insistência e pelo aror da jovem sertaneja de Inhamuns, o Presidente Franklin Dória accede ao seu pedido, dando-lhe as divisas de 2.º Sargento do segundo corpo de Voluntários da Pátria.

E, em 10 de Agosto de 1865, embarcou Jovita com o batalhão para o Rio de Janeiro ali chegando em setembro do mesmo ano.

Na mesma passagem em Recife Jovita recebeu diversas homenagens, inclusive da imprensa, e o mesmo acontecendo no Maranhão e na Paraíba.

(1) Brejo São é o hoje florescente Município de Araripe, no Ceará.

(2) O Morechal Antônio Alves Filho, seu irmão José Alves Feitosa, seus sobrinhos Edgard e Waldemar Feitosa Coelho e Antônio Feitosa Reis, residentes na Bahia o penúltimo, os demais no Rio, afirmam parentesco com a heroína.

Chegando ao Rio de Janeiro, ali teve Jovita a dolorosa decepção de ver desmoronados os seus sonhos de patriota, de defender a sua Pátria, de vingar as injúrias sofridas por suas irmãs de Mato Grosso ou de "morrer nas mãos dos tigres sedentos", como dissera ao Presidente Franklin Dória.

É que o Ministro da Guerra oficiara ao Comandante do seu batalhão dizendo: — "Não havendo disposição alguma nas leis e regulamentos militares, que permita a mulheres terem praça nos corpos do exército, nem nos da guarda nacional ou de voluntários da pátria, não pode acompanhar o corpo sob o comando de V. S., com o qual veio da província do Piauí, a voluntária Jovita Alves Feitosa na qualidade de praça do mesmo corpo, mas sim como qualquer outra mulher das que se admitem a prestar junto aos corpos em campanha os serviços compatíveis com a natureza de seu sexo, serviços cuja importância podem tornar a referida voluntária tão digna de consideração, como de louvores o tem sido pelo patriótico oferecimento: o que declaro a V. S., para seu conhecimento e govêrno".

Jovita, ao ter conhecimento dessa decisão ministerial, deixou-se dominar por uma profunda tristeza, que fez a sua ruína.

Sem parentes, sem amigos ou conhecidos na capital do Império, e sabedora de que o seu pai, (3) em Inhamuns, não a receberia no seu lar, Jovita, desprovida também de quaisquer recursos para manter-se, não teve suficiente fortaleza de espírito para enfrentar a delicada situação em que se viu colocada numa cidade como o Rio de Janeiro. E daí a tragédia que foi os seus dias de existência terrena: "arremessou-se, disse o historcador Pereira de Vasconcelos, no caminho da perdição e da amargura".

E, pobre Jovita, em Outubro de 1867, desesperada, suicidou-se...

Um poeta, Rangel de Sampaio, em sentidos versos sobre Jovita Alves Feitosa, assim se expressou, na última estrofe:

Respeito! Já purgou os seus delírios,
A morte é dura pena, nobilita!
Brasil, o teu cocal cinge de crépe,
Mais um heroi morreu —
— Morreu Jovita!

(Publicado no "Unitário" - Fortaleza)

- (3) Em Teresina, disse serem seus pais SIMEÃO Bispo de Oliveira e Maria RODRIGUES DE OLIVEIRA. No Rio, afirmou serem: MAXIMINIANO Bispo de Oliveira e Maria ALVES FEITOSA. Seu irmão, na guerra, era Jesuino Rodrigues da Silva. Essa diversificação de apelidos de família, e, mais os caracteres acabocados de Jovita, põem dúvidas ao Dr. Carlos Feitosa sobre ser Jovita uma Feitosa.

" I C — R E V I S T A "

Tem saído, com regularidade, a ótima publicação cratense "I C REVISTA", dirigida pela iniciativa do jornalista Osvaldo Alves de Sousa. É o órgão natural do comércio e da indústria do Cariri e

adjacências, pois seu campo de ação atinge os municípios vizinhos de Pernambuco e Piauí. É enriquecida com *clichês* de toda a zona, reportagens sobre novas comunas e repleta de bons artigos firmados pelos melhores colaboradores de nossa terra.

SAUDAÇÃO AO MINISTRO TARSO DUTRA

O reitor Fernando Leite, durante a visita do ministro Tarso Dutra a Fortaleza, pronunciou, de improviso, dois discursos de saudação ao titular da pasta da Educação. O primeiro, durante a outorga do título de "Doutor Honoris Causa", no auditório Presidente Castelo Branco; o segundo, no Náutico, durante o banquete. Esses dois discursos, reconstituídos, foram os seguintes:

"Na vida das coletividades humanas, verificamos, de quando em quando, acontecimentos os mais variados. Seja nas manifestações amistosas de um povo, seja no entusiasmo febricitante das sociedades políticas, seja, como agora bem experimentamos, na alegria íntima e dulcíssima do lar e da família. Sim, como bem agora verificamos, porque um professor, acima de tudo, é um continuador dos lares. E esta festividade de hoje, esta magna festividade é uma festividade do lar e da família. Do nosso grande e querido lar universitário. Meus senhores, quando tive a sorte de acompanhar o homenageado de hoje, o Senhor Ministro Tarso Dutra, a Belém do Pará, a Maceió, nos encontros de Brasília, nos Fóruns de Reitores, em Recife, eu, pouco a pouco, sem que lhe conhecesse ainda a biografia escrita, senti-lhe a biografia viva. Senti o homem dedicado, calorosa e patrioticamente, aos problemas da educação nacional. E este fato me

acalentou e fez com que, perante o Egrégio Conselho Universitário propusesse o título que hoje acaba de receber, para alegria e honra nossa, de Doutor "Honoris Causa" da Universidade Federal do Ceará. E grande foi o meu alento quando esta proposta foi acolhida com a maior compreensão. Porque Ceará, na expressão do professor Artur Eduardo Benevides, que "tem sóis na cabeça e luareos no coração", sentiu, através do Egrégio Conselho Universitário, que a proposta partia de quem tinha responsabilidade, como Reitor de homenagear o mérito. Porque, Senhores, conforme eu disse aqui, há três dias aproximadamente, quando da outorga do título de "Professor Emérito" a três brilhantes professores da nossa Universidade, precisamos agora mais do que nunca, trazer à tona da vida pública os homens de bem. Os homens capazes, os homens devotados, os homens de cabeça levantada, que não curvam jamais a fronte diante das dificuldades, quando a sua luta, o seu ideal visa substancialmente ao problema número um do Brasil — o problema da educação. De modo que eu me sinto feliz. E a cada dia vejo que aquilo que sempre digo para a mocidade, para esta mocidade que é a preocupação permanente da minha vida, devemos estar sempre preparados para uma estrada cheia de lutas, de espinhos e de rosas. E não posso

me furtar ao prazer de, numa recordação de uma viagem à cidade de Limociro, onde, há alguns meses, falei à juventude daquela terra, de dizer uma quadrinha que, na sua simplicidade, na sua sutileza, tão bem agrada àqueles que compreendem que a vida tem que ser luta permanente :

“ Quem busca o prazer humano,
clhe a lição da roseira :
algumas rosas por ano,
espinhos a vida inteira”.

Pois bem, meus amigos e meus senhores : Senhor Ministro Tarso Dutra : Eu me sinto, hoje, quando completo dois anos de administração, numa luta agradável, permanente, graças à ação conjunta de todos os meus auxiliares, dos mais aos menos graduados, porque todos são dignos quando honestamente no exercício de sua profissão. Eu me sinto grato, me sinto pago de toda esta luta de todos os espinhos que me tocaram o corpo. Porque se estes espinhos me tocaram o corpo, elles jamais me tocaram a alma. Ao contrário, sempre, sempre me fortaleceram. E, nesta noite festiva, nesta magna Assembléia Universitária, eu me sinto pago de todas as canseiras e peço a Deus que illumine o meu caminho. E, concluindo, quero dizer a Vossa Excelência, Senhor Ministro, quanto a Universidade Federal do Ceará se sente feliz, se sente honrada em tê-lo como seu ilustre membro. E faço votos ao céu para que Vossa Excelência nos dê, mais amiudadamente, o prazer de encon-

tros desta natureza, para alegria nossa, para felicidade de nossa Universidade e para grandeza maior do Brasil. Peço a Vossa Excelência que seja portador da nossa homenagem à sua digníssima esposa, que por motivos superiores, não pôde estar aqui dando a graça da sua presença, de companhia permanente, devotada, de um homem que vem, de há muito, se entregando em plenitude ao magno problema da educação nacional”.

x x x

Meus senhores :

Aprendi de meus pais, lá na tradicional região do Cariri, na querida e próspera cidade de Brejo Santo, que as boas idéias, as boas sementes são sempre e sempre irrigadas pelas bênçãos de Deus. Ao longo de toda a minha vida, como estudante, como professor, como médico do DNOCS, como Diretor da Faculdade e agora como Reitor, eu sinto e verifico, à guisa de estímulo e encorajamento, a profundidade evangélica daquelas lições paternais. O que hoje experimento é um acontecimento que se ajusta em cheio àquelas lições amigas. Sim, Senhor Ministro Tarso Dutra, vejo que a boa idéia, a boa semente é sempre abençoada pelos céus. E onde a razão desta boa idéia, e onde a razão do plantio desta boa semente ? Ela nasceu na Amazônia, lá na Universidade de Belém do Pará, quando eu tive a sorte de, na época do décimo aniversário daquela Uni-

versidade. ao lado de um grupo de reitores, tendo na presidência o nosso Ministro, o nosso homenageado, ali, meus prezados amigos, num verdadeiro Amazonas de entendimento, tive a sorte — repito — de sentir de logo o interesse de Sua Excelência, o Ministro Tarso Dutra, quando ouviu a voz do Ceará. Naquele tempo (foi nos meados de julho de 1967), convidei Sua Excelência a vir ao Ceará, e do Ceará ao Sertão, ao sertão do Cariri, e ao sertão da zona do Acaraú. E êle, de cérebro e coração acesos, aquiesceu à idéia. E todas as vezes que nos encontramos, em reuniões educacionais, êle, e não mais eu, lembrava a visita ao Ceará, a visita ao Cariri. A semente bem plantada é sempre e sempre adubada pelas bênçãos do céu. E hoje eu me sinto feliz. Toda a Universidade do Ceará sente-se feliz. E esta alegria se toma de um duplo calor, quando completo, hoje, o meu segundo ano de gestão. Gestão humilde, mas que devo, no tocante às suas pequenas realizações, ao trabalho constante e patriótico de todos os meus companheiros do Egrégio Conselho Universitário. Companheiros que se tomam da verdadeira compenetração deste objetivo: egrégio. Porque, meus amigos e meus senhores, eu só compreendo o administrador, aquêle que distribui atividades, aquêle que sabe manobrar a barca administrativa dentro de um seguimento harmônico e superior. Eu me sinto, portanto, profunda-

mente grato. Feliz pela oportunidade que me foi dada de ter aqui entre nós, no Ceará, o Senhor Ministro da Educação. Aquêles que dia a dia, na expressão fiel do professor Artur Eduardo Benevides, tem-se traduzido como um homem permanentemente e devotadamente, dedicado ao problema nacional da educação. E eu não posso deixar aqui de numa referência especial, aludir àquela frase do grande Miguel Couto: no Brasil só há um problema nacional — a educação do povo. E é à frente deste problema que se emprega com devotamento, com heroísmo, o nosso homenageado de hoje. Por tudo isto e por muito mais, eu saúdo Vossa Excelência, Senhor Ministro da Educação. Saudando Vossa Excelência, eu saúdo o Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Marechal Artur da Costa e Silva. Saudando V. Excia., eu saúdo o Ministério da Educação. Saudando V. Excia. eu saúdo a grande terra gaúcha, terra que se estreita sempre ao Ceará, pela aproximação natural dos extremos. O Ceará que, dentro da sua configuração geográfica é bem um pequeno Brasil, dentro de um Brasil imenso saúda, neste momento, através do seu humilde Reitor V. Excia. e sua excelentíssima família e faz votos para que os seus dias se prolonguem por muitos anos, para alegria nossa, para alegria de sua família, para alegria do Nordeste e mui especialmente para felicidade do Brasil.

O Capitão-mor Francisco Xavier Ângelo

(Subsídios históricos e genealógicos)

JOARYVAR MACÊDO

Em Lavras da Mangabeira (Ce.), cidade, cujos prelúdios remontam aos meados do século XVIII, é época da mineração do Cariri cearense, a tradição apresenta como extraordinária, a figura de Francisco Xavier Ângelo, "Capitão-mor e Comandante Geral da Vila" (1). A seu respeito os velhos lavrenses narram numerosos e interessantes fatos. De envolta, porém, com o real, que comprovam remotos documentos, surge o fictício ou o lendário que não encontra, conseqüentemente, corroboração na fonte segura e insuspeita da antiga documentação dos arquivos lavrenses.

De quanto a tradição local encerra sobre essa personagem, destaca, no momento, apenas o que segue :

1.º — Apontam Francisco Xavier Ângelo como de origem bastante lisonjeira, nascido em Pernambuco, de pais estrangeiros e abastados que adquiriram para o filho, algumas léguas de terra na ribeira do Salgado.

A propósito de carta minha, divulgada em Revista do Instituto do Ceará, (2) o deputado Gomes de Freitas publicou um artigo, no "Unitário", onde desvenda a verdadeira origem do Capitão-mor, transcrevendo-lhe o registro do primeiro casamento, do "Livro da Freguesia de Nossa Senhora da Expectação do Icó, existente no Arquivo da Diocese de Iguatu, e cópia em poder do Juiz Carlos Feitosa, às fls. 127 e verso. n. 431". Reza o seguinte registro :

"Aos desanove dias do mês de abril de mil sete sentos setenta e tres, pelas cinco horas da manhã na matris"... "se casarão solenemente por palavras Francisco Xavier Ângelo, natural da Freguesia de Mamanguape (3), de onde justificou menor idade e filho natural da Anna Maria Cardoza com Anna Ritta de Sam Jozé, natural desta Freguesia do Icó, e filha legitima do Sargento Mor Francisco de Oliveira Banhos e Maria Jozé de Jesus"... (4).

(1) Documentos de cause criminal, 1826, do 2.º Cartório, de João Gonçalves Freire, Lavras da Mangabeira, Ce.

(2) Revista do Instituto do Ceará, V. 83, 1965, TOMO LXXIX, ANO LXXIX pp. 334 - 337.

(3) Cidade da Paraíba.

(4) "Rolins, Cortaxos e Afins", in "Unitário", seção Letras-A tes, 16 de Junho de 1968.

2.º — O Capitão-mor Xavier Ângelo é considerado da capela e da povoação das Lavras da Mangabeira; razão por que a êle foi prestada uma homenagem, apondo-se-lhe o nome de uma das artérias da atual cidade. Asseguram ali, ter doado a São Vicente Férrer, padroeiro da Freguesia, meia légua de terra, em quadro, para patrimônio da referida capela. No entanto, o que consegui apurar acêrca do patrimônio de São Vicente Férrer, após magras, mas afanosas pesquisas, aqui consigo:

“Atenção ! . . .

Patrimônio de S. Vicente Férrer

(Nota)”

“Em 5 de abril de 1788 o Rdo. Pe. André da Silva Brandão doou a S. Vicente Férrer um pedaço de terra que fica da beira do rio Salgado para a parte da mesma capela, começando da parte de cima em o lugar onde faz extrema com a fazenda Mangabeira para a beira do rio abaixo até um riachinho que corre conjunto à casa de Joaquim Soares em toda largura que lhe pertence daquela parte da capela correndo o travessão, linha reta, de uma e outra extrema para o centro, excetuando porém na dita compreensão de terra vinte braças da mesma terra em o lugar onde está fundada sua casa cujas principiarão da esquina da dita casa por linha fronteira até onde se completarem e em compensação das vinte braças dará trinta braças, que lhe fica para a parte de baixo, cujas principiarão do dito Riachinho pelo rio abaixo onde se completarem com todas as suas ilhargas, onde se sentarão marcos para evitar dúvidas.

(Extraído do Livro de Notas do Escrivão da cidade do Icó)”.

“Outro Patrimônio

“Antônio José Correia e sua mulher Senhorinha Maria fizeram doação a S. Vicente Férrer de um pedaço de terra do lado do nascente do rio Salgado (lado da capela, onde está ela edificada) extremado do lado de baixo, em uma brauna e daí para cima até um riachinho que fica acima do alto em que de frente mora José Antônio Viana com meia légua de fundos para o poente, cujo riachinho serve de extrema em toda a extensão da terra.

“O parenthe é meu porque verifiquei e é voz geral que toda esta doação é do lado da então capela, hoje Matriz, existindo ainda a brauna.

“Extraído do Livro de Notas da dita cidade de Icó”. (5).

(5) Transcrições feitos, do próprio punho, pelo então vigário da Paróquia de São Vicente Férrer de Lavras da Mangabeira, Mons. Maceno Clodoaldo Linhares, no Livro de Tombo de 1897 a 1909, da mesma paróquia Arquivo Paroquial de Lavras da Mangabeira.

3.º — Em Lavras da Mangabeira, se afirma, como absolutamente certo, que Francisco Xavier Ângelo foi o primeiro governante do Lugar. Constatamos, todavia, a inveracidade da asserção, mediante o registro de óbito do Capitão-mor da Vila das Lavras, Jerônimo de Sousa Nogueira, nome totalmente ignorado dos lavrenses, e através de carta (em meu poder) do Pe. José Joaquim Xavier Sobreira, filho do Capitão-mor Xavier Ângelo, endereçada ao tenente João Tibúrcio Pamplona, ao qual comunica :

“Também ante-ntem 14 do corrente” — outubro de 1820 — “tomou meu pai posse Capitão-mor desta Vila”.

No mesmo ano de 1820 falecia o citado Capitão-mor Jerônimo de Sousa Nogueira. Eis a cópia do original do registro de seu óbito :

“Aos nove de Fevereiro de mil oitocentos e vinte pelas seis horas da tarde faleceu Jerônimo de Sousa Nogueira morador nas Lagoas desta freguesia, Capitão-mor desta Vila e no dia dez mês e ano ut supra pelas oito da noite foi sepultado nesta Matriz de São Vicente Férrer das Lavras, teve encmendação solene pelo Reverendo Joaquim de Figueiredo Arnaud e por mim Coadjutor José Felípe da Cunha. envolto em hábito preto, enterrado grades acima ccm assistência das pessoas desta Vila; e para constar fiz este assento em o qual me assino dia mês e anç ut supra.

O Coadjutor José Felípe da Cussha”. (6)

Ora, já em 1816 fôra criado o município de Lavras que se instalou em janeiro de 1818, portanto dois anos antes do falecimento de Jerônimo de Sousa Nogueira e dois anos e meses antes da posse de Francisco Xavier Ângelo.

Irrefutáveis são, evidentemente, as provas de que Jerônimo de Sousa Nogueira foi antecessor de Francisco Xavier Ângelo na administração do referido município.

4.º — Contam que, patenteada a infidelidade conjugal de Cosma Francisca de Oliveira Banhos, segunda espôsa de Xavier Ângelo, já em avançada idade, um entcado assassinou-a. Movido da mais profunda indignação, confinou-se o Capitão-mor num dos aposentos de sua casa de residência, na fazenda Logradouro, morrendo oito dias depois.

Efetivamente Cosma Banhos foi assassinada, entretanto, somente em 1831, quatro anos após o passamento do espôso, ocorrido em 1827, conscante revelam documentos infra.

(6) Liv. de reg. de óbt. 1814 - 39, paróquia de Lavras da Mangabeira, fls 35 e 35, verso, Arquivo da Cúria Diocesana de Crato - Ce.

NOTAS CONEXAS

a) Ana Rita de São José, primeira esposa de Francisco Xavier Ângelo, faleceu em 1817, com 58 anos de idade, com todos os sacramentos. Como atesta o registro de seu óbito foi encomendada, solenemente, e sepultada na Matriz de S. Vicente Ferrer, na capela-mor, aos 28 de abril daquele ano. (7).

b) Transcrição do registro do segundo casamento de Francisco Xavier Ângelo :

"Aos vinte e sete de outubro de mil oitocentos e dezessete nesta Matriz das Lavras, ao romper do dia, em presença do Pe. Joaquim de Figueiredo Arnaud, se receberam por palavras de presente Francisco Xavier Ângelo, viuvo de Ana Rita de São José, com Cosma Francisca d'Oliveira moradores nesta povoação, foram padr. digo testemunhas José Rodrigues Pimentel e José de Souza Lima, receberam-se de licença minha de que fiz êste assento que assinei.

O Vigário José Joaquim Xavier Sobreira". (8)

c) Cópia do original, do registro de óbito de Xavier Ângelo:

"Ao primeiro dia do mês de Março de mil oitocentos e vinte e sete faleceu da vida presente o adulto Francisco Xavier Ângelo casado que foi com Cosma Francisca de Oliveira Banhos, de idade de setenta e cinco anos, sem sacramentos, de estupor, envolto em hábito de São Francisco, encomendado por mim solenemente e sepultado nesta Matriz de S. Vicente, na Capela-mor, no mesmo dia e ano do que para constar mandei fazer êste assento em que assinei.

O Vigário Antônio José Ribeiro". (9)

d) Cópia do original, do registro de óbito de Cosma Francisca de Oliveira Banhos :

"Aos dois dias do mês de abril de mil oitocentos e trinta e um faleceu da vida presente a adulta Cosma Francisca de Oliveira Banhos, moradora na fazenda do Logrador, de idade de trinta anos, sem sacramentos, de facaças, envolta em hábito preto, encomendada por mim solenemente, abaixo assinado, e sepultada nesta Matriz de S. Vicente das Lavras, aos três do mesmo mês e ano, das grades para cima do que para constar mandei fazer êste assento em que assinei.

O Vigário Antônio Marques de Castilho". (10)

(7) Liv. de reg. de óbt., 1814 - 39, paróquia de Lavras da Mangabeira, fls. 24, verso, Arquivo citado.

(8) Liv. de reg. de cas., 1815 - 34, paróquia citada, fls. 12, verso, Arquivo citado.

(9) Liv. de reg. de óbt., 1814 - 39, paróquia citada, fls. 105, verso, Arquivo citado.

(10) Livro citado, fls. 130, verso.

e) A mencionada Cosma Francisca de Oliveira Banhos era irmã consanguínea de Ana Rita de São José, (primeira esposa de Francisco Xavier Ângelo) e irmã de pai e mãe, do major João Carlos Augusto, (afilhado do segundo governador da Capitania do Ceará, João Carlos Augusto de Oyenhausen, Marquês do Aracati de quem tomou o nome). Foi êle inventariante dos bens deixados por Cosma Banhos e tutor dos filhos dela. (11).

O major João Carlos Augusto convolveu núpcias com Isabel Rita de São José, a "Velha Zabilinha" — tronco genealógico da família AUGUSTO de Lavras da Mangabeira —, sendo ela neta do citado casal capitão-mor Francisco Xavier Ângelo — Ana Rita de São José. Estes foram genitores de Ana Josefa da Conceição, casada com o capitão Manuel Rodrigues da Silva, pais, por sua vez, da referida Isabel Rita de São José, batizada aos 16 de julho de 1815, na Matriz de São Vicente Ferrer, por seu tio materno, Pe. José Joaquim Xavier Sobreira, servindo-lhe de padrinhos, outro tio sacerdote, irmão do precedente, Pe. Francisco Xavier Gonçalves Sobreira e sua avó materna. (12).

f) Bisneta do Capitão-mor Xavier Ângelo e Ana Rita de São José, filha que era do mencionado casal — major João Carlos Augusto e Isabel Rita de São José — foi D. Fideralina Augusto Lima. Política de largo prestígio, valente espírito feminino, envolveu-se, ativamente, em lutas faccionárias de seu tempo.

Transcrição do original, do registro de seu nascimento :

"Fideralina, branca, filha legítima de João Carlos Augusto e de Isabel Rita de São José, moradores nesta vila, nasceu a vinte e quatro de agosto de mil oitocentos e trinta e dois e foi batizada com os santos óleos nesta Matriz de S. Vicente, aos dezanove de setembro do mesmo ano, em ausência do Reverendo Pároco, pelo Padre Alexandre Francisco Serbelon (sic) Verdeixa, foram padrinhos Manuel Rodrigues da Silva e sua mulher Ana Josefa da Conceição, do que para constar mandei fazer êste assento em que assino.

O Vigário Manuel da Silva Sousa". (13)

g) Filho dos mesmos Capitão-mor Xavier Ângelo e Ana Rita de São José, foi o primeiro vigário (colado) da Freguesia de Lavras. Era o Pe. José Joaquim Xavier Sobreira. Político atuante, como deputado

(11) Autos de Inventário de Cosma Francisca de Oliveira Banhos, 1831, Cartório cit.

(12) Liv. de reg. de bat., 1914-21, paróquia cit., fls. 19, verso, Arquivo da Cúria Diocesana de Croto.

(13) Liv. reg. de bat., 1830-35, paróquia cit., fls. 67, Arquivo citado.

participou, no Rio de Janeiro, juntamente com sete cearenses, também deputados), da Assembléa Constituinte de 1823, "solenemente aberta pelo Imperador D. Pedro II". (14).

A 27 de janeiro daquele ano (1823), fôra nomeado pela Câmara do Crato, "seu emissário para explicar no Rio, ao Imperador os motivos da criação do govêrno temporário do Icó". (15). Também fêz parte integrante do govêrno temporário do Ceará que teve como presidente o Capitão-mor José Pereira Filgueiras e cuja posse se efetivou, em Fortaleza, aos 23 de janeiro de 1823.

O ilustre sacerdote e ardoroso emancipacionista, como vários outros filhos notáveis da acanhada cidade de Lavras da Mangabeira, jamais recebeu ali, a mínima homenagem; sintoma de ignorância e descaso.

O Pe. Xavier Sobreira faleceu em Lavras, e, segundo dizem, envenenado pela madrastra, a citada Cosma Francisca de Oliveira Banhos, de quem reprovava a vida irregular. As circunstâncias de seu passamento permitem vislumbrar a verdade. Vejamo-lo pela transcrição, do original do registro de seu óbito :

"Aos dezessete dias do mês de Maio de mil oitocentos e vinte e sete faleceu da vida presente o adulto José Joaquim Xavier Sobreira, vigário (illegível), de idade de cincoenta anos, sem sacramentos, de uma indigestão, envolto em hábito clerical encomendado solenemente por mim abaixo assinado e sepultado nesta Matriz de São Vicente de de grades acima do que para constar mandei fazer êste assento em que assinei.

O Vigário Antônio José Ribeiro". (16)

(14) Datas e Fotos, Barão de Studart, R. I. C., 1921, pp. 202 e 203.

(15) Efemérides do Cariri, Irineu Pinheiro, Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza - Ce., p. 76.

(16) Liv. de reg. de óbt., 1814 - 39, paróquia cit., fls. 107, Arquivo citado.

O ESCRITOR RAIMUNDO GOMES DE MATOS, PATRONO DE CADEIRA NO I. C. C.

O escritor Gomes de Matos, com inteira justiça, foi escolhido para patrono de cadeira, na seção de letras, do Instituto Cultural do Cariri. Para Preenchê-la a escolha também não poderia ser melhor. É o seu sobrinho, também filho de Crato e bom escritor, ora residente em Maranguape — Pedro

Gomes de Matos. Em resposta ao convite que lhe fez J. de Figueiredo Filho, autorizado pelo I. C. C., assim se expressou Pedro Gomes de Matos, sobrinho do homenageado, em trecho de carta, de 28 de Maio, do presente ano :

"Aceito a cadeira que me é oferecida no Instituto Cultural do Cariri em homenagem à memória do patrono — o meu saudoso tio prof. Raimundo Gomes de Matos".

O dia da posse será acertado depois.

Usina Bezerra

IRMÃOS BEZERRA DE MENEZES & CIA.

CAPITAL REGISTRADO NCr\$ 620.000,00

CONSTITUIÇÃO JURÍDICA : — SOCIEDADE SOLIDÁRIA
FUNDADA EM 22 DE ABRIL DE 1.955, REGISTRADA
NA JUNTA COMERCIAL DO ESTADO DO CEARÁ, SOB
N.º 13.797 COM CAPITAL INICIAL DE NCr\$ 1.500,00

COMPRA E BENEFICIAMENTO DE ALGODÃO

MELHORES PREÇOS!

End. Telegráfico: BEMENEZES

TELEFONE: 203

CRATO

AV. TEODORICO TELES, 15

CEARÁ

A T E N Ç Ã O !

ESTAMOS TRABALHANDO NUM NOVO EMPREENDIMENTO !

BREVEMENTE, A PARTIR DE OUTUBRO DE 1969

*Casa de Saúde
Santa Teresa*

TRATAMENTO DE DOENÇAS NERVOSAS E MENTAIS

Dr. ELIGIO DE FIGUEIREDO ABATH

Dr. MAURICIO MONTEIRO TELES

Dr. CARLOS BARRETO DE CARVALHO

UM NOVO ESTABELECIMENTO MÉDICO, ESPECIALIZADO,
QUE HONRA O DESENVOLVIMENTO DO CRATO

B A I R R O D O S E M I N Á R I O
Antigo edifício do Noviciato das Filhas de Sta. Teresa

C R A T O



C E A R Á

MEU ÚLTIMO PASSEIO PELA CIDADE DE CRATO

Crato para mim não é apenas uma cidade, é um sonho feliz, a evocação íntegra de toda a minha infância, da primeira fase de minha mocidade, de meus primeiros romances, de minhas esperanças, de tudo de bom e de melhor que houve em minha vida.

Recordo as músicas suaves, quando uma eletrola do Cine Cassino transmitia aos frequentadores da Praça Siqueira Campos.

A Missa Solene, aos Domingos, na Sé Catedral. As festas de Nossa Senhora da Penha. As paradas do Ginásio de Crato, aos 7 de Setembro. Os bailes no Bar Ideal, de Deodoro Gomes de Matos. Depois, no Crato Clube, á R. Senador Pompeu, no casarão que foi de meus avós maternos. Teatros improvisados no Cassino e no único Grupo Escolar, da época.

Ah! minha inolvidável Crato, como sempre vivestes em meu coração, extremamente bairrista!

Mal sabia, quando vos deixei, pela última vez, 31 anos atrás, quanto tão largo espaço de tempo iria nos separar!

Estava em CRATO, fazia pouco tempo. Recem formado, com apenas 20 anos de idade, sofrêra tremendo golpe, com a perda de minha adorada Mãe, Maria Luiza, mais conhecida por Badinha.

Papai, alquebrado ao pézô dos anos, necessitava de minha pre-

sença, para lhe dar um pouco de conforto. E os irmãos Teófilo e Geraldo, também menores de 21 careciam de mim.

Iria iniciar a vida pratica, após experimentar tão tremendo golpe.

Assumira, 30 dias após, a Promotoria Pública da melhor Comarca do Estado do Rio, onde me casaria, no fim do ano, com ADELINA, na Igrêja matriz de ITAPERUNA, diante o Pe. Salvador Setrângulo, Vigário local e latinista exímio.

E em Crato passava, por fim, minhas últimas horas, ao lado de meu velho Pai, magérrimo e triste, e de meus irmãos, inclusive Cilinha.

Nossa casa, do Jardim 3 de Maio, onde nasci, já não tinha o encantamento de quando Mãe érviva. E muitas vezes preferia ir ter ao cemitério, em visita ao local em que repousam seus restos mortais!

Teria de levar meu abraço de despedida aos mais íntimos amigos.

Partiria de carro, até Recife, em companhia de meu irmão Siqueirinha e do comerciante Fauzer Jerreissatti. De Recife ao Rio, proseguiria, em navio da Mala Real. Do Rio a S. Paulo, de trem, noturno. Essa era a viagem de praxe, na época.

Sai de casa, apressadamente. Atravessei o Jardim 3 de Maio, e quase defronte á Casa de Francisco Zabulon fiz minha primeira despedida, de Ernesto Piancó, que acidentalmente encontrei. Abracei Hermes Lucas, na esquina próxima, defronte ao Bar Central, de José Eurico. Prosseguei em procura da Farmácia Central, de José de Figueirêdo, meu primo e dileto

amigo. Fui ter ao Bar Ideal, onde despreocupadamente, Deodoro palestrava com João Bacurau, Júlio Saraiva e Ramiro Maia. Vi, de passagem, o Dr. Rolim, de través do balcão de sua conceituada farmácia, e cumprimentei-o, respeitosamente. Teopista Abath seguia de costa, recurvado, para sua oficina, na Travessa dos Ourives. Na Rua Grande, Plínio Cavalcante, que conversava com o Dr. Alvaro Garrido, abraçou-me cordialmente. E não foi possível deixar de abraçar Zéba, Antônio Teles, Waldemar Garcia, e os velhos parentes e amigos, sem esquecer Manoel Cai-xeiro, Simões Louro, Esmerindo Tavares, Nenê Lucas, Moacir Garcia e Elmar Brígido e Silva.

Encantadora Crato !

Como a deixava cheio de saudades !!! E o último abraço de meu velho Pai, de olhos razos d'água,

com palavras de carinho e afeto, com conselhos reiterados a mim !

Inesquecíveis momentos, sempre lembrados, em todas as fases de minha vida, desprentensiva e simples !

Vejo Papai caminhando lentamente, ao lado do carro em que estava, de luto, de cabeça descoberta, olhando fixamente para mim, acenando com a mão, dando-me o derradeiro adeus de despedida.

Crato estava calma, na simplicidade extrema de seus hábitos da época.

Éra uma cidade linda e desprentensiva.

Vivia de seu romance e de sua simplicidade.

Encantadora terra que deixava para voltar, quando ?

(S. P. 13.I.69)

"A SOCIEDADE TECNOLÓGICA"

A FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DO CRATO, muito equilibrada, vai de vento em popa, no sector de sua especialização. Entre os dias 11 a 16 de Novembro de 1968, realizou, com pleno êxito, promovido pelo Diretório Acadêmico MARTINS FILHO, a III SEMANA ECONÔMICA DO CARIRI. Constituiu-se num dos melhores trabalhos lidos, naquele certame, A SOCIEDADE TECNOLÓGICA, de autoria do culto professor João Batista Pereira Filho. A Associação dos Empregados no Comércio do Crato, tão competentemente dirigida pelo Prof. Pedro Felício Cavalcanti e mantenedora da Faculdade de Economia do Crato, fez muito bem em mandar editar aquela conferência, em artístico opúsculo. É das melhores propagandas da seriedade de estudos daquela casa de ensino superior, que tanto sabe honrar a nossa culta cidade.

A SOCIEDADE TECNOLÓGICA é o retrato exato da atual situação econômica do globo, feito por um técnico consumado no assunto, embora encoberto pessoalmente, por muita modéstia e simplicidade. Faria honra a qualquer universidade.

O trabalho, que se lê, com agrado, filho de bom didata, divide-se: Países Subdesenvolvidos, Países Desenvolvidos, o Ensino Universitário, a Importância do Treinamento para o Aperfeiçoamento Profissional e a Interligação entre os Países.

No Tempo dos Coronéis

III — O ESTATUTO DOS INHAMUNS E O VAQUEIRO PERNAMBUCANO NA FAZENDA BARRA (x)

Carlos FEITOSA

1. Espetáculo dos mais fascinantes numa fazenda de criar é a pega do barbatão, assim chamado a rês que fica montada na mata virgem, quase sempre, sem ferro e sem sinal (o chamado *gado redondo*), sobre o qual só existe a tradição de que pertence à fazenda tal ou qual, de propriedade dêste ou daquêlê coronel.

O cenário onde tais fatos se desenrolam se restringe à vista de pucos, pois que êles se sucedem em campo alto, no mais intrincado dos cipoais, num pé de serra, para onde fugiu o garrote ou o novilho, ao propósito, as mais das vêzes, de escapar dos rigores de uma sêca ou da inclemência de um prolongado estilo.

Montado em local êrmo, onde a forragem lhe é franca, pela abundância da pastagem ou porque o fechamento da mata dificulta o ingresso de animais de porte menor, como as criações, chamadas *miunças*, facilmente apanhadas pelas onças, que ainda existem nestes lugares desertos, o barbatão só abandona o seu mundo para a bebida se lá não existe.

A fama de entreveros danados entre o boi brabo e o vaqueiro destemido tem atravessado os séculos, desde a fundação das fazendas de criar, como o fincamento dos mourões civilizadores, na época da colônia, até os dias modernos, embora hoje, com menor repercussão e aparecimento.

* * *

2. ROMANCES DE CORDEL. São famosos os que surgiram dando notícia de pegas memoráveis, já agora fazendo parte do folclore nacional e internacional, saltando as fronteiras do regional para o universal.

O inolvidável cearense Gustavo Barroso, ocupando-se do CICLO DOS VAQUEIROS, fala em RABICHO DA GERALDA (o mais belo do ciclo, diz êle, e é mesmo), em BOI ESPÁCIO, BOI BARROSO, BOI SURUEIM, NOVILHO DO QUIKELÔ, VACA DO BUREL, BOI MISTÉRIOSO, BOI LISO, BOI VÍTOR, BOI DA MÃO DE PAU, BOI MOLEQUE, BOI PINTADINHO, e, entre os AECs, o do VAQUEIRO e do BOI DE PRATA.

Lindas são as coplas do RABICHO DA GERALDA, apanhadas pelo romancista José de Alencar, que as denominou de "RAPSÓDIA DA EPOPÉIA SERTANEJA" e Luís da Câmara Cascudo afirmou ser, "*possivelmente, o mais antigo modelo de gesta de gado*".

São nas feiras a "HISTÓRIA DO BOI MANDIGUEIRO E O

(x) Os capítulos I e II foram publicados em ITAYTERA vols. ns. 9 e 11.

CAVALO MISTERIOSO", com letra do conhecido estoriador (xx) José Bernardo da Silva, proprietário da Tipografia São Francisco, em Juazeiro do Pe. Cícero, e a "HISTÓRIA SERTANEJA DE JOSÉ GARCIA EM PELEJA DE UM BARBATÃO".

O touro, da primeira estória, era o SAIA BRANCA (assim chamado por ter branca a ponta da cauda), que demorava no fundo dos pastos da fazenda do Capitão Miguel Feitosa, nas margens do Parnaíba, no Piauí, cujo senhor não foi identificado por nós, e, aliás, não existe, na família dêste apelido, pessoa com êste título e nome, embora não reste dúvida de que dela foi tirado o nome.

A espôsa do Capitão Miguel Feitosa era D. Jovita Feitosa, o mesmo nome da heroína da Guerra do Paraguai, desta família que, partindo de Brejo São (Araípe), no Ceará, apresentou-se em Teresina, no Piauí, com destino aos campos de batalha. A filha do casal era Zulmira Feitosa que, mais tarde, foi personagem principal da "HISTÓRIA DO POETA RAMOS PATRÍCIO e ZULMIRA FEITOSA".

O vencedor do SAIA BRANCA foi o valente topador de touro José Garcia, residente em São João do Sabugi, no Sertão do Seridó, no Rio Grande do Norte, que, também, não é conhecido, mas de cujo Estado vieram os Castros, que formaram um frondoso ramo da Família Feitosa. No entanto, há uma família Garcia, que habita a Ribeira do Condadu, afluente esquerdo do Jaguaribe, a uma légua de Arneirós, que tem fornecido os melhores vaqueiros da Região, sendo distinguida por essa fama.

Na outra estória, o autor alude a um Francisco Feitosa, da Fazenda Angicos. Parece-nos calcada nos VERSUS DO BOI AZEITÃO tirados pelos dois irmãos Joaquim Teles e Simão Teles, ambos alfabetos, negros de Mãe Czarina (Maria Czarina Marrocos Feitosa, filha do Dr. Manuel Marcos Teles), espôsa de Tio Diolindo (Diolindo Alves Feitosa, filho do Coronel Joaquim Alves Feitosa, 1832 / 1893, Coronel Quim, da Barra do Puiú, que foi Comandante do Batalhão dos Inhamuns e Deputado Provincial no biênio 1882/1884, meu bisavô materno por via paterna).

O BOI AZEITÃO pastava no SACO DOS ANGICOS, encravado em terras do Sítio Jurema, de Mãe Czarina, num dos cantos da Fazenda Arraial, perto desta uma légua, que era moradia do gado brabo. Pertencia êle a Francisco Teles de Sousa Vale (Chico Pló), casado com Jolvina de Sousa Vale, filho de Joaquim de Sousa Vale (Quim de Sousa, do Arraial), e era filho de Deocleciano Teles de Sousa Vale, que, por sua vez, tinha o Dr. Manuel Marrocos Teles por genitor.

Tanto um personagem, como o outro, foram inspirados na vida real, pois que a Família Feitosa, é dominante nos Inhamuns, tendo, pois, os romances visos de realidade, e as pegadas de barbatões são uma constante no meio pastoril. Ainda, mais. A "HISTÓRIA SERTANEJA DE JOSÉ GARCIA EM PELEJA DE UM BARBATÃO" muito se assemelha com os VERSUS DO BOI AZEITÃO.

(xx) Do português arcaico estórea (FATOS DA LINGUAGEM, Heráclito Groço, 2.ª edição, 1968, pág. 141.

3. FOLGUEDOS DA PECUÁRIA. Passando do real para a contra-facção, esta *subtractum* daquele, temos o conhecido BUMBA-MEU-BOI e o BOI SURUBIM, no Ceará; o BOI-BUMBÁ, no Paraná; o BOI-DE-MAMÃO, em Santa Catarina; o BOIZINHO, no Rio Grande do Sul; o BOI-BUMBA, em Pernambuco; o REIS-DE-BOI, no Rio de Janeiro, e aí por diante.

Esses folgares são comuníssimos em nossos sertões, talvez até mesmo devido às bravatas das pegas de barbatões lá se realizarem com maior intensidade e as cenas estarem mais vivas na memória dos campônios.

O excelente poeta iguatuerse Gomes Morcira, conta, em artigo sob o título ESTUDOS DE FOLCLORE CEARENSE, divulgado no UNITÁRIO de 15 de Janeiro de 1961, que, nos idos de 1910 a 1913, esteve morando em Itapiúna (antiga Itaúna, que os naturais dizem ter sido um enigmático "pi" a única coisa que a política fez por sua terra), da Comarca de Baturité, desempenhou o papel de BURRINHA num BUMBA-MEU-BOI por lá representado, havendo êle cantado:

O MEU BOI MORREU,
QUE SERÁ DE NÓS...
MANDA BUSCAR OUTRO,
LÁ NO ARNEIRÓS'. (x)

Efetivamente, é essa a estrofe cantada na favorita zona do pastoreio, especialmente em Arneirós, coração dos Inhamuns.

Muitas outras estórias fabulosas a respeito da pega de barbatões tem-se perdido, havendo necessidade de serem colhidas por alguém que tome interesse por esses estudos, apanhando-os da boca dos mais velhos, que, à maneira dos menestrelis da Provença, as vão repetindo nas fazendas, como aqueles vaqueiros analfabetos de Mãe Czarina: Joaquim Teles e Simão Teles. Estes contos tem muito melhor fundo cultural do que as banalidades que os rádios de pilhas transmitem aos rurícolas.

4. O CAVALO DE CAMPO. Leonardo Feitosa (1876 a 19...), em seu inestimável "TRATADO GENEALÓGICO DA FAMÍLIA FEITOSA", Tipografia Paulino, Fortaleza, 1952, pág. 17 e verso, narra as famas do CASTANINHO DO MOTA, da Fazenda Santana, entre Arneirós e a Fazenda Ôlo d'Água, perto da Serra da Tapera e da do Arneirós, pertencente ao Coronel Eufráasio Alves Feitosa, nascido em 1741 (meu pentavô), fundador da Cidade de Arneirós, com a situação de sua fazenda de criar, e o edificador da Igreja de Arneirós, antes de 1761, eregindo-a quase no centro da Aldeia da Missão do Índio Jucá.

O Coronel Eufráasio tinha por vaqueiro da Fazenda Santana o "seu cunhado José Pereira Canto irmão deste, D. Josefa Ferreira de Barros, casada com o Cel. Eufráasio) rapaz nôvo e forte na pega e traquejo de gados". Eis sua narrativa:

(x) Isto a grafia correta, segundo Florival Serraine em "Topónimos de Portugal no Ceará", separata da REVISTA DE PORTUGAL, vol. XXVII, Lisboa, pág. 31.

“O Capitão José Pereira (o nôvo, do Ôlho d’Água), como todos cs vaqueiros afamados, entre os cavalos de sua sela, tinha um de suas predileções, o chamado CASTANINHO DO MOTA, devido a ser êste desta côr e pasteiro na FAZENDA MOTA.

No fim do ano, continuava ainda o serviço e os gados que pastavam nos campos abertos e que são os de fácil pega, estavam magros, em condições de não servirem para consumo.

Indo o Coronel Eufráasio rever a marcha dos trabalhos, em Santana, seu cunhado lhe fêz sentir a dificuldade, dizendo que o gado, que servia para matar, era gado brabo, pasteiro para a Serra das Bananas, mais de três léguas da Fazenda Santana, e que o cavalo que tinha à mão era o CASTANINHO DO MOTA que, no traquejo do campo, durante quase tôda a sêca, estava magro e em condições de não resistir à pega de bois brabos.

O Corcnel Eufráasio respondeu-lhe que agora é que queria ver a fama do CASTANINHO DO MOTA.

O Capitão José Pereira não gostou do gracejo do cunhado. Então, selou o seu cavalo predileto, magro e mal alimentado e, levando uma ração de milho, seguiu rumo à Fazenda Cachoeira.

Tendo caminhado cêrca de três léguas, desmontou-se, desapertou as cilhas, abriu a esteira da sela para um lado da vereda seguida, que servia de caminho ao gado brabo e, quando o cavalo havia liquidado a ração, José Pereira viu urrar bois perto. Ligeiro, apertou as cilhas do cavalo, e preparou-se, aguardando o aparecimento do gado, o que não tardou, e êle, chegando as esporas no cavalo, correu rápido no encaicho de um boi que derrubou adiante, no lugar Carro Quebrado, e o deixou peado.

Seguiu a pista de outro uma légua adiante, perto da Lagôa do Trapiá. Dali voltou e chegou à Fazenda Santana a pé, tocando o cavalo adiante, cansado, e disse ao cunhado que desse condução para trazer a carne de dois bois, designando os lugares onde haviam ficado.

O Caronel Eufráasio achou que era uma estravagância, tanta carne num só dia, mas José Pereira replicou que, pegando um só boi, não tardaria muito a precisar de outro, e o cavalo, cada vez mais fraco, não poderia mais e, naquele dia, ainda tinha resistido à pega de dois. Por isto, mostrava a fama do CASTANINHO DO MOTA’.

Êste foi um só exemplo, dentro de centenas de façanhas iguais.

* * *

5. O ESTATUTO DO CRIATÓRIO. A lado destes fatos, ligados às qualidades do vaqueiro, do cavalo e do barbatão, da arte de campear, das manhas do boi e a astúcia da alimária, e de muitos outros aspectos que se desenvolvem nestes três elementos, existe um patrimônio de valor moral e de valentia defendido a ferro e a fogo pelos pegadores de gado e proprietários.

Se cada vaqueiro, cavalo e boi tem sua fama a defender, a fazenda possui o seu regulamento e a região o seu estatuto. Êste código de honra, esteado nos costumes, constitui autêntico direito con-

suetudinário e, por isto, êle tem sua linguagem própria, como qualquer outro ramo das atividades humanas.

Assim, *gado redondo* é a rês sem ferro e sem sinal. Quando se diz que um animal é *redondo de todo*, quer-se dizer que êle não tem marca ou sinal algum que o identifique dos demais. *Chegar o cavalo ao boi* é aproximar aquêle a êste. *Mestre* é o cavalo que não dá trabalho em mantê-lo junto a gado. *Correr no escuro* é quando o cavalo corre com a cabeça apoiada na anca do boi, não permitindo ao vaqueiro ver o chão que a cavalgada pisa.

Imprensar é encostar muito o cavalo ao boi. *Arrcchar o cavalo* é chegá-lo à rês. *Ouvir o cachorro longe*, diz-se quando o cão de gado está trabalhando bem distante. *Morra o boi Tio Simão* ! É o grito de guerra que o vaqueiro dá ao companheiro, quando saem em disparada na perseguição de uma rês.

É regra do Estatuto dos Inhamuns que um vaqueiro pode ter alcançado o boi, pode ter *tirado a carreira*, mas, se ainda o animal não está vencido, e o seu companheiro passa à frente e chega na hora de o boi *virar-se* ou continuar de *chôto*, perdendo a carreira e dando mostras de vencido, a vitória cabe ao último. Muitas vêzes, ao saltar uma grota ou pular um pau caído, o boi se desmastreia, perdendo a carreira, consequentemente. Também é defeso ao vaqueiro fazer afeição própria ou do animal.

Apartação é a separação do gado de uma região, por fazendas, depois de junto o gadame por todos os vaqueiros da zona, sendo norma do Estatuto dos Inhamuns apanhar tôda rês encontrada, seja de quem for, cujo trabalho se estendia por semaras inteiras, e era muito frequente no tempo em que os campos eram abertos, não cercados. Era uma espécie de *rodeio*, e era antecedido pela *vaqueijada*. Aliás, embora esta signifique a juntada do gado e, aquêla, a separação das rêses, qualquer destas palavras sempre foi tomada, imprôpriamente, pelo conjunto.

Por essa época é que se verificaram memoráveis *pegas de barbatões*.

O dia da *apartação* era uma festa linda. Ao fim, cada um levava o que lhe pertencia ou que era do seu amo. A sobra, não procurada pelos donos, depois que êles eram avisados para a ajuda do campo ou, não comparecendo para estes trabalhos, não vieram para recolher o seu gado, era solta no campo.

Isto era a rotina, onde os mais experimentados vaqueiros e os cavalos mais ligeiros davam provas de sua perícia, e os novatos se iniciavam, quer dentro dos currais, montando poldros bravios, com as cêrcas e porteiras coalhadas de gente, quer no pátio da fazenda, onde os rapazes davam mostras às donzelas de suas coragem e valentia, tal como nas justas dos cavaleiros medievais, representadas, hoje, pelas cavalhadas. Estes espetáculos são pàlidamente mostrados nas exploradas vaqueijadas que, hodiernamente, se realizam nas cidades, e não nos campos.

A *pega do barbatão* sempre ocorria no fim da *vaqueijada*, deixada como fêcho de ouro, e coroamento, das lides do campo. Mas

a maioria delas se efetivaram sôzinhas, como heroísmo anônimo. Às vezes, passavam-se dias na caça e pega de um barbatão. Na luta, em muitas ocasiões, o vaqueiro fazia contacto com o barbatão, mas o perdia, e, assim, o *botava no mato*, como também muitos acidentes ocorriam, com morte ou inutilização do homem ou do cavalo.

Pedir campo, era quando o vaqueiro chegava a uma fazenda e solicitava a ajuda para procurar uma rês transviada do seu rebanho e apanhá-la. Aliás, é *canon* do Estatuto dos Inhamuns concedê-lo com toda a franquia. Atente-se, mais, que também é uma manifestação do sentimento gregário do homem, ajudarem-se uns aos outros, verificado nas sociedades primitivas, por Fustel de Coulanges em sua A CIDADE ANTIGA, 6.^a edição, 1945, Pôrto, Portugal, e Oliveira Martins em AS RAÇAS HUMANAS E A CIVILIZAÇÃO PRIMITIVA, 1955, Pôrto, Portugal.

A *dação de campo* é feita dentro das normas da hospitalidade sertaneja, atestada pelos viajantes, podendo isto se comprovar em carta do cientista Manuel Freire Alemão a João Brígido, expedida de Tauá, a 16 de Maio de 1960, e publicada na GAZETA DE NOTÍCIAS de 10 de Julho de 1923, na qual, reportando-se ao tratamento recebido dos Feitosas, se confessava embaraçado: "isso chega já a nos vexar".

Vaqueiro velhaco. No Regulamento da Fazenda Barra era costume *não dar campo*, quando o Cel. Leandro (Leandro Custódio de Oliveira e Castro, 1844/1931) verificava que o vaqueiro era duro e o cavalo era bom, com o propósito de manter o prestígio dos seus vaqueiros e cavalos.

Para não fugir aos preceitos da hospitalidade impostos pelo Regulamento da Fazenda e pelo Estatuto dos Inhamuns, usava de um estratagema muito conhecido, cujo protagonista era chamado *vaqueiro velhaco*. O comportamento dêste era apartar-se do companheiro a quem ia ensinar os campos, as malhadas, as bebidas e veredas, para apanhar o boi sôzinho ou, então, tomar rumos diferentes, para não o encontrar.

Conta-se que, em certo dia, chegou à Fazenda Barra do Cel. Leandro o vaqueiro Manuel Vieira montando o cavalo JACU, para dar caça a um boi do Cel. Vicente Alexandrino de Sousa (Avô do General Clóvis Alexandrino Nogueira), na Fazenda Central.

O Cel. Leandro, perguntando se o cavalo era bom e se êle era duro, respondeu afirmativamente o vaqueiro. Admirou-se o fazendeiro do desembaraço do campeiro, e fez ver a êle que era do Estatuto dos Inhamuns não gabar-se o vaqueiro de si e do cavalo. Imediatamente justificou-se o rude dizendo que assim agia porque, de fato, êle era duro e seu cavalo era bom, e, assim, não estava com gabolice.

Disse, ainda, que tinha sido criado por meu Tio Casusa (José Alves Feitosa, do Cococí, irmão de dois bisavós meus, por via paterna, Manuel Alves Feitosa, "Seu Balco" da Fazenda Estreito, e Coronel Joaquim Alves Feitosa, Coronel Quim, da Barra do Puiú), que não gostava de mentira. Meu Tio Casusa foi casado com Mãe Donana da Vázea da Onça, e era avô da esposa do General Manuel Cordeiro Neto, que foi Prefeito de Fortaleza, na quadriênice de 1958 — 1962.

Argumentou, mais, que, se não dissesse a verdade, e, depois, pegasse o boi, verificar-se-ia que êle havia mentido. Por isto, dizia logo o que eram êle e o seu cavalo, infringindo o Estatuto dos Inhamuns, mas respeitando o código de honra de meu *Tio Casusa*.

Então, o Cel. Leandro combinou com seu vaqueiro *Antônio Birro*, que, na mata fechada, estralejava mais do que bilro em almofada, em *dar campo* por um dia a Manuel Vieira, a título de experiência. Quando regressaram, ao findar do dia, perguntou o Cel. Leandro ao seu empregado o que êle tinha achado do vaqueiro. A resposta foi pronta: o que pudera observar era que êle era duro e o cavalo era bom, visto que, quando alcançavam o gado, o faziam emparelhados. Se pegassem o boi, não podia saber quem foi o vencedor. Tanto podia ser um como o outro.

O Cel. Leandro, então, determinou que, do dia seguinte em diante, não mais *desse campo*, devendo procurar o boi para lado diverso do em que êle pastava. E, assim, andaram até quando os cavalos se extasiavam, não servindo mais para o campo, quando Manuel Vieira resolveu ir-se embora.



6. A PEGA DO BARBATAO. Passado algum tempo, apareceu na Fazenda Barra um vaqueiro que, pelo encouramento e seu dizer, era de Pernambuco e vinha *pedir campo* para um boi tresmalhado do seu patrão, o Cel. Antônio Pereira, do Pageú de Flôres. (x) Seguindo as regras da hospitalidade, o Estatuto dos Inhamuns, o Regulamento da Fazenda Barra, e os costumes da região, o Cel. Leandro ordenou fôsse dado ao forasteiro o que era pedido.

Por se tratar de um desconhecido, que até talvez ignorasse o prestígio de que gozavam os vaqueiros dos Inhamuns, que não devia ser pôsto em jôgo, foi feita a recomendação de que o mais hábil va-

(x) A amizade do Cel. Antônio Pereira com os Feitosos dos Inhamuns era antiga, vindo desde os tempos de seu pai, o Barão de Pageú, firmada no parentesco que entrelaçava as duas famílias, visto que a primeira esposa do Cel. Francisco Alves Feitosa, o primitivo, era Pereira. Por isto, os seus membros se visitavam e se ajudavam. Só de uma vez o Cel. Antônio Pereira chegou a Timbaúba, em Aiuaba, com 17 rapazes, que desejava guardá-los por algum tempo. Entre êles se encontravam Pereirão (que se casou com uma filha de José Inácio do Barro), Medadur, Pedro Pereira Santa Fé, Pedro Pereira Valões, José Pereira Maroto, Antônio Pereira Sobrinho (que morreu em Saboeiro), Né Pereira Valões (irmão de José Pereira Valões), Quinco Pereira (sobrinho), e, entre os demais, o cabra Zé Gringo. Dos Inhamuns para o Pageú foram Manuel Custódia Bizarria (Né Casé e João de Barros de Araújo, havendo êste se casado com uma irmã de José Pereira Maroto e, quando retornou, foi residir no Sítio Muquem, perto Parambú, onde deixou descendência. Maria Constância de Moraes, criada por Cândido Alves Feitosa, da Timbaúba, era filha natural do Cel. Antônio Pereira, que a deu ao amigo e parente, para não criar problemas com a esposa.

queiro, e o mais ligeiro cavalo fossem os escolhidos para a empresa, recaindo a escolha em *Caboclo Pepê* (Salústio Férrer Feitosa, cunhado do Dr. Bernardo Feitosa, que foi Juiz de Direito em Mombaça), que, embora não fosse profissional, era vaqueiro afamado.

Ao apresentar-se, o vaqueiro das terras mauriceas entregou ao Cel. Leandro a carta do patrão. Depois de lida a correspondência, o fazendeiro dirigiu-se ao portador e assim falou:

— Então o senhor veio buscar o boi...

— Não senhor — redarguiu o cabra — Vim pegar, e não buscar. *O patrão que me mandou é bom, o cavalo corre muito, e o vaqueiro é duro demais*, (proferindo com dicção arrastada a última palavra, e com entono de orgulho).

O Cel. Leandro não gostou do pábulo do caboclo e, por isto, mandou que ele repetisse a frase umas três vezes, e depois, deu-lhe rancho. Mas, ficou repetindo o chavão, como um eco longínquo: *o patrão que me mandou é bom, o cavalo corre muito, e o vaqueiro é duro demais*. Sim, senhor. Aquelas palavras o impressionaram bastante.

No outro dia, o forasteiro apanhou o seu cavalo, milhou-o e o selou, deixando solta a cilha. O Cel. Leandro mandou que *Caboclo Pepê* fosse buscar um cavalo, confidenciando-lhe qual o que desejava fosse trazido.

Arreiado o animal, o Coronel disse-lhe que fosse mostrar o boi ao estrangeiro, mas, secretamente, ordenou-lhe que o pegasse, não dando gosto ao exibicionista de fora e, ao mesmo tempo, quebrando-lhe o orgulho.

Preparando-se para partir, o filho do Leão do Norte apertou a cilha, montou o cavalo, e, por puro exibicionismo, empinou-o (para *upar*, o cavalo é ensinado, e basta apertar as esporas e dar um soquinho nas rédeas), formando uma cruz com as mãos do corcel abertas no rumo do Cel. Leandro, e lhe repetiu:

— Coronel, *o patrão que me mandou é bom, o cavalo corre muito e o vaqueiro é duro demais*. Pega boi em todo canto, quanto mais no *Saco do Coronzol* do Cel. Leandro (o *Saco do Coranzô*, como está na *Data*, é muito fechado, e era onde se homiziavam os corridos da Polícia e da Justiça, que apelavam para o Cel. Leandro, sendo terreno datado do Riacho Jucás (*Jouquay*, conforme a *Data*), requerido pelo Comissário-Geral (posto da Armada de Cavalaria, no tempo) Lourenço Alves Feitosa, sua esposa D. Antônia de Oliveira Leite e seu filho o Coronel Lurenço Alves Penedo Rocha (DATAS DE SESMARIA, vol. 6.º, págs. 170/171, n.º 469).

Partiram rumo aos campos do *Coronzol* os dois lidadores de gado. Ao entrarem no entrançado da mata, arrojaram o barbicacho do chapéu de couro, prenderam o guarda-peito e ajeitaram o gibão, ficando em ponto de entrar em ação.

Depois de muito andar, afinal *Caboclo Pepê* descobriu a trilha do barbatão, seguindo-a. Ao avistá-lo, mostrou-o ao companheiro. Este, batendo com a mão na anca do animal do outro, gritou: — *pega o boi*

Caboclo Pepê! No Estatuto dos Inhamunç o grito de guerra teria sido: — *morra o boi Tio Simão!* O fato é que *correram alto*.

Por sabedoria, o pernambucano *arrochou* o cavalo de *Caboclo Pepê*, isto é, correu em cima do outro, com a cabeça na anca do que ia na frente. Tinha a vantagem de o dianteiro ir abrindo o mato para o derradeiro, enquanto este papel não era representado pelo boi. Este hábito é comum na vaqueirama, quando persegue uma rês, correndo cclada a ela, com a cabeça da alimária à sua anca. É uma prática perigosa, porque o vaqueiro *corre no escuro*. Não é bom imprensar muito o boi, mas, também não se deve deixá-lo muito longe. Muito perto, pode o cavalo bater com as mãos nos pés da rês. Muito longe, corre o risco de botá-lo no mato.

Em consequência do expediente do forasteiro, o cavalo do *Caboclo Pepê* tropeçou e caiu, passando por cima dêle o estrangeiro, de modo que, quando *Caboclo Pepê* o alcançou, já o forâneo havia derrubado o boi e o encaretado.

Vendo aquela coisa estranha naqueles campos, que era um boi encaretado targido por um vaqueiro, e, mais ainda, magoado com a derrota, assim se externou *Caboclo Pepê*:

— No Regulamento da Fazenda Barra do Cel. Leandro, pega-se o boi, toca-se na frente e leva-se para o curral, pois, no seu pátio, nunca entrou boi encaretado.

O ádvera, que havia *tosado* (troçoado) do Cel. Leandro, retrucou:

— Pois no regulamento do meu patrão o sistema é pegar o boi, encaretar, chocalhar e tocar na frente, com a marca da fazenda bem grande na careta. E se o Cel. Leandro nunca viu um boi com careta e chocalho na Fazenda Barra, hoje verá.

Quando saíram no descampado da fazenda, o vaqueiro de fora açoitou o boi que saiu choteando, completamente desmoralizado. Ao se aproximar da casa, estranhando o Cel. Leandro aqueles sinais de fraqueza de dois vaqueiros conduzindo um pobre boi com tanta segurança, como se fossem dois moleirões, interrogou:

— Pegou o boi *Caboclo Pepê* ?

— Não senhor. Quem o apanhou foi o meu companheiro. (x)

Então Cel. Leandro, mais satisfeito por que não havia sido homem de sua fazenda quem tinha faltado com a coragem, com aquela presepada, como êle a achava, falou com espanto:

— Espere, um boi de careta e chocalho na Fazenda Barra targido por dois vaqueiros velhos, experimentados e bons ?

Sem perder o equilíbrio, e na sua costumeira empácia, explicou-se o estrangeiro:

— Vim pegar o boi, e o apanhei. *O patrão que me mandou é bom, o cavalo corre muito, e o vaqueiro é duro demais*. No regulamento do meu patrão a regra é pegar o boi, enchocalhar, encaretar e tocar na frente. Se o Cel. Leandro nunca viu um boi com careta

(x) Segundo informações de Dati (José de Deus Alves Feitoso), o boi foi pegado por *Caboclo Pepê*. A outra versão foi apcnhada em Saboeiro, em 1958.

e chocalho em sua Fazenda, agora está vendo. E me dê as ordens meu patrão, que vou-me embora.

Intrigado com o pernosticismo do vaqueiro, o Cel. Leandro chamou-o para almoçar, milhar o cavalo e fazer um *soinho* (farnel), alegando que a viagem de volta era grande. A tudo agradeceu o hópede, àquelas alturas, precisava precaver-se de alguma medida do Coronel, contra o atrevidaço, de modo altivo, recusou o oferecido:

— De sua casa, não quero mais nem água. *O patrão que me mandou é bom, o cavalo corre muito, e o vaqueiro é duro demais.* O coronel deu-lhe as ordens, e êle se foi.

Regressando as terras do patrão, ao anoitecer, o cauteloso vaqueiro calçou o chocalho do boi com um chumaço de capim, para não ser por êle localizado, e, em cima de uma serra, à margem da estrada, dormiu até o sol alto do outro dia. Ao descer do seu refúgio, encontrou rastros de cabras guardados no *Saco do Coronzol* do Cel. Leandro em todos os sentidos, cruzando tôdas as veredas e trilhas.

Que lindo romance não daria êste episódio, nas mãos de estoriador...

5.º SIMPÓSIO DE HISTÓRIA, EM CAMPINAS — S. PAULO

O Instituto Cultural do Cariri, como aconteceu com o IV Simpósio de História, no Rio Grande do Sul, em 1967, far-se-á presente ao 5.º Simpósio a realizar-se, durante a SEMANA DA PÁTRIA, na culta cidade paulista de Campinas. Tais reuniões, onde se congregam os expoentes da HISTÓRIA, no país, muito têm contribuído para o conhecimento desse importante ramo da ciência, elucidando questões e orientando os conhecimentos históricos em plano filosófico e científico, de acordo com a evolução dos tempos. São promovidos pela ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, com sede na Paulicéia, agora presidida pelo grande cultor da HISTÓRIA — Prof. Euripedes Simões de Paula e secretariada pela talentosa Professora Alice P. Canabrava, todos de renome internacional.

Senador Wilson Gonçalves e o Instituto Cultural do Cariri

No SENADO FEDERAL, em Brasília, o Senador Wilson Gonçalves tem se revelado o amigo dedicado do Instituto Cultural do Cariri. É o parlamentar que não esquece o trabalho gigantesco que fazemos, nesta zona, com a publicação anual de uma revista que penetra em tôdas as camadas do país e muitas vezes, fora do Brasil, elevando, acima de tudo, o nome de Crato e mesmo do Ceará. Tôdos os anos no organismo da República não deixa de sair a subvenção destinada à ncsa entidade que é sempre aplicada na edição de "ITAYTERA" e noutras iniciativas de caráter cultural, tudo isso dando renome e prestígio de Crato e do Cariri, por aí afora.

Com justa razão, os sócios do I. C. C., em sessão especial, há anos, elegeram, por unanimidade, o Senador Wilson, nosso Sócio Benemérito.

REMINISCÊNCIA DE UM MESTRE

Os bons não são compreendidos pelos maus, oferecem relutância àqueles que primam pela ordem e o respeito. Não reconhecem nos dotados de qualidades excelentes, os méritos e os sacrifícios feitos para o bem geral.

O TEMPO, reto juiz, incumbem-se de reparar as injustiças e galardear a quem merece. Fazendo inapagáveis a memória dos meritórios.

Quero me referir ao grande filósofo da máxima — “CONHECE-TE A TI MESMO E CONHECERÁS O UNIVERSO E OS DEUSES”. Que bela sentença, quanta essência visível e invisível, está encerrada nela!

Esse filósofo, que não sabemos com exatidão o ano em que nasceu, como também a data de sua morte. Uns presumem que tenha nascido por volta de 592 A. C., outros supõem que foi em 580 A. C., ele era PITÁGORAS.

Nasceu na FENÍCIA, por circunstâncias dos DEUSES, nem por isso, deixou de ser grego. Seus pais moravam em SAMOS, eram gregos natos.

Sua mãe, a senhora PÁRTENIS em estado gestante, fora vaticinada pela sacerdotiza de DELFOS, que o fruto do seu ventre, seria esplendoroso em sabedoria e traria luzes aos homens de todos os tempos.

A pitonisa, aconselhou a mãe de PITÁGORAS, que se retirasse à FENÍCIA, para lá nascer a criança. Os pais obedeceram a orien-

tação profética, da Pítia de DELFOS. Depois do nascimento da criança, o casal voltou à Grécia e, ele foi consagrado no misterioso TEMPLO DE ADONAI, em Sidon.

PITÁGORAS passou as fases da sua infância e juventude em SAMOS, abençoada ilha em que seus pais receberam dos DEUSES, por intermédio de um amor lícito e abençoado, entre marido e mulher o grande sábio da Grécia.

Em tenra idade, demonstrou tendência para aplicação intelectual, e, os pais convictos da qualidade invulgar do filho, fizeram-no discípulo dos sábios de renome da época. Até aos dezoito anos, teve como mentor Hermondamas de SAMOS, aos vinte estudou com Ferécides em Ciro, havia combinado com Anaximandro e Tales, de Mileto, para receber lições, a fim de descobrir a mantilha, que cobre os Mistérios da Criação.

O filósofo PITÁGORAS não se convenceu, com os ensinamentos de Anaximandro e Tales, nem o Orfismo ensinado pelos mais sábios sacerdotes o agradava.

A Grécia estava se aprofundando moralmente e intelectualmente, os gregos sentiam — fastio para aprender, apetite desordenado para o chafurdo carnal, desprezo ao asseio espiritual e esquecimento aos DEUSES.

A situação era constrangedora. A moral estava sendo sepultada pelo imoralismo, o amor às letras cambaleantes, os sábios ascendentes desaparecidos e, os descendentes quase extintos. Naquele aspecto desigual que os gregos viam: apresentando, fazia PITÁGORAS pensar que, um povo desbotado em letras, é como cego sem guia. Também, onde não há respeito e

amor a DEUS, desaparece a confraternidade, para dar ensejo a desunião.

Dentro do seu invólucro carnal, habitava um espírito cheio de conhecimentos sadlos, sofrendo amarguradamente pela incompreensão dos seus patrios, que enveredavam pelos caminhos da execração, conduzidos pela cegueira pecaminosa, impelidora dos homens ao matadouro do espírito.

Diariamente oferecia oblatas aos DEUSES, suplicava pela restauração da Grécia, fizessem voltar a moral e os bons costumes.

Não tardou muito, seus rogos foram coroados de êxito, os DEUSES ajudaram-no a dar novo esplendor ao seu país.

Desejava conhecer a chave do Universo e Ciência do Número, e, os Mistérios da Criação. Na Grécia não lhe era possível, só poderia obter êsses conhecimentos no Egito, pois, os maiores sábios da-quele tempo, viviam lá.

Com uma carta de Policrates, PITÁGORAS foi encaminhado ao faraó Amasis. Êste entregou-o aos sacerdotes de Mênfis.

De início não foi fácil para PITÁGORAS, conseguir ensinamentos completos, sobre as Ciências Secretas. Isso, porque os gregos eram considerados inconstantes e opostos ao respeito às coisas sagradas.

Os sacerdotes egípcios tinham razão, depois que conheceram PITÁGORAS por fora e por dentro resolveram introduzi-lo nos ensinamentos da Ciência Hermética e algo mais. Êle foi iniciado no Templo de Neith Isis, no Egito.

Os sacerdotes egípcios, desconfiaram do neófito PITÁGORAS, com justa razão, porque os misté-

rios das coisas, não se deve revelar, aos que não estão em condições de saber. Vejamos o que JESUS disse: — "Não lanceis pérolas aos porcos". Trinta e quatro anos, durou a ausência de PITÁGORAS fora da Grécia.

Permaneceu 22 anos no Egito, e, 12 na Babilônia. Há um anexim que diz — "Não há mal que não traga um bem". O persa Câmbises invadiu o Egito, fez correr rio de sangue, saqueou o Templo de Mênfis e Tebas, arrasou o de Amom.

Decapitou o faraó Psamético, príncipe, os principais sacerdotes e calculadamente dois mil moços. Fez prisioneiro PITÁGORAS e vários sacerdotes egípcios, que foram transportados para Babilônia.

Lá, PITÁGORAS aumentou seu conhecimento com o Masdeísmo religião que se adotam dois princípios — o do bem (Ormudz) e o do mal (Ahriman) e praticam culto da magia. Os sacerdotes dessa religião, eram conhecedores extraordinários da astronomia. Também o Magismo, religião dos Magos. E, finalmente a do profeta Daniel, na crença do DEUS único e verdadeiro.

PITÁGORAS, como homem culto e versado na ciência da transmutação dos metais ou á alquimia. deve ter tido muita aproximação e trocas de ideias, com o profeta Daniel, na Babilônia.

O conjunto dos conhecimentos adquiridos, fê-lo matesiológico. Ao voltar á Pátria, ensinou em diversos templos, tendo ajuda santa da sacerdotiza Teocléia. Em Delfos, teve vários discípulos na aplicação da magia e adivinhação, que o Templo de Apolo em Delfos, ficou para sempre notável.

Era tão extraordinário — com o

simples toque da mão nos objetos, sabia a idade deles, como também a quantidade de donos que eles tiveram.

Sua sabedoria era tão grande, que lhe deram o cognome "Mestre da Grécia".

Foi o maior ONITROMANTE, ORNITOMANTE E ONFALOMANTICO, que o mundo conheceu. De pois de regressar á Grécia, ela espiandeeu durante trezentos anos, graças aos três homens poderosos — PITÁGORAS, o herói Epaminondas e o físico Tales.

Os costumes e a moral foram restaurados. Os seus ensinões eram sublimes, nota-se a substância espiritual contida nêles, através de uma epigrafe encontrada em uma tábua funerária, que pertencera a um adepto do sistema filosófico de PITÁGORAS, em TURIUM.

Ei-la: "EU VENHO PURO ENTRE OS PUROS, Ó RAINHA DO MUNDO SUBTERRÂNEO... POIS EU TAMBÉM ME GLORIFICO

POR PERTENCER A VOSSA RAÇA BEMAVENTURADA".

Vê-se pelo epitáfio acima, que PITÁGORAS conhecia e ensinava aos seus discípulos, que existe um reino situado nas entranhas da Terra.

Se eu pudesse dar a minha opinião, expressaria no meu pensamento, que se trata de reino encantado, habitado por espíritos de natureza especial, apreciados e estimados pela valorosa família TEOSÓFICA. Mais uma vez reafirmo: As cousas que supomos não existirem, DEUS confiou a NATUREZA, para cultivá-las e proporcionar a quem procura. O distico do pitagórico sectário, faz compreender que o autor dêle, cria na existência do espírito e no reino subterrâneo.

Após sua morte física, seu espírito fariã aquela saudação á RAINHA DO MUNDO SUBTERRÂNEO, na occasião de sua apresentação á Soberana.

DICCIONARIO DEL FOLKLORE AMERICANO

Tivemos a honra de receber o tomo I do DICCIONARIO DEL FOLKLORE AMERICANO, do eminente escritor argentino — Felix Coluccio. Na República Platina irmã, representa o culto folclorista o mesmo papel de Câmara Cascudo, no Brasil, e da mesma forma que o mérito patricio do Rio Grande do Norte, tem projeção internacional.

Naquela obra monumental, ainda nas letras A e D, refere-se bastante aos motivos folclóricos, que conhece com tanta precisão, como os de sua própria nação argentina. Seus conhecimentos, como demonstra no "Dicionário", em apreço, são profundos e eruditos e é elle dos eméritos folcloristas do continente americano pelo senso de pesquisa e pela profundidade de cultura. Entre outros livros já publicou, com repercussão: VOCABULÁRIO GAUCHESCO, DICCIONARIO FOLKLORICO ARGENTINO, FOLKLORE E NATIVISMO, VOCABULÁRIO GEOGRÁFICO, FOLKLORE DAS AMÉRICAS, ANTOLOGIA IBERICA Y AMERICANA DEL FOLKLORE e outros, quase sempre esgotados.

Felix Coluccio, honra da inteligência latino-americana, tem contacto com o Instituto Cultural do Cariri e inclui em sua ENCICLOPEDIA FOLCLORICA AMERICANA trabalhos de nosso diretor — J. de Figueiredo Filho, extraiados de "O FOLKLORE CARIRI" e de "FOLGUEDOS INFANTIS CARIRIENSES".

O GRUPO FEITOSA NO POVOAMENTO CARIRI

GOMES DE FREITAS

O Ceará, como se tem acentuado é um dos estados da federação que mais rebuscam a sua história, de que são atestados a "Revista do Instituto do Ceará", "Itaytra", do Instituto Cultural do Cariri e as obras constantemente editadas pelos nossos historiadores.

Muito se tem escrito sobre os fatos do nosso passado. No entanto nota-se que a predileção de alguns dos nossos cronistas inclinam-se, não raro, para a lenda ou a simples tradição, nem sempre confirmadas pela pesquisa documental. Por essa razão, nem sempre é possível aventurar juízo seguro sobre fatos da nossa história, salvo quando eles se respaldam em documentação ou testemunho incorretos.

Foi Antônio Bezerra o primeiro a denunciar a falsidade das crônicas históricas da nossa terra, e o fez com o cérebro "a arder de ânsia pelo gostoso encontro com a verdade". (R. Girão). Em autêntico *confiteur* revela o ilustre mestre que "o Coronel João Brígido, foi, como eu, induzido a erro, valendo-se das tradições que se forjaram sem reflexão, nem tino relativamente às origens das povoações no sul do Estado". Refere ainda que o Conselheiro Tristão "nada disse dos Cariris, o que es creveu porém, a respeito dos Montes e Feitosas, à página 115, na sua "História da Província do Ceará", está longe da verdade que faz pasmar", e acrescentou que Tristão teve por discípulo Alvaro de Alencar.

Com desassombro, o autor de "Algumas Origens" lança culpa no Dr. Pedro Théberge que, com João Brígido, deu existência imaginária

ao discutido Capitão-Mór Geraldo de Monte, situando-o na fazenda Pilar, proximidades do Icó, que a meu ver ali não residiu, e na Capitania do Ceará não tomou parte nas refregas das duas famílias que com ódio fermentado nos currais do São Francisco, se matavam mutuamente "lembrados das competências, que seus ascendentes entre si tiveram no Rio do São Francisco, donde vieram para esta Capitania, e que da devassa que tirei das sublevações da dita Ribeira do Jaguaribe, assim consta". (Da carta do Desembargador Antônio Marques Cardoso, R. I. C. 1964).

Não seria proveitoso pretender contraditar a Antônio Bezerra porque ele está com a razão; a história dessa luta que é também um longo período da nossa história, está povoada de lendas e inçada de enganos. Provas inequívocas temos; nos Inéditos do Barão de Studert e na Carta do Des. Antônio Marques Cardoso, que esclarecem convenientemente o assunto e bem evidenciam equívocos dos nossos historiadores.

Estas ligeiras considerações nos vêm a propósito de um interessante trabalho de autoria de J. Calippe, publicado no número 11 de "Itaytra", revista do Instituto Cultural do Cariri, sobre a personalidade do saudoso Cônego Manuel Feitosa, que chegou no Crato em 1917. Nesse trabalho, no qual o autor ressalta com justiça a obra daquele virtuoso sacerdote rebuscador ao convívio humano, há uma assertiva que carece de fundamento, e precisa ser reparada a bem da verdade histórica. Não sei em que

se apciou J. Caliope para afirmar que — “O Cônego Manuel Feitosa foi o primeiro desta familia cearense que passou a residir no Cariri”. Exatamente o contrário referem os documentos. Senão vejamos: o volume 6.º, de Datas de Sesmarias de Ceará, à página 115, reza que Lourenço Alves Feitosa, (Feitosa por parte do pai e Gomes pelo lado materno, segundo Borges da Fonseca), e os seus companheiros: Carlos Gomes da Silva e Gonçalo Paes Chaves, em 1710 — “com grande risco de suas vidas” conquistaram 3 olhos d’agua no Cariri, nas ilhargas do Riacho dos Porcos. Não se domiciliaram nos seus novos domínios, apenas Carlos fêz pose na parte de cima perto da Serra que recebeu seu nome, ou seja Serra do Gomes.

Não se domiciliaram no Cariri pela seguinte razão: antes 3 anos, os Gomes e Feitosas invadiram a parte central dos Inhamuns; os Feitosas assenhorearam-se das terras do gentio joquo, com variantes joqua, jucá, jucã, joco, ou ainda jocu como grafou o Pe. Ascenço Gago. Antônio Bezerra porém chamou imprecisamente de “Vocoró, hoje São João”. O V não tem vez no tupi antigo. Deve ser Jocoró Oró, boqueirão e joco, tribo que deu nome àquele curso d’agua. Eram esclarecidos os Feitosas, e, na sua petição, escreveram joqucyu (yu-beber agua) grafia que está de acordo com a pronúncia representativa dos anos. E foi na foz do riacho onde bebia o Jucá, que Francisco Alves Feitosa levantou currais, cascas e uma capela de taipa e a 3 leguas de distância subindo aquele curso d’agua montou seu irmão Lourenço a fazenda da Serra. (Datas de Sesmarias, vol. 4.º página 30).

Os Gomes e seus parentes Ferroiras prosseguiram na jornada pelas margens do Jaguaribe, andaram mais de 8 ou 10 léguas acima dos Boqueirões, já pisavam terras; nunca visadas pelos brancos, nos confins do rio principal, onde confluem o Hohacuiúba e o Quintirire, que evoluíram para Trici e Carrapateira, chamados imprópriamente Manuel Lopes pelos organizadores de “Datas de Sesmarias do Ceará”, exatamente onde começa o Jaguaribe, e como marco confirmativos da posse, chantaram cruzeiros, assentaram um arraial para a defesa dos moradores, situando duas fazendas de gados de criar, estabelecendo um consórcio rural nos Inhamuns, ao qual denominaram — “Fazenda da Barra da Sociedade”. (Datas de Sesmarias, vol. 5.º páginas 14 e 34, e vol. 10.º, página 101).

Outros vieram logo depois, pediram mercê das terras desbravadas, mas não povoaram e abdicaram de seus direitos sobre elas. Teixeira Cavalcante, na “Gazeta de Notícias”, edição de 7.1.º.1954 informa que — “As duas exceções verificadas nos Inhamuns a essa regra de adquirir terras e delas não se aproveitar, são a favor dos povoadores dos rios do Jucá e do Trici. Naquele domina a familia Feitosa, e neste mandam os Gomes, seus requerentes e posseiros com já um lastro de tempo próximo de dois e meio séculos”. Retornemos ao assunto que serve de tema a esta crônica, ou seja, participação do grupo Feitosa na conquista, no povoamento e na formação das gens, do Cariri. No limiar do século XVIII, Francisco Ferreira Pedrosa, filho de Cosme Ferreira da Silva e Albuquerque, penetrou na parte centro sudoeste

da Capitania do Ceará, com sua bandeira astartando a índia com assalto; aos seus domínios: "Fêz várias conquistas de índios bravos, à sua custa, como fôsse a aldeia do Jucã, do Brejo Grande e algumas dos Caratiús". (Dos Inéditos do Barão de Studart).

Precisamente há 250 anos, (quanto tempo viveu no estracismo), subiu o rio Cariú, em 1717, (Datas de Sesmarias, vol. 10.º, pág. 91), — o Ajudante Francisco Ferreira Pedrosa, com espírito de colonizador, enamorou-se das terras do Brejo Grande (Santana do Cariri), e as elegeu para seu domicílio. Matrimoniado com Josefa Maria, filha do Coronel Francisco Alves Feitosa, houve do casal vários filhos. (Dos arquivos de Monseñer Couto).

Com grande evidência no meio em que atuou, temos ainda Arnau de Olanda Correa, casado com uma neta do Coronel Feitosa do Inhambuns, que ocupou cargos de relêvo, foi, em 1762, Juiz Ordinário de S. José dos Cariris, e seu Sargento-Mór, para 3 anos, depois galgar, com primazia, o alto posto de Capitão-Mór do Crato. Seu filho, José de Olanda Cavalcante dono do Engenho Monte Alegre, nas plagas caririenses, faustoso também, ostentou as insígnias de Capitão-Mór, informa com segurança

o historiador Pe. Antônio Gomes. (R. I. C. 1953).

Uma das figuras mais curiosas da nossa história é, sem dúvida, o filho de Arnau, de nome Manuel de Barros Cavalcante fugitivo de Crateús, após ter cometido hedionda chacina: matou a esposa pecadora nefanda, o corruptor dela, e a negra alcoviteira. Atraído ao local pelos gritos lancinantes das vítimas, também foi abatido o sôgro. O crime foi estrondoso segundo o Ouvidor Carvalho, que tirou devassa do caso no começo do século pretérito. (Inéditos do Barão de Studart). Na sua fuga, foi ter no Brejo Grande, que adotou para domicílio. Pelos serviços prestados à causa da consolidação do nascente do Império brasileiro, chegou a coronel de Cavalaria e teve seu nome indicado, em 1847, para o lugar de um dos pares de D. Pedro II. Foi um dos grandes do Cariri. (Vide "O Clã de Santa Quitéria", de Nertan Macedo, 1967, pág. 35).

Vê-se, pois, que há 200 anos antes do saudoso Cônego Manuel Feitosa, já muitos dos seus antepassados da família Feitosa se haviam fixados nas terras ubertosas do vale do Cariri, e o fizeram com ostentação e relêvo, influndo no panorama sócio-econômico daquela região do sul do Ceará.

OPÚSCULO DOS ADVOGADOS DRS. JOSÉ DE SIQUEIRA CAVALCANTI E ANTINARDI PADILHA FILHO

Recebemos o bem confeccionado opúsculo, com o título de "Reconsideração do Ato de Demissão no Inquerito Administrativo N.º 12.544/68 - S. P. de autoria dos advogados — Dr. José de Siqueira Cavalcanti, nosso colaborador e conterrâneo e Dr. Antinardi Padilha Filho. Foi apresentado ao Exmo. Sr. Governador de S. Paulo a favor do Delegado de Carreira — Dr. Antônio Celso Maschietto. E' defesa é bem fundamentada, mostrando os conhecimentos jurídicos dos dois causídicos, que são nomes bastante conhecidos e acatados, em S. Paulo. Pelo que se lê no bem elaborado trabalho daqueles eminentes advogados, com alicerces jurídicos bem sólidos, a causa é bem justa e merece despacho favorável.

SÔBRE APOTEOSE DO BANDITISMO

O trabalho APOTEOSE DO BANDITISMO, vem de escrevê-lo o estimado amigo e conterrâneo advogado Duarte Júnior. É, antes de tudo, uma excepcional e magnífica colaboração de um iceceista para o XIII número de "Itaytera".

Duarte — um autêntico autodidata — revela-se, através dos tempos, um estudioso apostolar, e sua inteligência, fértil e poderosa, produz, de quando em vez, escritos dessa natureza, que fazem elevar — muito aliás, o já expressivo índice da intelectualidade em nosso meio.

Quem tiver a oportunidade de ler "Apoteose do Banditismo", enfeitado em apenas dezesseis páginas datilografadas, colherá, automaticamente, a impressão de haver feito a leitura (talvez leitura dinâmica) de um volumoso livro de alto significado na contextura histórica da vida nordestina. Entendo que há realmente ali um poder de síntese, de pesquisa e de conhecimentos próprios e básicos.

Parece que há muita novidade, mesmo em relação a aspectos já enfocados por intelectuais também talentosos e interessados.

O autor começa a relatar história desde a instauração dos regimes republicanos-democráticos nestas terras da Sul-América, e chega até os dias da Revolução Brasileira de 64.

O termo democracia deve significar, em sinonímia, civilização, desenvolvimento. Ora, se a esta al-

tura dos tempos, ainda somos subdesenvolvidos, não resta dúvida sobre a prematuridade dos regimes democráticos, descrita por Duarte, com tanta precisão. Felizmente, face a essa conturbação social, econômica e ideológica da atualidade, as democracias estão sendo profundamente modificadas, à luz de uma filosofia realista e merecedora da confiança geral, afim de que possam se adaptar, nos dias presentes, às exigências naturais de países adiantados — como a França e atrasados — como o Brasil.

O que muito prende a atenção do leitor, é o aspecto referente às oligarquias que se formaram e governaram os Estados do Norte e Nordeste. Tão expressiva a relação de nomes citados, que já seria suficiente para a formação de uma grande "galeria" de oligarcas !...

No Ceará, então, foram enormes as suas dimensões, tudo girando em torno da família Acyoli — gente aquela, segundo opinião dos que a conheceram melhormente, — era detentora de boas qualidades pessoais.

Na verdade, o que se podia taxar de prejudicial a absorvente na vida político-administrativa do Estado, residia era no oligarquismo governamental, em cujo peculiar obscurantismo, omitia a razão do progresso e do desenvolvimento e esterilizava o campo no sentido de evitar o surgimento de lideranças imbuidas de nova e elevada mentalidade.

No interior cearense, o oligárquico "coronelismo", ignorante e prepotente, atingiu o auge do predomínio, sobretudo no Cariri. Tanto que, embora já sob a influência de um fenômeno ou anomalia político-religiosa, chegou a der-

rubar Governo, num movimento sedicioso, impatriótico e óco, cuja feição e efeitos negativos se estenderam ao longo da vida desta Região.

O banditismo — ênfase no trabalho de Duarte — sustentáculo oficioso do poderio dos chefes ou comandantes interioranos, além dos seus próprios crimes, degenerava-se estimulando a formação de grupos de cangaceiros propriamente ditos, que infelicitaram, por longo tempo, a vida nordestina, com o assassinio, roubos, defloramentos e outras desgraças do seu programa de ação.

Em análise ao trabalho em referência, concluiu-se ter havido um

perfeito encadramento dos fenômenos: — imaturidade das democracias — oligarquismo — banditismo.

Suponho que Duarte preparou uma excelente plataforma, cabeçade-ponte ou roteiro, pelo menos no plano político-governamental, para a formação da história autônoma do Nordeste, já que esta típica Região, ora tão em voga nos programas desenvolvimentista nacionais e estrangeiros, apresenta, com relação ao resto do País, um mundo de peculiaridades, quer de cunho demográfico, histórico, econômico ou social.

De parabens Duarte, o Cariri, o Ceará e o Nordeste.

INICIATIVA DO DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA E DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA F. F. C.

A Faculdade de Filosofia do Crato é sempre dinâmica em sua atuação, nesta zona. Seu diretor e professores são atualizados, contando com o apoio decidido do esforçado corpo discente. Os departamentos, acima citados, iniciaram série de estudos, contando com a prata de casa. Provou assim que os caririenses estão bem amadurecidos, capazes de expargir luzes, em torno de si mesmo aqueles que não cursaram universidades. É o caso da palestra do tabelião Antônio Machado, na Faculdade de Filosofia, focalizando figura universal de Napoleão Bonaparte. Seus conhecimentos sobre a grande figura do Corso são de pasmar a todos que lho ouvem qualquer dissertação do assunto. É homem de palavra simples que poderia figurar, com segurança de êxito, no programa de J. Silvestre da Rádio Tupi, tão ouvida no meio cratense.

A outra conferência, digna de registro especial, foi a de Expedito Cornélio, competente e bem orientado dirigente da CELCA, na região do Cariri. Constituiu das mais proveitosas noitadas, no ponto de vista de interesse econômico, já realizada no meio. Sua palestra foi fluente, precisa, baseada em dados exatos, convencendo da prospera e segura a direção da CELCA, no Cariri. Ambos os palestrantes são juazeirenses e mostraram que a prata de casa é bem inteligente, não fazendo papel feio em qualquer lugar, equiparando-se aos mais cultos conferencistas que nos chegam de fora.

PEDRO JAIME DE ALENCAR ARARIPE

ANTÔNIO DE ALENCAR ARARIPE

É êsse o nome de meu avô paterno, cariense nascido a 17 de Outubro de 1809, casado a 23 de Outubro de 1835, em Quixeramobim, onde residiu e faleceu, do colera morbus, a 3 de julho de 1862.

Sua mulher, Isabel Vandinar Araripe, antes Isabel Sabina da Silva, nascida no Icó a 11 de julho de 1810, era filha de José Joaquim da Silva Lôbo e Simôa Joaquina da Silva Lôbo, aquêlé, segundo João Brígido, natural de Assú, família Câmara Cabral, e antigo comerciante na referida cidade cearense, na qual, por se ter pronunciado em favor da revolução, escapou de ser v.tima dos "carcundas", refugiando-se, então, no Rio Grande do Norte, de onde depois se transferiu para a Fortaleza, e aqui conseguiu "obter as graças dos poderes e fazer-se nomear Tabelião de Quixeramobim". (1)

Meu tio Pedro Jaime, professor público, advogado, deputado provincial e chefe político em Mombaca, em apontamentos deixados à família, registra que seu pai, na idade de 14 para 15 anos, muito sofreu na expedição de 1824, tendo perdido o progenitor, o malogrado Presidente da República do Equador, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, morto no povoado de Sta. Rosa, às margens do Jaguaribe, quando ele tinha 15 anos, um mês e sete dias.

No trabalho sobre "Alencares de Sangue e Afiris", inserto no "Jornal do Comércio", do Rio, de 9 de julho de 1920, refere J. Nogueira Jaguaribe que "José Martiniano de Alencar (o Senador Alencar), ven-

cida a revolução de 1824, fugiu para o Exú, acompanhado dos seus parentes Pedro Jaime de Alencar Araripe, Joaquim Antão de Carvalho, Manoel Artão de Carvalho, João Franklin de Lima e mais cem soldados fiéis, com o intuito de homisiar-se na Bahia".

Foi a êsse tempo que ocorreram os padecimentos, de que nos dá notícia a crônica da família, envolvida diretamente nas insurreições de 17 a 24.

"Alguns atos mais notáveis de minha vida" — assim os assinala, de próprio punho, em notas que tenho à vista, meu sobredito ascendente, por via paterna:

a) Fui provisionado de Professor de Primeiras Letras para Quixeramobim em 1829, cargo de que tomei posse a 15 de julho do mesmo ano, com os vencimentos anuais de 300\$. (ora 300 cruzeiros). Dei minha demissão ao Governo da Província a 31 de dezembro de 1835. Foi este o primeiro emprêgo público que ocupei, sem nota alguma publicada. (2).

b) Em 1837, na lista tríplice do votados para Juiz de Paz, em Quixeramobim, fui pelo Governo tirada para servir o ano;

c) Em data de 17 de maio do mesmo ano fui competentemente nomeado Escrivão de Troco da Moeda de cobre com o vencimento mensal de trinta mil réis. (3).

d) Em 1840 fui nomeado pela respectiva Câmara de Juiz de Direito "hac hoc" para julgar certas causas civis em que o Dr. Juiz de Direito se dera de suspeito;

e) Em 1841, sendo o 1.º proposto

a 23 de abril pela Câmara Municipal na lista triplíce ao Governo Provincial para Juiz Municipal, fui pelo mesmo Governo escolhido e titulado, e exerci o cargo, então, interinamente, de Juiz de Direito, que se achava vago”.

O Ofício dirigido pela Câmara Municipal de Quixeramobim ao Presidente da Província, a 8 de julho de 1833, costum seu nome entre os Vereadores sinatários.

A sua qualidade de jurado naquela antiga comarca também consta de lista anexa o Ofício da dita Câmara expedido em 1833.

Pedro Jaime foi nomeado, em 1847, Tenente Coronel da Legião de Quixeramobim, onde chefiou o Partido Liberal e veio a falecer (3.7.61), às oito horas da manhã, após 3 dias de sofrimentos, com 52 anos, 9 meses e 16 dias de idade, e 26 anos, 8 meses e 10 dias de casado. (4).

(1) O “Unitário, n.º 2.224, ano XIV, de 10/9, narra:

“Existiu no Icó nos últimos dias da Independência, à rua das Almas, uma família de mulheres livres, conhecidas por Caranhas.

Ali se reuniam os “carcundas” exaltados partidários da realeza, e num dia resolveram matar o “carapuça”, formando-se um bando armado, que partiu para a casa de dona Isabel, viuva de Manoel Brígido, onde o “carapuça” se achava (cunhado dela).

Por êsse apelido era conhecido o negociante e patriota José Joaquim da Silva Lôbo, que morreu depois de 1846, sendo natural do A'sú”.

A propósito, adianto que a avó de Jcão Brígido era irmã gêmea da avó de meu pai, conforme sempre ouvi a família.

2) O Mapa da Escola Pública da

cidade, datado de 7 de julho de 1832, relaciona como aluno, matriculado a 18 de janeiro de 1830, com 12 anos de idade, Tristão Tertuliano de Alencar, filho de Ana Triste de Araripe.

Trata-se, de certo, de seu irmão, que depois veio a assinar-se Tristão de Alencar Araripe, e a ocupar funções de alto relevo na vida pública do país, como sejam as de Presidente das Províncias do Pará e do R. G. do Sul, Ministro da suprema côrte de justiça do país, no anterior e no atual regime, e Ministro da Fazenda no Governo de Deodoro da Fonseca, gozando de justa nomeada como jurisconsulto e historiador.

(3) Na História Econômica do Ceará, de Raimundo Girão, encontram-se referências aos “postos de troço do dinheiro de cobre” pelo papel moeda (págs. 261/265).

Ao discutir projeto sobre o meio circulante, tratando da “eterna questão do “cobre” chaga e miséria do Brasil durante tantos anos”, Feijó ofereceu-lhe emenda, que versa sobre as providências afim de que “hajam as necessárias “casas em que se troquem as cédulas” emitidas “pelo cobre” necessário para o troço”.

(Otávio Tarquino, “Diogo Antônio Feijó” pág. 187).

(4) O sítio “PAU SECO”, que José Carvalho diz ficar ao rascente da Vila, distante desta uns 10 quilômetros”, e pertencer a dona Barbara de Alencar, (“D. BARBARA”, ed. 1917, pág. 11), consta do inventário de João Gonçalves Pereira de Alencar, ter sido adquirido por êste mediante HERANÇA MATERNA e “compra a diferentes herdeiros” da predita heroína, entre os quais se nomeia Pedro Jaime, néto da mesma.

Era o dia 17 de novembro de 1958. Às 4,30 da madrugada de uma segunda-feira, há precisamente dez anos, em sua velha morada do "Buritizinho", como êle carinhosamente costumava chamar aquêlo sítio, morria, com a avançada idade de 75 anos bem vividos, um dos homens mais conhecidos em Crato, naquela época, não obstante sua condição humilde de simples escrivão de Órfãos: Cícero Bezerra Lôbo.

Desaparecia, deixando, após si, uma numerosa prole de dezesseis filhos, uma centena de netos e vários bisnetos, a quem dedicara tôda a sua vida e seu amor.

Embora pertencendo a duas famílias tradicionais pelo renome e pela riqueza no Cariri: Bezerras e Lôbos; morria pobre, deixando, como fama, sua honestidade, conhecida e apregoada por todos; e como fortuna, a numerosa prole, sua grande glória.

Órfão de pai, em tenra idade, com apenas seis anos, teve uma infância triste e sem conforto de uma criança sem lar. Muito jovem ainda, com dezenove anos, casou-se com uma menina pobre de dezesseis anos incompletos.

Seria impossível narrar todo o sofrimento daquêle casal de jovens no início de sua vida conjugal. Só Deus sabe a luta para criar os filhos que, um ano após o casamento, começaram a aparecer, enriquecendo de novas dificuldades daquêle lar de gente pobre.

Mas Cícero era um homem de vontade; e Bilica, a menina que escolhera para sua consorte, era uma mulher afeita às privações e resignada às agruras de uma existência difícil. Nela, Cícero encontrou aquêlo tesouro de que fala a Bíblia: Uma mulher forte.

Foi dura a vida para ambos, mormente no início. Tudo fez Cícero para melhorar sua situação, seja na agricultura no Cariri, ou como vendedor de pão num bairro do Rio de Janeiro, para onde fôra na doce esperança de melhores dias e de onde voltou sem nada trazer. Mas em todos os momentos de sua vida, pôde contar com a compreensão e a ajuda irrestrita de Bilica, a mulher que soube compartilhar de suas alegrias e tristezas durante a longa vida de 56 anos de feliz consórcio.

Cícero Lôbo foi um autêntico autodidata. Sua vida escolar na infância, sem pai, não chegou a um ano completo e somente depois de casado, frequentou, por alguns dias, as aulas do famoso Prof. Zuzá Bezerra de Brito. Mesmo assim, sabia falar e escrever, evitando erros tão comuns até em pessoas cultas. Lia maravilhosamente bem. Era um prazer ouvi-lo lendo.

Em sua juventude, floresceu no Crato e arredores, um grupo de bardos, verdadeiros aedos, que erchiam de alegria e poesia as notadas de festas populares. Também Cícero fez parte desse grupo compondo seus versos com o pseudônimo de Róssio. Infelizmente

sua produção poética se perdeu. Já no fim da vida, levado pelo espírito religioso, fez três sonetos tendo como inspiração a estatus de Cristo-Rei da Praça Francisco Sá, e que se vê de longe ao entrar em Crato.

Apesar de ser um homem autoritário, era simples e muito estimado por quantos privavam de sua amizade. Sua palestra era sempre séria, muito interessante e agradável.

Era seu hábito levantar-se cedo, e, após um banho frio que jamais dispensava, tomava algum alimento, sempre com leite, e se dirigia para seu Cartório em Crato. À tarde ei-lo de volta, como na ida, sempre a pé, saudando a quantos encontrava pela estrada. Jantava e se punha a ler ou a fazer seus célebres palitos, que distribuía com os amigos de Crato e de outros lugares.

À noite, mesmo se houvesse visitas, reunia todos e rezava o terço em família, o que fazia sempre

de joelhos, do início ao fim. Em seguida, ia deitar-se. E a partir desse momento, devia reinar quase total silêncio em casa.

Quando alguém lhe perguntava como ia passando, era sua resposta invariavelmente: "Perfeitamente bem"! Costumava repetir frequentemente: "Graças a Deus, graças a Deus". E foram estas suas últimas palavras antes de entrar no coma que precedeu a sua morte.

Cícero foi um varão intransigente na prática de seus deveres e neste caminho procurou educar seus filhos a quem muito amava apesar de ser um homem sisudo e aparentemente sem carinho.

Dentro daquela austeridade, porém, deixou à sua descendência o maior legado que se poderia transferir a toda uma geração: o exemplo de honradez e integridade com que se deve plasmar a vida dos homens de bem.

Feira de Santana, Ba, 17.11.68

CLUBE DOS LOJISTAS, EM CRATO

Foi reunião das mais importantes, nesta cidade, o jantar festivo na CANTINA 1.100, na noite de 7 de Junho, na qual foi fundada o CLUBE DOS LOJISTAS DE CRATO. Comitativa de seu patrono de Fortaleza, veio tomar parte na posse de sua primeira diretoria, que foi escolhida entre os mais dinâmicos e evoluídos comerciantes de Crato. A fundação daquele clube de homens de negócios, despertados para nova mentalidade, foi recebida, no meio, com o máximo de entusiasmo. A impressão que se teve, pela numerosa assistência, apoio de todas as entidades sociais de Crato, foi de que a semente caíra em terreno propício. Nossa urbe ficará com mais outro clube a prestar-lhe serviço e a cooperar pelo seu crescente desenvolvimento. A presidência recaiu sobre a figura do jovem empreendedor, do alto comércio cratense — José Miguel Soares. O Instituto Cultural do Cariri fez-se representar naquela expressiva reunião.

PEQUENO HISTÓRICO DO MOVIMENTO BANDEIRANTE EM CRATO

ABRIL DE 1959 — Em reunião do Lyons Club do Crato, o leão Celso Aires de Anchieta idealizou a fundação do Movimento Bandeirante em Crato, tendo recebido o apoio dos Leões componentes daquele Club de Serviço. Após a criação do Movimento, Rotary Club e a Sociedade Crato emprestaram-lhe o calor do seu apoio.

Foram conselheiras — Florita Anchieta, Gerarda Nogueira, Albôr Mota e Daisy Alencar.

MAIO DE 1959 — Viajaram à Fortaleza afim de fazerem um curso intensivo de 3 dias as moças escolhidas para chefes: Rita Solano Feitosa, Marly Borges, Magdala Linhares e Valdenia Pinheiro.

Aqui chegando se dedicaram com carinho ao grupo de bandeirantes que iriam formar.

AGOSTO DE 1959 — No dia 11 de Agosto durante bela cerimônia e com a presença de D. Susana Bonfim Borges, fizeram a Promessa, 23 Bandeirantes. No dia seguinte durante a sessão presidida por D. Susana, ficou constituída a Diretoria do Conselho em Formação de Crato.

Presidente	: ALBÔR MOTA
Vice-Presidente	: GERARDA NOGUEIRA
Secretária	: MARIA DAISY OSTERNE DE ALENCAR
Tesoureira	: NOMÉSIA LEITE MEDEIROS
Chefe de Loja	: MARIA ALICE ESMERALDO RAMOS
Senhora de Conselho	: FLORIDA ANCHIETA

OUTUBRO DE 1959 — As chefes e algumas bandeirantes participaram de uma reunião de Bandeirantes em Fortaleza.

NOVEMBRO DE 1959 — Em virtude de dificuldades financeiras surgiu a necessidade de se fazer uma promoção e assim nasceu a idéia de se realizar a 1a. festa de Debutantes de Crato.

Assim durante este mês recebemos a visita das treinadoras da Região: Silvia Bonfim e Silvia Miranda e houve modificações no Conselho, devido a mudança de algumas conselheiras para outras cidades.

DEZEMBRO DE 1959 — NATAL, com a participação das conselheiras e bandeirantes. Troca de brindes e espírito Cristão.

ABRIL DE 1960 — Com a vinda da treinadora Silvia Bonfim realizou-se a **PROMESSA DAS PRIMEIRAS CONSELHEIRAS**: Gerarda Nogueira, Nomesia Leite de Medeiros, Maria Daysi Osterne de Alencar, Mirna Macêdo Rache, Elizaura Lucetti, Elza Pimentel Sampaio, Lúcia de Castro Pinho e do Assistente Eclesiástico Pe. Agio Moreira.

MAIO DE 1960 — Ida à Fortaleza da Presidente Gerarda Nogueira para o encontro de Conselheiras em Iparana, aliás, de muito proveito para o Distrito em formação de Crato.

MAIO DE 1960 — Dia 30, dedicado a Sta. Joana D'Arc, houve a Páscoa das Bandeirantes.

No Centenário da Capela de Araripe - Exú

Discurso de
ANTOLIANO ALENCAR

Ilustres Autoridades.

Exmas. Senhoras.

Meus Senhores.

Sou o que sempre fui, não pretendo e nem quero ser mais do que sou. Venho da "Caiçara", pertencço ao "Araripe", fui do "Panorama" e sou da "Rumânia".

Sim, com seu João Carlos e Siá Dordinha se não aprendi a viver, pelo menos aprendi a passar. Sou sexagenário e vou passando. Deus seja louvado.

Essa famosa lembrança de um passado que ninguém esquece, que o presente confirma e a posteridade renderá a sua homenagem, hoje, aqui, se retrata em tela que o próprio tempo não teve tempo de consumir e fazer esquecer. A lembrança da figura do velho pioneiro, Leonel Pereira de Alencar Rêgo, atravessando sertões sem estradas e caatingas em hospitalidade, aqui, bem pertinho desta capela e desta casa senhorial de que festejamos o centenário, jamais constituiuira muito antes a secular Mansão da "Caiçara", berço venerável dos nossos avoengos e que já deu ao Brasil devotados sacerdotes, renomados médicos, grandes engenheiros, afamados bacharéis, respeitados juriconsultos, ilustres juizes, inteligentes promotores, conceituados advogados, valentes soldados, generais e invictos soldados almirantes, muitos romancistas, sociólogos, escritores, poetas, dois presidentes, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, da efêmera república do Equador e Humberto de Alencar Castelo Branco, da república Brasileira,

ministros e governadores de Estado, senadores, deputados federais e estaduais, prefeitos, servidores, centenas e centenas de agricultores e criadores, políticos liberais e democratas, heróis e heroínas, dignificando e honrando as tradições de liberdade, civismo e cultura do povo brasileiro. Esta assertiva foge ao conceito da ocididade e do expressionismo por ser verdade patente.

A comemoração do centenário desta capela que os Barões do Exu fizeram erguer, tendo como patrono o Precursor de Jesus, aquele que pregou no deserto e teve a cabeça decepada a pedido da pequena Salomé, advertida por Herodiades, esposa de Herodes Antipadro, Tetrarsa da Provincia da Galiléia, ao tempo do Cesar Tibério, nasceu de um voto daqueles fidalgos Alencarinos. O voto, qual tenha sido a Fé e a Esperança de que maléfica epidemia não atacasse o Exu, foi solenemente cumprido. A capela foi erguida e a nós nos deixou em testamento de seu próprio punho, a continuação do festêjo.

Era a crença do homem que, não podendo viver sem Deus, o procurou e ainda o procurará por todos os séculos.

Nos vastos milênios da humanidade, o homem não descobriu ainda o mistério que o rodeia. Aqui no Brasil, o simbolo da Cruz foi sempre evidente. Na Baía, ergueram-no ao Senhor do Bonfim, no Rio a S. Sebastião, no Recife a Senhora da Penha, no Exu ao Bom Jesus dos Aflitos e aqui no Araripe a S. João Batista. Sim, ao Precursor de Jesus, pés descalços, braços

nus, inteligência fulgurante e sublime, percorreu a Judéia anunciando a chegada do Messias, seu contemporâneo a quem batizou nas águas sagradas do Jordão. Está explicado o motivo desta solenidade. Cem anos no calendário do tempo!

Senhores. Para essa comemoração, condições especiais concorreram. Em primeiro lugar uma revivência do passado. Em segundo uma obrigação a encargos de família. Em terceiro, a lembrança de Luís Gonzaga, este cabôclo, este artista, este inexplicado e explicado Luís Gonzaga que, na música artística popular deste Brasil venerando e venerável, tal qual Henrique Dias expulsando os Holandeses, Patrocínio ajoelhando-se aos pés de Isabel no dia da libertação dos escravos, este Luís Gonzaga cantou, redimiui e reabilitou o *baião* de que é rei e continuará sendo magestade! Já pensastes senhores, neste animal humano, meu irmão e meu amigo, pretinho como eu e o negro Clóvis, ao pé do rádio, na televisão, ganhando com o "Araripe" com o "Exu", com "Pernambuco", com o "Nordeste", cantando a "Aza-branca e o Sabiá"?! Sabéis vós, senhores, que Luís Gonzaga reabilitou o *baião*, tal qual o fêz Catulo da Paixão Cearense reabilitando o violão, cantando "Os olhos dela" numa noite inesquecível em que Julio Dantas, diplomata e escritor português, em companhia de illustres homens de letras, em um solar da "Gávea Pequena", depois de recitar a "Cêia dos cardiais", vomitou indigestado da feijoada com toucinho, costelas de vaca e caçaça vinha do alambique?! Sei que sabeis de tudo isso. Não é admirável a reabilitação do *baião*

música papular, nascida deste cabôclo nordestino, no Sul do País?! Esse mérito lhe cabe. Ninguém lho toma. É dele. Guarda Luís esse troféu. Três cabôclos, eu o diria melhor, três negros formidáveis. Um expulsando os Holandeses, outro redimindo uma raça, este fazendo entrar o *baião* nos salões nobres do mundo brasileiro. Já é tempo de calar, senhores, pois já falei demais.

Embora não vos tenha falado de Leonel Pereira de Alencar Rêgo, vindo de "Lamêgo", em Portugal mandado sair pelo Rei por ser contrário a sua dinastia e desejar a república; embora não vos tenha falado de Joaquim Pereira de Alencar e de sua mulher Teodora Brígida de Alencar, dando ao mundo Luí's, Bárbara, Inácia, Josefa e Antônia; Embora não vos tenha falado de Bárbara Pereira de Alencar, heroína de 1817 e 1824; embora não vos tenha falado em Inácia, da "Canaveira"; embora não vos tenha falado de Luís Pereira de Alencar e de sua mulher Ana Pereira de Alencar, dando ao mundo Luís Pereira de Alencar Araripe e Gualter Martiniano de Alencar Araribe, por que deles só a tradição respeitosa a venerável que seu João Carlos e siá Doninha me contaram em vagos episódios.

Venho, entretanto, falar-vos do velho Luís Pereira da "Caçara" gritando por Zé Cassaco para recolher aos chiqueiros os bodes e as ovelhas, recomendando a Martiniano Gervasio Campineiro a castrados novilhotes e mandando Gregório ir a s Campiñas matar a onça que lhe dizia-mava os rebanhos, venho falar-vos dos Barões do Exu, verdadeiros fidalgos na accepção inteligente da palavra, quando ele, o Barão, montado no seu cavalo

"Paquêto" revistava suas propriedades, acompanhado do negro Anastácio que lhe serviu de págem até que o negro Plácido o substituiu-se; Venho falar-vos de Manuel Aires, chefe politico, prefeito e deputado, telegrafando ao governador: Manuel Eorba e aguardando no mesmo dia, a resposta satisfatória; venho falar-vos de João Baptista Moreira de Alencar, pioneiro da cultura do algodão nesta terra: venho falar-vos de meus pais, herdeiros do recurso e da fidalguia dos Barões do Exu; venho falar-vos de Sinhô Prêto, mortando no "Pinto Macho", pegando com seu cachorro, no chapadão do Ardré, o boi caviloso, de meu tio Alencar, sosinho, meia noite em ponto; venho falar-vos de João Carlos de A. Araripe, para mim o homem melhor que Deus pôs ao mundo, reclamando de quem quer que fôsse a roçagem das estradas, tal qual ele cuidava dos seus; venho falar-vos de Cinquinato Sete, prematuramente desaparecido, reiniciando em 1918 os festejos interrompidos desde 1899, com a morte da Earonesa; venho falar-vos de Antônio Raimundo Irineu, Manuel Ludugério, Tomás, José Rufino, Praxedes, Antônio Jacob, Bahé, vaqueiros dos nossos gados; venho falar-vos de Felícia, de Nóra, da velha Rosa cantando as novenas de S. João; ora, senhores, agora venho falar-vos do meu idiotismo que, falando de muitos, não falei de nada. Perdoai-me. Que mais vos poderei dizer? Digovos, apenas, que o Araripe é um filho da Caiçara e eu vos falei de tudo isto, rememorei o que pude. Mas, vos dêvo dizer: — O Araripe é o badalar do sino da Capela; um soprar de vento pêlo vale; um oiro fulvo no poente com tropéis de nuvens; um latêjo da terra fecunda:

velhas arvores esbravejando frondas escuras e lançando benção aos campos dominando almas com vibrações, palpitando e estremecendo em cada folha, em cada rósa, em cada pedra, no gesto religioso dos velhos troncos patriarcaes de que desceidemos; no tinido longinquo dos chocalhos de cobre dos rebanhos, no urro formidável dos écos e, tudo isso girta, résa, explode e murmura. Araripe. Hontem, nossos antepassados, hoje somos nós, amanhã serão os nossos sucessores: nessa interminável cadeia da humanidade, por que enquanto o vento vai levantando o pó dos que se foram, esse mundo velho sem porteira marcha no seu caminho sem solução de continuidade. Agora, eles me permitiram dizer-vos; porque sou Alencarino é que sou nobre e por ser Caiçarense é que sou rico. Vcu falar-vos de João Eadirta o Percursor de Jesus se assim não fora o meu palavriado ficaria sem sentido. João, nome de meu pai. Ana, nome de minha mãe, sim, é isto mesmo; que mais querem os senhores? a mim já me basta saber de tudo isso. Eu, filho de João e de Ana, sei que Ana foi a mãe de Jesus, num último filho é João e Ana é primeira neta; não vejo nisso admiração. Minha mulher chama-se Maria e Maria foi o nome de minha Mãe legitima, e, Maria foi o nome do carpinteirinho de Nazaré; meu primeiro filho é José e este foi o nome da espôsa da mãe do Rabi da Galiléia. Gostc da Biblia e nela tenho o meu maior livro. Em meus filhos José, Francisca, Thereza, Heitor e João, sem falar nos dois que o destino despidosamente levou, vejo a velha Caiçara e vejo o velho Araripe. Certamente direis: — velho maluco que só se ocupa de si. Tendes

o não, falando dos nossos antepassados, falando dos meus, falei de nós todos por me sempre da Caiçara, do Araripe, do Exu, dos Alencares a quem pertencemos e a quem também pertenceis e deveis prestigiar com a vossa amizade e consideração.

Povo de minha terra. Tendes sido o nosso esteio, nossa segurança, nossa defesa, nossa vitória, e, por isso mesmo estais aqui conosco neste dia de tanta recordação. Vistes assistir conosco a evocação de um passado que não morre porque pertence ao Brasil e sua história.

Que o Patrono desta humilde capelinha, patrono de todos nós, hoje, ajoelhando-se aos pés do Cria-

dor diga-lhe em tom solene e sério, muito convicto:—

“Senhor! Tu que és a suprema verdade e a suprema certeza, dame, na Tua Onisciência, com Tua Onipotência e por Tua Onipresença, como recompensa, o direito de abençoar e proteger os que estão comemorando o centenário de minha casa, desta casa que me foi erguida pelos Barões do Exu, meus por mim do que por Ti, como homenagem ao desejo de minha cabeça, perdida por Tua Santa Fé e em Teu Santo Nome. Louvado seja o Glorioso Senhor São João Batista.

Araripe, 21 de julho de 1968

ANTOLIANO ALENCAR

“ANTÔNIO CONSELHEIRO”

“ANTÔNIO CONSELHEIRO” ou A MORTE EM VIDA DO BEATO DE CANUDOS, é o novo livro do escritor cratense, de nomeada nacional — Nertan Macedo. É a vida do BEATO, filho de Quixeramobim que incendiou os sertões baianos, nos primeiros albos da República.

Nertan traçou a biografia de Antônio Vicente Mendes Maciel, produto desse misticismo exagerado que medra sempre nos meios subdesenvolvidos e ignorantes, de qualquer região do globo. Destruiu lendas que correm em torno daquele Beato célebre, que convulsionou o país com suas hordas de jagunços. Deu a filiação mística do CONSELHEIRO, filho espúrio da família Maciel, como também rebento espiritual espúrio do Apóstolo do Nordeste — Padre Ibiapina. Todos esses místicos do sertão nordestino foram cópias deturpadas daquele ilustre filho do martir da Confederação do Equador — Miguel Pereira Ibiapina.

“ANTÔNIO CONSELHEIRO”, lançado esmeradamente pela GRÁFICA RECORD EDITORA, do Rio, não é tentativa de imitação de “OS SERTÕES”, do grande Euclides da Cunha. Seu livro tem originalidade e estuda o meio de Quixeramobim, onde se originou aquele vulto, criado na caatinga braba, factor de série de tragédias, cujo epílogo foi dos dramas sinistros de nossa história. Carudos, como todos os males teve o dom de mostrar ao nú, a aspereza e o esquecimento em que vivia dos mais bravos filhos do Brasil — o sertanejo. “ANTÔNIO CONSELHEIRO”, ficará incorporado à constelação das excelentes obras de Nertan Macêdo, hoje na primeira linha dos publicistas brasileiros.

COMEMORAÇÕES DO NONO ANIVERSÁRIO DA FACULDADE DE FILOSOFIA DO CRATO

A Faculdade de Filosofia do Crato que tem dado rumos novos à educação na zona caririense e vizinhanças e já com renome nacional, comemorou condignamente seu nono aniversário, com série de programas. Houve sessões, missa, e o clássico SALÃO DE MAIO, exposição de pintura e escultura, que tem feito de Crato, dos centros mais evoluídos, neste sentido, do interior cearense. Duas jornadas culturais sobressairam-se naquelas comemorações, A SEMANA DE LITERATURA PORTUGUESA, efetuada por gente nossa e o PRIMEIRO SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DO NORDESTE, com representantes de Alagoas, Paraíba e de Fortaleza, aliás, de nacionalidade lusitana.

Foram reuniões cheias, que marcaram o interesse de nossa faculdade de letras e de filosofia, pelos problemas palpitantes que se relacionam com os tempos presentes.

De parabens, seu eficiente diretor — Prof. José Newton Alves de Sousa. Convém também salientar o papel desenvolvido, naqueles dias, pelos alunos da escola. Não se contentaram só em participar de tudo, como iniciaram, com o entusiasmo próprio da juventude, a CAMPANHA DA ARRECAÇÃO DE CONTAS DE LUZ DA CELCA, em tôdas as cidades principais do sul do Estado, em benefício das finanças de nossa pioneira escola de nível superior, agora um tanto deficientes, pelos cortes de verba oficiais.

“DISCURSOS ACADÊMICOS”

No dia 10 de Janeiro do corrente ano, mais outro caririense se empossou em cadeira da Academia Cearense de Letras. É o terceiro irmão — MARTINS a entrar ali, com o mesmo brilhantismo dos outros — Antônio e Fran. Ocupou a cadeira n.º 31, que tem como patrono o grande filósofo Farias Brito, pertencente, até sua morte, ao cratense Cursino Belém. Foi saudado em belo discurso, pronunciado pelo poeta Otacilio Colares.

Foi das mais brilhantes noites da Academia. A oração do novo acadêmico e dos mais eméritos da geração presente, se constituiu em bem feito estudo biográfico do patrono e do antecessor, figura também bem conhecida no campo da literatura e dos conhecimentos jurídicos. Claudio Martins que é dos bons poetas cearenses e cultor, dos mais ilustres, do direito, em terras do Nordeste, pronunciou empolgante e bem fundamentado discurso. Seu trabalho pode ser considerado dos melhores a serem pronunciados naquela CASA de tantas tradições de cultura das letras, em plagas cearenses.

Gustavo Barroso foi dos grandes escritores nacionais, honra e justo orgulho da terra cearense, tão pródiga em valores. Alguns de seus livros, atravessarão, vivos, gerações e mais gerações. Na qualidade de cronista histórico, apesar de fazer narrações bonitas, prendendo o leitor do começo ao fim, de quando em quando, cometa engano. A crônica não é exigente como a história em si. Dá liberdade ao acréscimo de fantasias a fim de torná-la mais atraente. Misturar, ou adulterar fatos, historicamente comprovados, é que é imperdoável. Eu simples escrivinhador de cidade interiorana, mas que tenho o bom hábito de viver agarrado a livros, de antemão penitencio-me em mostrar engano do emérito escritor Gustavo Barroso a cuja memória muito venero e a quem conheci pessoalmente, em minha própria casa, trinta dias antes de seu pranteado desaparecimento.

Transcreverei, trecho da segunda edição de "SEGREDOS E REVELAÇÕES DA HISTÓRIA DO BRASIL", pág. 114, edições CRUZEIRO, 1961. Após narrar os acontecimentos da revolta de Parnaíba na província do Piauí, sintonizando com o grito de independência de 7 de Setembro de 1822, promovida por Simplicio Dias da Silva e o juiz João de Deus Cândido e suplantada a ferro e a fogo pelo Major José da Cunha Fidié, acrescenta Gustavo:

"De posse de Parnaíba, o comandante português se imobiliza enquanto a agitação lavra pelos sertões afora. De tal modo se espalha que a Junta de Oeiras pede atemorizada o seu regresso. Mas antes que ele chegue, os indepen-

dentos, chefiados pelo Brigadeiro Sousa Martins, proclama a independência, "de mãos dadas com o Ceará", conforme reza um documento covo. Então, as milícias sertanejas do Ceará, transpondo as raias, levam socorro a gente do Piauí, chefiadas por experientes e famosos caudilhos locais, Tristão de Alencar, destinado à morte na Revolução de 1824, nos campos de Santa Rosa, e José Pereira Filgueiras, espécie de Pancho Villa, nordestino, sergipano de origem, homem agigantado e forçado, que desatolava sozinho um carro de bois e atirava de braços estendidos com qualquer um de seus bacarmates — o BOCA DA NOITE e o ESTRELA D'ALVA. Desse Hércules do sertão se conserva a lenda de ter os ossos do antebraço unidos num cano só.

Essas hostes bravias e estonteadas atacaram a tropa portuguesa regular do Major Fidié, na sua marcha de Parnaíba para Oeiras, no lugar denominado Retiro do Genipapo, a 12 de Março de 1823".

Não quero ter a vaidade de criticar trabalho de autoria de vulto tão ilustre quanto seja Gustavo Barroso. Em tal trabalho cometeu ele várias faltas, talvez pela pressa de escrever suas apreciadas crônicas na revista "O CRUZEIRO", ou noutra publicação. A história ficou truncada naquele trecho e noutros mais. A batalha do rio Genipapo, em Campo Maior, não se deu no dia 12 de Março e sim a 13. Pereira Filgueiras não nasceu em Sergipe e sim na Bahia conforme revela sua certidão de casamento, desvendada em arquivo pela argúcia do historiador cariri-

cnse — Pe. Antônio Gomes de Araújo. Mas, isso é de pouca monta. Tristão Gonçalves e Pereira Filgueiras, nos dias 12 e 13 de Março de 1823 estavam ainda, em Fortaleza, fazendo parte da Junta Governativa do Ceará. Só partiram de lá a 28 daquele mês, a mandado daquela mesma Junta que se tornou suspeita aos independentes, logo após a saída daqueles eminentes patriotas. A expedição destinada a ajudar as províncias do Piauí e Maranhão, comandada pelos dois denodados independentes, passou pelo Jaguaribe, Icó, Crato, onde se demorou aliciando homens e pondo ordem a certa anarquia provocada por elementos saudosos do poderio português, Varzea da Vaca, hoje Campos Sales, Oeiras e noutras localidades.

No rio Genipapo, havia crescido número de patriotas cearenses, mas procedentes de Sobral, Urburetama e da serra do Ibiapaba, sob o comando do Luís Rodrigues Chaves, João da Costa Alecrim e Alexandre Neri Ferreira. Foram vencidos pela superioridade de armas, de tática e porque não souberam os independentes aproveitar o terreno. O capitão Nereu, de Sobral foi quem salvou a situação, transformando a vitória de Fidié, noutra VITÓRIA DE PIRRO. Tomou o trem de bagagem do comandante luso, privando-lhe de munição de boca, de cartuxos e de medicamentos.

O experimentado comandante português não pôde mais marchar sobre Oeiras, já independente, indo para Caxias, no Maranhão, totalmente dominada por elementos lusitanos. Naquela próspera vila maranhense é que, em Julho, se encontrou com a expedição che-

fiada por Pereira Filgueiras, Tristão que ali recebeu o sobrenome nativista de Araripe, os irmãos Martins, contando também com a adesão, em massa, do Piauí e do Maranhão, que Portugal pretendia conservar para si, como acontecera com o Canadá, em relação à Inglaterra, na independência dos Estados Unidos da América.

O orgulho de Fidié impediu que se rendesse a forças irregulares nacionais. Passou o comando a seu substituto legal — Luis Manuel. As tropas brasileiras, de caballos nordestinos, entraram vencedoras, na opolenta Caxias, a 1.º de Agosto de 1823.

Gustavo Barroso, no final de seu atraente trabalho ainda diz: "Em S. Luís, a notícia da capitulação de Fidié dá ânimo aos elementos brasileiros contra a junta do Governo enfeudada à Metrópole". Ora, a 30 de Julho foi entregue aos brasileiros, comandados por Pereira Filgueiras o documento da capitulação do substituto legal de Fidié. No dia 28 de Julho, antes da queda de Caxias, Cochran dominou a capital maranhense, inermes, apoderando-se de um único barco luso comercial, que estava no porto. Só houve resistência armada em Caxias e sua capitulação, pela distância de S. Luis, só foi conhecida ali, aos oito ou dez dias de Agosto, quando as notícias eram transmitidas então em costas de animais, a pé, ou em canoas, no caso do Maranhão.

O pior da "GUERRA DO FIDIÉ" de nosso inesquecível Gustavo Barroso é que é lida com agrado, deixando sempre lição de história em cada um, quando, na realidade, pelos enganos, talvez filhos da esclerose, não passa quase de simples estória.

J. F. F.

Otacílio Anselmo e Silva, começou a surgir para as letras, para as pesquisas da história e das coisas regionais, na cidade de Crato, através de "PROVÍNCIA" e de "ITAYTERA", duas revistas que nasceram amadurecidas, consequência natural da cultura intelectual, bem alicerçada, da gente cratense. Fez parte do Instituto Cultural do Cariri e hoje ocupa a cadeira 7, da seção de Letras, patrocinada pelo poeta e abolicionista jardinense — Barbosa de Freitas. Sempre foi dos bons colaboradores da revista oficial de nosso Instituto e por intermédio dessa associação cultural, foi convidado, pessoalmente, por Aldemar Paiva para responder, no CÉU É O LIMITE, da Rádio Clube de Pernambuco, sobre a vida do Padre Cícero Romão Batista. Saiu-se muito bem, obtendo prêmio, não chegando a concluir tal enquête, pela dificuldade de transporte semanal entre Crato e Recife.

Daquele programa, nasceu-lhe a idéia de fazer estudo mais amplo em torno do Padre Cícero. A obra despertou logo a atenção, mesmo no nascedouro, obtendo o interesse da conhecida editora CIVILIZAÇÃO NACIONAL. Saiu, no ano passado — "Padre Cícero — Mito e Realidade", edição ilustrada, volumosa, de cinco mil exemplares, com honroso prefácio de Nelson Werneck Sodré. Esgotou-se em poucos meses e alguns exemplares, de segunda mão, estão sendo adquiridos a preço superior ao tabelado. Foi vitória total.

É trabalho documentado e fácil de se ler pelo estilo atraente do Autor que não perde palavras em descrição inútil. Não é obra demolidora como a muitos parece ser. Elogia o Padre Cícero, como figura importante do meio e condena-o na qualidade de mito. Aliás o próprio pensamento e programa da Igreja atual é acabar com o misticismo exagerado que caracteriza o Catolicismo, sem base sólida. Em Lourdes, em Fátima, o milagre só é admitido, quando não explicado pela ciência e assim mesmo fica sujeito à futura revisão, quando os meios técnicos venham explicá-lo. No Ganges, no antigo templo de Minerva, houve fatos sensacionais, tidos como acontecimentos miraculosos. Antônio Conselheiro fez prodígios aos olhos do povo, mistificado pela sugestão coletiva. Sta. Luzia, tida agora como inexistente, pela clarividência e amor à verdade do grande Papa Paulo VI, realizou turbilhão de milagres. A Igreja é a primeira a reconhecer que os fatos tidos como milagrosos são filhos da sugestão. A própria ciência médica a adota na terapêutica, com resultados seguros.

Otacílio Anselmo realizou monumental serviço à Igreja e à própria memória do Padre Cícero. Tornou-o humano, com qualidades positivas. Seu maior milagre é de ordem terrena. Foi o de engrandecer Juazeiro tornando-a cidade próspera e evoluída.

COOPERATIVA BANCO CAIXEIRAL DO CRATO

REGISTROS Ns. 335 (S. E. R. E 9 D. A. C.)

Capital Subscrito e Realizado . . . NCr\$ 55.507,13

R E S E R V A S NCr\$ 22.837,76

RUA BÁRBARA DE ALENCAR

ESQUINA COM

RUA DR. JOÃO PESSOA

TELEFONE : 340

CRATO

TELEGRAMA: CAIXEIRAL

CEARÁ

A Pernambucana

Fundada em Crato em 20.9.1913

TELEFONE N.º 479

RUA DR. JOÃO PESSOA N.º 287

CRATO

—
CEARÁ

EVOCAÇÃO

DJANIRA FILGUEIRAS

Faz tanto tempo, já mas nunca é tarde para evocar a inesquecível tragédia que enlutou e empenhou de lágrimas a família brasileira.

E vale a pena fazê-la pela amplitude da mesma que sacrificou centenas de vidas de heróis anônimos mas que legaram á posteridade um exemplo do civismo e da bravura com que enfrentaram a morte.

A dolorosa catastrophe do "Cruza dor Bahia", que durante o último conflito mundial constituiu-se o "Fantasma do Atlântico" salvaguardando as nossas costas ainda perdura, inapagável, na memória de todos nós.

Esse crime monstruoso, praticado contra a marinha brasileira que bem poderia ter sido evitado, poupando vidas preciosas, entre ela. José George Teles Sampaio nosso Zezito — que permanece presente em nossos sentimentos e no pensamento, nas horas de alegria ou de argústia realizando o milagre daquela genial expressão: os mortos governam os vivos.

Entre o céu e a terra existem mistérios que a própria filosofia desconhece ou não os explica porque são designados do Altíssimo e foi assim que naquela manhã bonita, onde a briza marinha parecia mais uma canção e o entusiasmo reinava entre os tripulantes para comemorar a passagem do Equador que tanto se transformou em negra realidade.

Mas eles continuam vivos e representam um verdadeiro monumento de heroísmo, onde arde, inapagável, eternamente, a lâmpada do ideal democrático, da fé e do patriotismo e passaram á mortalidade encherdo de glórias as páginas de nossa história.

A Prefeitura de Crato, terra natal de Zezito, — o "pequeno herói do Bahia", num gesto de civismo, homenageou a sua memória, dando o seu nome a uma das artérias urbanas daquela cidade, incentivado pelo esforço do nosso grande amigo, Professor José de Figueiredo Filho, um dos expoentes máximos da cultura cearense e a quem devemos todo respeito, admiração e reconhecimento.

Recife, outubro de 1968

CADEIRAS DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI A SEREM PREENCHIDAS NO PRESENTE ANO DE 1969

Com sucesso absoluto tem o Instituto promovido o preenchimento das cadeiras com patrono, da secção de letras. Oito delas foram ocupadas em reuniões das mais brilhantes. A próxima cadeira a ser ocupada será a número 9, sob o patrocínio de Francicco de Assis Pires, pelo intelectual Monsenhor Rubens Lóssio. Logo depois, virão os sócios Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira e advogado Duarte Júnior, com as cadeiras patrocinadas, respectivamente, por D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva e escritor Raimundo de Monte Arraes. A secção de CIÊNCIAS será criada com a posse da cadeira n.º 1 a ocupar, ao encargo do consórcio, residente em Barbalha — Dr. Napoleão Tavares Neves.

F. C. Pierre & Filhos

ELÉTRO-DOMÉSTICOS, MÓVEIS

PEÇAS E ACCESSÓRIOS PARA BICICLETAS

TELEGRAMA: "P E Ç A S"

TELEFONE : 2 3 2

RUA SANTOS DUMONT N° 60

C R A T O — C E A R A

Antônio Almino de Lima

VENDA DE COMBUSTÍVEIS POR ATACADO PARA
VÁRIAS REGIÕES

M A N T É M 5 P O S T O S

ATENDENDO MELHOR AOS MOTORISTAS E
PROPRIETÁRIOS !

S E N D O 3 E M C R A T O

POSTO ARARIPE — JUAZEIRO DO NORTE

POSTO IDEAL —o— BARRO — CEARÁ

MATRIZ: RUA ALMIRANTE ALEXANDRINO N.º 1.014

T E L E F O N E : 5 3 1

C R A T O

—o—

C E A R Á

3 POEMAS

M. PATRÍCIO DE AQUINO

I

QUADRO

Sol
futebol
só
futebol
gente sem nome
fome
em progressão geométrica.
Para o povo não há ética
mas hética.

II

BUSCA... INTEGRAÇÃO!

... e o meu amor,
amor,
nasceu com o movimento — ao sópro primeiro
[da Vida
quando a inorgânica matéria se cumpunha
num ser qualquer
incessantemente
na embrionária metamorfose das existências.
Passo a passo
te procurei no Universo
sentindo a tua ausência
indefinidamente, desesperadamente
— eu te amo há milhões de anos-luz!
Andei, vaguei
vaguei, andei
co tempo em que, inferior, assimilava aos
[poucos
o carbono da Vida — e aprendia a mover-me.
O meu amor,
amor,
nasceu com as coisas
— pelos páramos infinitos
pelas distâncias inimagináveis
pelos incomensuráveis espaços
pelas eras mais remotas
no seio das constelações, talvez,
há muito, muito tempo!
Da ínfima partícula
parti
por ti
atrás de ti
para completar-me;
corri nebulosas
fui de estrela em estrela
de sol a sol
de Sol em Sol
no trabalho milenar da localização
e da busca infinda.
Vasculhei galáxias
com velocidade incrível
e vim assim no curso da História
abraçando todos os povos
poliglotamente me expressando
em múltiplas línguas e dialetos.

QUEIXUMES E ALEGRIAS DA VIDA

CÍCERO MARTINS

Bom é o poeta que sempre
canta de acôrdo com o senti-
mento.

Quem canta sôbre o que
sente tem idéias a externar.
E nada melhor na poesia do
que idéias em movimento.

Carta o poeta quando se
sente alegre e também quan-
do se sente triste, externan-
do, assim, alegrias e queixu-
mes. E para isto tem sem-
pre a inspiração da natureza
onde se observam todas as
expressões de alegria, e de
tristeza, e queixumes.

Alegres ou tristes, vivem as
aves a cantar nos bosques e
florestas, e, nos bosques e flo-
restas, o vento a salmodiar.

Ha alegrias e queixumes na
natureza. Quem é que não
tem na vida de que se quei-
xar? E não é a natureza a
maior expressão da vida? E
não é toda amor?

Queixa-se a água de ser
sempre fria e o sol de ser
sempre quente, as árvores de
não poderem andar e o vento
de andar de mais. E assim
também queixam-se as coisas
inertes, de um eterno dormir
e as correntes de águas vivas
de não terem descanso.

A poesia é arte e não se
compreende arte sem beleza,
a beleza, que é o que mais
interessa aos poetas e aos
artistas.

Canta sempre de amor o
poeta, porque o amor é, em
tudo, a principal razão da
vida.

Sobre qualquer assunto, de-

2 POEMAS

DESPEDIDA

Fr. AGATÂNGELO DE CRATO

ESPECIAL PARA ITAYTERA

Crato, adeus.
Foi para mim, filho que te ama,
Grande júbilo, alegria imensa,
Rever-te agora, belo e próspero.
Hoje devo deixar-te.
Com tristeza, com pesar imenso,
Com infinda saudade te digo: Adeus.
Não pares, Crato amigo,
Segue teu caminho, impávido como sempre
Na procura, no afã constante
De melhora para teus filhos.
E te peço, humilde:
Sê fiel às Tradições de Fé,
De Civismo, de Bravura
Dos Heróis que te fizeram.
Crato amigo, adeus.

Crato, 27 de julho de 1968

O MESTRE

Ao Prof. José Bezerra de Brito

Velhinho,
Cabeça alvina como algodão,
Sinal bem claro do longo tempo
Bem vivido.
Encontrei-o afável, contente,
Feliz com a vida que do Senhor recebeu.
Fôra Mestre; ensinara,
Educara muitas gerações.
Hoje, retirado,
É estimado, é admirado
E até venerado por aqueles
Que como Mestre o tiveram.
Em todos eles, mesmo ausentes,
De certo, ainda persiste
A imagem querida do Mestre
Que soube ensinar
Que lhes soube apresentar
Uma mensagem diferente
A mensagem do Evangelho
De esperança no Pai.

Feira de Santana-B, 30 de julho de 1968

DESCULPA-ME

PEDRO FERREIRA

Vi teu porte encantador.
Desculpa-me quista Fior!

*

Teu olhar é sedutor.
Desculpa-me quista Flor!

*

Tua boca tem odor.
Desculpa-me quista Flor!

*

O rosto teu é um primor.
Desculpa-me quista Flor!

*

Eu te abraço com amor.
Desculpa-me quista Flor!

*

Beijo-te e sinto o sabor.
Desculpa-me quista Flor!

*

E é minha, assim, com fervor.
A tanto me induz o amor!

Ubjara, 1967

Recordações de Ontem...

SAMPAIO DE ALENCAR

Tristezas
de um palhaço
sem fantasia...
às horas mortas
do findar
do dia...
Momentos
de desilusão...
de quem procura
conter
um coração
amargurado...

Enfim...
uma noite

o mais
no infinito:
que foi futuro,
mas se tornou
passado!

Recife, abril, 1968

EXPORTADORA CRATENSE

— D E —

ANTÔNIO ALVES DE MORAIS JÚNIOR & CIA.

INSCRIÇÃO N.º 1

TELEGRAMA : ANTALVES

TELEFONES: 200—201

CAIXA POSTAL 11

COMÉRCIO DE ALGODÃO

USINA DE BENEFICIAMENTO DE ALGODÃO

USINA e ESCRITÓRIO: Av. TEODORICO TELES, S/N

BAIRRO SÃO MIGUEL —○— CRATO — CEARÁ

Dr. Antonio Valdir de Oliveira

C. R. M. C. E. — INSCRIÇÃO N.º 715

CLÍNICA MÉDICA E CIRURGIA

SERVIÇO DE AEROSOL

para tratamento de ASMA e BRONQUITE

CONSULTÓRIO: RUA Dr. MIGUEL LIMA VERDE, 482

RESIDENCIA : RUA CORONEL ANTÔNIO LUIS, 1146

TELEFONE : 412

CRATO

—○—

CEARÁ

CELSO GOMES DE MATOS

Desde que abri os olhos da razão, que conheci Celso Gomes de Matos, de ilustre família de proprietários agrícolas, deste município.

O tempo passa tão rápido que a gente se lembra das coisas passadas, como se fôsse ontem. Quando rapaz, Celso era espécie de DANDY, a tomar parte de tôdas as festas dançantes de minha terra. Agricultor, senhor de engenho, trabalhava no sítio Buriti, em Santana do Cariri, dos mais vastos e irrigados terrenos dos pés-de-serra caririenses. Quando jovem, exerceu a profissão de viajante comercial, em firma recifense, de seu cunhado.

Em contacto continuo com a vida rural, não perdia a linha de perfeito cavalheiro e aquela propriedade se constituía igualmente centro de atração, em domingos e feriados, para a mocidade de Crato e Santana. Trajava êle muito bem, com o melhor terno, feito pela Alfaiataria Zeba, no rigor da moda mais última. Ainda alcançou o período áureo do FRAQUÊ. Frequentava bailes, piqueniques e festejos da Igreja, em sua terra, em Juazeiro, Jardim, Barbalha e Santana. Fazia parte integrante da sociedade de então, que ainda não passara a ser batizada de SOCIETY, de origem americana, e ás vezes, se denominava ELITE, à maneira francesa. Vivia sempre a trocar de amores, até que mocinha de Jardim — Lindonora, com seus predicados positivos, conseguiu prendê-lo, em um perfeito lar, abençoado pela Igreja e garantido pela lei. Era filha do farmacêutico José de Anchieta Gondim, com o apelido de Duzê, que muitos africanaram depois, em homenagem ao conhecido escritor de fama mundial — DAUDET.

Após o casamento, fixou residência definitiva, nas vizinhanças do Crato no pequeno e pitoresco sítio Recreio. Nas-

J. F. F.

ceram-lhe os filhos, naquele recanto a-prazível. Dedicou-se à família, cultivando aquelas terras do brejo às margens do Batateira, ajudado por alugueiros de casas que possuía na zona urbana, sem nunca extorquir os inquilinos. Talvez fôsse êle o proprietário de residências de aluguel que menos cobrava em Crato. Não esquecia a colaboração contínua nos jornais, desta cidade e de Fortaleza. Pugnava exclusivamente em defesa dos problemas vitais da gleba. Aportava erros dos governantes, sem nunca saber ferir, ou humilhar o quem quer que fôsse. Revelou sempre acendrado amor ao torrão natal. Sua última crônica, nos ASSOCIADOS foi de regosijo por retornar ao Crato.

Nunca disseminou um desgosto, em torno de si, por vontade própria. Sua esposa, de formação religiosa perfeita, foi sua companheira inseparável em tudo.

Frequentei-lhes a residência, por algumas vezes. Embora moradores na mesma cidade, vivíamos relativamente distantes um do outro, em relação ao espaço. Meu contacto maior com Celso foi na redacção da "GAZETA DO CARIRI", na residência do saudoso amigo Irineu Pinheiro, na sede do Instituto Cultural do Cariri e, especialmente, em roda de minha casa. Conversávamos sobre variados assuntos, notadamente no plano de nossa revista "ITAYTERA" que hoje prepara o 13.º número. Nunca lhe ouvi dos lábios censura pesada, atirada contra qualquer semelhante.

Lamentavelmente, das últimas vezes que lhe frequentei o sítio RECREIO, foi em horas bem tristes. Morreram-lhe dois filhos adultos, com espaço de pouco tempo. Aquêles dois corações do

casal, unidos na alegria e vicissitudes, estavam a sangrar, sustentados unicamente pela Fé ilimitada em Deus. Nunca vi meu bom e inesquecível amigo, em estado de desespero, nem blasfemar contra a Onipitência Divina.

Voltei lá, há pouco, quando Celso desaparecera no Hospital de S. Francisco de Crato, vítima de colapso cardíaco. Encontrei pesarosos, viúva, filhas e genro. Dois encantadores netinhos de Celso brincavam descuidados, alheios à dor do ambiente. Meus companheiros eram o Pe. Antônio Gomes de Araújo, Antônio Correia Coêlho, ambos da diretoria do Instituto Cultural do Cariri. Rememoramos contristados a vida ilibada do bom amigo que se fôra. Sua vida de jornalista, tôda dedicada à região e ao seu povo, quando açoitado pela desgraça coletiva. Para melhor julgarmos aquêlê homem e seu amor ao semelhante, basta os simples episódios de sua vida cotidiana, no comportamento diante dos ladrões de animal, que êle pegou em flagrante delito.

É fato bem sabido que, nas zonas criadoras, o roubo mais castigado é o de equinos e, principalmente, do cavalo que serve de montaria. É animal intocável. Em certas regiões quem o furta é sujeito até à morte violenta. Celso Gomes de Matos tinha, no entanto, outro modo de pensar e agir, em face do gatuño profissional de animal ou de alguém que fôsse apreendido a cometer alguma falta grave, ou leve.

Costumava êle amarrar o seu cavalo de sela, em poste na entrada da cidade de quem vinha pela ladeira do Seminário. Em certa feita, alguém roubou-lhe o corcél, com arreios, sela e cabresto. Desamarrou-o com tanta naturalidade, que a dona do cafésinho visinho ao poste, nada notou. O dono, ao voltar ao ponto habitual, ficou surpreso. De pesquisa em pesquisa, veio a saber do roteiro exato do gatuno. Viajara comodamente montado, em direção

à serra do Araripe, pela ladeira dos Guaribas. Celso, com alguns companheiros, tomou um jipe de praça, seguindo em busca do ladrão. Foram encontrá-lo na serra, dormindo calmamente, debaixo de frondosa árvore, estendendo o cavalo a pastar, um pouco mais adiante. Celso não consentiu que o larápio fôsse despertado pelos companheiros. Apossou-se do seu cavalo, sorrateiramente, à maneira de qualquer ladrão furtivo. Seu maior cuidado foi para não deixar que os outros molestassem o gatuno. Para melhor segurança, montou-se e deixou que o jipe marchasse lentamente à frente do cavalo que ia em passo comum. Assim roubou o seu próprio animal de sela, a fim de deixar íntegro aquêlê larápio comum.

O mesmo cavalo foi outra vez roubado, em idêntica maneira, por outra pessoa que morava no interior piauiense, cujos pais residiam na mesma serra do Araripe. Conseguiu novamente identificar a rota do ladrão. Chegou até à serra, à residência dos genitores do larápico. O animal não estava mais ali. Fô a recolhido a esconderijo em sítio barbalhense. A família do suspeito prestou tôda a ajuda a Celso, acabando pelo encontro do animal. Celso além de fornecer as montarias para o irmão do gatuno, incluindo depois o próprio autor do furto, levou todos para o piparo almoço no sítio Recreio, em sua residência. Guardou segredo profundo do ocorrido, nunca revelando o nome daquele roubador inveterado de cavalos, ovelha desgarrada de honrada família de agricultores.

Celso Gomes ainda estêve às voltas com outro gatuno. O cavalo lhe foi tirado do mesmo local, onde costumava amarrá-lo, em seus passeios pela cidade. O ladrão trocou-o por um jumento, recebendo certa quantia de dinheiro, de volta. A policia, dessa vez, descobriu o gatuno e trancofiou-o na cadeia pública.

blica. Celso deu-lhe o alimento e, quanto esteve êle na enxovia. Conseguiu-o soltá-lo e recomendou-lhe, quando saíu da cadeia :

— Não roube mais meu cavalo, quando quiser dinheiro para uma precissão, me peça.

Por muito tempo ficou dando gorjetas substanciais àquele malandro inveterado.

Celso Gomes de Matos não sabia abrigar ódios no coração. Não considerava unicamente seu semelhante a quem se seguia o bom caminho. Todos os que sofriam e os que erravam nunca foram excluídos de sua compreensão e amor, baseado na doutrina sagrada e humana de Cristo Nosso Senhor.

Na esfera multiforme de dedicações de Celso Gomes de Matos também contavam causas criminaes que defendeu inteligente e corajosamente no fóro. Às vêzes, se metia em pejeas judiciais duras, exclusivamente para fazer a caridade. Foi o caso do Sr. Vicente Alves Feitosa. Êle o defendeu, quando a cidade em peso voltava-se contra o réu. Depois enfeixou o trabalho em folheto, editado às próprias expensas. Publicou outro discurso que fez por ocasião do sepultamento do pranteado D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, primeiro Bispo da Diocese do Crato.

Celso era cultor de velhas amizades. Nunca esqueceu D. Quintino. Escolheu o seu nome para servir de patrono para a cadeia da seção de letras no Instituto Cultural do Cariri. Não pôde realizar o seu desejo, pela doença inesperada que o levou à morte. Deixou assim vagas duas cadeiras, que devem ser preenchidas, antes de ocupadas, a do primeiro Bispo de Crato e a sua própria. Foi igualmente amigo incondicional do antigo político caririense—Antônio Luís Alves Pequeno e do Dr. Irineu Nogueira Pinheiro.

Celso Gomes de Matos que se caracterizava pela prudência de atitudes,

também sabia defender suas idéias político-partidária, com ardor. Nas questões partidárias de Santana do Cariri, no tempo do prefeito Felinto Cruz, ficou contra esse chefe que, por largo tempo, dominou aquêlê municipio cariense. Limitava-se apenas a apontar, na imprensa, erros administrativos, com muita moderação. De forma alguma meteu-se nas lutas sangrentas que determinaram depois, o assassinio daquele político santanense, em período conturbado pela politicagem, em anos atrás.

O desaparecimento de Celso, com a idade de 76 anos, ainda com a inteligência bem aguda, foi bastante sentida no Ceará, onde soube grangear excelentes e duradouras amizades. Na ocasião de seu enterro, no Cemitério local, o companheiro do Instituto Cultural do Cariri e de imprensa — jornalista Lindemberg de Aquino fez-lhe o necrológio. Todos os jornais cearenses noticiaram, sentidamente o infausto acontecimento. A ACEJI, Associação Cearense de Jornalistas Cearenses, com sede em Fortaleza, homenageou-o com Missa de trinta dias, como o fez o Instituto Cultural do Cariri, dias depois. A Missa do Sétimo dia, mandada celebrar pela família, foi oficiada conjuntamente por sete sacerdotes, seus contra-parentes. O Sr. Presidente do ICC, signatário desta crônica, recebeu, datado de 2 de Janeiro do corrente, o officio abaixo transcrito, prova da estima e prestígio do Celso, em todo o Ceará :

“Levo ao conhecimento de V. Sa. que a Assembléia Legislativa do Estado, atendendo a requerimento de autoria do Sr. deputada Cincinato Furtado Leite, consignou na ata de seus trabalhos um voto de pesar pelo falecimento do jornalista Celso Gomes de Matos, digno membro dêsse Instituto.

Apresento-lhe, no ensejo, cordiais saudações.

Deputado Manuel Castro Filho
Primeiro Secretário

Celso Gomes de Matos nasceu a 2 de Outubro de 1890, na cidade de Crato. Era filho do Tenente Coronel da Guarda Nacional — Raimundo Gomes de Matos e esposa Claudiana de Matos Leite. Casou-se com Dona Lindonora Gondim Gomes de Matos. Nasceram-lhe quatro filhos.

A D E N D A

Celso Gomes de Matos foi honestamente vinculado à imprensa, embora amador. Era como todos os jornalistas do interior. Escrevia por passatempo e por amor à sua terra. O profissionalismo não indica superioridade sobre o amadorismo. Nem o jornalista interiorano, por não viver da profissão de escrever, pode ficar em posição inferior ao seu colega da capital. Os gatos aparecem em toda a parte e da imprensa das cidades pequenas tem saído vultos de destaque, nos grandes diários, na oratória, no parlamento, administração, magistratura, magistério e outras profissões intelectuais de projeção.

Para melhor conhecimento do trabalho do jornalista Celso Gomes de Matos, transcreverei "MAXIXE E MALABARES", artigo saído na revista "ITAYTERA", do Instituto Cultural do Cariri, número 7, do ano de 1961:

"Ainda está por fazer-se para a História do Cariri um juízo certo sobre a personalidade do Cel. Belém.

O próprio chefe que encheu todo um período singular de desastrosos, este Belém tão falado e tão pouco entendido, é a este que pretendo fazer justiça.

Tomando-o para tema deste trabalho, digo preliminarmente que falho é o diagnóstico que tem a pretensão de conhecer as doenças sem conhecer os doentes. Vamos, pois, colocá-lo dentro de sua época que era a do cangaceirismo. Entre os trabalhos lidos por mim só o de José de Brito (saído em ITAYTERA

Crato) se aproximou d'êlo, sem dizer, entretanto, que no drama havia, oculto, um outro Cel. Belém que não era outro senão o Cel. Belém, fruto do meio social que o gerou.

Com o plano preconcebido de situá-lo naquela quadra de nossa história, foi que escrevi êsse trabalho.

Isto pôsto, mãos a obra. Belém, filho do seu tempo.

Crato em 1903 era pouco habitado. Tinha, segundo o último recenseamento, cerca de vinte mil habitantes, os quais se dividiram em dois pequenos partidos chamados — maxixes e malabares. População pacata, não feita às tricas políticas locais, não lhe seria tolerar tudo, inclusive desacatos, espancamentos e afrontas pessoais.

Mas, tendo sido bárbaramente assassinado Cinobelino, cujo cadáver entrara nas ruas do Crato amarrado nos cabeçotes de uma cangalha, tal fato foi gota d'água a extravazar-se de um copo. E um povo que já conspirava baixo, teve que se arriscar a uma luta, agora para, sob a mesma bandeira aciolino, depôr o Cel. Belém.

Em 1903, no governo do Ceará, estava o Dr. Pedro Augusto Borges. Homem duro, Pedro Borges foi uma dor de cabeça para os conspiradores do Crato. Valente.

Provou-o na rebelião dos catraeiros.

Apesar de ser amigo político do Dr. Acyoli, já, mais de uma vez, havia demonstrado que não era um fantoche. E governando por si, sem obedecer aos cordeis da politicagem, não aceitaria — sabia-se disto — a política em voga das deposições.

Para a conspiração, portanto, só havia uma única esperança.

No dia 12 de Julho de 1904 voltaria ao Governo do Ceará o Dr. Acyoli que estava no Rio como Senador. O chefe do Partido Conservador, que era êle, era o homem dos fatos consumados.

Aliás, já dizia Darwin, o mundo sem-

pre foi dos mais fortes.

E consoante esta lei seletiva, lei natural, resolvia o Dr. Acyoli êstes casos políticos. Quem vencesse pelos armos era o seu amigo, pouco ou nada se importando com queixas e acusações como esta que, para dar uma idéia dos fatos, passo a transcrever :

O Belém tem feito mal
E cometido tantos pecados
Que está amaldiçoado
Da Santa Cruz !

Eu peço mesmo a Deus
Pra Belém se retirar
Pois no Crato êle morar
Livre-nos Deus !

Em certa altura dos acontecimentos, morto Horácio Jácome, ferido gravemente Augusto Bacurau, varrida a bala uma passeata de conspiradores, antes, ou depois dêste fato, o Dr. Acyoli escreveu a Pedro Borges. E êste mandou para o Crato com o intuito de manter a ordem o Major João Arraes. O povo se tomou de uma alegria imensa.

Êste militar foi recebido com fogos, muita cerveja e o maior encontro de pessoas que meus olhos já viram.

Em meio de grande entusiasmo, o jornal da oposição, "O SUL DO CEARÁ" saía no dia seguinte com este quadrinha :

Da razão nasce o direito
E do Direito a lei também
Me responda Sepaúba
Se o Arrais vem ou não vem ?

Mas quanta dubiedade ! Arrais, mais sacudia o pé de uma caminhada longe a cavalo, era chamado por telegrama urgente e a pedido do coronel Belém. Os malabaras comemoraram com fogos e retirada. Houve uma passeata de vivas ao Cel. Belém e morras à conspiração que batizaram de CONSPIRAÇÃO ABORTADA .

E lá vêm as perseguições.

O delegado de policia por sua vez abriu caviloso inquérito, ouviu testemunhas que, entre outras invenções, diziam haver uma conjura para matar o Cel. Belém. E no outro dia, ao serem publicados na íntegra referidos depoimentos, o "CIDADE DO CRATO", órgão oficial, trazia na sua primeira página, e em revide, esta outra quadrinha :

Nem tudo que luz é ouro
Nem tudo que tomba cai
Me responda Antônio Fedelho
Se o Arrais vai ou não vai ?

Sepaúba era o Dr. Peixoto e Antônio Fedelho era o Cel. Antônio Luís. E pesam assim, ferinos, os versos pelos quais se notam não só irreverências a pessoas de destaque, mas também as vacilações do govêrno. Vem ou não vem, vai ou não vai, eram as conjecturas

E assim se supunha que o Dr. Acyoli estava com o seu parente, o Cel. Antônio Luís, ao mesmo tempo chegava-se a acreditar que êle estava com o coronel Belém. Da literatura de cordel, no qual se rebaixavam a rima e o Parnaso, quase tudo se perdeu. Poucos, como o Dr. Jéser, sabem ainda de cór o Pelo Sinal. Recitava-se também em versos um abecedário. E o mais expressivo de todos os versos eram aquêles que se intitulavam — A CONFISSÃO DO CORONEL BELÉM.

Na imprensa surgiram também boas publicações assinadas, como as de Zuzá da Botica (José Alves de Figueiredo) que foi o elegante cronista da época.

Acabo de ler de nosso Alves de Figueiredo, no seu livro "ANA MULATA", um episódio passado com o Dr. Soriano do qual se serviu para definir o atraso do coronel Belém. Atrasado ou não, o coronel Belém merece, como disse, ser estudado. Tudo que se disse sôbre êle foi escrito no calor ainda em

chamas de uma luta. E neste caso temos que descontar o fogo das paixões ainda em franca ebulição.

José de Brito que fez trabalho paciente de pesquisa, não leu A CONFISSÃO DO CORONEL BELÉM que é obra de pura verrina. Se a lesse veria a quanto chegavam as paixões e a terra aproveitada.

Que o vate anônimo visse o coronel Belém com seu posso, quero e mando, vá lá. Os versos ridicularizam o grande chefe e a camarilha que o cercava. São injustos. Não merecem ser lidos, nem publicados.

Porque — vamos dizer — na época em que atuou o Cel. Belém não havia garantia de espécie alguma. E por que só na sua administração se admiram desmandos que eram comuns em todo o Ceará?!

Vamos, pois, pôr os pontos nos is. Ninguém ignora que a árvore do bem como a do mal varia no tempo e no espaço. A noção de moral entre os povos é por demais relativa. Os espartanos, por exemplo, obedecendo às leis de Licurgo, matavam as crianças fráguas.

Houve tempo em que se queimavam os hereges. A poligamia na Turquia não é escandalosa, no Brasil é crime.

Não existem, dizem mais as leis da casualidade, fatos isolados.

Somos todos por um destino cego, o produto do meio em que nascemos e vivemos. Fenômeno Belém tinha que ser o efeito de outro fenômeno. E o foi.

Os poetas a que me referi não o encararam como deviam, na moral do seu tempo e assim passaram a julgá-lo por feitos que, antes de serem dele, eram do tempo.

Tempo de cangaço. Tempo das deposições. Tempo que foi o terror de minha meninice. Quase que desaparecida a tradição oral, José de Brito foi que nos deu o roteiro dos fatos e de-

tas, porque só a data da deposição, 29 de Junho de 1904, serviu-nos como ponto de referência para a História.

Belém governou ininterruptamente o Crato, durante 14 anos (1890 - 1904). Filho de Milagres, ali, na sua mocidade, viveu da agricultura, mas mudando-se para o Crato, em 1885, passou a explorar o comércio como sócio do seu irmão — o coronel Antônio Belém de Figueiredo. Era na Monarquia chefe político situacionista do Crato e meu pai — Raimundo Gomes de Matos com quem Belém fez relação de amizade. Vi-o sempre em nossa casa.

Caida a Monarquia, foi Belém nomeado para exercer o cargo de delegado de polícia no qual se houve com habilidade e energia. Abriu-se aí o caminho para a carreira política.

Vou terminar este trabalho que já vai se tornando longo, acrescentando não como sociólogo, mas como analisador frio e imparcial dos personagens em tela. Quero dizer que o chefe Malabar não lograria a fama que teve se a seu lado, levando-se para o abismo, não estivessem perigosos aúlicos.

Jesuino Antônio de Maria, turbulento comandante da Guarda Local, Marcos Rosal (Tigelinos) e outros foram da sua côrte. Belém cursou apenas escolas primárias. Não era letrado.

Tinha no entanto uma visão tão clara da política, que chegou a ser o chefe do Cariri, 3.º vice-presidente do Estado e o mandão do Crato. Obtuso? Nunca foi. Como pai de família, soube orientar inteligentemente os filhos. Dêstes se destacam pela sua ilustração o Dr. Cursino Belém e os seus netos residentes em Fortaleza. Todos ocupam lugar de relêvo no meio onde exercem as suas atividades. Aos êrros, que foram mais dos seus conselheiros de quem dele, muito acertadamente se poderia aplicar agora aquêlê ditado do povo: "dize-me com quem andas e eu te direi quem és".

Belém era honesto. Arrosado financeiramente em virtude de despesas de uma campanha que durou anos, pagou integralmente tôdas as suas dividas.

Em 1910, ao voltar êle do Amazonas, vi-o em Fortaleza pobre e doente.

Em 1925 foleceu, tendo vivido 73 anos.

Eis ai a verdade. Limpa, sêca e scudida.

O NOVO GOVÉRNO

O coronel Belém, encurralado e ja passando sêde, pediu a seu irmão Antônio Belém que saisse à Praça da Matriz arvorando uma bandeira branca e se rendesse sob garantia de vida. Depôsto, após um tiroteio espuçado que durou do dia 27 ao dia 29 de Junho tomou imediatamente as rédeas da governança municipal o Cel. Antônio Luís Alves Pequeno. O Cel. Antônio Luís, na sua mocidade se mostrava sempre infenso à politica.

Mas agora, já maduro (40 anos) era forçado a mudar de attitude. Preso Belém, cuja cabeça, em caso de uma reposição, estava em penhor e seria passado pelas armas, o seu trabalho agora era o de bater o pé das sandálias e retirar-se.

Ainda passou aias amargurados no sitio Pimenta. Mas vendo os seus domínios invadidos pela gentalha, que sem o menor respeito á propriedade privada, afrontava-o derrubando côcos a tiros de rifles, sem garantias, montava-se a cavallo e foi esbarrar em Milagres, sob a proteção do coronel Domingos Furtado. Tornou-se um constante espantelho para o Crato. Com o fim de retomar o poder chegou ainda a armar oitocentas cangaceiros. O Cel. Antônio Luís, mesmo em meio às grandes festas que se seguiram á vitória, não descansou nunca o espírito. Nunca demonstrou mêdo ou fraqueza. E porque

os avisos que recebia diziam todos que o ataque poderia ser a qualquer hora, pôs em vigilância cêrca de mil homens. Estes de lenço amarrado ao pescoço, alpercata de rabicho, cartucheira e demais apetrechos bélicos, perambulavam ociosos pelas ruas da cidade.

Homem rico, honrado e herdeiro da honradez de um varão de igual nome muito se esperava de sua administração. Mas tão logo assumiu o poder cercouse de pessoas que começavam por fazer aquilo que haviam condenado: as perseguições. Um promotor Francisco de Assis Moreira por ter caído firme do lado do Belém foi agarrado por capangas e teve que passear rua acima, rua abaixo, montado em um cavallo em osso. O Cel. Antônio Luís se não aprovou, não repreendeu os arruaceiros e a cena se reproduziu. Outro, o tabelião João Vieira Rodrigues Monteiro teve, pelo mesmo motivo, igual sorte.

Dizem que as revoluções nada constroem. São maremotos que apenas revolvem as águas.

E é certo.

Caia um poder coactor e, ao mesmo tempo na mesma data, se iniciava outro, se bem que sem sangue, mas com os mesmos defeitos das soberanias absolutas. E os que como eu, onhavam com o reinado de uma paz celestial para o Crato, ficamos decepcionados.

Só edifica, só constrói e só se firma, o amor.

Êstes movimentos a mão armada são, via regra, contos de vigário passados ao povo.

O Dr. Pedro Borges ainda enviou numerosa fôrça, cem praças, sob o comando do coronel Fontenele. Saindo de Fortaleza estacionou em Quixerô (Farias Brito) e não chegou. Seria recebido a bala.

O Cel. Belem, aos primeiros tiros, seria assassinado, ali mesmo na casa da câmara onde se achava preso.

Este trucidamento feito de modo tão frio e sem ao menos ter para mascará-lo as formalidades de uma sentença legal — disse-me isto mais de uma vez o coronel Antônio Luis — foi o que em tôda a luta o preocupou mais. Tudo passa.

Passou o Cel. Belém. Passou o Cel. Antônio Luis.

Tudo passa, assim como passa a f... me, a guerra ou o furacão..."

Encerrando êstes dados sôbre Celso Gomes de Matos, tomo a liberdade de transcrever duas crônicas de jornais, em tôrno de seu falecimento, de autoria de dois consócios da Associação Cearense de Imprensa e do Instituto Cultural do Cariri.

O BOM AMIGO CELSO GOMES DE MATOS

J. DE FIGUEIREDO FILHO

Presidente do Instituto Cultural do Cariri

Há muito não via o bom, leal e velho amigo Celso Gomes de Matos. Ausentara-se para Fortaleza e sempre ouvia falar que não passava bem de saúde.

Na segunda feira, 12 do corrente, a Dra. Josefina Peixoto encontrando-se comigo, perguntou-me:

— V. já soube que Celso Gomes chegou ao Recreio?

— Não, — respondi-lhe.

Nossa palestra foi rápida e exclusivamente em tôrno do recém-chegado.

Tomei o compromisso comigo mesmo, de visitá-lo no dia imediato, em sua vivenda, um pouco fora da cidade.

Ainda estava eu de pijama, no amanhecer da terça-feira, quando me entra em casa o amigo Padre Gomes, dizendo-me a queima roupa:

— Celso Gomes morreu ontem no Hospital.

Graças a Deus, sou sempre preparado para más notícias. Senti, no entanto, que Crato perdera alguma coisa de si mesmo. Celso Gomes de Matos era um pedaço bom e vivo de nosso tempo, que se foi. Decano da imprensa local, escreveu em quase todos os jornais cratenses e do Ceará, do presente século.

Conheci-o na "Gazetinha", Gazeta do Cariri", "Região", "A Açã", "Crato-Jornal", "Folha da Semana" e tan-

tos outros. Era dos mais ativos e inteligentes correspondentes da corrente "associada" de Fortaleza. Sócio fundador do Instituto Cultural do Cariri, acompanhou-me na revista "ITAYTERA", dêsde o primeiro número. Orador de palavra fácil, Celso Gomes intelectualmente encheu uma época, em Crato. Integrou-se de corpo e alma à região caririense, sempre animado pelo mais acendrado amor à gleba. Jornalista construtor, não sabia ferir a ninguém.

Com êie, fiz parte de alguns congressos de jornalistas interioranos e sempre primava pelo bom humor, inteligência esciarcada e bondade. Com o coração pungindo, acompanhei Celso e sua dedicada Lindenora na dor cruciente da perda de seus dois filhos adultos, no decorrer de um ano. Vi de perto quanto é grandioso ter-se fé inabalável em Deus.

Celso Gomes de Matos, acima de tudo, era um bom na mais exata expressão da palavra. Nunca lhe descrebi o menor defeito, nos muitos e prolongados momentos de nossa convivência.

Incapaz de fazer um mal, por pequenino que fôsse, a qualquer semelhante, quer opulento, quer humilde. A iadrões que coíheu em flagrante delito dava-lhes dinheiro, penalizado e alguns dêles chegou a convidar para almoçar

em sua casa. Ninguém cobrava alugueis de casa mais módico do que éle. Em certa ocasião, fui testemunha do fato, em epidemia de feridas, tipo LEISHMANIOSE, no alto da Independência. Com sua dedicada esposa, munuiu-se de grande quantidade de medicamentos, comprados a suas expensas, em minha farmácia e serviam êles de enfermeiros, até a extinção total da doença. Era assim o meu amigo Celso.

Não posso mais falar nêle, pois a própria pena vacila-me na mão. O consólo de seus amigos e parentes chegados é que êle repousa no regaço do Senhor, pois era dos poucos varões justos do LIVRO DOS LIVROS, que povoavam esta terra de hoje, tão atribulada e inquieta.

(De "Unitário" e "Folha do Cariri"
Dezembro de 1966).

CRÔNICA DO SERTÃO

O FALECIMENTO DE CELSO GOMES DE MATOS

J. LINDEMBERG DE AQUINO

A cidade do Crato — notadamente os seus meios culturais, vem de perder um dos seus mais ilustres filhos, o jornalista Celso Gomes de Matos. Retornou recentemente de Fortaleza, onde fizera tratamento completo e voltara — ao que se pensava, completamente curado.

Após poucos dias do seu regresso, sentiu-se mal e foi internado no Hospital São Francisco, do Crato, onde demorou-se apenas menos de doze horas. Às 18 30 horas do último dia 12 o seu coração paralisou, e deixou de viver aquêle que, por mais de 40 anos fizera imprensa em nosso meio, ajudando, com a sua colaboração sua inteligência e seu entusiasmo, ao progresso do Crato.

Cratense da velha têmpera, Celso Gomes de Matos amou profundamente a esta terra e parecia que estava prevenido a morte, pois queria morrer em casa, tal a insistência que nos últimos dias fizera aos familiares para retornar ao torrão natal.

Correspondente dos Diários Associados, no Crato, ocupou, durante mais de 20 anos, as páginas de Unitária e Correio do Ceará, com assuntos locais, e também colaborou em jornais e revistas do Crato e de outras cidades.

Era de uma inteligência primorosa,

cultivando com esmero a correção da linguagem. Humilde e humano, enternecia-se com o sofrimento e de sua pena saíram páginas doloridas, notadamente quando viu morrer em seus braços os dois únicos filhos varões, cada qual depois de formado e ainda no vigor da juventude.

Celso Gomes de Matos era um simples, e dessa sua simplicidade irradiava a simpatia pessoal. Pai de família exemplar ainda, amantíssimo do lar, Celso Gomes de Matos era um cidadão de virtudes e de méritos inatacáveis. Sempre adorou o Crato e sempre procurou dar o merecido destaque à sua e nossa terra, nos escritos de sua autoria..

Amigo verdadeiro e leal, chegava sempre com a sua solidariedade, na hora precisa, como também sabia participar de nossas alegrias e prazeres. Sócio da ACI e da ACEJI. Celso Gomes de Matos deixa uma lacuna muito grande dentro de sua comunidade, que, nesta hora, agradecida e genuflexa, relembra a sua palavra, a sua ação, a sua intrepidez, a sua dedicação, o seu entusiasmo, o seu civismo, o seu amor à terra e rende, saudosa, a homenagem a que êle faz jús por tudo o que de bom realizou.

E. C. A. P.

Escritório de Contabilidade, Administração e Planejamento

DIREÇÃO DE

JOSÉ PRIMO DE BRITO

ECONOMISTA E TÉCNICO EM CONTABILIDADE

PÚBLICA
COMERCIAL
CONTABILIDADE
INDUSTRIAL
AGRO-PASTORIL

Organização e Modificação de Sociedades

Defesas de Multas e Recursos Fiscais

Consultas e Pareceres Fiscais, Contábeis e Trabalhistas

Acessoramento Municipal

Planejamento e

Demais assuntos correlatos

RUA JOSÉ DE ALENCAR N.º 139

C R A T O



C E A R A

REVENDA EM CRATO

Av. Teodorico Teles, 40 — Fone: 240 — Tel.: ORSILVA

EM JUAZEIRO

Rua São Pedro N.º 1.223 — Fone: 241 — Ceará

Combustíveis e Lubrificantes ATLANTIC

POSTOS :

SÃO CRISTOVÃO — Rua Ratisbona, 43/53 — Fone: 242

INDEPENDÊNCIA — Pr. João Brígido, s/n — Fone: 244

GLÓRIA — Av. Teodorico Teles, 40 — Fone: 243

RENOVADORA DE PNEUS CRATO

Av. Teodorico Teles, 26 — Fone: 241

REVENDEDORES WILLYS NO CARIRI

ORLANDINO SILVA S. A. - Comércio e Indústria



Indústria de Massas Alimentícias Gessi

IMAG

Esmerada fabricação dos mais
afamados biscoitos e macarrões



PRODUTOS
DE
ALTA
QUALIDADE

RUA SANTOS DUMONT, 20 / 22

CRATO



CEARÁ